

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED
GILSON SÉRGIO TESSARO

ECOPEDAGOGIA BIOCRRÁTICA:

A Sobrevivência Humana Colocando A Vida Em Xequê –
A Experiência Popular No Maciço Da Cruz (E No Planeta)

Projeto para Defesa de Dissertação no Programa de Pós-
Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa
Catarina.

Mestrado em Educação e Movimentos Sociais.

Orientadora: Maristela Fantin.

FLORIANÓPOLIS

ABRIL/2005

O QUE ESTÁ ACONTECENDO ... O MUNDO ESTÁ AO CONTRÁRIO E NINGUÉM REPAROU !



SUMÁRIO

<i>Resumo/ Resúmen</i>	4
AGRADECIMENTOS	5
SIGLAS	6
ELO – PRIMEIRAS ECO-AÇÕES	7
<i>Minha (Co) Vida Nesse Contexto</i>	11
<i>Problemática e Objetivos</i>	13
<i>Caminhos Participa-Sensitivos</i>	15
<i>Referenciando-Se No “Caminhante Da Vida”</i>	19
<i>ELO – PALAVRAS QUE BROTAM</i>	24
<i>Histórico do FMMC/ CE - Movimento Popular e Socioambiental</i>	24
ELO – PALAVRAS EM MOVIMENTO E PROCESSUAIS	29
<i>Olhando as Práticas da CE</i>	30
<i>Vivenciando as Escolas / CI</i>	35
<i>O Tempo da Formação – Organização e Parcerias</i>	40
<i>SS/ Ecológico ou Econômico - Cuidando de Todos os Seres?</i>	45
<i>Dificuldades Ecológicas</i>	55
<i>Violência e Ecologia – Para Além do Social Humanicista</i>	63
<i>Con-Vivências Simultâneas (Conjuntura) – Co-Laboradora Desse Olhar</i>	67
ELO - PALAVRAS QUE FLUEM	70
<i>Defendendo a Razão de Ser de Uma Ecopedagogia</i>	70
<i>Agroecologia (e Permacultura) como Base da Ecopedagogia</i>	77
<i>PPEp – Gestão Biocrática – Para o Humano Natural</i>	81
<i>Sensibilização - Interdependente e Cooperativa</i>	82
<i>Outra História e Direito São Econecessários</i>	85
<i>Novas Bases Ecológicas Para Pensar a Re- Organização da Vida</i>	88
<i>Obediência/ Reforma Planetária (Amoroso Boicote) - Ilusão do Poder Humano</i>	89
<i>Ecológica Economia Solidária – Emprego Zero e a Sobrevivência Humana</i>	91
<i>Ecoócio - Para a Organização da Vida e Educação</i>	97
<i>Movimentos Socioambientais - Cooperando com a planetariedade</i>	100
<i>Biocracia Ecosustentável</i>	103
ELO – INTERCONECTANDO A EDUCAÇÃO	108
<i>Indicativos para a Ecoeducação</i>	111
ELOBIBLIOGRÁFICO	119
ELO-ANEXOS	122

FACILITANDO (RESUMO)

A ‘presente’ pesquisa observou as contradições e complementaridades da Comissão de Educação, do Fórum do Maciço do Morro da Cruz. Foi calcada no olhar ecopedagógico, a partir de uma ecologia profunda, crítica e sensível, e mediada pela *práxis* de seus educadores com relação à interdependência entre todos os seres e planeta (superação ao des-equilibrado antropocentrismo).

Utilizamos caminhos de observação participante, onde pudemos sentir e perceber as ações de tais educadores. Priorizando conceituações holopistemológicas e ecofilosóficas em prol de outra ecoeducação, fizemos um movimento de (re)formulações, que problematizaram a sobre-vivente economia humana, submetendo-a à equilibrada Vida – de ecológica economia solidária.

Da merenda orgânica contida no projeto Saber e Sabor, nos aproximamos da agroecologia, que junto à permacultura, constitui-se como base de re-entendimento de quase tudo aqui formulado. Rompe com a forma artificial tecnocientífica e fragmentária. Seus sadios e tranquilos (outros) tempos e relações inspiraram para diversos e transdisciplinares conceitos, *como*: a Biocracia para outra forma de gestão ecológica – já que a ecologia não combina com representatividade e nem com ação só humanicista; o Eco-ócio como adequado e natural tempo para uma integral, tranqüila e sensível vivência para nova educação e e-laboração no Planeta; e, a Reforma Planetária como precedente a qualquer ação que pense em mudar alguma coisa na face ecossistêmica da Terra.

As “presentes” formulações se doam gratuitamente em defesa da ecopedagogia como ciência e como política pública popular, biocrática, em nome da Vida (permanente) ecossustentável.

PALAVRAS-CHAVE

Ecopedagogia; Biocracia; Educação Ecosustentável; Ecoócio; Ecnecessidades; Ecológica Economia Solidária.

RESUMEN

La presente investigación fundarse con un hilo de la tela planetaria, observando las contradicciones y agregaciones de la Comisión de Educación del Foro Popular del “Maciço do Morro da Cruz”.

A través de una mirada ecopedagógica en la *práxis* de los educadores en lo que trata a la atención y a la interdependencia entre todos los seres del planeta (superación al mortal y des/equilibrado antropocentrismo), este trabajo se ha relacionado con las varias estructuras y procesos educativos, a partir de una ecología profunda, crítica y sensible.

A partir de la observación participante junto a la Comisión de Educación y más tres de sus establecimientos de enseñanza, se ha podido sentir y percibir en las acciones de los educadores. Al postular con prioridad los conceptos epistemológicos y filosóficos a favor de otra ecoeducación, se ha hecho un movimiento de búsqueda de re/formulaciones más ampliadas de estas, que problematizado la sobreviviente economía humana, someténdola a la equilibrada Vida – de ecológica economía solidaria.

De la alimentación orgánica contenida en el proyecto “Saber e Sabor”, nos aproximamos de la agroecología, la cual (junto a la permacultura) se constituye como fundamento de re/entendimiento de casi todo aquí formulado. Sus saludables y tranquilos (otros) tiempos y relaciones han inspirado para diversos y transdisciplinarios conceptos como: la Biocracia para otra forma de gestión ecológica, ya que la ecología no está de acuerdo con representatividad ni con una acción solamente humanicista; el Ecoocio como adecuado y natural tiempo para una integral, tranquila y sensible vivencia para una nueva educación y elaboración en el planeta; y la Reforma Planetaria como precedente a cualquier acción que piense en cambiar alguna cosa frente a la ecossistémica de la Tierra.

Romper con la actual antvida, significa romper con la normalidad degradante (tecnocientífica y fragmentaria). Es lo que el presente texto y formulaciones objetivan, que se donan gratis en defensa de la ecopedagogía como ciencia y como política pública popular, en nombre de la Vida ecosostenida.

PALABRAS CLAVE

Ecopedagogía; Biocracia; Educación Ecosostenidas; Eco/ocio; Ecnecessidades; Ecológica Economía Solidaria.

AGRADECIMENTOS

Momento tão sensível e complexo. Agradecer mais do que um ato mecânico, é atitude de comunhão.

Quero afetuar-me inicialmente com a força superior que sincroniza possuímos diversas energias e potenciais - o Ser todo poderoso e superior (em respeito a todas culturas, utilizarei todos os seus nomes). Viva Jah, Maomé, Buda, Jeová, Deus, Krishna, Alá, e todos nomes mais que a ele denominam. Foi ele que me permitiu estar aqui hoje, pois deixou-me Viver após um coma de 3 dias. Obrigado sempre e eternamente.

Em especial modo afetuo também a meus pais que sempre seguraram a garantia da Vida, em meio a tantas dificuldades que sempre acompanharam nossa família – de cinco irmãos. Foi fundamental tal cuidado e zelo. E mais fundamental ainda foi o respeito para que cada um seguisse o seu caminho, e o elementar exemplo de honestidade – ao qual procuro radicalizar a pura aplicação. Que a saúde e energia vital permaneça com todos nós, Tessaros. Valeu a meus irmãos também, por tantas trocas, amizades e exemplificações – tudo contribuiu para o entendimento de um todo.

Amigos, companheiros e demais familiares que ficaram em Curitiba, mas que me fizeram perceber essa Vida, valeu o pedaço da história con-vivida, a militância me ensinou a avançar mais.

Aos amigos da Ilha/ UFSC, muitos me acenderam a chama do despertar eco-lógico.

Aos colegas educadores do EJA da Bacia da Lagoa, que em 2003 trocaram saberes, valeram os toques.

Especial ecoternura quero deixar para os irmãos de coração da Roda da Biomassa, assim como aos que estiveram e estão juntos no Núcleo de Ecopedagogia. Gui e Pati, Gabriela's, Priscila, Fábio, Thais, Evandro, Mariana, Henrique, Marquito, Lívia, Rafa, Paulinho, Déa, Telma, Verinha, Rake, Débora, Daniel, Erin, Viviane, Lorena, Mariana, Barbara, Andréa, Eduardo, Nino, Zeca, Juliana's, Sumara, Elaine, Jorge. Aos conterrâneos(e não) que aqui me despertaram reflexões e/ ou apoiaram material e estruturalmente – Márcio, Ari, Fabi, Sheila, Cecília – nossos debates e conversas(à toa), frutificaram bastante neste texto, valeu.

A todas as relações amorosas que exerci e respeitei. Tudo que ensinaram e despertaram. Mesmo nessa louca situação de pós-graduando não permitindo muitos extras-academia, todas vocês que estiveram nesses limitados tempos con-vividos, co-laboraram bastante para despertares(sabem disso). Cecília, Viviane, Juliana, Roberta, Isabel, Sheila e Juliana artesã, com carinho e coração– valeram os afetoeducativos.

Aos educadores, diretores e articuladores da Comissão de educação, agradeço a abertura de espaço. Os entrevistados, obrigado pela disposição e rica participação em tal processo. Todos na CE, podem Ter certeza que não paro aqui. Indicações foram feitas, e disposição participante e gratuita para a Vida estarão sempre disponíveis. Com carinho agradeço a compreensão às críticas feitas.

Às colegas e profissionais da secretaria da PPGE, os apoios dados sempre foram essenciais; colegas mestrandos do programa em educação, força e coerência a todos. Assim como aos amigos do Pronera, Mover e CGA – que tantas vezes me auxiliaram. Aos companheiros da APG, onde vivemos construções em prol dos pós-graduandos, e onde também pude terminar com dedicação, toda digitação deste. Amigos do núcleo Pandorgas, nossas formulações e trocas são ecoociosas e vão render muito ainda para a educação/ cultura popular e ecosustentável na cidade. Aos artistas da música do Arreda Boi, do muiiraquitã, e galera do maracatu Arrasta Ilha, onde pude aprender um pouco desse instigante som. Cores naturais. Valeu Lis (e Tina) aos desenhos que encantam este texto e promovem a Roda da Vida. Os ‘anjinhos’ que surgiram na reta final, e ajudaram-me, sem vocês, talvez tivesse emperrado tal texto.

Aos educadores Armando Lisboa, Cristiana Tramonte, Dan Baron(iniciais reflexões) e Marcos Reigota, por toda compreensão e toques dados e trazidos por vocês, foram de muitas valias e despertares.

Por toda calma, serenidade, sensibilidade, cuidado, tranquilidade e subversão metodológica de minha orientadora – Maristela Fantin. Foi importante e harmônica a sua forma diferenciada de proceder. Obrigado por acolher e respeitar minha opção de ousada formulação.

Aos não citados, podem Ter certeza que foram tão fundamentais quanto.

A todos nós, por amor, não nos percamos na individualidade sobrevivente- economicista. Obrigado à GAIA por (ainda) nos Ter e suportar. Tomara que saibamos agradecê-la mais gentil, cooperada e ecoternamente daqui para frente. Axé a todos nós, seres planetários.

SIGLAS

ABNT (AE) – Associação brasileira de normas técnicas – anti-ecológica.
ADESS – Agência de des-envolvimento social solidário.
AGRECO – Associação dos agricultores ecológicos da Encosta da Serra Geral.
ANPED – Associação nacional dos pesquisadores em educação.
ANFOPE – Associação nacional pela formação dos profissionais em educação.
APP - Área de preservação permanente.
AtB – Escola Estadual Antonieta de Barros.
CAPROM – Centro de apoio e proteção ao migrante.
CE – Comissão de educação.
CEBs – Comunidades eclesiais de base.
CECA – Centro de estudos, cultura e cidadania.
CEDEP – Centro de educação e evangelização popular.
CGA – Coordenação de gestão ambiental.
CI – Centro de educação Infantil.
DS – Des-envolvimento sustentável.
EA – Educação ambiental.
EJA – Educação de jovens e adultos.
ENEPE – Encontro nacional de estudantes de pedagogia.
ENDIPE – Encontro nacional de didática e prática de ensino.
ENPAESP – Encontro paranaense de estudantes de pedagogia.
FME – Fórum mundial de educação.
FMMC – Fórum do maciço do morro da cruz.
FPE – Fórum planetário de ecoeducação.
FSM – Fórum social mundial.
FSP – Fórum socioambiental planetário.
I – Interdependente/ Interdependência.
IEES – Índice de envolvimento ecossustentável.
ITESC – Instituto de teologia do Estado de Santa Catarina.
LM – Escola Estadual Lauro Muller.
MEL – Movimento ecológico livre.
Ñ (I) – Não interdependente.
PJ – Pastoral da juventude.
PPEp – Projeto político ecopedagógico.
PPGE – Programa de pós-graduação em educação.
PPP – Projeto político pedagógico.
PRONERA – Programa nacional de educação e reforma agrária.
SEBRAE – Serviço brasileiro de apoio às micro e pequenas empresas.
SINTE – Sindicato dos trabalhadores em educação.
SS – Saber e sabor.
UFECO – União florianopolitana de entidades comunitárias.
UNIPAZ – Universidade da paz.

ELO – PRIMEIRAS ECO-AÇÕES

mais do que uma introdução

Somente depois da última árvore derrubada, depois do último animal extinto, e quando perceberem o último rio poluído, sem peixe, o ser humano irá perceber que dinheiro não se come.

(Provérbio Indígena).

A situação de insociabilidade, inabitabilidade e degradação vão perpassando todas as Vidas. A crise de valores e paradigmas é notável. O planeta enfrenta uma grande variedade de ameaças críticas, que põe em risco todos os seres que o habitam – no hoje.

“Um princípio de autodestruição está em ação, capaz de liquidar o sutil equilíbrio físico-químico e ecológico do planeta e devastar a biosfera, pondo assim em risco a continuidade do experimento da espécie homo sapiens e demens”. (BOFF, 1999, p. 20).¹

Uma nova natureza vai permanecer dentre o equilíbrio planetário (que está se re-fazendo) - não se sabe se com nós, humanos. A situação de nossa casa comum, urge a valorização de conceitos e práticas voltados a pensar a sua ecossustentabilidade, pautado na inserção e equilíbrio entre todos os seres - repensando a ênfase antropocêntrica (e mortal) - já que calcados em perspectivas meramente econômicas – humanicistas - as quais são ecologicamente des-equilibradas - para nossa “coletividade planetária”.

Deveria ser uma banalidade afirmar que o progresso não pode ser infinito, posto que a economia é um subsistema de um planeta finito e não crescente. Existem limites biofísicos. Infelizmente os economistas e os tecnocratas em geral padecem da cegueira e não enxergam o óbvio. A ideologia do crescimento é cancerosa. Há 150 anos que a termodinâmica nos ensina que todo crescimento da produção implica um decréscimo dos recursos energéticos (...). Alertas cada vez mais fortes indicam que a capacidade de regeneração do ecossistema mundial já foi ultrapassada: estamos consumindo o estoque formado pela biosfera. (CECCA, 2001, p.18).

Como a gênese da Vida sempre foi portada e pautada na relação ecológica - antes da econômica – como se pode querer levar esta adiante, se escolhemos um caminho insustentável – onde tal estrada só permite aos outros seres caminharem, na melhor das hipóteses, pelo acostamento? Re-conectar é econecessário. Re-ligar é possível – e vital.

A Carta da Terra, em seu preâmbulo, co-labora para mais um sinal de alerta a humanidade: “Estamos

¹ A leitura da revista Carta Capital de 4 de março de 2004 e a Caros Amigos Especial – Abril 2005, são recomendadas por ali conter reportagens sobre o caos no planeta - para daqui alguns anos. Existem diversas indicações científicas - e da natureza diária (verão no inverno) - que nossa Vida está condenada muito mais proximamente que a mesmice humana se flagrou ainda a perceber. Tsunamis... não acordou ainda a grande maioria. Ao persistir tal convivência (não eco) sistemática antropocêntrica, deve reduzir a poucas décadas nossa existência, afinal, desde a modernidade, já consumiu-se das oferendas naturais, mais do que em quatro mil anos anteriores. Precisa dizer mais? Eis um texto que pretende instigar.

diante de um momento crítico da história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher seu futuro (...). A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a diversidade da Vida". Até na sua forma amena e diplomática, ela já dá o alerta para que mudemos nossos rumos para dar horizonte às atuais gerações paralisadas na Vida sem sentido ecofilosófico².

"Dois cursos separados de ação parecem apresentar-se nesse momento crítico. Escolher um caminho tecnozóico é colocar nossa fé na habilidade infinita da tecnologia para tirar-nos da crise atual sem a necessidade de mudar nosso estilo de vida consumista ou nossa relação com a natureza de modo significativo. Escolher um caminho Ecozóico é forjar uma relação nova com a natureza e com o planeta como um todo: primeiro, através do reconhecimento de que nós somos uma parte interdependente do mundo natural; e segundo, restringindo nosso impacto destrutivo sobre os sistemas biológicos do planeta."(HUTCHISON, 2000, p.17)

Se tudo que fazemos, pensamos, projetamos, calculamos, é para nosso Viver (e não sobreviver), então precisamos assumir (mais do que discursos e teoricismos desvinculados de vivências *práticas* que enchem nossas bibliotecas e bancos de dados) - *atitudes e princípios de vida coerentes, e as quais devem solicitar a todos o natural e simples viver e Ser - a qual pede o abandono de toda sofisticação modernista, de toda estruturação de mercado (industrialista, comercialista, financeirista, empregatícia, dinheirista)*. Pensar tecnologias sim, mas radicalmente naturalizadas, e não sintetizadas longe das conexões cósmicas. Só podemos afirmar/ educar o novo, se o vivenciarmos antes, se tivermos a coerência prática.³

Esta pesquisa procura abandonar o senso (comum) antropocêntrico, e vai se situar, baseada numa ecologia que relaciona todos os seres e o planeta, de forma a perceber algumas interconexões existentes. Essa ecologia profunda é uma base ecofilosófica-científica que consegue articular e concretizar, palpavelmente, objetivo e subjetivo. Ela vai rompendo com acomod-ações e/ ou manipul-ações que nos enquadraram na atitude destrutiva planetária. Será a base ecológica de toda observação e síntese presentes.

Não vem como apelo ideológico, mas, sim, como forma de tentarmos manter nossa Vital condição Terrena. São reflexões e exigências éticas, que as ciências e manifestações socioambientais – mescladas a um olhar integral da Vida – ajudam formular/ sentir, em nossas ações ecossustentáveis.

Isso pede a superação da idéia de meio ambiente, afinal, não vivemos em compartimentos, mas num todo (integradamente) planetário. Para dar melhor forma a tal entendimento, trago a defesa do socioambiental - este como integrativo de todas as vidas - e que pode superar também os conceitos chamados: social, de um lado, e ambiental, de outro – como se vivêssemos ora num e ora noutro, e não no todo da superfície planetária . Este conceito nos re-sensibiliza para a idéia do holo-ecológico.

Todos precisamos respeitar e cooperar com tudo o que é vivo no universo. A cooperação acabou sendo uma categoria essencial em tais análises, inclusive por que se confunde e contempla bastante junto à

² Ela é um documento fundamental para a re-construção planetária (mas ainda com muito a ser melhorado neste – ver item nova história e direito, no Elo - Palavras que fluem).

³ Ao longo de tal texto, falarei muito de sobrevivência, por um lado, como a anti e degradada vitalidade; e, por outro, da Vida ecossustentável como a dinâmica harmoniosa e possível dessa vitalidade: equilibrada, qualitativa e permanente. A prática seria a aplicação efetiva de um não ativismo, mas sim atividade ecossustentável, que comece em cada um, pelo exemplo e efetivo aplicar do novo que se quer – é o critério Paulo Freire de coerência, e um princípio permacultural.

interdependência. Ela ficou relacionada com diversos instantes dessa observação, como constituinte harmoniosa de equilibradas e dinâmicas relações.

Investigar o interior desse importante movimento popular da Ilha (a Comissão de Educação do Fórum Popular do Maciço do Morro da Cruz – CE/ FMMC), na sua perspectiva socioambiental, ganha importância, enquanto olhar sobre uma peça da engrenagem construtora e propositora, face a um contexto administrativo paralisado em suas estruturas tecnocráticas.

Situando este texto num olhar e forma circular/ cíclica, o mesmo não tem fim, e ecoa em todos os instantes para provocar, profunda e radicalmente, ao convite prático (urgente). Dessa forma, estruturei-o em Elos (tradicionalmente, chamados capítulos), entrelaçando e procurando externalizar outra forma de articular os saberes. Este aqui, sendo chamado de *primeiras ecoações*, que dá o contexto e panorama mínimo da pesquisa, mostrando problemáticas, metodologia, autores referenciais e intenções colocadas. Traz, ainda, um ponto que exige compreensão quanto ao todo envolvido nessa pesquisa, referente à minha chegada até este; depois, vêm os interligados e seqüentes: *Elo das Palavras que Brotam*, trazendo um pouco do histórico e da movimentação face à socioambientabilidade local; articulado, aparece o *Elo das Práticas* da CE e seus educadores; em seguida, uma explanação necessária e defensora, no *Elo da Ecopedagogia/ palavras que Fluem, ao Re-pensar da Vida*, nas suas articulações e novas formulações eco-políticas que vamos apontando, e o *Elo Interconectado* - que harmoniza e soma todo o conjunto - é o *das indicações* surgidas junto às *generalizações, para outra educação e planeta, não só possível, como econecessário*.

A idéia que o ser humano faz de si mesmo, e de sua posição no universo, é determinante na definição de suas relações para com a natureza, para com a Terra como um todo, e para com seu destino. Inegavelmente, o ser humano nas sociedades atuais se colocou como centro de tudo. Tudo deve partir dele e retornar a ele. Tudo deve estar a seu serviço (...). Este tipo de intencionalidade de dominação mundial está sepultado no inconsciente coletivo da cultura ocidental, hoje mundializada (...), o ser humano sente sobre as coisas, e não junto com as coisas. Imagina-se um ponto isolado e único, fora da natureza e acima dela. Arrogantemente se dispensa de respeitá-los (...) por ser anterior a ele, o universo e a Terra não lhe pertencem. Se a Terra não é o centro do universo, como é possível que o ser humano se considere seu centro e finalidade? (BOFF, 2000, p.110 a 113).

A citação ajuda em ampla compreensão do problema em foco, já que são educadores envolvidos numa área de disputa, pobreza e (ilusão de) poder muito forte, onde a insegurança e angústia pela situação fazem abandonar facilmente as possibilidades do cuidado com aquilo que não é tão emergencial assim (aparentemente), como a questão da sua relação com todos os seres con-viventes.

O FMMC articula comunidades e realidades violentadas/ degradadas - pelos descasos de políticas públicas, e pelo poder do narcotráfico.

Vale destacar que observamos um novo movimento e que caminha em construção. Não se pode considerá-lo já construído, bem elaborado ou organizado. Esperamos que as contribuições das críticas aqui formuladas possam servir e co-laborar em tais caminhos deste fórum e comissão.

Como se busca superar tais condições degradantes, aproximei-me da CE – principal eixo articulador

do FMMC. Num panorama mínimo inicial, cito documento interno do FMMC, onde se indicava que *a realidade dessas escolas mostra um crescente aumento da violência interna; alta rotatividade de professores, por questões salariais, profissionais e/ou condições de trabalho; existência de profissionais sem habilitação exigida; sobre-carga de trabalho; insuficiência de profissionais para o apoio pedagógico; estrutura física e de atendimento incompatíveis com as demandas; uma escola voltada para o emergencial, não com projetos próprios; reformas educacionais sem debate prévio e sem condições necessárias para implementação; escolas sendo reformadas durante período letivo; instâncias de decisão que pouco decidem e muito menos discutem a escola como um todo, sem contar o baixo índice de participação.*

Sabemos que estas condições geram o agravamento da evasão escolar que vem acompanhado pelos altos índices de repetência - o que leva esses jovens a serem alvo fácil na mão dos criminosos, por sua vaga ociosa nas ruas das comunidades. Se abre um grande espaço para o tráfico de drogas- trabalho ilícito, em troca de rápido dinheiro. Com poucas perspectivas de prosperarem (pois quando não são presos, morrem violentamente), são os maiores índices de morte. Esse crescente cenário de exclusão sofrido pelos moradores da periferia, aumentam os índices de violência nestas comunidades, com frequentes tiroteios e constantes chacinas, fazem com que a vida dos moradores das encostas se torne um verdadeiro inferno, causadores do medo e da discriminação.(Documento do FMMC para Plano Estadual de Educação, p. 2 e 3).

Já o projeto Saber e Sabor (SS), que o FMMC/ CE e a AGRECO - Associação dos Agricultores Ecológicos da Encosta da Serra Geral – articularam, procura resgatar diversas dignidades entre o Maciço e a população da Encosta da Serra Geral. Esta teve diversas dimensões em potencial: educacional, ambiental, econômico, social e cultural (o ambiental e social estão separados, conforme relata o documento anexo do SS). Valoriza o resgate da cultura rural que está sendo vencida - mas resiste. Na produção, proporciona a revalorização dos conhecimentos tradicionais, quase perdidos com a industrialização e dependência dos insumos exógenos presentes na agricultura tradicional.

Dessas intenções expostas no SS, colocou-se um olhar especial na relação com a merenda orgânica (que me obrigou a trazer problematização agroecológica, em prol da ampla interdependência, a qual traz o ciclo limpo da vida). A questão da alimentação (comer/beber e todo o seu ciclo de produção) é essencialmente e existencialmente vital, e, desta forma, muito mais sensibilizante à nossa condição, cognição, afeto e sentidos, ou seja, é um eixo significativo para o processo aprendizagem/ensino (isso somou na escolha da problemática), mesmo porque traz o olhar transdisciplinar – e através da cozinha e da horta como elementos básicos e centrais para a educação - vêm se constituindo alguns processos de (re)alfabetização ecológica. Estas indicações estão bastante próximas de um olhar agroecológico.⁴

Colocamo-nos com abertura e interesse, para tentar descobrir neste campo, “quais relações política -

⁴ O Centro de Alfabetização Ecológica em Berkeley, onde Capra atua, dedica-se a experiência da compreensão do mundo natural na educação fundamental. Ali, ser ecoalfabetizado significa compreender os princípios básicos da ecologia e ser capaz de aplicá-los na vida cotidiana das comunidades ecossustentáveis. O relacionar-se com a jardinagem reconecta aos princípios da alimentação, e, portanto, para os princípios da vida, enquanto integra e enriquece qualquer atividade da educação. Aprende-se sobre os ciclos naturais da comida e os integram com outros ciclos, que são redes vivas com seus próprios ciclos. O alimentar está interconectado com estes ciclos maiores(da água, das estações). Essa é a ecologia que toca o coração e que fará diferença.

ecopedagógica dos sujeitos educacionais, com relação à formação à interdependência entre todos os seres e planeta”, junto a CE (Comissão de Educação) e ao projeto SS (Saber e Sabor).

Intencionamos duas grandes investigações: os fundamentos ecofilosóficos/ holopistemológicos, que re-colocam as bases para outra compreensão da Vida – interdependente e dentro o cosmos; e, também, um ecopolítico, para outra forma de organização das relações (r-evolução) socioambientais (bases ecopedagógicas).

O olhar de uma ecopedagogia tenta superar o (anti-vital) antropocentrismo – em prol da **"Interdependência entre todos os seres"**. Em cima dessa postura ecossustentável fez-se toda crítica e observação aqui contemplada.

Necessita-se afirmar, para referenciar o tema abordado, que a visão ecopedagógica não foi somente pensada numa perspectiva de educação ambiental (como uma “caixinha” a mais no currículo), mas, sim, olhando o todo (Ensino Superior, Básico, EJA (Educação de Jovens e Adultos), Educação Especial, Políticas, Supervisão, Orientação, etc). É um re-fazer da ciência da educação – essa, agora, ecologizada. A Educação sempre se fez por suas diversas ciências afins (como a biologia, a história, a sociologia, a psicologia, a didática, além da filosofia como base), o que mostra uma inter-disciplinariedade existente, mas que ganha concretude, ao localizar essa na eco-lógica interdependente. Não fa(la)remos educação ambiental, mas reflexões filosóficas ecopedagógicas. A ecologia profunda, através da ecopedagogia, confirma vida à ciência educacional: transversal – ao estar em todas ciências e afazeres da Vida, e transcendental – indo além dessas habituais – materializadas compreensões e fazeres da Vida.

Nesse quadro delicado da existência sobre o planeta, *outra educação – ecossustentável – faz-se econecessária, e é possível*, já que somos inteligentes (sapietes - e não só dementes, como vem prevalecendo) para re-fazer um outro mundo possível e novo planeta econecessário (o qual não pode insistir em seu modus consumistas economicus); ou será que queremos manter o atual rumo de finalização de nossas vidas, e/ou permanecer sobrevivendo num mundo cheio de maus de consumo, em prol do bem-estar (só) humanista.⁵

Uma ecopedagogia deve ser amorosamente radical nas suas eco-ações de re-fazer vital. Não temos como avançar e equilibrar tal civilização na mesmice das relações e ‘fôrmas’ que se usam, em abordagens mornas. Temos de chacoalhar para acordar a urgência dessa drástica situação, que nos co-locamos.

Minha (Co) Vida Nesse Contexto

Os europeus, quando chegaram aqui, não descobriram novas terras, mas que existiam outras possibilidades de vida e organização social, superiores a deles, onde todos viviam sem roupas, sem culpas, sem bíblias - Oswald Andrade (In REIGOTA, 1999, p. 54).

⁵ Sobre os maus de consumo e materiais, ver emprego e trabalho zero, no item Ecológica Economia Solidária.

A vida surge da (sensibilidade à) vida. Assim, posso dizer que se desencadeou meu histórico para chegar nessa proposta de problemática e campo de investigação.

Quando ressurgi de três dias de coma, em 1990, meus horizontes se abriam na preocupação com a vida alheia à solidariedade engajada. Iniciava o entendimento das complexidades e cooperação na vida.

Da inicial formação política, como coordenador de grupos de jovens e assessoria de formação da Pastoral da Juventude (PJ), e toda relação com as pastorais sociais, as CEB's, e o movimento popular em geral, saltei à participação na juventude petista e no movimento estudantil, num intervalo de três anos.⁶

Passando a conviver com todas as malícias (não conformadamente), estratégias, embates e debates que permeavam os movimentos políticos e sociais, aos quais me inseria (tive passagens breves pelo sindical e popular, e trabalhei como assessor parlamentar), aos poucos, fui re-pensando/ questionando a passividade do senso comum militante, da dogmatização da verdade científica e política.⁷

Viajando muito com o Movimento Estudantil, por todo o país, iniciava ali, a constituição (sem eu perceber e saber) do ser planetário.⁸

Ao terminar a graduação, tinha prometido ir embora da ilusionista Curitiba (dita e falseada, na mídia, de ecológica e primeiro mundo, com um povo orgulhosamente frio e elitizado). Fui (vim), deixando pra trás muita história de militância política (contando até com uma prisão-política, a mando do sujeito Jaime Lerner -denominado ex-governador do PR).⁹

Sem ter muito claro do porquê em vir para Florianópolis, sendo muito questionado por familiares e amigos das motivações que me traziam, era, neste instante que começava mais uma grande etapa (mais uma vez, sem a clara e ampla noção disso): a militância pela Vida.¹⁰

O estar na Ilha da Magia (também com suas violentadas e degradantes cenas) me faz perceber toda a maravilha do entorno socioambiental, e sua degradação, como algo que tem muito mais além do que a mera atitude imediata de percepção da inconseqüente destruição/poluição. A questão desses porquês - bioculturais e ecoeducacionais - foi a mim sendo instigada para maior formulação (junto aos colegas con-viventes).

⁶ Deu-se com o questionamento aos dogmas religiosos e incoerência, de toda e qualquer igreja (instituição jurídica e material) - o que se mantém hoje, sem a condenação da espiritualidade do processo. Uma passagem rápida pelo seminário ocorreu nesse tempo.

⁷ Paulo Freire, que me acompanhou na formação pastoral e política inicial (junto ao Boff, entre outros da Teologia da Libertação), colaborou para imprimir a marca libertadora na minha vida, essa entendida como processo pessoal/sócio-político. Esse eu-libertador esteve sempre ladeado, horas por um certo libertarismo (anarquista), ora pelo materialismo-histórico (nunca Ortodoxo).

⁸ Na época, simplesmente taxado de turista-participativo, o qual hoje muito me acompanha (menos, nas viagens que trocavam culturas e paixões geográficas, e mais, nas compreensões dessa cidadania planetária). Conunes (Congressos da UNE), CONED's (Congresso Nacional de Educação), FME (Fórum Mundial de Educação), FSM (Fórum Social Mundial), ENEPEs(Enc. Nacional Estud. de Pedagogia), EPEPs(Enc. PR de estud. de Pedagogia), eram eventos por mim com-vividos.

⁹ Comecei a frequentar mais Florianópolis, pois trabalhei como educador dos projetos da Escola Sindical Sul da CUT (fruto das relações militantes em Curitiba).No projeto Recomeçar, e no Terra Solidária, onde tive os despertares- junto do pequeno agricultor - da questão da agroecologia. Aprendia com os educandos algumas dessas práticas, em Bocaiúva do Sul, região metropolitana de Curitiba. Ao final desses, decidi vir morar aqui.

¹⁰ Minha vida sempre foi muito acompanhada (levada, não passivamente) por caminhos que nem sempre eu tinha claro do porquê momentâneo, mas o amanhã/futuro, sempre se respondeu/ia (isso, após "abertura de cabeça ao mundo, com o

Sincronias do tipo: ter tido acesso a vários livros e textos, num mesmo instante sobre a temática ecopedagógica, exatamente no período onde me questionava se elaboraria ou não um pré-projeto para concorrer ao mestrado.¹¹

Construindo um projeto, o iniciei sem ter claro o que abordar. E foi nesse meio tempo todo (cerca de um mês e meio), que as duas coisas se mesclaram. Aí, a idéia que mantinha - de que só iria me lançar a adentrar nesse âmbito acadêmico de novo, em nível de pós-graduação, se fosse para trazer algo muito fundamental (polêmico) ao mundo e à Vida - sem perceber, de início, o tamanho disso, penso, com certeza, que contemplei tal pretensão.

Várias indicações me levaram a procurar o Pe. Wilson Groh, conhecida liderança no movimento popular de Florianópolis, e, conseqüentemente, o trabalho do Fórum Popular do Maciço do Morro da Cruz. Após conversa inicial, decidi relacionar tal Fórum como campo empírico da pesquisa, já que o mesmo aparentava trazer uma intencionalidade política para a observação pretendida (pró-ecossustentabilidade).

Fortalecendo minha disciplina e determinação em toda esta história constituinte, é fundamental socializar, ainda, a atitude semanal que venho mantendo, de proceder em dieta de frutas por 24 horas (anos atrás, o fazia em jejum completo), e, agora, isso se dá desde o início do mestrado (sincronicamente). Com certeza, co-labora bastante para Ter clareza, coragem e discernimento profundo e *práxico* do muito do olhar aqui apresentado. Afirmo isso, pois tal atitude soma numa interconexa sensibilidade, através dos econecessários momentos de interiorização e privação (induzidos), que tanto nos educam e disciplinam – conforme a sabedoria oriental a milênios nos é exemplar.

Todo esse item serviu para sintonizar uma parte donde estou me re-fazendo e re-formulando, e que dá a idéia do ser pesquisador como ser humano e vivo, objetivo e subjetivamente sensível.

Problemática e Objetivos

É urgente a união contra a negação de nós mesmos, como seres humanos (integrais) submetidos à fereza da ética do mercado... A grande força sobre o que alicerçar-se a nova rebeldia, é a ética universal do ser humano (solidário), e não do mercado, insensível aos reclamos das gentes e aberto a gulodice dos lucros. (FREIRE, P. 1996, p. 145).

A problemática que me acompanhou como olhar em movimento, foi:

“Para à interdependência da Vida ecossustentável, quais as relações políticas envolvidas nas práticas dos educadores da Comissão de Educação?”

‘feliz atropelamento’ que me acordou”). Afinal, até antes desse - e minha família é testemunha - eu odiava estudar, ler e escrever.

¹¹ Já que esse ranço academicista nunca me atraiu, e mais do que nunca, não me encanta mais. É mais um meio que, predominantemente, tem levado ao assassinato do planeta.

As bases éticas-libertadoras de minha formação não permitem entender nada fora da incessante busca por coerência entre o dizer e o fazer, a simplicidade e o popular. Tudo isso serve como contextualização de tal trabalho, e como Reigota sempre afirma (e dialogando comigo), são tão essenciais quanto todas as interlocuções epistemológicas e metodológicas.

Sincronicamente, essas sempre me acompanharam, e com a sensibilidade e preocupação que adquirir e procuro Ter pela(s) Vida(s), foram determinantes para a escolha dessa. Considero tal assunto e problemática como algo do mais fundamental a ser pensado/ *praxicado* em nosso atual estágio planetário: como obrigação maior e prioritária da educação.

Não se pode manter mais o atual rumo e (in) con-vivência, nem as atitudes educativas, as formas, metodologias, conteúdos, didáticas, políticas, relações e bases de recursos, a idéia de currículo, as bases filosóficas e epistemológicas. Enfim, o todo desse imprescindível processo ecoeducativo para a formação da harmonia planetária precisa urgentemente ser repensado. O Humano natural está se perdendo, e junto, toda base pura, qualitativa e única da Vida, ao excessivamente artificializá-la.¹²

Foi observando os princípios de uma ecologia profunda, a dinâmica da Vida ecossistêmica, e confrontando com a realidade anti-vida vigente, que me lancei a trazer essa problemática

Localizando-me no FMCC e sua CE como pretendentes da dignificação da Vida - de superação de tal condição degradante, isso me despertou ser o local desafiador para tal pesquisa, muito por estar num contexto popular e violento, mas, também, por apresentar uma constituição e organização com potenciais interessantes à confrontação de tal intencionalidade.

Não tinha uma vivência orgânica junto a este movimento, o que não tirou o interesse e compromisso, pela pretensão de ali observar e demonstrar algumas relações problemáticas locais, que podem se generalizar ao planeta. Não o fiz com intenção usual, pois não é cabível a (minha) ética planetária, mas como relacionado educador/educando cooperador, que, ao observar, formula-sugere-participa.

As hipóteses para ajudar nos rumos desta pesquisa entrelaçam-se muito com os objetivos refletidos, e procuraram contribuir com a sensibilidade e ampla inter-relacionariedade exigida:

- a prática político-ecopedagógica dos educadores não seria direcionada a uma participação sensível à harmonia ecossustentável (não antropocêntrica), e, também, junto ao ciclo vital do alimento orgânico (SS).
- essas escolas, como fortemente urbanizadas, com pouca natureza vegetal, têm dificuldades na possibilidade de uma estética (eco) sensibilizante à interdependência em questão.
- o respeito a sazonalidade da produção e da oferta dos produtos orgânicos (com seus naturais tempos), não é trabalhado como aspecto de formação à prática interdependente (superador ao não consumismo).

Procurando aproximar de tais hipóteses, os objetivos escolhidos foram:

Do GERAL:

- Observar como as práticas dos educadores (também junto ao SS) podem colaborar com a ampliação da sensibilização político-filosófica, ecopedagógica e interdependente (não antropocêntrica, mas de totalidade

¹² Co-laborar para destruição da perspectiva tecnocientífica sectária e milagrosa que vai permeando as produções filosóficas, científicas, artísticas, religiosas, senso comuns, midiáticos, etc, eis a intenção presente na minha mente e coração. Ousada? Não. Só calcada aonde se esqueceu/deixou de olhar e co-relacionar. Na interdependência Vital.

universal), dos educadores-educandos, na cotidianidade socioambiental do Maciço.

Aos ESPECÍFICOS:

- Ver como trabalham a utopia a partir do “puro ciclo da vida - agroecológico, e suas inter-relações”.
- Perceber as práticas que vivenciam a (ecopedagogia) exigente ecossustentabilidade, mais do que a mera sobrevivência, e o eco-ócio, olhando os tempos e as estéticas compatíveis, ou não, com tais relações interdependentes, junto à merenda orgânica.
- Observar a consideração política, no SS, a todas as espécies, problematizando um possível antropocentrismo

Formas e caminhos participa-sensitivos foi o que procuramos Ter como base metodológica, para observar tais objetivos, hipóteses e problemática, junto a todas as práxis da CE/ SS.

Caminhos Participa-Sensitivos

O orientando deve se convencer de que é preciso ter até um pouco de audácia, ou seja, arriscar-se avançar idéias novas, eventualmente nascida de suas intuições pessoais. É preciso soltar-se, criar, avançar, e não ficar num eterno repetir de idéias e descobertas já feitas. (SEVERINO, 2000)

Esta pesquisa veio na perspectiva de olhar as interespécies, mais do que as interculturalidades (também necessária, mas se for ecologicamente), e que poucos autores se referem nas produções sobre metodologias; portanto, tivemos aqui outro rompante nesse trabalho.

Qualquer pesquisa, em qualquer nível exige do pesquisador envolvimento tal que seu objetivo de investigação passa a fazer parte de sua vida. A temática deve ser (...) vivenciada pelo pesquisador, ela deve lhe dizer respeito. A escolha de um tema de pesquisa, bem como sua realização, é um ato político. Esta exigência de significação política englobante implica que, antes de buscar um objeto de pesquisa, o pós-graduando pesquisador, já deve ter pensado no mundo, nas tramas políticas da realidade social. Trata-se de saber bem, o mais explicitamente possível, o que se quer, o que se pretende no mundo dos homens. (SEVERINO, 2000, p. 145/6).

A citação é precisa para evidenciar o meu espírito neste contemplado. Ajuda trazer à tona algo que tem recentemente acompanhado muito na minha vida - essa busca de práxis ecológica. Tendo sido com certeza um ato político pró-vida, o qual buscou filosofar (não na mesmice humanista, fragmentária, sim) bioeticamente. Mais do que pensar um social parcializado, como ainda sugere o autor, propus-me a olhar uma integral socioambientalidade. Junto de ser crítica, a metodologia procurou ser sensível, numa perspectiva epistemológica dialógica. Trouxe um diferencial a contribuir no debate holoepestemológico da educação popular, pois, mais do que considerar a popularidade humana, estendeu-a a todos os excluídos

seres; procurou superar a (pobre) pretensão de olhar carências meramente economicistas e cientificistas. Afinal todos seres vivos estão juntos no processo de exclusão socioambiental.

Wladimir GARCIA nos atenta que, *quando propomos uma práxis responsável sobre o espaço, trata-se já de um híbrido entre pensamento e matéria, abstração e concretude (...) entendermos a variante da ética ambiental que se forma, tributária de uma anterioridade da ética em relação a qualquer filosofia, como filosofia primeira. O que está proposto é uma crítica as origens determinantes, ou uma crítica à ontologia, na medida que esta se explica à partir da identificação do sujeito consigo mesmo, aniquilando a alteridade infinita da outra manifestação da vida. Trata-se de uma “ética sensível a recepção do ente em sua infinita exterioridade, alteridade e excedências (...) entendida como devir, e não prescrição”.* (In BRUGGER, 2003, p. 41/42/44).

Essa fundamental reflexão filosófica-ontológica articula, entre outras reflexões, a questão de que, antes de qualquer aspecto pretense de centralidades para análise, já havia um ambiental, ao que tudo posteriormente se compôs/culturalizou, localizado no grande ecossistema, o ecológico planeta Terra - GAIA.

O ecocentrismo não é centro, afinal, a ecologia é a relação do todo, do holos, ela perpassa toda vida planetária; assim, é o equilíbrio econecessário às vidas Com isso, defendo a idéia da ecologia, nessa perspectiva, como o grande ente vital para todos os processos que hão de constituir-se.

“O antropocentrismo consagrará, na sociedade moderna, a capacidade humana de dominar a natureza, agora dessacralizada, não mais povoada por deuses, e é, então, um mero objeto a serviço da ciência” (BARCELOS, 2004, p. 42). Mais do que ser objeto, ele engessa todas perspectivas de harmonização possíveis no planeta. Por isso, a superação deste re-faz metodologias e pede formas holísticas.

Podemos pensar que muitas dificuldades de ordem metodológica ainda se interpõem na construção de uma visão de planejamento transdisciplinar. Gutiérrez atenta para que “a razão de ser da planetariedade e de sua lógica são conseqüências tanto de uma nova era científica - não deixar a ciência só para os cientistas - quanto do recente descobrimento da Terra, como um ser vivo”. (In GADOTTI, 2000a, p. 235).

Econecessitamos da transcendência epistemológica. A Transgressão é um imperativo de possibilidade de um novo tempo, para, e na educação. Teilhard de Chardin (“Fenômeno Humano”), traz boas reflexões sobre a evolução da humanidade e as contribuições da ciência: “depois de se ter deixado prender excessivamente, até cair na ilusão, pelos encantos da análise, o pensamento moderno habitua-se de novo a encarar enfim a função evolutivamente criadora da síntese”. (In SANTO, Ruy, 1996, p.10).

O trabalho ecopedagógico traz nova sensibilidade biofísica/ética, ecopolítica. As relações são ressaltadas e pensadas junto a todos os seres e planeta. É uma questão de método-axiológico, colocar a ecologia (o “eu com o todo”) em papel de notoriedade e destaque, no lugar da economia (enquanto prisma determinante de relações). A ecologia deve formar um triângulo junto à política (o “eu com o tu/outro”) e a arte (o “eu consigo mesmo”) - estas compondo as três pontas (ângulos e vértices interconexos), junto com a questão “ética-espiritual”, a qual irá transcender e compor relacionalmente com todas.¹³

¹³ Essa idéia originou-se/formulou-se com o trabalho de Guilherme Blauth e Patrícia Abuhad, junto ao projeto Harmonia na Terra.

Temos questões cada vez mais devastadoras, e vemos que os apontamentos modernos/contemporâneos não dão conta (contradizem) tais superações. Criar sim, mas em co-relações interseres. Organicamente nutrir-se dos novos ideais e utopias para o re-construir planetário. Por isso dediquei a (re)formulações conceituais, que vieram através de uma sensível parada. Senti e pensei da planetariedade. Eis a nova atitude econecessária: parar e sentir antes de avançar - criar/transformar.

Constitui-me numa metodologia de relacionariedade total, pensando que o “conhecimento não se constitui como ponto de partida, nem de chegada, mas se faz como travessia”. (FLEURI e COSTA, 2001, p. 103).¹⁴ Uma visão holoepestemológica, é uma revolução científica/filosófica, que vem responder o fragmentarismo/reducionismo da ciência clássica e todo tipo de reducionismo, como: somatório, religioso, materialista, substancialista, racionalista, mecanicista, humanista, antropocentrista, ambientalista, etc.

Uma epistemologia deve compreender como o processo de conhecimento pode e deve ser incluído na descrição dos fenômenos naturais, como interconexos, afinal, a natureza do conhecimento é interdisciplinar/total. Igualmente, a perspectiva ecológica oferece novas nuances ao debate ontológico, já que esse predominou sempre majoritariamente como humano. Não precisaríamos de uma eco-ontologia, a fim de não continuar prejudicando a continuidade de nossas reflexões e formulações (caolhas) filosóficas?¹⁵

Na busca de superar reducionismos científicos, vejamos ainda o que Boaventura SANTOS afirma: “Depois de três séculos de prodigioso des-envolvimento científico, torna-se intoleravelmente alienante concluir (...) que a acumulação de tanto conhecimento sobre o mundo se tenha traduzido em tão pouca sabedoria do mundo, do homem consigo próprio, com os outros, com a natureza” (1989, p. 147). O mesmo autor ainda reflete um profundo e importante modo de re-pensar as constituições dos saberes: *O ato epistemológico mais importante é a ruptura com ruptura epistemológica (...) a dupla ruptura procede a um trabalho de transformação tanto do senso comum como da ciência. Enquanto a primeira ruptura é imprescindível para constituir a ciência, mas deixa o senso comum tal como estava antes dela, a segunda ruptura transforma o senso comum como base da ciência. Com essa dupla transformação pretende-se um senso comum esclarecido e uma ciência prudente, uma nova configuração do Saber (...) um saber prático que dá sentido e orientação à existência e cria o hábito de decidir bem (...) tem por objeto criar uma forma de conhecimento, ou melhor, uma configuração de conhecimentos que, sendo prática, não deixe de ser esclarecida e, sendo sábia, não deixe de estar democraticamente distribuída (...) que permita destruir a hegemonia da ciência moderna sem perder as expectativas que ela gera.* (idem, p. 41).

A opção pela primazia *práxica*-prática ganha corpo - mesmo aqui sendo só uma colocação teórica, estarei mostrando a minha, e as demais ecovivências, permaculturais e agroecológicas, como exemplos que dão Vida a essas palavras - são imprescindíveis ao re-fazer da ciência e da con-vivência.

Buscando o ir além da atual situação paradigmática, que constitui muitas das metodologias, a crítica e base de olhar aqui contida, tenta fugir da (não eco) lógica tecnocientífica, afinal, a des-naturalização

¹⁴ Não estamos descartando a razão, ao contrário, pretendemos ecologizar e politizar a integralidade do indivíduo, subjetivo e socioambiental, colocando em debate os modelos de filosofia, ciência, cultura, economia, política, enfim, todo o paradigma.

¹⁵ Sobre a visão holoepestemológica, ver Jean Smuts; R. Crema; P. Pietroni, os quais aprofundam tal tema.

vigente, que consome o planeta Vida, é muito fruto dessa (o que foi válido para as comunidades do Maciço).

“A tecnociência conduz o mundo desde há um século (...) alimentou a certeza do progresso e as grandiosas esperanças do des-envolvimento futuro (...) invadiu todos os tecidos das sociedades des-envolvidas, implantando de maneira organizada a lógica da máquina artificial até na vida quotidiana (...) é assim, núcleo e motor da agonia planetária” (MORIN, 2001, p. 96).

A crítica de SIMONNET ajuda compreender tal perversidade que insiste em se impor como normal em nosso convívio, e pior, vai conquistando muitos adeptos. “Para Ivan Illich, a crise planetária reflete o insucesso da substituição do homem pela máquina. O homem deixa de governar as suas próprias tecnologias e instituições, pelo contrário, são elas que dominam e condicionam profundamente a sua vida”. (1987, p. 46).

Como superar tais condições, se as inúmeras abordagens educativas e as parcerias da CE, na sua maioria continuavam indicando o rumo dos trabalhos e empregos des-envolvimentistas, e muito baseados por metodologias que insistem em adequar a formatos de (não) dinâmicas licenciosas ao linear progredir(mesmo que até coletivamente, e com conteudismo criticista)?

A pesquisa dessa ambientalidade específica procurou observar em torno destes princípios educativos, sustentados na libertadora complexidade ecossistêmica. Foi empírica e qualitativa, com base nessa nova opção eco-política, em torno da existencialidade - de todas as vidas terrenas. Teve dedicação bem além dos normatismos e/ou interesses (míopes) só sociais e de transformação des-envolvimentista.

A reflexão a seguir é pertinente: “Os problemas e fracassos da pós-graduação brasileira não decorrem apenas de suas limitações estruturais, mas, também, na opção político-existencial dos pós-graduandos, nem sempre crítica e competentemente comprometida com um projeto de transformação da sociedade e de superação de suas carências”. (SEVERINO, 2000, p.158).

As coletas de dados se deram pela observação participante, a qual é essencial na intenção de pesquisa qualitativa, já que interage livre e naturalmente com o campo relacionado. “Note-se bem que na observação participante o ponto de vista do observador não deve aflorar: o que importa é captar o ponto de vista do outro, esforçando-se por aceitá-lo como se apresenta e descrevendo-o (...) buscar os sentidos e significados da ação dada pelos próprios observados”. (MEKSENAS, 2002, p. 142). Mesmo o autor também não adentrando a esse olhar interseres, ainda nesse olhar só social, traz a indicação dessa postura para tais abordagens qualitativas.

Através de questionário, adquiri muitos dos elementos relacionáveis ao entendimento aqui externado. Foram dez entrevistados, entre diretores de escolas, educadores, coordenador da CE e o seu secretário-articulador. Privilegiando dados qualitativos, o que me aproximou de fatos e sujeitos fundamentais ao amplo olhar. Trouxe também o olhar do (parcial) dia-a-dia a que me dediquei estar presente, como formações mensais, reuniões da CE, atos públicos, atividades culturais e socioambientais, nos morros, entre outros, a fim de perceber o conjunto destas relações. Os sujeitos e locais observados foram escolhidos enquanto possíveis diferenças de comportamentos/pensamentos, com relação ao cuidado a todos os seres, em vista da ecossustentabilidade, e por suas práticas políticas-ecopedagógicas.

Também, contei com atas e documentos que a CE e FMMC geraram nesses tempos investigados.

A temporalidade histórica dessa observação se deu num tempo curto, onde se germinou a elaboração do SS, ou seja, olhamos a partir de 2001, justamente o ano que iniciava o projeto piloto, e o qual já trazia outras formas de trabalhar com a merenda orgânica. Também observamos o que mais aconteceu na CE e seus educadores, relativo a construções interdependentes (no limitado tempo mercadológico de pesquisa).

Assim, interessado da realidade observada, no olhar do SER MAIS. Afinal, segundo o pressuposto freireano, o mundo não é, está sendo.

PIACENTINI, procurou *Detectar relações de reciprocidade entre a educação e o ambiente onde ela se manifesta...que educação existe aí, como as pessoas pertencentes a este lugar a vêem e se comportam em relação a ela, se possuem projeto político... a identificação desse projeto, e nesse caminho, a atuação consciente e necessária(...)* palco de relações que se entrecruzam num vai e vem aparentemente interminável(...)circunscrita agora ao espaço geocultural de uma comunidade marginal. Buscou conhecer o seu movimento, as relações de aliança e conflito que circulam no seu interior, mapeá-las, nomeá-las, dar a elas o atestado de existência e, daí, traçar o significado desta educação naquele lugar. (1991, p. 19).

Para dar conta de relações e significados maiores, além da CE, fui observante das comunidades escolares da Escola Antonieta de Barros (AtB), da Escola Lauro Muller (LM), e do Centro Infantil (CI) Cristo Redentor, as quais trouxeram marcantes características, que se diferenciaram. Uma foi pioneira na execução do SS (L. Muller) e a outra atuava com intenções biocêntricas (Antonieta). Já, no CI, ações um pouco mais efetivas e livres mostram outras possibilidades para as estruturas educacionais.

Em cada um das escolas/CI observadas, tive *sujeitos de investigação*, que não são objetos e/ou atores de investigação, afinal, observamos educadores junto às interespecies, que estão longe de serem “objetos passivos de investigação”, na forma como os concebemos.

BOFF resgata a posição de sujeito ativo de investigação: “O sujeito que analisa não está fora desta realidade panrelacional (...). Os seres possuem sua relativa autonomia, mas sempre num contexto de implicação e interconexão. Por isso, o ideal da estrita objetividade, com exclusão da história e dos interesses do sujeito, é fictícia. O sujeito é parte do objeto e o objeto é dimensão do sujeito”. (2000, p. 51).

Referenciando-Se No “Caminhante Da Vida”

Não creio na amorosidade entre seres humanos se não nos tornarmos capazes de amar o mundo. A ecologia tem que estar presente em qualquer prática educativa.

(FREIRE, 2000 – em 21/04/97, onze dias antes de falecer).

Em fala no FME-SP/2004, Gutiérrez contou que, em 1997, num jantar com Paulo Freire, este afirmou que pretendia escrever um livro sobre ecopedagogia, o que acabou não ocorrendo, pois tempos após, veio a falecer. Essa fundamental revelação para as intenções da pesquisa, para o pensamento educacional

planetário e do entender mais ao sensível Paulo Freire, nos mostra que, mesmo ele não tendo tempo para escrever e se aprofundar nesse campo ecopedagógico, deixou algumas reflexões que nos fazem entender a importância que dava à vida total.

Assim, sua pedagogia libertadora merece ser re-trabalhada, a fim de perceber todas as contribuições para a consolidação de melhores perspectivas e formulações para todas as vidas Scocuglia afirmou que “enquanto pensamento não-definitivo – que se sabe incompleto por sua própria rigorosidade, que se quer aberto e não-dogmático (e muito menos, determinista) – a obra de Paulo Freire encontra-se permanentemente sequiosa de novas descobertas e novas experimentações”. (In STRECK, 1999, p. 31). A abertura ecopedagógica é decorrente desta postura histórica de Freire – que, aliás, dizia para nunca o repetir, mas procurar superar e melhorá-lo.

Dessa forma, homenageio-o, sete anos após sua partida física (estou a escrever este parágrafo em 2/5/04), justamente no intuito do fortalecimento do seu vivo e eterno pensamento, e procurando alimentar (eco-organicamente) novas contribuições para a filosofia libertadora e o re-vigorar dessas bases educativas, as quais podem ser perfeitamente ecopedagógicas. Seu último texto escrito, vivo, em 21 de abril de 1997 (11 dias antes de falecer), que ANA MARIA FREIRE, sua ex-companheira, relata no seu capítulo O Legado de Paulo Freire e a EA, que está no livro Cidadania: Cenários Brasileiros, onde diz que Freire, preocupado com o assassinato incendiário do Índio Pataxó, escreveu: *Se nada disso, a meu juízo, diminui a responsabilidade desses agentes da crueldade, o fato em si de mais esta trágica transgressão da ética nos adverte de como urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornarmos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador.* (In NOAL e BARCELOS, 2003, p. 12, e o original, no livro Pedagogia da Indignação - P. Freire, 2000, p. 66/67).

Como afirmo no memorial, tenho profundas identidades com Freire e, também, com Boff, o qual tem centrado muito de suas produções com o olhar na ecologia. Estes, e alguns outros autores aqui trabalhados, como Gutiérrez, Gadotti, Alier, Restrepo, Reigota, caminham numa perspectiva filosófica político-ecopedagógica da libertação. Some-se a Capra, Branco, Guattari, Morin, Maturana, os quais vêm numa linha ecossistêmica e/ou da complexidade, e que se funda na necessária e não fragmentária visão e abordagem de totalidade holística. Há, ainda, alguns autores materialistas-históricos (não ortodoxos).¹⁶

Mesmo me relacionando a diversos autores, vale dizer que o embasamento, aqui contido, carregou, também, muito de formulação própria para tal olhar ecopedagógico, numa certa simplicidade re-inventante, des-apegada e des-respeitadora de toda (mesmice) lógica financeirista e vulgar materialista da (anti) vida. Claro que essa originalidade é fruto da histórica formação, mas, não deixou de Ter meus arranjos, frutos da

¹⁶ Não se pode anular suas indicações de compromissos, críticas, condicionantes, contradições, há que se ampliar e superar seu eixo de determinismo econômico para a harmonização e equilíbrio ecológico, melhorando a dialética com a complementariedade, e superando seu reducionista olhar antropocêntrico. Desviando (e não hiper-valorizando) a questão de classe para a de espécie, a qual é primordial a continuidade da existência, precede a primeira (caminhando

preocupação com a Vida (que insiste em me acompanhar) e com o bem-comum planetário.

Após todo o percurso da pesquisa e leituras, a ecologia profunda só ganha sentido como (e re-fazendo) um eco-anarquismo – com mais amorosidade, alegria e simplicidade.

Essa simplicidade já foi muito trabalhada por Fantin, unindo arte a educação, a fim de tentar re-ver o cansaço com o trabalho coletivo, bastante presente nas organizações e movimentos. Com sua simplicidade, brincadeiras, pequenez e profundo afeto amoroso com a Vida, a movimentação apresentada por tal autora, me serviu como inspiração a seguir conceituando e *praticando* algumas formulações aqui expressas¹⁷

Assim, é com os autores libertadores, que têm parcela libertária, assim como dialética-crítica e, também, complexa-sistêmica, que me embasei. Podemos insinuar que a libertadora consegue elaborar uma certa síntese complementar entre as outras (o que se confunde muito com a complexidade). Isto se deve pelos aspectos da dialogicidade, amorosidade, relacionariedade, cotidianidade, respeito em geral - com os educandos (e/ou excluídos) populares. Nesse mesmo sentido, SCOCUGLIA contribui: “O diálogo, enfatize-se, admitido de início como possibilidade de mediação interclasses, é rechaçado com tal e entendido ‘ação entre os iguais e os diferentes, mas contra os antagonicos’ nos conflitos sociais”.(In STRECK, 1999, p. 44). Mostra um Freire aproximando-se da complexidade ecossistêmica, nas diversas possibilidades das relações.¹⁸

As questões do desapego, humildade, simplicidade (freireana e franciscana), de colocar primeiro o olhar a vida, pela vida, pelos sujeitos - e todos seres (e não pela economia) - em relações para além das tradicionais concretudes aceitas (e que hoje a física quântica, a ecologia, por exemplo, mostram e trazem superações), é outro ponto determinante na minha escolha para tal autor.

PUIGGRÓS ajuda a resgatar em Freire, ao sujeito e à interdisciplinaridade: *Ele produziu um campo interdisciplinar de duas maneiras: colocando como centro do problema e priorizando a análise crítica em relação à escolha de categorias (...) uma busca precisamente para resolver problemas. Essa era uma posição rara há duas décadas, quando os intelectuais seguiam de modo geral o caminho inverso: buscar problemas que se adaptassem às categorias constitutivas dos modelos que não admitiam alteração. O elemento decisivo na opção interdisciplinar de Freire, entretanto, é a centralidade que atribui ao sujeito da educação e sua compreensão do caráter complexo desse sujeito.* (In STRECK, 1999, p. 110).

O Entender-se vivendo, caro ao entendimento da ecologia, era central neste educador: “enquanto o ser que simplesmente vive não é capaz de refletir sobre si mesmo e saber-se vivendo no mundo, o sujeito existente reflete sua vida, no domínio mesmo da existência e se pergunta em torno de suas relações no mundo” (FREIRE, 1982 B, p. 66). Se o cidadão não se entender sensivelmente no planeta, não o defenderá.

aliada) na luta contra as injustiças.

¹⁷ Sobre simplicidade, recomenda-se também olhar, além de Gandhi, Freire e Francisco de Assis, assim como a recém lançada obra de Maristela Fantin (Tempo de Abraçar, p.165 a 172), onde, de forma sensível, relata-se o movimento Abraçando a Vida, que aconteceu na cidade de Florianópolis, em diversas ações, incluindo as socioambientais, talvez sem a ampla dimensão de tal questão ecológica profunda. Ver ainda o texto desta, de outubro/2002 sobre: Educação Popular com Arte – Estética de um fazer coletivo.

¹⁸ Se Gramsci colocou a questão de que nenhum poder se mantém, hegemonicamente, só por coerção, e, sim, com a persuasão – como as formulações culturais, que a elite bem manipula(junto à esquerda verticalista/populista) - Freire melhora, com sua perspectiva de amorosa dialogicidade, com outra forma relacional, que se dá entre sujeitos – e não só com macro objetividades. Sobre relacional (ecológico), ver Edmundo C. Moraes/UFSC e sua APR-Ação Pedagógica Relacional.

A práxis da simplicidade libertadora, penso ser fundamental frente à relação com as oferendas naturais finitas, sem ela não há coerente ecologia profunda. Ajuda, também, a contradizer as atuais perspectivas elitizadas/modistas da maioria dos pensamentos (inclusive o permacultural e agro) ecológico e de suas práticas. O popular freireano cai como uma luva, aliás, servindo a re-pensar todas as formas de elitizações existentes (de mercado, de Estado ou de vanguarda partidária, religiosa, acadêmica, etc), e que destroem o planeta/nossas vidas. Ajuda a pensar a ética do suficiente, a ética da simplicidade como formas indicadas à permanente Vida.¹⁹

Nós, humanos, classes e grupos sociais, estamos sempre inseridos em um meio ecológico, e o efeito da complexidade sobre nós, é de proporcionar noções nas quais a emoção , o sentidos, a intuição, a motricidade e a gestualidade, nunca são isolados da razão (...) queremos construir conceitos novos, conceitos-afetos (confetos), que reflitam as dinâmicas do pensamento popular (...) não seguir pesquisadores profissionais, que falam á partir de um outro mundo, em um outro mundo. (GAUTHIER, 2001, p. 57).

Freire foi um autor “biocêntrico por natureza”, e quase ecopedagógico (no que intencionou), dizendo que queria ser lembrado como alguém que amou a terra. Como enfatizou GADOTTI, “Ele pode ser considerado um dos inspiradores da ecopedagogia, com seu método de aprendizagem a partir do cotidiano (...) a ênfase nas condições gnosiológicas da prática educativa; a defesa da educação como um ato de diálogo; no descobrimento rigoroso, porém imaginativo, da razão de ser das coisas”. (2000, p. 174/5).

Na busca e esperança utópica, ele ensinou que “não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós mulheres e homens”. (FREIRE, 1992, p. 91).

Se ainda pensarmos que o mundo é só o que aí está, e de modo inexorável, mantermo-nos na mesmice dessa ‘vidinha artificializada’, poucas chances teremos de não naufragar a Vida. É a necessidade da ecoeducação com utopia e participação que Freire muito prezou, que se torna nossa obrigação resgatarmos essa esperança ativa e re-construtora da Vida, “ o futuro não é inexorável, é problemático. Há diferentes possibilidades de futuro. Re-insisto em não ser possível anúncio sem denúncia e ambos sem o ensaio de uma certa posição em face do que está ou vem sendo o ser humano”. (FREIRE, 2000, p. 119).

Freire dizia sempre que o educador deve viver primeiro antes de falar, ou seja, **não se deve educar nada daquilo que não se vive**. Isso é uma enorme exigência colocada à tarefa ecopedagógica e à vida. **Foi central e exemplar, talvez uma das históricas contribuições para a formação. Sua educação libertadora e popular, não foi só proclamada como muitas das outras pedagogias clássicas, e, sim, vivida coerentemente (só podemos afirmar o novo, se o vivenciamos)**. Esta atitude pode evidenciar vários elementos, na sua construção epistemológica, que transcendem a muito do que a rígida ciência se permitiu aceitar/entender. Com certeza, **reside desse ponto, um grande motivo do porquê que a realidade anda mal, já que vivemos, até hoje, predominantemente de “discursos de declarações”**, com baixas coerências, e não práxis

¹⁹ Sem dúvida, tais práxis de simplicidade, além de um des-apego materialista e econecessário, requer uma postura mística e de espiritualidade e/ ou re-ligar cósmico, que tanto a filosofia libertadora como os místicos orientais contemplam. Sem isso, temos pouca chance de coerência e força para tais e novas atitudes. Senão, vejamos os elitizados e/ou academicistas/ ecologistas.

práticas (gestuais e atitudinais, não só verbais). O ser humano aprendeu que fazer discursos e oratórias é mais fácil, assim...sobre-vive à política, à academia, à filosofia, à comunicação-marketeira, etc, etc (ao que Freire tanto se opôs). Só não pode viver assim a ecologia, pois essa pede a prática de todos, do contrário, des-integra-se o equilíbrio vital (como vem muito ocorrendo). A ecologia é tão fundamental que não permite tal enganação, pois as respostas aparecem - e de modo abrupto estão sendo bastante presentes.

Com esses pressupostos colocados, imagine-se o tamanho de uma práxis coerentemente ecopedagógica? O desafio da práxis ecológica envolve um equilíbrio interdependentemente ético, estético, espiritual e relacional, que faz frente ao paradigma da “sociedade em transformação-desenvolvimentista”.²⁰

Paulo Freire, com sua humilde (exigência) vivência de coerência, aliado ao mais profundo respeito às realidades vividas - é muito inspirador para uma das melhores formulações didáticas existentes, a que pede “o fazer como” ante ao (retoricista) “falar sobre”. Nesse sentido, a realidade sócio-ambiental do Maciço, com a degradação presente (a todos os seres), tem potenciais para um fazer educativo concreto junto à vida, pois nos fornece infinitas possibilidades de relações problematizadoras ecopedagógicas.

Reforçando o caráter transdisciplinar contido em toda sua obra, resgatamos nas reflexões de ANDREOLA (em debate com Adriano NOGUEIRA, FREIRE colocou): *Somente a re-totalização através de um processo dialógico interdisciplinar poderá re-constituir a unidade (...). E este não é somente um problema acadêmico ou científico. É um problema de ecologia humana e social. É um problema de sobrevivência da humanidade como um todo. Os des-mandos e as fragmentações da racionalidade moderna ocidental conduziram o planeta à beira da des-integração e da destruição. A ameaça para a continuidade da vida no planeta é agravada pelo fato de que a organização da convivência humana, em nível planetário, é comandada por uma lógica antropofágica e suicida.* (In STRECK, 1999, p. 87/88).

Fechando o referencial principal em Freire, cito uma passagem contida no Pedagogia da Indignação, e também no livro Paulo Freire: Vida e Obra (trazido por uma das companheiras de ex-núcleo Paulo Freire - UFPR, e que co-laborou na minha formação graduanda: Maria Aparecida Zanetti), e a qual expressa um sentimento ecológico que o tomava:

Escolhi a sombra desta árvore para repousar do muito que farei enquanto esperarei por ti. Quem espera na pura espera vive um tempo de espera vã.

Por isto enquanto te espero trabalharei os campos e conversarei com os homens.

Suarei meu corpo, que o sol queimarás; minhas mãos ficarão calejadas;

Meus pés aprenderão os mistérios dos caminhos; meus ouvidos ouvirão mais;

Meus olhos verão o que antes não viam, enquanto esperarei por ti.

Não esperarei na pura espera porque meu tempo de espera é um tempo de que fazer. (...)Estarei preparando a tua chegada como o jardineiro prepara o jardim para a rosa que se abrirá na primavera. (in.SOUZA, 2001, p. 29).

²⁰ A coerência ecológica é a mais exigente de todas, pede uma disciplina e cuidado amoroso com todos os seres. Com tal critério, quantos educadores sobriariam? Quais vertentes pedagógicas clássicas sobriariam? Ela é maior do que as relações de mera práxis - econômicas e sociais, antropocêntricas – que só a isso se detém. Não se exige perfeição, porém, a econecessária busca disciplinada de vivências (contra-culturais) bioculturais a estes sistemas atuais de morte.

ELO – PALAVRAS QUE BROTAM

Histórico do FMCC/ CE - Movimento Popular e Socioambiental

Os saberes populares é que não se enquadram nos critérios lógicos e de racionalidade ocidental (...) por que para algo ser admitido, é preciso que seja científico? (FLEURI; COSTA, 2001, p. 46).

O Fórum das Comunidades do Maciço Central do Morro da Cruz (FMCC) existe há cerca de cinco anos, em Florianópolis (2000). As comunidades escolares após 2001 tiveram, e continuam tendo, papel fundamental na sua articulação e organização, nessa região extremamente problemática do ponto de vista socioambiental, e que congrega dezenas de comunidades nos morros do entorno central da Ilha. Este surgiu a fim de agregá-las em torno de políticas públicas para melhoria de suas vidas, priorizando inicialmente: segurança, meio ambiente, esporte/cultura/educação/lazer.

Foi determinante para a sua organização toda a questão da violência/insegurança reinante em seu espaço. Vale dizer que as comunidades tinham suas organizações, mas não articuladamente, num todo comum. Para ajudar nesses avanços, a UFSC com diversos projetos, a partir de 2001, começou a encarar o desafio de articulação junto a tais comunidades. Ponto forte foi o inicial projeto – plano comunitário de urbanização e preservação do Maciço Central – coordenado pelo educador Luiz F. Scheibe, junto ao Departamento de Geografia, o qual contou inclusive com Enrique Leff, da UNAMA- México.

A constituição e ocupação inicial do Maciço se deram mais fortemente com a construção da ponte Hercílio Luz (1926), quando operários vieram morar nas proximidades, seguindo com o período desenvolvimentista no Brasil, que gera a perda da auto-suficiência dos pobres, no circuito não mercantil, transformando-os em mão-de-obra marginalizada, e com sua conseqüente expulsão para longe, em muitos casos, nas favelas e morros (baseado em CECCA, 1997, p. 210).

A migração negra é ponto forte nessas dependências, até hoje prevalecente, explicando muitos dados da marginalidade ali colocada. CARDOSO fala que a presença negra na Ilha e no Desterro, sempre foi forte, e que em seu início, escravocrata, contava também com muitos Índios que vinham juntos ‘importados’. Mostrando alguma dispersão em relação ao habitat, no entanto é reveladora a sua fala quando diz: “na sua maioria, os membros deste grupo(negro) vivem nos morros que cercam a área da cidade que se localiza na Ilha.” (2000, p. 191)

Nessa região localizam-se três das escolas de samba de Florianópolis, podendo-se entender (e não esquecendo que há outras raças nessas) por esse viés, a forte entrada do negro nesse lugar. Relacionando com

as ações culturais que elas realizam, TRAMONTE traz tal questão, e afirma: na “ação cultural - esta população minoritária e inferiorizada começará a reverter lentamente sua situação (...) os descendentes africanos ocuparão os espaços das ruas de forma inexorável, rompendo o silêncio e o anonimato”. (2001, p. 44). Nesse trabalho ainda relata a presença desses na Grande Florianópolis, sobretudo nos morros.

Transitando pelos morros e escolas do FMMC, é obviamente demarcada tal predominância negra, explicando bastante sobre o dado de exclusão ali vigente, já que predomina ainda – enrustidamente - o racismo nas políticas públicas. Podemos supor que isso se alia à exclusão socioambiental, referindo-se aos ecológicos morros (não reconhecidos como tal) e aos negros/caboclos interioranos, onde todos se amontoam nesses lugares desprezíveis aos olhos dirigentes (analfabetos ecológicos). “Nesse período (década de 50 e 60) o processo de modernização se evidencia, a década de 50 é o início do impacto ambiental, a sociedade passa a refutar o que é tradicional, e começa a se identificar com o que é novo, moderno, sinônimo de progresso e prosperidade”. (HERRMANN, 1989, p. 197) – nos morros caberiam bem os rejeitados.

Por ter sido, e ainda ser, um pólo atrativo de migração, a Ilha da cidade de Florianópolis vai sendo ferozmente ocupada, tanto pelos seus dotes naturais/turísticos, como por ser capital do Estado, assim como pela implantação da UFSC, ELETROSUL e demais órgãos públicos instalados, o que toma e destrói as vidas nos morros (também), somado ao êxodo rural, e à urbanóide perspectiva que se instalou hegemonicamente em todas (não bio)culturas mundiais, o que num olhar ecológico, vai sendo fatal.

“O Morro da Cruz é uma área com conhecidos problemas de instabilidade, onde vive um expressivo continente populacional sob sérios riscos de sofrerem as conseqüências de deslizamentos de solo ou de rolagem de blocos de rocha, dadas as condições precárias da ocupação”. (REGO NETO, 1988, p. 4). Ocupado na sua maioria por famílias carentes ou remediadas, na sua parte alta, “vem causando perigos cada vez maior pela falta de planejamento no uso do solo (...) faz com que esse esteja sujeito a escorregamentos (...) só faz aumentar as probabilidades de tragédias”. (idem, p. 9/10).²¹

Florianópolis é caracterizada pelo grande fluxo de migrantes do interior do estado, principalmente nos anos 70 e 80 e, nesse sentido, as áreas de ocupação mais antigas possuem uma certa estabilidade, ou garantia quanto à posse; as outras estão sujeitas à ocupação pelos migrantes (...). Nas encostas de morros ficam os sobrados, as casas não muito grandes, as casas pequenas e barracos, que configuram um quadro típico. Essas regiões são na maioria consideradas favelas (...). Com essa composição, as encostas dos morros estão marcadas por muitas subidas e descidas, sendo que uma delas é mais conhecida como Estrada do Morro da Cruz. Nas encostas desse morro, mora grande parte da população mais pobre do centro da cidade (...) nele há um mirante onde se pode avistar todos os bairros que compõe o centro e os arredores da

²¹ Longe de perder-se numa crítica meramente técnica, alienada da socioambientalidade constituinte, e não reconhecendo toda questão histórica e política-econômica (também), colocada em tal contexto, incluo essa reflexão de base num olhar da ciência natural-social, para ajudar a firmar o pensamento integrado, e, assim, poder re-afirmar o socioambiental. O autor aqui tratado relatou, naquela época, cerca de 25 acontecimentos trágicos às moradias e vidas ocorridas até então, frutos dos riscos concretos da estrutura física-geológica, em relação a ocupação desordenada. Como não se atentar a tais questões? Ele informa que consultada a planta cadastral, conseguiu-se um delineamento da evolução da ocupação até 1979, onde observou-se que até 1938 foram ocupadas as partes menos inclinadas e mais próximas da área central, já em 1979 a situação era bastante delicada com áreas de maior altitude e maior declividade ocupadas, além do maior adensamento das outras previamente habitadas.

cidade. (FANTIN, 1997, p. 32/33).

Tanto tal autora, como Káthia T. MULLER, afirmam a origem predominante de tais populações de origem rural (expulsos de tal região, esta última se refere a outro bairro, o Mont Serrat, mas percebendo, também, o cenário do Morro da Cruz em geral, observa: “Aqui a maioria é de origem rural, com predominância da população negra (...). Além de fortes ligações com a Igreja Católica, mas também com o Candomblé e Assembléia de Deus”. (1992, p. 46 a 50). E, também, “articulados com alguns padres e estudantes de teologia do ITESC, investem num trabalho de periferia, como foi o caso dos Morros do Mocotó, da Caixa d'Água, Mont Serrat, sobrevivendo até hoje com forte característica desse tipo de ação”. (FANTIN, 1997, p. 169).

“A escola ajuda, mas é de outra maneira. O incentivo dela é o costume da cidade. Nem que a gente queira não tem mais aquele costume (do campo). A escola ensina da maneira deles”. (idem, p. 86). Que riqueza contida nesse depoimento de um pai, o qual mostra o quanto é “instrumental/ des-enraizada” a forma e o conteúdo presente na educação. Mesmo estando na cidade, o que não podemos continuar ocorrendo é no erro de se (des) educar ao “mundo artificializado”, que nos impõem. PESSOA problematiza, de certa forma, a vulnerabilidade interesseira e pede resgate cultural, quando afirma: *A cultura popular tem raízes na terra, no território que sustenta as comunidades e, por conseqüência, ela reflete a maneira dessas comunidades estarem na Vida, as suas relações com o meio e natureza (...) Os seres humano, comportam-se sob ponto de vista ecológico, como comunidades e não como populações. A diversidade de funções e as relações de interdependência, adaptação, concorrência, etc, criam o comportamento comunitário (...) os ecossistemas humanos regem-se pelas mesmas leis e pelos mesmos mecanismos dos restantes ecossistemas naturais, e a diversidade, como oposto à monotonia, à monocultura, ao padrão único.* (1985, p. 38/ 39)

Precisamos relacionar a um “natural possível”. Na totalidade, somos todos planetários, interligados nas constituições comuns, isso é o mais fundamental, na perspectiva da ecossustentabilidade. Inverte muito do que é feito até hoje. O nosso respeito deve ser com a biodiversidade, pois essas asseguram a Vida.

Os movimentos de lutas sempre estiveram presentes no seio do Maciço: *No período de 84 a 85 a luta foi direcionada à regularização das terras ameaçadas de despejo ou em processo que reivindicava as regularizações, como nos casos do Morro do Horácio, Morro da Penitenciária, Morro da Mariquinha. (...) Começaram a surgir em 83,84 e 85 as primeiras Associações de Moradores (...). Entre 86 e 87, apareceu com mais força o Movimento Ecológico que, a partir de problemáticas como a do lixo, se articulou em torno de uma entidade, o MEL (Movimento Ecológico Livre) criado em 84-85. Este direcionou inúmeras denúncias, demarcação de áreas de preservação permanente, como mangues e encostas de morros, e também a proteção das praias, parques, dunas, entre outras atividades (...). Dentro dessa luta outros espaços são criados, os quais pressupõem uma articulação das ONG's e dos diversos movimentos sociais. Um dos exemplos que temos é o CECA/SC, que vai juntar outras entidades ambientalistas (...) que, a partir de uma discussão sobre a cidade, direcionam a formação de espaços de debate que possibilitem articular as forças progressistas da cidade, criando alternativas de gerir a própria cidade a partir da sociedade civil, juntamente com a discussão do meio ambiente e das relações que se estabelecem nesse dia a dia dos*

movimentos populares. (FANTIN, 1997, p. 170, 174 e 180).

A Ilha da Magia encanta e, esconde a divisão entre o baixo rico (prédios, serviços, shoppings, boas casas e estruturas), e o alto pobre, favelado, onde faltam condições dignas de con-viviabilidade e cuidados com a socioambientalidade (longe da condenação de seus ocupantes), dos que ali precisaram “cair”.²²

Estima-se em mais de 35 mil (sobre) viventes ali residentes. Número que não é exato, já que os órgãos públicos não se interessam em realizar tal levantamento. Como se mede a eficiência de uma sociedade(hic) pela primazia do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) –onde o ser humano esta colocado no centro do debate sobre o des-envolvimento, quero sugerir a superação do des-envolvimento pelo envolvimento, pensando que há que se ter ecoqualitativos índices. No lugar do antropocêntrico IDH, e a fim de posturas mais ecocêntricas, dever-se-ia pensar num **IEES (Índice de Envolvimento Ecosustentável)**.

“Pode-se observar uma triste realidade, são crianças, jovens, adultos e idosos que vivem em precárias situações, na busca pela sobrevivência, o que obriga a muitos pais de família a abrigarem seus filhos em verdadeiros barracos, muitos construídos com lonas e papelões, outros situados embaixo de enormes rochas sujeitas a deslizamentos frequentes. O crescente processo de imigração torna as encostas de Florianópolis um ponto de referência para ocupações irregulares, são dezenas de famílias que toda semana, sem terem para onde ir, se instalam clandestinamente nestas comunidades, transformando-as em grandes bolsões de pobreza e criminalidade” (Compõe documento do FMCC, em contribuição ao Plano Estadual de Educação, p. 1/ 2).

O Maciço é um claro exemplo na história, de toda essa ampla, descuidada, equivocada e complexa (de) formação/exclusão. Por ironia, faz parte da região do entorno central, sendo vizinha de todos os poderes de Estado, além de uma das ruas mais movimentadas da cidade, que é Ilha.²³

Nesse espaço geo/socioambiental, co-existem várias e diversas bioculturas e populações que se misturam ao ecossistema local, o qual apresenta suas delicadas situações, caracterizadas pela falta de elementos básicos de infraestrutura, como sistema viário, saneamento e recolhimento regular de lixo junto aos domicílios. Como o acesso de cada comunidade é realizado através de trilhas e escadarias para o alto, transversais às curvas de nível, a ocupação foi sendo feita sem vias de comunicação diretas entre as mesmas, e cada uma constituiu sua forma de Associação ou Conselho Comunitário, geralmente com sentido reivindicatório. Com o passar dos anos, vários desses conselhos foram se reunindo para constituir esse Fórum, já que as degradações e violências se acentuaram muito. Sendo nova a história do FMCC, poderá corrigir suas formas e pressupostos - junto da ecologia profunda - com todas mediações ecológicas que isso significa e re-faz, podendo alçar melhores vãos ecosustentáveis.

O FMCC é formado por 10 comunidades de base: Morro da Mariquinha, Morro da Queimada,

²² Esses indivíduos do alto, por estarem tão excluídos, não participam do cálculo do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), assim colaborando para que a ilha ostente para a mídia nacional ótimas posições entre as capitais. Dados esses que iludem e escondem muito da realidade pobre e degradada/desgraçada, que omitem que boa parte desses bolsões de pobreza (onde está presente o Maciço) está em áreas de ocupações irregulares, degradando APP's (Áreas de Preservação Permanente), consequência da des-avergonhada e ínfima (falta de) política habitacional/socioambiental, que acompanha nossos midiáticos governos, em geral.

²³ Por ser Ilha, ela não deveria ser a capital do Estado, e nem estar com tantas obras desenvolvimentistas (falsa empregatícia) a destruir mais seu frágil ecossistema. A denominação de Maciço se deve à localização geográfica de enormes conglomerados de rochas maciças (vulcânicas), que datam da época das separações continentais (existem

Morro do Tico-Tico, Morro do Alto da Caieira, Morro do Horácio, Morro da Penitenciária, Morro do Mocotó (o mais antigo ali constituído), Morro do Monte Serrat, Morro da Serrinha e Nova Descoberta.

Instrumentalizando-se para atingir suas metas, em especial, elaborar um “Plano Diretor” para o Maciço, as Comissões de Educação, Esporte, Cultura e Lazer; de Meio Ambiente e de Segurança Pública elaboraram documentos apresentando suas demandas prioritárias, para consolidação das suas iniciativas junto ao Laboratório de Análise Ambiental do Departamento de Geociências (LAAM) e ao Laboratório de História, Cultura e Desenho da Cidade (CIDADHIS) da Universidade Federal de Santa Catarina. Foi, então, criado o *Plano Comunitário de Urbanização e Preservação do Maciço Central de Florianópolis*.

A Comissão de Meio Ambiente foi criada com o objetivo de conscientizar a comunidade e os administradores públicos, de que as famílias residentes nas encostas não tiveram outra saída no que diz respeito à moradia. Foram obrigadas a ocupar o local devido à completa falta de políticas públicas habitacionais e programas de incentivo ao trabalhador rural, entre outros. A Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Lazer sempre tentou propor alternativas para melhorar a qualidade da educação nas comunidades da Encosta Central de Florianópolis, para que essas crianças e jovens pudessem usufruir seus direitos. Mas, além das dificuldades na implementação, a concepção que se pensava em termos de esporte e lazer, como será mais relatado no próximo Elo, não atendia bioculturais formas.

Para melhorar a qualidade da educação nas escolas que atendem as crianças da encosta Central, foi sendo realizado, inicialmente (março de 2001), um Fórum de Professores, o qual deu origem concreta à Comissão de Educação (CE). No começo, eram direcionados (os cerca de 200 professores destas) para sete escolas. Hoje, a Comissão de Educação (CE) possui 12 estabelecimentos educacionais, sendo 9 escolas e 3 centros infantis, articulados e organizados junto de si, que são: EEB Silveira de Souza, EEB Lauro Muller, EEB Hilda Teodoro, EEB Henrique Stodieck, EEB Jurema Cavallazzi, EEB Padre Anchieta, EEB Lúcia do Livramento Mayvorne, EEB Celso Ramos, E. de Ensino Fundamental Prof^a Antonieta de Barros e os centros infantis CI - Cristo Redentor, CI - Anjo da Guarda e CI - Nossa Senhora de Lourdes. Valendo referenciar que esse número sempre foi variável, com saídas e entradas de escolas nessa Comissão, e por diversos motivos, incluindo os políticos e/ou de prestígio, entre outros. De qualquer forma, muito do nome e atividades do FMCC se fortaleceram e deram pelas atividades da CE.

Com suas diversas comissões e projetos, o FMCC denota explicitamente sua condição de formador, já que tem se articulado fortemente com a CE, no caráter popular e compromissado de tal movimentação.

O FMCC tem uma relação forte com a igreja libertadora e, assim também, com os movimentos populares, o que ajuda a dar tais cunhos às comunidades relacionadas ao fórum (os quais, por razões de interesse e tempo da pesquisa, não foram aqui aprofundados) . Vale dizer, ainda, que ele mantém boas vinculações com o Fórum da Cidade, o qual vem debatendo e construindo, há alguns anos, alternativas para a cidade/ Ilha, contando com a contribuição de algumas lideranças do FMCC.

Como pensamos na idéia de movimento – ação permanente, é importante observar o que SCHERER-WARREN reflete, pensando a conceituação de movimentos *sociais Quando os grupos se organizam na*

outros conglomerados desses aqui).

busca de libertação, ou seja, para superar alguma forma de opressão e para atuar na produção de uma sociedade modificada, podemos falar na existência de um movimento social (...). Assim, movimentos sociais como uma ação grupal para a transformação (a práxis) voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns (a ideologia) e sob uma organização diretiva mais ou menos definida (a organização e sua direção). (1987, p. 9 e 20).²⁴

Essa contextualização teórica é para insinuar o quanto tal fórum pode se ampliar em compreensão e ação, assim como em maiores e melhores articulações ecológicas - pois “o que aparece como crise dos movimentos sociais, passa a ser percebido como crise dos modelos de conhecimento (...) é uma crise de legitimidade do saber científico.” (FLEURI, e COSTA, 2001, p. 29)

Relacionando esses movimentos populares com as pesquisas acadêmicas, Victor VALLA comenta: *Na sociedade contemporânea se faz largo uso de conceitos gerais que, embora seus termos sejam empregados de forma correta, não conseguem todavia explicar a realidade das condições de Vida das classes populares (...) explica-se uma realidade a primeira vista mais universal, mas na realidade não se dá conta das condições de Vida do cotidiano das populações que habitam os bairros periféricos e favelas.* (in. FLEURI, p. 194, 1998). Essa popular compreensão que o autor traz são cruciais. O que gostaria de chamar a atenção é para o fato de que a explicação universal da ecologia, mais do que quando se formulou tais e respeitosos pressupostos libertadores, levanta ao (velho) novo científico, que revela um pressuposto obrigatório para a constituição das Vidas, esse, antes de (e) ir respeitando o conhecimento popular, coloca-se ao imprescindível respeito aos biodiversos conhecimentos que garantirão a Vida. Isso é para chamar atenção ao que diz ainda VALLA, que “a própria sobrevivência de grandes parcelas dessas classes deve-se exclusivamente à sua iniciativa de viver”. (p. 192, 1998) Nosso alerta indica no sentido de que não se pode mais fazer de qualquer jeitinho esse sobreviver, e sim, re-organizar ao pleno viver. Sem des-respeitar, deve-se problematizar ecossustentavelmente os saberes populares.

ELO – PALAVRAS EM MOVIMENTO E PROCESSUAIS

“A semente do pensamento é o sonho. Por isso, os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas de saber, deveriam ser especialistas em amor: interprete dos sonhos”. (ALVES, Rubem, 2000,p.93).

Estruturei este com base nas observações e interações que tive, onde os maiores centros de atenção recaíram sobre a CE e alguns estabelecimentos, especialmente, junto ao projeto SS - todos os cuidados com o alimento (produzido) e a alimentação como base re-educativa; também, aos diversos projetos extra-

²⁴ O privilegiar da observação sobre a CE vem atender as possibilidades temporais (dos prazos-absurdos) vigentes no (não eco) sistema de pesquisa e pós-graduação nacional, e, também, para ter condições de focar eixos inter-relacionais “vitais” aos propósitos de uma ecologia popular.

curriculares, isso acompanhado da ênfase na atenção ecológica interdependente, com a contemplação ou não dessa vital prerrogativa, nas parcerias e formações internas.

Nestes últimos três anos, a questão de suas lutas, resistências e proposições políticas em prol da dignidade do ser educador foram muito presentes na sua caminhada, e a qual será problematizada também com o olhar na interdependência (I), e sua negação, o antropocentrismo não-interdependente (não-I). Reafirmando - observamos um todo (FMMC/ CE) interligado com suas teias às partes que fluem (SS, projetos, parcerias e organização política da CE) .

Ao proceder uma investigação que insere a ecologia na dinâmica educacional, amplas relações e abordagens naturalmente surgirão, já que esta traz a perspectiva holística junto de si. MORIN coloca: “É necessário um pensamento que reúna o que está separado e compartimentado, que respeite o diverso sem deixar de reconhecer o uno, que tente discernir as interdependências (...) . Só um pensamento complexo poderia considerar e tratar essa circularidade interdependente”. (2001 , p. 181e 183).

A observação desse Fórum Popular é uma tarefa rica para propiciar debate em prol do re-fazer de nossas formas de políticas ecopedagógicas, a partir de interconexas relações.

Falar de prática é percorrer caminhos complexos, com o risco de ser contraditório, se não estiver bem articulado com suas intencionalidades político-filosóficas, e/ou garantir-se na “práxis”, já que é o lugar concreto da aplicação e experimentação dos saberes.²⁵

De tal caráter *práxico*, desse movimento e sujeitos educadores, trago à tona um cenário preocupante, e de delicada defesa perante o senso comum e científico-paradigmático vigente.

Olhando as Práticas da CE

Entendendo tais fios paradigmáticos como impostos mundialmente, **muito do olhar contemplado, acarretará críticas e proposições que tanto para CE como para diversos contextos e cenário planetário, poderão ser úteis se aplicáveis para toda a educação - em busca das Vidas ecossustentáveis.**²⁶

Trago isso, pois demonstrarei o cenário prático da luta sobrevivente (econômica) como prioritária e determinante da parte de educadores e comunidades escolares. O que difere é a profundidade do re-pensar tudo a partir da ecologia, que problematiza isso de forma mais ampla, relacional e Vital.

A CE se aplicou forte politicamente em questões como a paralisação (pró-greve) de abril/04, tendo grandes atos, como o do dia 6 de julho/04, em pleno centro, e com todos os membros e alguns moradores das comunidades (escolares) do Maciço, com cruces, faixas e instrumentos fúnebres/cornetas, deitando-se na rua para simbolizar as mortes e descasos oficiais, com a bandeira da qualidade de vida para todos. Mais de 800 pessoas estiveram envolvidas, entre educandos (crianças), educadores e diretores.

²⁵ O desafio não é simples, é um movimento novo e frágil- num contexto violentado e degradado, some-se ao olhar sobre a ampla questão das “práticas pró-interdependência .” Lá vamos nós, **“devagar e sempre” como ritmo de vida adequado.**

²⁶ Afinal, tanto quanto a crítica ao capitalismo, as vitais revelações das (diversas) ciências ecológicas trazem a crítica a todos os modelos e projetos que colocam o econômico por si mesmo e/ ou na não subordinação desse à interdependência ecossistêmica.

Também, a questão da água foi presente, onde a CE promoveu uma atividade pública em frente à catedral, no dia 22 de março de 2004, dia mundial da água. Todas as escolas participaram e afirmaram o direito a esse bem público e vital à nossa existência, e, também, o dever da preservação e cuidado com ela. Com cartazes, faixas e panfletos, de forma descentralizada, construíram um ato que mostrou uma preocupação política da CE - era como rotina anual, e exceção à não-priorização que tais questões não tiveram na formação, inclusive por ter sido atividade curricular, em horário de aula. Vale lembrar que todo ano ela procura fazer alguma atividade ligada à data.²⁷

Assim, o FMMC e a sua CE procuraram elaborar propostas, em geral, para tentar refazer tal cenário – como o Escola Aberta, onde haveria permanência integral dos educandos na escola, e expansão de vagas. Mas todos esses eram boicotados pelas políticas estatais e sem gratuitas originalidades ecológicas.

Nas reuniões, percebia-se que, antes, não se usavam copos descartáveis, já que elas aconteciam no Antonieta, onde a diretora não (compra) tem essa prática, mas na sede da ADESS, esses estiveram sempre presentes e usados. Tal exemplo mostra um caminho a se avançar, pois mesmo com tantas alusões a eventos ambientais, onde andaram as atitudes coerentes?

Outra coisa que deu para se evidenciar, das reuniões que participei na CE, onde, além de sempre estarem faltando/atrasando algumas representantes das escolas, mostrou-se que há problemas no repasse das discussões. Não se conseguia avançar, pois não chegavam aos educadores algumas questões. Também, não se deliberaram necessários encaminhamentos, o que foi assumido por diversos diretores, por cobrança do secretário-CE, para a falta de organização própria – esta que muito emperrou os andamentos de tal comissão.

A questão da construção da identidade da CE esteve bastante intencionada. Seus articuladores formularam até algumas perguntas: “O que nos mantém unidos? Em que somos iguais? Em que desejamos ser iguais? Quais os princípios devem nortear nossas práticas?” Só que, devido ao escasso (não ecoocioso) tempo e excesso de assuntos pendentes, tal processo se arrastou bastante.²⁸

A CE tem, em sua estrutura, a liberação de um secretário/a, que faz a articulação geral, e é mantido na estrutura da ADESS. Primeiro foi o Danilo, mas com a eleição de sua chapa para o SINTE, integrou-se a Elisete. O coordenador da CE é o Pe. Vilson Groh, e que colabora bastante para diversas articulações, mesmo que fiquem consigo as muitas responsabilidades, devido às suas mediações políticas. De qualquer

²⁷ Destaca-se que, com a assinatura do pacto territorial, em 22/03/02 na Assembléia Legislativa do Estado de SC, cada escola adotou uma nascente (a do Lauro Muller é o Rio Cubatão, em Águas Mornas) . As 30 mil pessoas que moram na Encosta da Serra Geral, sem o agrotóxico, ajudam a preservar a água das 600 mil da grande Florianópolis, já que os 7 rios que nos abastecem são dali.

²⁸ Afinal, mais do que um coletivo cooperativo, a CE vinha se apresentando com uma não-unidade interna para vários assuntos. Uma das razões dessas diferenças políticas veio do fato de que essa permanência ampla ganhou corpo, pois alguns benefícios puderam se obter/viabilizar para diversas escolas, após a organização dessa, o que atraiu mais estabelecimentos. Isso mostra de novo o cunho interesseiro – e à materialidade e ao financeiro. Ao final do ano de 2004, surgiram contribuições - para essa questão da identidade:” temos praticamente a mesma clientela e queremos melhorar a vida desta clientela. Queremos uma escola que vai além do conteúdo programático. Precisamos ter como princípio ético a cooperação buscando superar a competitividade, em especial a miúda, do tipo eu sou melhor, minha escola é a melhor. Estamos juntos porque temos muitos problemas e porque não temos a autonomia que desejamos. Até que ponto tomamos atitudes como Fórum? Parece que ainda estamos um pouco isolados em determinados momentos, é preciso nos encararmos como Fórum. Nossa caminhada ainda é pequena”. Fica claro o quanto de limitações tal fórum tem a avançar (até superar a idéia de que ele trabalha com clientela – reproduzindo olhar mercadológico, que tanto vos exclui).

forma, se o que se almeja buscar sempre é a circulação e ampliação de diversos co-operadores de tais compromissos, vemos que (como, em geral, nos movimentos) o FMMC não vem conseguindo *inflar* suas fileiras. O secretário e o coordenador são os articuladores da CE.

Sempre se colocou a intenção de escolas com articuladores, para o trabalho sócio-político com as comunidades, mas este se inviabilizou pelos cortes nos recursos, os quais iriam trazer papel oportuno para várias pretensões da CE, e poderiam dar salto de qualidade, e, talvez, por isso, o governo tenha cortado.

A distância do Maciço com a “base” sempre foi muito colocada. Olhando a CE, alguns reclames existiram: a diretora adjunta do Pe. Anchieta colocou, em reunião, que “alunos falam que não sabem o que é esse Maciço. Será que estamos levando e mostrando bem essa informação?” Tal indagação era demonstrada pelos educadores. Atividades eram previstas procurando integrar tais comunidades escolares, mas nem sempre com boas participações. O repasse interno em cada escola, e a melhor postura de articulação de seus representantes, parecem Ter atrapalhado a CE, dentro de limites onde o vício de representatividade e ‘dirigismo’ vai atrapalhando o(s) movimento(s). Penso que o conhecimento e a vinculação com o Maciço eram presentes para maioria dos educandos e educadores, porém, o que pode ter ficado limitado, foi a maior profundidade dessa relação.

Destacando o processo de planejamento da CE de 2004, várias questões levantadas foram interessantes para se observar na relação dessa pesquisa, como a preocupação externada com qual tipo de des-envolvimento se quer para a região e que modelo queremos, com qual proposta de educação.²⁹

Os compromissos co-operados e clareza dos tempos, podem ter ficado abafados em meio a tantas demandas (surgidas e procuradas) , nesse ano difícil- em termos (só) econômico, que ganhou cena na exigência de recursos e estrutura para acontecer alguns de seus projetos. Mesmo havendo cobrança na CE - para empenho em diversos acontecimentos, as coisas caminharam com certa dificuldade. Se revelaram inclusive por não se destacar obrigações políticas-educativas com os devidos responsáveis. Os projetos e formulações ficaram bastante soltos - e na dependência de encaminhamentos individualizados muitas vezes - falta de melhor estruturação, tanto por ausência de coletivos para tais, como por excessivas demandas que se assumem. As parcerias (na maioria) não foram formuladas conjuntamente como políticas-públicas. Eram assumidas para preencher os vazios da fuga ao narcotráfico (imediate- econômico-antropocêntrico olhar) que seus educandos estão submetidos.

Quanto às perspectivas gerais (por mais que não se afirme isso) existe no FMMC uma formulação alternativa de um projeto comunitário e socioambiental (aquilo que na tradicional e antropocêntrica linguagem se chamaria de projeto de sociedade) - pelo menos em intenção é um ousado e necessário projeto

²⁹ Algumas falas para sentir o olhar de (intenções) todos os participantes: “Temos que Ter uma visão multirracial e socioambiental da educação, trabalhar questões relacionadas a raça e sustentabilidade do planeta; precisamos romper também com os muros entre os conteúdos escolares e as histórias de vida dos nossos educandos e a história da nossa comunidade; a escola tem que ter planejamento; precisamos ter clareza que estamos trabalhando não só para o hoje, como para o futuro de nossas gerações; temos que superar as críticas entre as escolas e apontarmos para uma visão de conjunto do Maciço, e não só no discurso, sermos um grupo coeso; os PPPs das escolas precisam incorporar o projeto do Fórum para que este ganhe maior visibilidade e legitimidade; nesse sentido, temos que discutir multirracialidade, ecopedagogia e sexualidade, nas nossas reuniões. Pelo descompromisso com a CE, cabe construir formas de cobrança dos nossos professores (documento/ relatório de tal evento).

– e a CE tem peso estratégico nesse. Mas com a distância (coerência) ao propósito estabelecido (pois o cotidiano econômico, por si contradiz – se você não muda hábitos radicais) , e considerando (baseado no observado) que a maioria dos participantes, ainda traz o velho olhar da política só como bem comum humano, além de poucos da CE estarem organicamente juntos do FMMC, ficou difícil – em bases ecológicas, dessa relação do morro com a Ilha - temos a força conjunta necessária a amplo projeto.

A ecopedagogia constou das preocupações da CE. Em novembro de 2003 ocorreu como oficina temática de formação para todos, porém não teve muitas participações (corria paralelo com outras oficinas - desinteresse ou desconhecimento?), já que se percebia a abertura de alguns membros da CE, em tal direção.

Numa oficina do eixo meio ambiente, em 2004, sobre ecopedagogia (na Escola Padre Anchieta) , chamou a atenção um diagnóstico passado pelos representantes das escolas/ CIs, onde externaram projetos que vêm realizando. Na Escola Hilda Teodoro, foi elaborado um questionário para saber dos pais sua visão e idéia a respeito das questões ambientais (tendo mais de 115 retornos de questionários).³⁰

Em 2004, ocorreram os processos de mediação em ecopedagogia, tanto junto à CE, como na escola Antonieta (continuação do acompanhamento da oficina 2003) , com a participação do Harmonia na Terra, principalmente. Na formação mensal dos educadores da CE - que era revezada entre as escolas, na organização – a de 1º de julho/04 ficou por conta da Escola Antonieta de Barros, com a parceria do Núcleo de Ecopedagogia Mongaru. Atendeu-se o eixo central das “nutrições vitais – educacionais”, e procurou-se revelar algumas das preocupações educativas que se procura realizar neste estabelecimento, inclusive, problematizando um pouco das relações do SS. Teve a contribuição de diversos colaboradores externos, como educadores ambientais e holísticos, acadêmicos e mestrandos em agroecologia, nutrição, pedagogia e educação, biólogos e arte-educadores, os quais representavam ONG’s, PET-nutrição e demais núcleos.³¹

A recomendação para que se cuidasse com a substituição de copos descartáveis por canecas, que oferecessem refeições e lanches mais saudáveis e integrais (ao invés dos costumeiros cafezinhos, açúcar branco, bolos com fermentos, farinha branca, bolachas de mesma constituição, etc) não foi percebida, pois, com exceção de algumas poucas escolas que levaram bolos integrais (como o CI - Cristo Redentor), frutas, bolachas integrais e as canecas, a maioria preferiu levar copos descartáveis e os tradicionais e prejudiciais alimentos. Além do mais, percebeu-se que muitos educadores, na hora da refeição, não têm essa preocupação

³⁰ Destacamos só as predominantes respostas: a educação ambiental é de grande ajuda e proteção para o meio ambiente; eles, ao cuidarem do lixo e o reciclarem, estarão ajudando a preservar o meio ambiente; a grande maioria alega desconhecer ações na escola para o meio ambiente, porém, grande parte deles diz conhecer o re-aproveitamento de óleo, papel e latas que a escola faz; acham importante fazer a conscientização para o não poluir, o plantar e o reciclar; quando perguntados do consumismo e meio ambiente, a maioria esmagadora coloca que o consumismo gasta mais recursos naturais, e outros acham que ajuda a poluir mais. São pequenas evidências das visões de senso comum, parcialmente acertadas em relação à interdependência, mas não deixam de mostrar não ampla compreensão. Vale destacar que na chegada dessa oficina (parte do eixo de formação-2004) , onde fui convidado a debater tal tema junto à educação ambiental, ao chegar no local, havia vários promotores distribuindo chocolates na entrada da aula, mas como são muitas crianças pequenas, é complicada essa distribuição, já que os venenos industrializados presentes nesse tipo de produto (estão em quase todas as listas de suspeitos de uso de produtos transgênicos) , e, ainda mais, para crianças nessa idade e 1ª dentição (sem contar a sujeira que ficou) . O diretor de tal escola, demonstrou algum desconhecimento em relação à substituição de alguns produtos “mitos” - como a carne - por outros equivalentes vitamínicos, e que não são mais caros. Ele diz que há toda uma cultura da “carne e do prático” existente nos hábitos dos educandos. Mas será que há tentativas de alterar tais mitos, hábitos e produtos?

³¹ Ofereci a oficina: “alfabetização ecológica” com colegas: Gabi, Mari e Barbara, do núcleo de ecopedagogia.

saudável como critério, já que poucos foram atrás dos sucos verdes (que sobrou bastante) e pratos coloridos - elaborados na própria oficina. Outro dado de des-preocupações foi com o horário de chegada em atraso que boa parte desses mostraram, o que leva a imaginar um certo des-compromisso político, já que isso era algo corriqueiro. Ocasionalmente pelo estresse e tempo escasso para a sobre-vida econômica (que os leva até a Ter vários padrões/escolas e/ou outros empregos), mas revelando pouca disponibilidade e/ou clareza para o compromisso com o re-fazer da Vida – que re-orienta o tempo dessa.

Vários comentários positivos foram ouvidos e percebidos depois, já que esta oficina aconteceu de forma um tanto diferenciada das outras, inclusive por seu caráter de experiências práticas. Os temas oferecidos (horta/compostagem, yoga, pedagogização dos alimentos, nutrição vital, nutrindo as relações com Gaia, ervas medicinais e xamanismo, sabor das emoções, cuidados e técnicas corporais, re-circulação da água e alfabetização ecológica), levaram várias escolas/CI's, a iniciar parcerias para caminhar de forma mais cuidadosa com todos os seres.



Oficina de Nutrição Vital. As diversas (10) oficinas que se ofereceram para tal grupo de educadores foram marcantes na CE – a prova foram as diversas avaliações positivas que se fizeram após. Na primeira foto um flashe da oficina de sucos verdes/ pratos coloridos.

A Segunda é o grupo de 'oficineiros' que mediarão esse histórico dia – com seus diversos parceiros que contribuíram com um olhar multidisciplinar.



Claro que, se não estiverem acompanhadas de políticas para tal dentro da CE, não avançam tanto. E, nesse sentido, parece que o FMMC, não conseguiu uma práxis de articulação ecológica...

No AtB as crianças planejam e executam ações nas hortas – essas que têm orientação dos educadores. Com nuances ainda tradicionais de plantio, aos poucos vão ganhando feições mais circulares e permaculturais com as assessorias externas do Harmonia na Terra(ONG).



O detalhe é que mesmo sendo uma escola de concreto na sua maioria, não se mediu esforços para viabilizar vivências de sensibilização com a Terra.

É um exemplo de que não existe impossibilidade para reconectar à planetariedade, a permacultura e agroecologia estão aí para mostrar outra Vida.

Vivenciando as Escolas / CI

Além da CE como central na observação participante, trago, também, uma parte – sintética - do olhar das escolas e do CI, a fim de co-laborar na percepção de tal campo.

ANTONIETA DE BARROS (AtB):

Em 2003, aconteceu a oficina de ecopedagogia. Para superar a violência - fator central das problemáticas – planejaram estimular maior carinho e cuidado com as diversas relações existentes na comunidade escolar, e que buscaram contemplar o objetivo geral: “Valorizar todas as formas de vida”.

Pensadas a partir de cinco pontos que serviram de princípios basilares: a factibilidade, sustentabilidade, interdisciplinaridade, valores humanos e comunidades. Todos os participantes se integraram em, pelo menos, um dos eixos, mas, passados alguns meses deste trabalho, percebeu-se a total ausência de ações realizadas, exceto pelo início da compostagem e o estudo para localização da horta, o qual pouco contou com a participação dos pertencentes à escola, a não ser pelos “colaboradores externos”. Isso abre a dúvida sobre um pouco da ausência de preocupação prática dos educadores. Destaque ao Harmonia na Terra que vem coordenando tais ações com a horta (era vinculado à ONG Klimata - estudos e defesa ambiental).

A sua diretora relatou que tal processo mostra que a “aprendizagem não se dá só na razão, mas no

corpo e, por extensão, na emoção”. Vale destacar que toda essa ação revela uma abertura maior a outros vieses de relações internas e tentativas de cuidados com seus educandos presentes. Essa postura ficou localizada a alguns estabelecimentos da CE. Penso que essa forma deveria ser exemplar e universalizada à toda CE, afinal, tão quanto sabedoria, o planeta precisa de atitude(corporal) e sensibilidade(afetiva).

De modo diferente nessa escola, as oficinas de biodança visavam trabalhar a ampliação da relação sensível das pessoas para com outros semelhantes, por exercícios de dança e cuidados corporais. Aliás, o ambiente nessa sempre pareceu ser mais leve e tranqüilo, mesmo, em meio a tanta agitação infantil, o ritmo lá tendia a tranqüilidade. Isso se diferenciava na Lauro Muller, onde, geralmente, tudo era bastante agitado, onde até se procurava Ter boas relações, mas aí já de uma forma mais racionalizada e hierárquica.³²

Das escolas resistentes, em meio a toda represália orçamentária com a merenda orgânica, e que se articulam para manterem-se não tão distantes em suas práticas/projetos, de uma abordagem preocupada com todos os seres e/ ou com a alimentação saudável, está a AtB, com iniciativas de gestações de hortas internas (dentro os espaços concreta-mente materializados), as quais, principalmente, podem servir de espaço de aprendizado. A sua direção chegou a cogitar algumas vezes o fazer de um outro SS, original, e que rompesse, em parte, com o que a AGRECO vinha colocando. Quanto às hortas, percebemos as tradicionais formas de manejo presentes, demonstrando a falta de formação mais atual de seus educadores, apesar da orientação do Harmonia na Terra, que trouxe visões e práticas permaculturais e agroecológicas.

A con-vivência interna, que aparentou ser boa entre seus educadores, tinha simultaneamente momentos de conflitos, por diferenças ideológicas e/ ou programáticas. Deveriam passar, entre outras, por melhorias nas gestões ecológicas internas. Porém percebemo-as com poucos tempos dedicados a isso. Acredito, também, que percalços metodológicos se colocam para esses limites compreendidos, e os quais se evidenciaram ser mais pelos vícios da praticidade política. É o tempo (na e com a Vida) em falta novamente, e sem a clareza das superações/ priorizações econecessárias.

LAURO MULLER (LM)

Na escola LM, deve se destacar o “Projeto Protetores da Vida” que por certa des-organização, ficou com poucas pessoas, e com algumas ações. Tentando viabilizar a consciência do cuidado, trabalhando os educandos com tal propósito no interno da escola e das vidas que ali con-vivem, de forma a estimular o protagonismo juvenil, nessa sensibilização, assim como para Agenda 21 escolar(dizia um documento de tal projeto). Também realizavam os convívios integrativos, que eles chamam de colônia de férias. Esses eram aqueles espaços de integração e intercâmbio com as comunidades rurais da Encosta da Serra Geral, os quais eram tidos para atender a toda CE.

Alegava-se que este projeto trouxe muitas diferenças nos convívios internos da escola. Minhas observações-convívio notavam uma boa harmonização entre todos (educadores, educandos, administradores e merendeiras), mas pareciam ser de modo um tanto racional, e menos afetivada.

³² No Antonieta, tem-se o atendimento de médica pediatra e homeopata, e, portanto, colaboradora para que todos revejam suas idéias e práticas de saúde, já que a homeopatia pensa o indivíduo como um todo, cuidando das causas das anomalias, além de não fazer uso de elementos químicos e sintéticos. Mas esse mesmo cuidado(sintéticos) não é percebido nas oficinas de arte em geral.

Em relação a maiores atitudes *práticas* com todos os seres, não se percebeu tanta atenção, pois se, no ideal, coloca-se trabalhar a Agenda 21, na prática as ações internas são mais pontuais nas estéticas ambientais. Parecia que o humano era mais atendido prioritariamente. Não que fosse zerada essa preocupação, mas o que se vê para com os outros seres é ínfimo perto do cuidado humano. O SS é uma confirmação disso. A LM era a pioneira em tal questão, com toda defesa e orgulho mostrado. Então deveria ter havido mais profunda coerência na vivência deste, mesmo em meio aos limites colocados. Afinal, o SS era a aplicação da perspectiva ecológica da CE-FMMC, como disseram seus integrantes em outros momentos. Essa escola, como maior incentivadora, não levou além os propósitos práticos de tal projeto. Por sempre defender a exclusividade com a AGRECO, mesmo essa não dando conta da formação adequada, mostrou seus limites ecológicos.

Nessa escola, existem mais de quarenta (40) projetos formulados, porém, a maioria não estava funcionando. Parece também que as muitas parcerias vêm como bombeiros para livrá-los das difíceis situações, mas não tendo profundos critérios (não muito além dos humanicistas).

Um fato registrado, que merece destaque (na LM e AtB), foi que os educandos, massivamente, assumiram a prática de comer a merenda, após esta se tornar orgânica, dado notado pela diminuição do consumo dos empacotados industrializados, segundo relato da diretora adjunta da LM. Mas minha convivência em Grão-Pará, junto a seus educandos, colocou dúvidas a tal respeito, afinal, abusaram um tanto de tal relação (considera-se que podiam ser públicos de tempos diferentes).

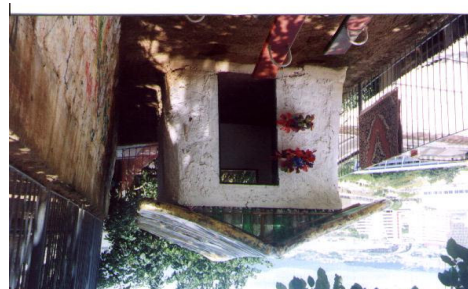
Seus educadores encamparam pouco o entusiasmo de suas diretoras. Dos cerca de 50 existentes na escola, somente um interessou-se em se vincular mais ao SS (isso, durante 2003/4, segundo suas diretoras). Sem formação de base não propiciada amplamente pela AGRECO, demonstrou-se a fragilidade que tal projeto teve. Exigir formação ecológica adequada de seus educadores passa a ser difícil, já que não se trouxe essa boa perspectiva por parte da AGRECO. Forma-se um ciclo vicioso, onde falta a formação profunda ecológica para se Ter clareza de tal ecoformação. Tanto quanto sermos críticos, devemos ser sensíveis (não só a econômica materialidade). Isso parece Ter sido bem parcial nessa escola.

CI – Cristo Redentor

Nesse, diversas ações socioambientais ocorreram, como horta, limpeza de terrenos próximos, reaproveitamento de materiais-reciclagem, separação diária de lixos trazidos pelos pais, a construção da casinha de brincar com garrafas pet e materiais usados, de pequenos sofás feitos com caixas de leite longa vida, etc. Tudo isso, ali no morro da Mariquinha, o qual possui uma linda vista da baía e pontes de entrada da Ilha.³³

³³ Essas ações todas trazem, também, a preocupação com a organização e envolvimento dos pais/ comunidade, e, com as crianças fazendo junto, vivenciando em teatros, bastante conscientes e exigentes de coerência pelos adultos, o que pude constatar em meu próprio acompanhamento, já que as crianças tiveram uma roda de bate-papo comigo, junto de suas educadoras, onde deixaram fluir tais questões (além de terem, sem ensaio, apresentado para mim a música e as idéias centrais do teatro - essa que está no anexo).

Vários flashes da construção da casinha de garrafa Pet que aconteceu no CI – Cristo Redentor. Da base inicial para o levantar das paredes, da inauguração e a linda vista que ela acompanha. O processo envolveu algumas lideranças e educadores locais, além das crianças.



A foto embaixo(direita) mostra as crianças envolvidas em plantação de mudas, e já que os espaços são escassos, abrem-se todas as brechas para essencial ação. Assim eles plantaram em frente ao meio fio da parte frontal do CI. E abaixo as crianças do GT-5 em ato contra a violência e a favor da dignidade de todos, onde representaram a questão do cuidado com a re-utilização das embalagens.



Durante atividades de formação, tais crianças (do GT-5, turma de cinco anos de idade) executaram brincadeiras, desenhando e imaginando como gostariam que fosse a área do terreno que todos estavam limpando/refazendo, na frente do Centro Infantil. Dessa forma, já eram formadas a pensar suas contribuições enquanto cidadãs planetárias. Elas foram visitar o antigo lixão, na Palhoça, às margens do rio Cubatão, e puderam ver a quantidades de danos causados nas bordas da fonte de abastecimento da Grande Florianópolis.

Tudo isso tem forte pesquisa e organização no GT – 5, encaminhado pela responsável da turma. O interesse desse foi com a “preservação (local) e re-aproveitamento/reciclagem de materiais”. Como a sua diretora colocou, “estamos com a escola dentro do morro, é diferente da maioria”. Ela queria afirmar que o

estar ali dentro compromete e aproxima mais, faz com que se ganhe mais possibilidades para o envolvimento comunitário, e mais base para traçar ações adequadamente sensíveis com tal público. Ou como disse sua educadora, “com noção do contexto onde você está, trabalha o concreto da criança – a reciclagem – em projeto atingindo toda comunidade”.

Percebemos o grande exemplo para a CE, que se germina ali no CI, afinal, os educadores são articuladores de projetos (socioambientais, no caso do GT-5), os quais transitam diversa e concretamente nas teias da transdisciplinaridade, já que não presos a *burrocracias*. Talvez se a CE fosse mais atenta e observadora desse CI, com certeza já teria passos mais concretos e avançados para pretensa mudança da relação curricular, mas, no que percebi, deixa-se a desejar em tal relação, pois se prioriza mais algumas escolas do que os CI's, por mais que não se assuma isso.

Na tentativa de sensibilizar as famílias, além da questão do uso de fraldas não-descartáveis, teve outra ação que organizou o cuidado com os reciclados, tentando viabilizar uma cooperativa de reciclagem, na qual os pais pensavam em tentar um retorno financeiro para suas vidas.

Refletindo toda delicadeza de tal relação no cuidado para a não sobreposição do econômico ao ecológico, deu para sentir, lá, que isso não foi tão garantido, afinal, disse sua educadora, “já que as famílias são pobres...”. Percebe-se o ecológico como um paliativo, pois, novamente, está em primeiro lugar o econômico, a materialidade para a sobre-vivência. Mesmo com o argumento de que esses são elementos concretos para re-problematizar a sua vida, é um equívoco metodológico, continuar com o econômico como carro chefe. Por mais que isso seja uma construção histórica e esteja sedimentado no imaginário como normalidade, contraria a saudável lógica da vida harmoniosa. Enquanto nos mantivermos no argumento da pobreza material, até como apelo sensibilizativo para defesa do humano, mostramos que não entendemos a estruturação da Vida no planeta, e pior, influenciaremos o apressar de nossa auto-destruição. Eis o papel ecoproblematizador que cabe aos educadores, em suas mediações ecopedagógicas. Respeitar a biodiversidade ante a diversidade.

Tal comunidade educacional foi chamada a ajudar construir uma casa de brincadeiras no CI, feita só de garrafas pet (com o apoio de um técnico da CGA/UFSC – mas enquanto pessoa) . Alguns pais se envolveram com funcionários do CI e as crianças, todos coletando tais garrafas, e, em alguns meses, a casinha foi inaugurada. Na inauguração, não se perceberam muitas relações e possibilidades que tal processo traz, não se aproveitando a quantidade boa de pais e comunidade presentes. Será que foi um reflexo do interesse só de alguns da equipe, ou des-atenção?

Um questionamento que surge diante de todas as vivências é: “Em relação às perspectivas de menor condicionamento nos diversos trabalhos, em busca da auto-sustentabilidade, que estão aí sendo encampadas, as crianças dos CI's (estão) são mais livres e cooperativas por ainda não estarem tão enquadradas pelos currículos normatistas e burrocracias escolares? E as do ensino fundamental, estariam bastante enquadradas por esses mecanismos? Na natural liberdade inicial, não seriam mais fáceis de ser trabalhadas para a interdependência, pois ainda não estão barbarizadas pelas doências culturais tecnocientíficas e artificializadas, (que se distanciam de aprendizados dos equilíbrios ecossistêmicos universais)?”

Isso trouxe um referencial interessante de comparação (aos demais estabelecimentos) quanto à liberdade e não enquadramento dos interesses dos educandos às posturas mais naturalizadas. É fundamental a CE e toda educação evidenciar isso para re-formular os atuais e limitantes enquadramentos estruturais e curriculares. Lembrando que este CI traz uma atenção a mais com a alimentação - sua gestora muito incentiva as merendeiras para possíveis variações, atenções e cuidados, no fazer e no servir. Some-se a isso a organização de certas áreas (nos espaços reduzidos) do CI e da comunidade, para cuidar da terra, compostagem e re-utilização, tendo hortaliças e ervas medicinais plantadas. Muito apropriada as escolhas dos locais para tais canteiros e compostagens, pois ficaram na beira da rua, à frente do CI, ou seja, à mostra da população local, que pode ir se apercebendo de tais atitudes.

Percebeu-se uma possibilidade de melhor entrada ecopedagógica nesses espaços, pois ainda não viciados, mais do que isso, abertos a ir atrás de perspectivas novas e mais orgânicas ao natural.

O Tempo da Formação – Organização e Parcerias

Até 2002 a formação dos educadores se baseava principalmente, em assuntos da conjuntura e macro-educacionais. Em 2003, iniciaram-se as práticas de oficinas por eixo de formação, porém, havia muita inconstância e rotatividade dos educadores nessas. Ao mesmo tempo, davam-se os primeiros passos para maior aproximação com questões mais pertinentes às comunidades. Em 2003, a CE-FMMC assumiu o lema **“Re-escrever o mundo com lápis e não com armas”**, em alusão e tentativa de superação desse contexto e relações de forte violência que os permeia. É um lema que trouxe símbolo forte, e inspirou diversos trabalhos e atos, o que baseou internamente muito da formação para a Paz.

Em 2004, agora, oficinas de formação continuada, ganharam novas incorporações e aconteceram descentralizadas, e com cada educador podendo fazer só uma. Como muitos abandonaram tais formações - pelas diversas incompatibilidades e o corte de verbas – debilitaram-se tais formações e o co-letivo, afinal, não podendo trocar, restava desistir. Na (não eco) lógica da motivação titulesca, que contamina quase todos os envolvidos com processos de formação, ao não receber o certificado - premiação da sociedade competitiva - sem ser com 100% de participação, resta a ausência.

Pensando o contexto de conturbadas e frágeis formações com que se encaminharam as políticas educacionais nacionais na nossa história, a totalidade dos entrevistados revelou-se/assumiu-se (de) formado por perspectivas não ecologizadas, ou seja, antropocêntricas, mostrando que em cada centro respectivo de vossas formações passou longe tal preocupação.

Quanto às oficinas, foram divididas em: sexualidade, violência, meio ambiente/ecopedagogia, saber e sabor, biblioteca, informática, inter-racial, comunicação, formação política e economia solidária. Com essas passando a serem frutos das demandas dessas comunidades, a intenção dessa comissão era torná-las interdisciplinares, espaço concreto de debate e encaminhamentos aos problemas da comunidade. Porém, essa inserção trans/interdisciplinar ainda é o desafio e foco de debates/construções. Sentiu-se falta de linha orientadora para tal política, já que era uma das fortes questões que se colocou na CE nos últimos tempos.

As dificuldades conceituais também ocorreram. Uma educadora da LM trouxe: “Ecologia tem que estar inculcada interdisciplinarmente. Teria que ser na disciplina de políticas públicas”, evidenciando contradição, como também, o “cuidado com a vida - ética planetária - é o que deveria estar sendo contemplado no currículo” e, “de forma transversal, em todas disciplinas”. É o disciplinarismo inculcado.

A constatação do não avanço simboliza a dificuldade com a interdependência, já que esta é base na relação interdisciplinar pretendida. Se não compreendemos o planeta e todos os seus seres interconectados vitalmente, continuaremos com baixas assimilações transdisciplinares.

Destaca-se o eixo meio ambiente, que teve o propósito de dar conta a partir do referencial da ecopedagogia, mas, com os cortes de recursos, tal projeto ficou descaracterizado desde antes do seu início, dando a tal ação um caráter mais de curso do que de mobilização ambiental e projetos nas escolas como se pretendia. Foi uma grande baixa que impediu a CE de avançar em tal perspectiva (e) *prática*, que daria um salto no fazer socioambiental do Maciço. Contribuiu para a manutenção do senso comum ecológico - interno.

Evidencia-se a não-priorização do cuidado a todas as vidas, pois a pouca participação nessa oficina se deu a des-conhecimentos e pre-conceitos com tal olhar, que se declarou em alguns momentos, numa escola investigada, devido a posturas políticas mais fortemente materializadas.³⁴

Além do foco na Ecopedagogia, buscou-se desenvolver a percepção de escola sustentável, a avaliação processual e participativa e a articulação com as outras comissões. A metodologia utilizada procurava estabelecer a troca de experiências entre as escolas, o diagnóstico e a revitalização de projetos socioambientais, além de realizar atividades pertinentes ao tema desenvolvido e os círculos de debates.

O programa foi o seguinte: Contextualização socioambiental do século 21, Ecopedagogia e educação ambiental, Alfabetização ecológica, Ética e estética na educação e A boniteza: ensinar e aprender na alegria.

Um fato a destacar foi a diferença percebida entre os professores de educação infantil e os do ensino regular. Os primeiros trabalham mais com o ambiental na prática, têm mais entusiasmo e se sentem mais motivados a pesquisar, criar novas metodologias e compreender a realidade do aluno.

Os educadores não se mostraram muito orgânicos/ participativos no FMCC - eventualmente de um ou outro diretor. Isso vem colaborando para um certo enfraquecimento (admitido por muitas lideranças) do FMCC, também mostra fragilidade interdependente nas internas relações políticas, pois se seus integrantes (CE) não dão o exemplo e não chamam para a imprescindível participação, quem o fará?

Já no referente à CE, a maioria, mensalmente, ia às capacitações, porém, a tendência de um certo esvaziamento era sentida. Isso foi avaliação unânime na comissão. Aos que se dispunham estar, muitos sempre chegavam com atraso nas atividades, ou saíam antes. Já, quando o assunto era ato público, os que participavam iam com algum entusiasmo. Será que seria só falta de tempo (prioridade) de todos, ou eles não se sentiam (obrigatoriamente) pertencentes ao Maciço/ CE? A falta de clareza do projeto do FMCC pode ser um ponto de explicação (não único) determinante para tal ausência, afinal, parece Ter havido dificuldades

³⁴ Menos de 50% dos estabelecimentos envolvidos com a CE participaram assiduamente deste eixo - dos três locais mais observados por mim, somente o CI - Cristo Redentor participou ativamente. Do total inicial de inscritos, apenas 10% foram até o fim. Recebeu a assessoria do projeto Harmonia na Terra, que mesmo com os cortes, cumpriu quase o todo estabelecido. Destaco o empenho do Guilherme e da Patrícia, aos quais sou grato pelas informações aqui descritas.

de se fazer chegar a todos os educadores na CE.

O projeto Colônia de férias, e os intercâmbios, eram projetos da LM, e estão acima representados. A primeira foto é dos protetores da Vida, em Rancho Queimado, na Encostas da Serra Geral. Portanto estiveram envolvidos outros educandos/educadores nessas. Mais do que mostrar uma soma da CE para acontecer o SS, mostra uma certa “força central” da LM nesse.



as outras fotos são do dia do lançamento do projeto SS em parceria com a Sebrae, em 2001. Com diversos dirigentes presentes (da CE-FMMC, da Sebrae e do governo estadual). A faixa abaixo levanta um debate. Além do alimento saudável, a formação é essencial para se rever hábitos e (bio)culturas. Mas para isso outras formas de organizações socioambientais são econecessárias. Eis um limite no SS.



O tempo/ dedicação para a organização, serão mais avaliados agora. Trago a reflexão que um dos articuladores levantou: “a vida tranqüila, é mais tempo para mim e meu trabalho mais saudável...”. Quando esse coloca “meu trabalho”, está querendo dizer de certo modo, para minhas livres produções, não escravizadas, já que o mesmo, em outra resposta apelou às “condições de tempo” para esta vida produtiva, dizendo que a “sobrecarga de trabalho” é uma limitação laboral e docente; re-forço, temos de colocar a Vida ecossustentável antes do produtivo, e não o contrário.

Chamando atenção ao tempo natural (intencionado ao re-conectar do puro tempo da Vida) , começo por tal apelo no AtB “a escola pode ter mais vida, saúde e aprendizado se adequar ao tempo natural”. Esse é o anúncio de que só teremos mais e melhores condições, se re-adequar-nos nosso tempo (e espaço) àquilo que é a sintonia planetária/cósmica, ou seja, aos biorritmos que nos garantem a Vida. Isso é crucial para o re-estruturar educativo. Outra educadora dessa escola disse: “humano também tem seu tempo- é questão de espera e respeito ao ciclo da vida”. Dá para “trabalhar a linha do tempo” - colocou-se por educadora no LM. Olhar a “maturação do tempo da terra”, eis a indicação de um dos articuladores da CE. Quando coloca-se o

tempo da terra, este tem dois e intercalados sentidos: o tempo da produção humana (cultural não naturalizado), e o tempo da Terra (planetário) , o qual traz o ritmo e as frequências da Vida, ao qual devemos nos sintonizar, e o único que merece nosso respeito e obediência, e que deve determinar o outro.

Relaciono a uma fala que imagino ser bastante corriqueira (em nossas vidas) da educadora do CI, que disse: “meu problema é que os horários se chocam”. Pensemos: “Se há um ciclo de tempo constante e ao qual podemos intercalar um ecossustentável viver, por que estamos nesse estresse de sobrevivência? Estamos sempre empurrando com a barriga a relação de prioridades à Vida? Ah, modernidade... anti-sustentável. Como podemos nos lançar o querer “lutar/ cooperar pela vida”, se continuarmos presos aos tempos e (não eco) lógicas anti-vida?” - seguindo cegamente o discurso por empregabilidade, que abusa degradantemente contra as diversas relações e qualidades vitais?³⁵

Quando ajuda trazer o elemento do tempo da Vida, e associada a práticas de simplicidades conviventes, em comunidades ecossustentáveis, a ecopedagogia é um caminho urgente para o re-encontrar-se do humano natural; “afinal, a escola tem que se adequar ao tempo natural”, e “sem deixar se perder nessa correria insustentável”, diz educadora do AtB. Essas falas trazem boas reflexões, mas, de modo provocativo, indagamos: “A CE (e toda educação) des-respeita essa máxima temporal, na convivência com as estruturas arcaicas, por que? A educação quer nos destruir?”.

Quanto ao tempo e a formação, uma educadora do CI põe mais lenha nessa fogueira: “A sociedade esperar esse tipo de formação, não vai evoluir assim tão rápido, e esse caso é emergente” Ela se referia à formação antropocêntrica, como limitadora para o re-fazer planetário. Este pede ultra-urgência. Sabemos que a educação ocorre a passos lentos, eis a grande questão. Debater cansativamente nossas teses, ou perceber (para preservação das condições de Vida) que, com todo o saber ancestral e ecológico acumulado, precisamos muito mais ativar nossas “práxis ecossustentáveis”, com primazia urgente?

A relação com o entorno próximo, com a realidade mais presente, o “tempo da escola e do morro são diferentes, realmente. É uma quebra conceitual, um propor-se a ousadia”, diz um dos articuladores da CE. Tal relação inverte as formas e pensamentos atuais, quebrando certas lógicas “des-naturalizadas”. Tal “cuidado temporal educativo” foi percebido em pouca escala, prevalecendo nas escolas e CE um apego ao ativismo (seja política e/ou ecologicamente (in) correto) . Percebe-se o quanto isso tem limitações de aplicação política-educativa. Exemplo: o currículo a ser mudado. Se houvesse percepção ecológica profunda, a ousadia pela Vida prevaleceria, com um ecoócio *práxico*, de obediência planetária.

Outro exemplo é que não se passou muito da proclamação ao detalhe do tempo diferente da produção dos orgânicos, já que as estruturas gerais e rotinas reveladas continuavam submetidas às doentias e estressantes formas de fazer a educação. Algumas das escolas observadas, até intencionavam algo em torno disso, mas faltavam clareza formativa e postura mais radicalmente amorosas, portanto, rompedoras.

Essa convivência com as exigências escravas de se fazer um processo educativo, mostra o mito do trabalho enobrecedor prevalecendo.³⁶

³⁵ Falar em revolução e bater cartão atrás do salário e/ ou diploma sobrevivente gera acúmulo histórico pró-Vida ecossustentável ?

³⁶ O trabalho deve ser tanto enobrecido, por todos nós que nos dizemos críticos? Ou sendo mais do que críticos,

O FMMC e CE mantêm **diversas parcerias** para tentar garantir o atendimento de sua população e a melhoria da formação de seus educandos. Percebe-se, hoje, que muitas escolas (não só do Maciço) estão aderindo ao “encampar de inúmeros projetos”, o que vem gerando uma sobre-carga dispersiva de demandas, que nem sempre são justificáveis. Isso pode ser decorrente da falta de formação filosófica ecológica. As tantas parcerias e projetos que (invadem as escolas) se assumem a um bom propósito, ecologicamente falando? A falta de visão de eco-totalidade pode ser uma explicação para as dependências dos parceiros que se demonstrou existir. A urgência e escassez de recursos que se tem, em contexto geral, fazem com que se abram fontes de recursos muitas vezes excludentes. Sem duvidar da honestidade - nem sempre o politicamente correto (segundo um histórico senso comum e/ou científico des-ecologizado) está ecologicamente adequado – questiona-se um certo pragmatismo anti-ecopolítico/ ecopedagógico.

O surgimento da ADESS, que começou a operar em 2003, tentou fortalecer as ações de articulação do FMMC, como um eixo executivo, gerenciando com seus diversos parceiros, diretamente, todos os projetos contidos nas diversas comissões. Ela seria formada tanto por lideranças comunitárias, de todas as comissões do FMMC, como de assessorias técnicas externas, e viria reforçar a atuação deste Fórum, como proponente de políticas sociais públicas, que garantam a qualidade de vida e o desenvolvimento sustentável (DS) do Maciço (dizia seu documento) . Essas eram fundamentais ao FMMC, mas sua inércia vigente ficou dependente de parceiros e agentes externos, o que acabou sendo um empecilho para o livre avançar.³⁷

Esse ponto é delicado, cabendo uma atenção especial, já que, nesse contexto de não clara e objetiva formulação de projeto e política pública (só intencionados em documentos internos, pouco apropriados pelos educadores) , pode-se indagar: “como garantir o atendimento conectado a intenções centrais do FMMC e CE, quando não se tem essa clara postura coletiva, enquanto comissão? Como avançar em qualquer coisa, se a tal agência se atribuía muitas responsabilidades e afazeres, mas essa pouco se efetivou?

Não se pode deixar só para tais ONG’s/parceiros, o encaminhamento político-educativo. Afinal, percebeu-se que não há um profundo debate e interação da CE com seus diversos parceiros, acontecendo mais ou menos como já citado antes: “o que for para beneficiar o aluno, tá valendo”.

Várias falas indicaram, tanto na questão financeira, como na sustentação das políticas públicas, que há uma velha passividade estadista, onde só se espera do governo: “sem dinheiro do governo, é difícil”.³⁸ Pensando em geral, o papel de política pública, não pode ficar somente preso em formas estadistas de gerenciá-las, já que interesses privados estão bem situados nessa “máquina”. Temos que construir políticas

sensíveis, não deveremos re-pensar nossa forma de olhá-lo/ considerá-lo, como a um ser livre e co-operado ecossustentável? Os educadores não deveriam (também) ter a máxima liberdade e tranquilidade para elaborar cooperadamente seus processos, já que esses são desafiadores para a superação de nossas situações degradantes? Tal questão será aprofundada no Elo – Palavras que Fluem.

³⁷A ADESS também veio na tentativa de contribuição para implementação do Estatuto da Cidade; a elaboração de proposta própria de plano diretor ao Maciço; promover direitos estabelecidos e construir novos com assessoria jurídica, para suas organizações comunitárias; articular rede de economia solidária e estratégias de desenvolvimento sustentável

³⁸ Longe de não exigir o financiamento às políticas sócio-ambientais necessárias a qualitativa vida, e não defendendo um poder público (que chamam de Estado) terceirizado e/ou privatizado, quero chamar a reflexão para uma **atitude de resistência, através da eco-lógica de “obediência planetária” (ao (s) seu (s) ecossistema (s))** Com posturas pluri e permaculturais. É um re-inventar de políticas-públicas inter-espécies - popular e biocraticamente gestionadas. Essa

públicas e populares, geridas no popular, organizadas (ou não), onde as ONG's podem se fazer valer, sim, já que são partes do processo público, assim como o estatal e o privado. É eco-lógico, que devem estar, como qualquer outra parte envolvida/interessada, gerenciada por radical e sensível interesse biocrático (inter-seres), pois só assim pode se garantir o bem comum planetário.

A questão “parceiros” era sempre frisada por mim (nas entrevistas na LM), e re-insistida quando necessária, em relação a projetos da CE que pensassem em prol de “vidas/ relações ecossustentáveis”, e, mesmo assim, a insistência em citar projetos como a UNISUL, escola de remo, que pensam uma lógica de “encaixe de possibilidades ao mercado/modelo”, ou até de um resgate de auto-estima, mas unilateralmente só a **ilusão de seu bem-estar**.

A fragilidade formativa na CE, não teve um efetivo e ecologicamente claro projeto para a socioambientalidade que os toma.

SS/ Ecológico ou Econômico - Cuidando de Todos os Seres?

“Vamos continuar degustando passivamente esses alimentos industrializados (a grande maioria altamente calóricos, pobre em nutrientes e repletos de conservantes) que são servidos nas cantinas, lanchonetes, RUs e demais ambientes escolares, sem vinculá-los ao currículo escolar? (Tessaro, 2004, p. 2)

Saber e Sabor têm a mesma origem etimológica, é um querer “experimentar o apreender” Pode-se dizer que este projeto foi pensado para saborear e sentir, para adentrar qualitativa e ludicamente ao conhecimento alimentar, e tudo que articula sua produção e nossa existência. Ele foi fruto de uma palestra de “políticas públicas” do Fórum de Economia Solidária, que faz parte da estrutura organizacional do Maciço, o qual até ajudou articular esse.

Começamos a falar sobre este, referenciando-nos no documento da subcomissão da merenda escolar (em anexo), a qual era fortemente constituída na Lauro Muller, de setembro de 2002, onde se reflete que: *Alimentar uma criança, para além de responder as suas necessidades fisiológicas, é um ato profundamente carregado de sentido e de significado. Este ato pode combinar-se de forma direta com o projeto político (eco) pedagógico de uma escola ou de um conjunto de escolas. Por que não utilizar a alimentação como tema transversal? Afinal, não existe educação sem afeto, e nada é mais afetivo do que o alimento. Quer dizer: inclusão social, diversidade, oportunidade de escolha, respeito ao meio ambiente.* Todos esses princípios constavam de tal documento.

A articulação campo-cidade, em tese, procurou formar uma relação de solidariedade, que refletisse

nova e necessária postura, pouco se viu presente na CE (e mundo político em geral). Aprofundo vários desses questionamentos no Elo palavras que fluem.

em comprometimento dos diversos atores organizados, com a garantia de uma socioambientalidade sadia. Estas deveriam se preocupar com: “A saúde e bem estar alimentar de quem consome/ come, e as de quem produz. A intenção era de dar conta de qualidade de vida. Para tudo isso, abre-se a polêmica em vista da cidadania planetária. Não se pode mais separar urbano e rural em respeito a ecossustentabilidade.

Baseados em maiores saberes (agro) ecológicos, percebemos que essa parceria foi somente intencional, pois, para subverter essas relações anti-harmonização dos seres e para unificar e não excluir nenhum desses, é muito maior o contexto de re-organização do que somente a postura de agricultura orgânica e de mercado. Afinal, chegamos a esquecer que alimentos saudáveis precisam de terra saudável, de água limpa, de floresta em pé, de fauna adjacente, para garantir o equilíbrio entre o ambiente natural e o produzido, para garantir a saúde a todos e o planeta (como dizia o documento) .

Mas, parece, que não se teve a profundidade para colocar que se precisa também de outra organização, a qual, além de baseada em (pequena) agricultura familiar, deva também se eximir da relação absurda e degradante/expropriante com mercados, de todas as ordens, incluindo os alternativos “de” , e não “ao “ mercado financeirista e/ ou de tempo consumista.

Foi desse ponto da merenda orgânica, o qual envolveu a AGRECO, e contou com o suporte do Fórum Catarinense de Economia Solidária, que surgiu o meu perceber maior da relação ecologia-economia, afinal, os dois pólos são notáveis, quando se fala em produção e agricultura-ecológica.

Uma importante fala (de um de seus dirigentes) coloca que “A AGRECO tem nas escolas a sustentação de suas vidas para o não migrar. Hoje, eles (produtores) não visualizam o Maciço para vender seus produtos”, afinal, sabe-se que antes tínhamos “parcerias com os moradores para vender seus produtos”. Como essa fala era bastante recorrente na CE, vemos o quanto o olhar presente, por não ter um profundo conhecimento ecológico na formação acontecida, acaba se rendendo a determinação econômica – que limita nossa continuidade - pensando estar ecologicamente acertado.

Vejamos os objetivos deste projeto (SS), definidos em 2001 (junto ao vida rural sustentável/SEBRAE), e, ao mesmo tempo, vamos criticar alguns limites percebidos. Como geral, tivemos: “Construir o projeto merenda orgânica, dentro do projeto político pedagógico de cada escola, buscando fazer com que o ato de comer se torne um ato organizativo e exercício de cidadania; e, procurando, ao mesmo tempo, articulá-lo à relação da criança com seu meio nos espaços urbano e rural, homens e mulheres, natureza. Específicos: Incentivar o conhecimento sobre (saber) o consumo de (sabor) alimentos orgânicos; refletir sobre a importância da opção pela merenda orgânica nas escolas do Maciço e discutir a implicações no cotidiano escolar e na melhoria da saúde das pessoas e do meio ambiente, tanto no Maciço - local de consumo - como nas encostas da serra geral - região produtora; trabalhar no cotidiano escolar as questões ambientais, sociais, culturais e econômicas do Maciço Central e da região das encostas da Serra Geral, analisando as especificidades e as referências comuns. Isso ficou muito mais na idéia (e) não integrativa dessas diversidades; promover a integração de estudantes das escolas do maciço com os de escolas da Serra Geral; planejar, coletivamente, ações práticas, projetando e buscando implementar modelos mais solidários”.

Outras estratégias foram pensadas ao tal projeto: contemplar, no currículo, questões relacionadas ao

SS, na perspectiva de romper com práticas pontuais, fragmentadas e desarticuladas; viagens de integração às duas regiões; realização de coleta e distribuição de materiais sobre o tema, para subsidiar a todos; elaboração de materiais didáticos; ampliação do número de escolas beneficiadas e das crianças - inclusão da educação infantil; e divulgação junto a outras escolas, aprofundando a sua discussão. O Projeto SS buscava, também, a formação de um consumidor-cidadão, que questionasse a origem dos alimentos, transformando o ato de comer num ato organizado e organizador, e ajudando a re-pensar a forma como estamos nos alimentando hoje, a fim de revalorizá-la em prol da convivialidade neste, com o tempo mais tranqüilo e degustador.³⁹ Muitos pontos positivos nas perspectivas deste projeto se colocaram, mas, outros, longe da profunda interdependência também existiam.

Quanto aos objetivos do SS, como era pouco claro para a maioria dos educadores/educandos da CE, muito não aconteceu. Percebeu-se o limite de não-posturas ecopedagógicas e não-perspectiva de cidadania planetária nas suas atividades e intenções. Como falar em solidariedade, sem ecossustentável integração? Seria só piedosa? Manter um no campo e outro na cidade é não sustentabilizar as perspectivas de eco-organização, é não integrar. Temos que escolher. Formar consumidor cidadão, ou, cidadãos que não consumam o planetário?

Após três anos do SS, seus princípios tiveram pouca vinculação nas diversas atividades realizadas. Caracterizou-se mais forte junto a alguns coordenadores/diretores, e, também, na LM. Um certo desinteresse, é a alegação mais presente por parte dos educadores, segundo afirmam tais diretoras. Foi mesmo sintomático, que entre diretoras e educadores, na quase maioria absoluta, um certo desconhecimento de questões internas do projeto SS. Isso não mostra um centralismo?

Sabendo-se da degradação existente, poderia se incentivar a pequena e/ou que fosse micro-minúscula agroecologia comunitária, para que nos imensos limites dos morros, acontecesse (sempre se é possível) algum manejo comunitário. O interesse no SS foi sempre mais unilateralizado, faltando a CE mais formulação ecológica, e a Agreco participar mais das problemáticas locais do FMMC, pois acabava sendo mais beneficiada nas trocas entre essas partes - diferentes e convergentes. O ecológico perdia-se fácil nessa relação, já que habitualmente as pessoas são levadas pelo economicismo em si.

Na sua perspectiva de Economia solidária, a AGRECO e a FMMC iniciaram semanalmente a Cesta de Produtos Orgânicos - parcialmente ecológica, já que se fragilizou por questões econômicas, não ecossustentáveis. Os produtos que compunham a cesta variavam durante o mês e o ano, de acordo com a estação. Mas isto ficou dependente do crescimento da produção e, especialmente, do consumo - ou seja, da economia determinando a ecologia. O que serve mais um vez para pensarmos até que ponto devemos continuar insistir nos modelos financeiristas que nos regulam e impedem a livre e ecológica re-construção planetária, e as ecoproductivas comunidades ecossustentáveis.⁴⁰

³⁹ Isso coloca em questão, o como estão estruturados nossos tempos? O que, ou quem os determinam? Também volta na questão do orgânico x agroecológico- já que nessa última, essa relação se aproxima mais, e tende a rumar para diminuição dos consumidores, pois incentiva a termos mais produtores auto(co)sustentáveis - diferente de auto-sustentados(economicista).

⁴⁰ Entre os objetivos iniciais estavam: consumir alimentos de melhor qualidade; incentivar a produção de alimentos saudáveis; apoiar o pequeno produtor rural; superar a atual atomização do consumidor urbano e do produtor rural;

AGRECO firmou sua parceria com o FMMC, quando passava por uma transição (crise) na sua forma anterior de relacionar-se socialmente, já que havia recém perdido centenas de associados, aí entrando mais forte nas relações com as agroindústrias, como alternativa dentro do mercado, como mostra tal citação: *As agroindústrias de pequeno porte foram importantes (...) os agricultores foram percebendo que a formação de grupos constituía a melhor maneira de se tentar aprimorar a qualidade dos produtos agrícolas, de processá-los conforme as exigências do mercado e de tornar o seu trabalho melhor distribuído, menos penoso e mais produtivo(...) se despertaram para a possibilidade de virem a ocupar novos espaços na mesma cadeia de comercialização onde estavam inseridos. Os produtos da Agreco passam a ser assim vendidos em mais de dez redes de supermercados (...) e, mais recentemente, começam a ser utilizados na merenda escolar (...) optou-se pela constituição de uma micro-empresa, Agreco Produtos Orgânicos Ltda (...) capaz de resolver os problemas emergênciais de comercialização.* (in. VIEIRA, 2002, p. 89 e 90). Será que isso balançou o ideal cooperativista?

Em outro pedaço deste mesmo texto (Associativismo e cooperativismo: o terceiro setor no desenvolvimento rural catarinense), colocou-se que *O enfoque comunitário e não somente individual, e a proximidade de mercados, a Agreco propõe então ao Sebrae Nacional a realização, na região, de um projeto piloto de des-envolvimento local sustentável, denominado VIDA RURAL SUSTENTÁVEL (...)*. A grande prioridade do programa (...) consolidar a experiência da Rede Agreco de agroindústrias, desenvolvendo ações que contribuam para melhoria da renda dos agricultores já engajados e, ao mesmo tempo, para abrir espaço à inclusão de novos. (idem, p. 91 e 93). Parece que o ganho de renda se colocou como principal motivador dessa parceria com o Sebrae - no trabalho com a merenda orgânica nas escolas do Maciço. O seu referencial no desenvolvimento sustentável (DS) já revelava alguma ânsia por mercado.

Se estiver parecendo absurdo o que estou afirmando, gostaria de resgatar que quando se entende ampla e claramente as possibilidades, e, principalmente, o significado para a vida que a ecologia profunda traz, não deveria ser com uma limitação estrutural/ financeira que se abandonasse práticas e princípios. Se isso acontece, é por que eles não existem, e/ou não são claros. Longe de ser injusto com as intenções internas, lembro que a permacultura re-ensina via agroecologia a re-organizar a Vida. Lembremo-nos que no tempo que o SS funcionou, a formação foi só para pequenas parcelas da CE, e com evidências de ecologia rasa como perspectiva de formação.⁴¹

A merenda/ alimento requer produção, mas não custos, pois a agroecológica e permacultural forma de produzir, re-ensinam naturais interconexões. Esse (**Saber**) **agroecológico** trás para todos a perspectiva de auto sustentabilidade - uma ecológica economia solidária, que permite a co-sustentabilidade. A Vida seria

contribuir para o estabelecimento de relações éticas no trabalho; evitar a degradação do meio ambiente; contribuir para a criação de trabalho para a população desempregada da periferia da cidade; realizar reuniões para analisar o tema alimentação e saúde e avaliar a qualidade dos produtos e o processo de entrega de cestas; constituir uma associação de consumidores orgânicos a curto ou médio prazo. Percebam o quanto eram dúbias as intenções. Uma boa, mas outras de visão des-integrativa se pensava, pois o meio ambiente está de um lado, e o alimento saudável “para o indivíduo”, de outro. É a não-interdependência a mostrar novamente.

⁴¹ Ecologia Rasa - Ler Capra, 1996, e/ ou o item sobre a ecopedagogia neste texto. Se fosse noutra perspectiva - ecologia profunda provavelmente o empenho e sensível criatividade para manter essa ação da merenda e formação, continuaria com muita luta, já que sentiria-se mais forte o apelo pela manutenção da Vida;

garantida, sem nenhum (ou pouquíssimo) recurso financeiro. Sem esse conhecimento formado, fica difícil viabilizar urgentes alternativas.

Nesse sentido, a AGRECO optou por não se relacionar com tais possibilidades agroecológicas profundas, como forma de pretender dar conta de atender toda a população. Ora, não se pode cair em ingênuos (ignorantes eco-lógicos) olhares. Quando se visualiza no sentido da ecossustentabilidade, a única solução (não paliativa - como mercado de orgânicos) é a re-organização local em pequenas ecovilas/comunidades ecossustentáveis e ecofeiras - no que a agroecologia se aproxima mais. Isso com conhecimento ecossistêmico, de um re-fazer total do Viver.

Percebamos, na citação seqüente, tal cumplicidade, quando se fala das *dificuldades que resultam de seu pioneirismo, sobretudo por Ter evitado o pequeno circuito de feiras- dominante em experiências de agroecologia e que, por isso permanecem limitadas a um pequeno número de produtores e consumidores- e por Ter escolhido desafiar o grande circuito, procurando inserir no mercado institucionalizado.* (VIEIRA, 2002, p. 95). *Apesar de sabermos que há mercados e mercados, enquanto mantivermos a ilusão e insistência nesse modelo gigantista, de (não eco)lógica produtora (vampirista)insustentável, continuaremos matando a Vida em nome da (ingênuo) sobrevivência/ subexistência, pois não há respeito interdependente.*

Ampliando tal crítica, Eros Mussoni (no mesmo livro, outro capítulo: Agricultura familiar: reflexão a partir de novas perspectivas) critica a vinculação ao mercado: *Tentar reconverter a agricultura familiar para produzir para o mercado (sem discutir quem é o mercado e quem determina o mercado) não seria o mesmo que tentar subordinar definitivamente este tipo de agricultura a uma lógica que não é a sua e, por implicação, negá-la concretamente? Buscar alternativas econômicas fora do agrário ou em nichos de mercado através da reconversão significa admitir que a agricultura familiar é insuficiente para o auto-desenvolvimento e- por suas características próprias- incapaz de se integrar (sem se subordinar) a outros setores da vida social (...) antes de se pensar em reconverter este tipo de prática agrícola (com suas qualidades implícitas) , o certo seria tentar reconverter a mentalidade monetarista e consumista que permeia um significativo conjunto de processos de tomada de decisão na atualidade. Talvez seja necessário admitir que a agricultura familiar é praticamente incompatível com o atual modelo de crescimento econômico. Seu des-envolvimento futuro deverá exigir uma revisão profunda do paradigma dominante de des-envolvimento que, sem dúvida, indica as dimensões da agroecologia e da sustentabilidade como fatores fundamentais de viabilização de um novo modelo agrário e de sociedade, considerado ambientalmente sadio e socialmente justo. (idem., p. 27 e 28).*

Tivemos ações diferentes acontecendo, mas não na escola que centrou o SS, iniciativas que já anunciaram outra preocupação. Refiro-me às hortas escolares. Mas percebeu-se um limite no avançar frente à constituição de hortas comunitárias, gestionadas nos morros, ou até em terrenos próximos de seu entorno.

A questão da não-migração do campo para a cidade, argumento bastante recorrente nas falas e no SS, mostra novamente a ênfase do econômico, pois a grande preocupação é com o “não inchaço dos morros”. Claro que isso é relativamente justificável, mas carece de maiores entendimentos. Quero chamar atenção (aos debates não-ecopolitizados) , é para a reflexão que trago da **reforma planetária**, servindo para a re-

estruturação do entendimento do nosso eco-organizado Viver. Se fazemos e pensamos por ‘diversa integração’ da Vida em interdependência, que fragmentação é essa, que continua milenar e culturalmente impondo a idéia e vivência, de que há o humano do campo e o da cidade?

Urbano e rural são insustentáveis e não interdependentes nem integrativos - vivemos sobre o mesmo planeta. São conceitos e práticas criados na lógica divisora cartesiana e economicista. A perspectiva de planetariedade ecológica não pode mais com isso conviver. Não se culpa os envolvidos com o SS, que, na boa fé (cartesiana/economicista, de esquerda ou direita) vigente, tiveram tal postura não biocultural.

Nessas lógicas economicistas, percebemos ainda que alguns educadores reconhecem que os aceleramentos das produções no campo são para garantir bastante ‘vendas e lucros’, e não, a Vida. Porém, ao mesmo tempo, não se percebeu, da parte desses educadores e CE, efetivas relações na perspectiva de práxis ecopedagógicas para o re-fazer da vida, com os tempos adequados e prioritários. Como a busca por coerência ficou a desejar, evidencia-se a falta de base ecofilosófica presente na (de) formação pedagógica vigente.⁴²

Se o FMMC/CE intencionava cuidar do não-esvaziamento de boas relações entre as comunidades envolvidas no SS, este deveria ter pesquisado mais sobre tais perspectivas de produção agroecológica. Isso incide dizer que tal formulação do projeto trazia mais potencialidades do que o só percebido e/ou executado pela CE. Se tivesse essa ‘sabedoria coerência’, não regrediria a relacionar com a merenda dos (envenenados) mercados alimentares e seus produtos sem cuidados nem articulações socioambientais.

O que o FMMC tentou estabelecer junto à AGRECO, não trazia esse rumo, acima, de profunda melhoria de qualidade de vida. Essa, nas atuais circunstâncias, exige muito mais ousadia, conhecimento e radicalidade eco-política. Mesmo que colocassem que “a ética planetária é um valor-base para a CE, e isso corresponde à ecopedagogia,” e ainda que “essa ética foi o que originou o SS, a partir da preocupação com todas e diferentes espécies”, afirmando que a resposta da CE para a questão da interdependência era o SS. Evidencia-se uma dubiedade, onde não se pensa na inclusão total do princípio ecológico e suas exigências, mas só como realização particularizada e pontual, num projeto⁴³

Resgatando e re-forçando a questão da temporalidade, é justamente esta, somada às questões da ecossustentabilidade, que podem indicar caminhos e re-orientar as possibilidades de continuarmos a viver, desde que re-conectemos as originais e saudáveis formas de (con) viver, a agroecologia ajuda-nos a re-ligarmos amplamente. Ela produz aquilo que é da época, tem cada coisa no seu tempo. Disse a educadora do CI: “ Temos de conhecer o alimento que tá na época. E, aí, educar primeiro quem manipula o alimento e o educador”. Os tempos para essa possibilidade de vida tem, na agroecologia, seu referencial, ela mostra sua eco-lógica pausada em seus tempos de geração dos frutos da Vida, que a orgânica de mercado (não profunda – agroecológica) não consegue.

⁴² Foi daí que me instigou formular (a menina dos meus olhos dessa pesquisa) o Eco-ócio. Em outros tempos, o alimentar-se saudável deve dar conta de contemplar diversos elementos da constituição dos seres socioambientais. A produção e cuidado com a terra (produtivo) , deve cuidar primeiro da TERRA planetária (relações entre Vidas) é repensar nossos espaços, tempos, modos de viver e formas de educar.

⁴³ Afinal, o desafio da práxis ecológica é bastante diferente em face da filosofia e/ ou “mito da transformação social”- presente no senso comum das esquerdas, junto à tendência (determinante) desenvolvimentista/economicista- de destruição socioambiental. O que precisamos é pautar nossas estratégias políticas em bases de “envolvimento universalmente transversalizadas” e não só pontuais.

A fala de um articulador traz mais elementos para pensarmos a comparação dos diferentes formatos do tempo (mesmo que ele se refira como orgânico): “O tempo da maturação da produção orgânica é diferente da industrialização capitalista. Os tempos da Terra não são tempos dos nossos processos produtivos”. Essa profunda questão existencial nos remete mais uma vez a imaginar que a ousadia deve nos acompanhar, na busca da superação da atual forma anti-vida e todos seus sistemas. Como educados seres, temos de exigir o livre tempo da co-operação - que a isso se voltem as estruturas de educação e ensino- não só a continuar distribuindo certificados ao “mercado mortal”⁴⁴

Temos reflexão fundamental que a educadora da AtB traz: “Acelerando a produção, para produzir bastante e barato, para vender à maioria de baixa renda, não está se respeitando o tempo da natureza” Encontramos, aqui, uma complexidade de relações envolvidas, as quais mostram que estamos sendo “fisgados por nossa boca” - egoconsumista e analfabeta ecológica, dona de uma antropo-economicista postura, fruto da mera pedagogia que vai nos fragilizando cada vez mais, perante nosso qualitativo existir. A idéia de econecessidades pode ser mais adequada, já que não des-respeita nenhum dos seres da cadeia ecossistêmica. São os mais sensatos caminhos para nossas Vidas.

Longe de nuances de variações mercadológicas, que as intenções de uma agricultura orgânica (não agroecológicas – permaculturais) ainda relativiza preservar, educar popularmente é criar autonomia, e autonomia ecológica é fazer o caminhar conectado à interdependência.

Educadora da Lauro Muller disse que “quando do início da merenda orgânica, percebeu-se uma elevação da auto-estima de todos, nas diversas comissões do FMMC”(fato concordado por outros membros), mas diz, também, que “como muitos diretores eleitos entraram depois, não batalharam muito o SS, o que ajudou a relaxar tal ação. É necessário melhor organização”. Mas essa não seria papel da CE também - ter exercido sua autonomia de pesquisadores e militantes? Percebeu-se que o SS sempre ficou mais na responsabilidade da direção da LM. Se o projeto era para toda CE, não deveria ter mais interesses e esforços para inter-relacionar e participar a todas escolas da CE (até para ser mais coerente com o propósito-interdependente) ? Mesmo que se diga que tal escola fosse mais interessada, se a proposta era para toda uma comissão, algo aí não foi bem articulado.⁴⁵

Dado fundamental foi o secretário da CE ter colocado numa reunião com a AGRECO, a possibilidade desta articular para voltar acontecer o SS, em 2004, assim como assessorar a capacitação de merendeiras/ educadores-educandos. Aí, o diretor da AGRECO afirmou que “sem o acontecimento concreto da merenda, enfraquece-se a razão de ser da questão: o alimento”, mas se o SS envolvia outras questões, que

⁴⁴ Temos que individual e coletivamente, **em nome da permanência viva, atuar em “obediência planetária com des- obediência civil”**. Ir vivendo de modo simples e construindo por popular educação a margem da estrutura capitalista ao máximo (em suas regras, lógicas, culturas e tecnologias) , e re-vendo o respeito inter-seres. Ver itens Ecológica economia solidária, e Obediência planetária.

⁴⁵ Deise, (ex) vice- diretora, foi a última responsável, mas passou sua função para frente, por questões de relação com a Agreco e por todo acúmulo de tarefas burocráticas e projetos. A escola piloto do SS, mesmo que alegando dependência dos recursos, teve no início do SS, um privilegiamento em centrar/ bancar mais a ida de seus educandos aos intercâmbios, afinal, suas entrevistadas colocaram que era “a escola que mais levou alunos- era sempre assim”. Coloca-se o esvaziamento do Fórum de Economia Solidária como outro foco de explicação. Tal fórum foi essencial na constituição de tal projeto, mas, pareceu que o foco **de tal rede de economia solidária ficou muito mais no econômico (não ecologizado) do que no solidário (inter-seres)** .

iam bem mais longe do que só o alimentar; todas elas sendo trabalhadas, não reforçariam/ampliariam tal construção e parceira ecossustentável? O fato da AGRECO não executar ações educativas, enquanto não se regularizasse o fornecimento da merenda, abriu muitas indagações: Será que só é possível acontecer a problematização dessa perspectiva educativo-alimentar com a merenda orgânica presente? Mesmo entendendo a questão da concretude lúdica/material junta, não seria interessante continuar parte desse, para tentar dar mais força pró-volta desse amplo financiamento? Envolvendo a comunidade/pais com maior clareza dessa, gerando hortas comunitárias, também não seria algo a fortalecer o SS? Isso esbarrou na desecologização percebida, a qual pouco consegue pensar de modo mais natural as subversões de tal escassez - alimentar orgânica ou de materiais didáticos, ações metodológicas, formulações de políticas, entre outras.

Mas, a pergunta que não quer calar, é: por que, após a volta dos recursos (mesmo que limitada, para amplo atendimento), os trabalhos não voltaram a acontecer no SS ? Se antes aconteciam duas vezes na semana tal alimentação, e a formação era feita, por que não fazer uma na semana, mas garantindo a formação, e da própria CE, com maior autonomia nesse processo? Afinal, se era a “menina dos olhos”, e que deu maior visibilidade para a CE, não compensaria tal função? Ou seria a sobrecarga, des-conhecimento e debilidade estrutural da CE, que não fizeram acontecer o SS de forma re-novada?

A AGRECO até chegou a apresentar sua proposta de custo para a merenda nessa reunião, porém, a mudança pretendida não contemplava bem as diretrizes educativas pensadas pela CE.⁴⁶

As movimentações políticas foram constantes. Com símbolos e formas diversificadas/ criativas, pouco ecopolíticas. Abaixo, adultos e crianças envolvidos e procurando chamar atenção da população transeunte.



Também, entre a AGRECO e o FMMC, existiu outro **emperramento do processo da merenda** - a primeira alegava uma não-compreensão do caráter sazonal da produção por parte das escolas, que pediam e reclamavam ao não verem atendidos todos os produtos pretendidos (já que não se consegue satisfazer a oferta de todo e qualquer produto, em todos momentos, devido à produção natural), e no não atendimento ocorrido por trocas dos produtos encomendados, de forma unilateral. Mas, parece, que a questão maior, e, isso, várias diretoras explicitaram, foi com o custo, devido aos poucos recursos disponíveis, de um lado, e os altos preços dos orgânicos, de outro. Assim, muito fragilizou o processo e parceria. Alegava-se, por alguns

⁴⁶ Algumas colocações desses: “o documento é ótima utopia, distante das atuais possibilidades da CE” (diretora do CI), e “é muito teórico” (diretora do AtB). Sempre houve resistência por parte de alguns em romper com a Agreco. Sabe-se que existem outros produtores nas mesmas regiões para viabilizar alternativas.

educadores, que não há mais tanto fornecimento de todo tipo de produto orgânico, já que a AGRECO estaria sobrecarregada no fornecimento a outras escolas do interior do estado, o que dividiria sua oferta em várias. Outra alegação de alguns diretores, era o de que aquela estaria “se perdendo” em todas essas “demandas mercadológicas”, que toda abertura pela merenda orgânica vem propiciando, e já não atuaria mais tanto como um projeto cooperativo, mas priorizando esse “nicho de mercado”. Outros diziam, que por atender muitas escolas, a merenda poderia ter preço mais acessível. Também a informação que poderia ser por conta de novo “filão”, que seria, agora, o “mercado do agroturismo”. São questões fundamentais, em toda essa teia de relações.

Segundo diretor da AGRECO, “os agricultores pensaram que se perdeu o caráter parceiro do SS”, e, ainda, afirmou que “com essa desorganização da demanda, desorganiza a produção. O que o agricultor ganha no Angeloni ou no Maciço é a mesma coisa, mas no mercado isso tem outro valor, aqui é diferente, é política pública. E a AGRECO tem cardápio pronto para o ano inteiro, é só re-organizarem os pedidos”.

Apesar da prioridade dita por ele na relação com o Maciço, o fato de estar atrelado ao mercado causa problemas em todas as relações, pois a boa intenção perde fácil para os des-mandos deste. Nossa história já está cheia de exemplos de ingênuas vinculações de boa-fé que ficaram perdidas na in-sustentabilidade.

Em fala num seminário na UFSC, sobre “Agricultura orgânica e mercados”, outro dirigente da AGRECO colocou que “as exigências de mercado dominam o processo”, mesmo admitindo que “deve-se ter uma inserção não linear”, acaba assumindo essa passiva relação, inclusive afirmando que “em dezembro de 1996, nasceu a entidade para re-fazer o quadro local (da Encosta da Serra) , na perspectiva do desenvolvimento sustentável”, ou seja, mesmo que procurando estar com a pequena agricultura e alguns cuidados ambientais, nunca foi negada a idéia de comercialização, e, além de disso, com o delicado e polêmico vínculo de certificação que esta assumiu. Não bastasse isso tudo, fechamos com outra fala do seu dirigente, no referido evento: “atualmente, a merenda é o atendimento no mercado institucional e no Estado”.

Tivemos, aí, uma questão (mais) econômica (do que ecológica). Temos de respeitar cada opção, mas como o foco é a interdependência(ecossustentável), então temos de alertar a CE que, calcado em profunda perspectiva ecológica, só é possível o caminho de uma agroecologia de não mercado financeirista.⁴⁷ Dependência é oposto e/ou diferente de interdependência – a fórmula da Vida. O movimento e dinâmica ecológica é interdependente, o econômico é dependente.

A ciência econômica convencional não serve para decidir nesse terreno (...) o movimento internacional pela agroecologia deve des-preocupar-se de considerações econômico de curto prazo (...)

⁴⁷ A questão da merenda escolar é um dos mais antigos programas sociais de governos federais na área da educação, datando o início por volta de 1940, donde se sucederam diversos programas. Porém, como política pública e de organização e valorização dessa vital articulação agroecológica, pouco se fez na história.

Em SC, o governador discursava bastante, dizendo que acontece o processo de inserção da merenda agroecológica. Mas na real, não foi bem assim, pois os recursos destinados a tal exercício, foram cortados diversas vezes. A diretora-adjunta da LM, falou que no governo anterior, em 2002, eram passadas 4 parcelas de R\$2000,00 só de PRODEME (programa de merenda escolar) orgânico, o que dava R\$8000,00 por ano. Em 2003, no novo governo, passou para R\$1400,00 por bimestre, e sendo meio para o orgânico e meio tradicional, o que demonstra um corte de mais de 50% . Em 2004, o R\$1400,00 continuou até maio, mas sem obrigação com o orgânico (só na propaganda) . Anunciou-se a volta da conta do orgânico, mas uma mísera (média) de R\$ 240,00 mensais- dificultou o fornecimento, mas não deveria ter inviabilizado tal processo.

devendo discutir a biodiversidade não em termos do dinheiro que vale seu uso imediato, mas, sobretudo, em termos de valor de existência, dificilmente traduzível em dinheiro (...), se pensamos que a mais importante razão para a conservação da biodiversidade é o potencial de co-evolução. (ALIER, 1998, p. 161/ 2).

O mesmo autor ainda reflete (contrário a AGRECO): *Está começando agora um movimento de defesa desses conhecimentos agroecológicos indígenas e camponeses (...). Os agricultores, quando dispõem de terra, dispõem por sua vez de uma fonte de energia gratuita, a energia solar, e dispõem também de água de chuva e de matéria prima para semear, e isto lhes dá uma capacidade considerável de resistência contra o sistema de mercado generalizado, já que podem retirar-se do mercado sem perder totalmente as possibilidades de existência.(p.263).*

Podemos fazer uma analogia, dizendo que a produção orgânica mercadológica, dentro a um novo olhar eco-político, pode ser considerado a social-democracia aplicada a agricultura, ou seja, reformismo que só alivia a "maldade cancerígena/mortal" da agricultura de insumos químicos/ tradicional- monocultural, mas que ao mesmo tempo, não se propõe a reverter a estrutura de organização sócio-política, nem da restauração e manejo amplos de suas áreas - como não ousa pensar além (fora) do mercado anti-sustentável.

Pensando a partir dessa profunda agroecologia, devemos ressaltar a ALIMENTAÇÃO ORGÂNICA como POLÍTICA PÚBLICA. Porém temos que exigí-la como educativa da Interdependência, que seja sensibilizativa para com todos os cuidados que suas diversas relações inter-relacionam. Isso requer política pública de re-qualificação dos profissionais a tal questão central que vai pedir coerência de vida - práxis ecológica/ecopedagógica – formar/ reforçar práticas interdependentes, imprescindíveis para planetariedade.

Os encontros de **INTERCÂMBIOS** eram chamados colônia de férias, e articulavam as comunidades rurais de pequenos agricultores, suas escolas e educandos junto às da CE - vinham na sintonia do SS. No início eram projetos internos da LM. Todos intercâmbios de 2002/3 foram bem avaliados na possibilidade de trocas, e por que estiveram em genuínos locais de produção orgânica (apesar de seus limites, difere muito da "envenenada"- agrotóxica), no que muito serviu para despertar algo- aos poucos educandos(em relação ao total) que puderam ir nesses.

O intercâmbio em que estive, foi pouco articulado pela CE.⁴⁸ Em 2004 o caráter envolvido neste já não foi tão rigoroso com os princípios colocados no SS, e como parecem Ter sido os anteriores intercâmbios. A intenção de sustentabilidade colocada, não era honrada, já que quase todos agricultores que participavam com suas propriedades, estavam com vínculos fortes tanto com a plantação de fumo, como com o reflorestamento de pinus. Somente um desses- que visitamos (foi informado ser o único da região) tem sua

⁴⁸ Tivemos encontros desses, por várias vezes, sendo que em 2003, foram três visitas dos "urbanos" aos rurais, e uma dos rurais para o maciço, as quais eram financiadas em parte pela Agreco - e contou com o apoio da Eletrosul para ajudar subsidiar tais deslocamentos- sendo que lá, o alojamento era todo coberto pelo projeto "Acolhida na Colônia", de agroturismo, junto à Agreco. A inserção e/ou vinculação junto ao projeto de "agroturismo" ganhou certa força no caminho que a Agreco estabelecia. Na realizada em 2004, só três escolas (AtB- só 2 educandos, LM e Pe. Anchieta – com a maioria) enviaram professores e educandos, assim como algumas merendeiras, que puderam ver vários aspectos da ruralidade, inclusive passeando de cavalos, tirando leite de vacas, fazendo trilhas e tomando banhos de cachoeiras e riachos de águas límpidas, avistando mirantes na serra (do Corvo Branco). Com mística realizada pelos educandos de Grã-Pará, sobre a origem do nome do distrito - Aiurê- foi fundamental, pois os educandos do Maciço falaram nisso várias vezes, refletindo sobre o conceito de civilidade, e a relação do branco com o índio (com o outro).

propriedade envolvida com agroecológica produção (e em agroindústria) de cana-de açúcar.⁴⁹

Ficou claro que os agricultores e organizadores de tais pousadas, estão envolvidos com projetos de lucratividade – em nome da sobrevivência humana - que causam problemas de longo prazo à Terra, e a futuras plantações. Apesar de ser um processo de construção, ficou evidenciado um des-cuidado ecológico nessa visita- por quase todos os membros da CE. Da mesma forma, no trabalho (eco) pedagógico dos responsáveis e acompanhantes dos educandos, pois durante os três dias em que estivemos juntos, poucas abordagens ecológicas, coletivas e planejadas/articuladas, foram feitas com o grupo. Parece que não foi algo intencionalmente pensado, e articulado como CE - SS, portanto, que não cumpriu com os objetivos maiores, de integração com produtores orgânicos, já que a AGRECO, não era presente na maioria dos locais visitados, somente na agroindústria de cana. Isso ajuda a evidenciar o quanto a equipe do Maciço era carente da formação adequada para tal fim. Isso mostrou-se também, no pouco questionamento percebido junto aos modelos dos locais visitados, quando seus profissionais educadores pouco intermediavam.

Muitos dos educandos colocaram que, pelo menos dessa vez, não tinham tido nenhuma preparação anterior dos motivos da viagem- revelando outro indício de falta com essa formação.⁵⁰

A (in)coerência de postura (central a intencionalidade educativa) ficou meio des-conexa. A maioria dos educadores compartilhavam muitos hábitos dos educandos, somente com abordagem moralizadora, do “não jogue o lixo pela janela” (conservadora, pois passou longe de questionar a origem das embalagens, e os produtos que contém nessa relação- já que os mesmos compactuavam da mesma prática de consumo).

Dificuldades Ecológicas

“Não existem recursos naturais para a ambição, mas para viver simplesmente.”

(Gandhi)

Se fizermos uma análise geral da CE, muito do que se almejava (e se pretendia) não saiu do plano teórico. Percebeu-se que os atos e enfrentamentos se caracterizaram muito mais na perspectiva macro-estrutural/ economicista, do que priorizando efetivamente um olhar holístico -ecologizado (mesmo que se

⁴⁹ A intenção de preservação que se intenciona no Acolhida na Colônia, junto ao agroturismo, não pareceu estar bem claro para os agricultores envolvidos, já que com o fumo e reflorestamento, acabam inferindo mais ataques ao seu meio, e causando sérios impactos- pelo maior rendimento e ganhos que essas opções lhes aparentam trazer, ou seja, o economicismo imediatista se sobrepondo nas relações da (sobre) vida. Assim como penso Ter faltado maior acompanhamento de técnicos mais específicos, a fim de colaborar na função transdisciplinar, pois muitas questões de ordem geográficas, biológicas, agrárias, ecológicas, por exemplo, poderiam ser trabalhadas de modo descontraído, nesse período juntos.

⁵⁰ Quando paramos o ônibus, em diversas vezes, com paisagens legais à frente (que até não poderiam ser interagidas diretamente) , muitos deles retornavam rapidamente ao ônibus, onde ficavam alheios a tais ambientes. Ou nas paradas para lanche, todos vinham com muitas embalagens/ industrializados e copos plásticos, os quais não eram tão bem cuidados assim. Com diversos compactuamentos dos educadores, a tv e seus programas juntos assistidos, inclusive (a alienação de debater o fictício- uma perda de energia em vários sentidos) - como novelas globais, e o “big-brotha”; as refeições com inúmeros copos descartáveis e guardanapos eram consumidos sem questionamentos por todos. Será que tudo isso colabora na formação pretendida pelo próprio FMMC - CE ? Não dificultaria e acabaria sendo uma fuga da perspectiva coerente? Afinal, como se pode pretender mudar algo, se não começo por mim mesmo (isso refiro aos educadores, e também a toda a comissão, que parece ter deixado a desejar na organização de importante momento- o que foi assumido por alguns verbalmente, e por outros pelo não envolvimento)

enumere algumas dessas intenções no modo do plano). Claro que o não sair do plano também se deve aos des-acertos internos da CE (a não nomeação e responsabilidade cobradas dos educadores com relação às políticas internas); e nunca deixando de referir, a dependência de recursos estatais.

Faltou à tal comissão o olhar orgânico e ecoterno (afeto e efetivo) ao inter-relacional contexto. Mesmo com a radicalidade bastante presente no enfrentamento da situação crítica que toma o Maciço - vivida nas diversas manifestações e atitudes da CE, face às degradações que as Vidas vêm sofrendo - essas careceram de efetividades ecológicas.⁵¹

Agora, como vários movimento-ações aconteceram na CE, serão um primeiro passo para pensar tal relação de radicalidade- afinal ecologia é acima de tudo relação (e a violência vem da anti-relação instalada, da insensibilidade degradativa e da exclusão de todos os seres) . Como muito da motivação inicial do FMMC e CE nasceram do enfrentamento do aspecto violência, é fundamental dizer que isso foi tratado não com a radicalidade adequada – das vidas interdependentes, eco-lógica.

Em raras e pontuais ações e projetos se pensou a violência e degradação de todos os seus seres conjuntamente. Sabe-se que projetos floresceram (principalmente junto a profissionais da UFSC, e algumas outras parcerias) , mas pouco vingaram e frutificaram permanentemente

Por outro lado, o apelo ao cuidado e defesa da vida humana, foi mais marcante nas falas e atos políticos realizados. O Fato do Maciço estar em uma área de preservação, deveria ser algo socioambiental e historicamente importante para as definições de estratégias e ações ecológicas - integradas.

Em meio a tantas, diversificadas e criativas formas de se apresentar no debate e manifestações públicas que a CE procurou fazer, junto com a participação de seus educandos, raríssimas vezes iam além da contemplação aos problemas humanos. Mesmo que citadas as preocupações com os demais seres (em algumas vezes) foram não correspondidos por ações que honrassem tal entendimento (como o não cuidado com os materiais lúdicos/ artísticos; com os lanches não saudáveis;....) - não dando atenção a todas as formas de violência, e mostrando que a sensibilidade ainda se choca mais com a “tragédia humana”.⁵²

Algumas exceções percebidas (com o risco de não ter observado mais proximamente várias escolas e/ ou eventos anteriores a 2003) foram o teatro musical infantil do CI- Cristo Redentor, sobre a viagem da embalagem, em alguns eventos; o dia da água, com as diversas expressões das escolas em ato público na defesa dessa – e que se repetem todo ano, além da I Mostra Ambiental do Maciço Central de Florianópolis (na Assembléia Legislativa, 04-06/06/2003 - Semana Mundial do Meio Ambiente) . Nessa, as escolas puderam explicitar os contrastes Morro-Cidade.⁵³

⁵¹ O problema do narcotráfico e violência, o plano diretor para o morro, o cuidado com suas áreas naturais, e todas as questões de educação popular que isso envolve, foram os principais aspectos de seu surgimento, mas que pouco efetivamente se ecologizaram.

⁵² Ex:Na avaliação sobre a oficina de ecopedagogia- na escola Pe. Anchieta, e do lanche lá servido - o qual não foi orgânico e nem em canecas- como havia se planejado - a majoritária atenção nessa, foi para o aspecto dispersivo de tal lanche, da bagunça e sujeira.

⁵³ Mais de 3.000 alunos participaram da Mostra expondo trabalhos, cantando, dançando, representando o orgulho de despertar em todos os outros visitantes a emoção e o reconhecimento de seu valor, mas acima de tudo, tornando visível e concreta a exigência de uma verdadeira integração cidade-macico através de políticas públicas para a qualidade da vida.

Todas as críticas levam em consideração os modos/ atitudes cotidianos, estando aí a verdadeira prova de fogo, pois mais do que o educar teoricamente, olhamos atitudes dos educadores pautadas na coerência ecológica Eis a questão (mesmo que paradigmática, não justifica a manutenção de tanta degradação) .

Não se aproveita educativamente as oferendas naturais das suas cotidianidades, pois não se articula essas com os conteúdos/metodologias e didáticas colocados. Mesmo que não bem estruturados para tal, teriam enorme potencial natural (o que inescrupulosa e economicisticamente outros autores chamam de capital natural) para re-sensibilização educativa. A forma como se trabalhou a relação aprendizagem - ensino, foi des - integrativa - mesmo intencionado a consciência ecológica, não foi além de rasa.⁵⁴

“A questão financeira pega para práticas sustentáveis”. Essa idéia prevalecente entre os entrevistados, teve um contraponto – de uma educadora do CI, quando diz que “falta de recursos é melhor, pois muito não tem piorado por falta de recursos”. Tal reflexão serve para perceber que quase toda materialidade e cultura vigentes são destrutivas de uma equilibrada vida na planetariedade. Porém, essa citação puxa para uma saída pela negatividade, ou seja, pela ausência do problema. Para o ir além, precisamos de muito mais vivências e valores ecocêntricos- da mediação política-ecopedagógica, para superar tal condição.

Pensando uma estética da organização, trazemos as reflexões mais próximas da Interdependência. Boa parte dos entrevistados trouxeram a questão de resgatar valores e práticas de simplicidade, do viver com pouco. É bastante prudente lembrar tal ponto, pois sem este não há ecossustentabilidade. O pensar na simplicidade merece parâmetros, e a Interdependência é uma ótima - tão quanto o des-apego à materialidade (insustentável) , deve-se levar em conta a não-exploração de nenhum ser da relação planetária, do cuidado com o relacionar-se não descartavelmente, das econecessidades, e não de modismos mercadológicos- que sedentizam as capacidades humanas, inclusive forçando nossos tempos naturais.

Muito desse discurso da falta de verbas, de estrutura, de espaço e recursos materiais- era como uma desculpa, dessa falta de conhecimento profundo sobre tais possibilidades.⁵⁵

Esta pesquisa critica e relativiza o espaço no mundo da ciência frente à arte e popular, afinal, essas duas últimas trazem mais a possibilidade de sensibilidade e cuidado. Educadora do AtB colocou: “seria mais feliz se o tempo fosse arte, e não dinheiro, nessa correria, e no calendário gregoriano” - isto pede outro entendimento histórico, contextualizado numa perspectiva bilionésima, o que forma melhor o ser ecológico.

Tais educadores e CE não têm demonstrado a ecosustentabilidade nas abordagens artísticas.

⁵⁴ Mesmo muitos dos educadores se assumindo ecologizados (nas entrevistas) , foram mínimos os retornos concretos. Não- interdependentes são as práticas de exclusão, e a CE por mais que num fórum popular e região empobrecida, não deixa de ter suas práticas excludentes (não rotineiras talvez) . Isso era revelação recorrente (nas reuniões e contatos que tinha), os quais informavam que gestos, olhares e atitudes de educadores e diretores, várias vezes constrangeram excludentemente seus educandos.

⁵⁵ Essas alegações já não são mais um imenso problema quando se tem uma visão e perspectiva permacultural e agroecológica (ecopedagógicas) , pois essas vêm resgatando das sabedorias passadas e ancestralizadas, todas ecológicas presentes e dadas pelos ecossistemas em geral. Imensas e exemplares riquezas a nós se apresentam **pelos “oferendas da natureza” (aquilo que vulgar e economicamente chamam recursos naturais)** . Basta estar “aberto e flexível” a tais relações, e exercer profundo zelo e respeito por todos esses “componentes da Vida”, que podemos re-descobri-lá muito mais, além de que, leva a busca de auto (co) sustentabilidade, que é hoje a maior forma revolucionária – e de quebrar aos sistemas.

Percebemos diversas vezes a simples e importante vivência de diferentes expressões- como já coloquei, não se atentou para a sustentabilidade de tal arte na relação com seus recursos utilizados.⁵⁶

Como críticas positivas- ao antropocentrismo- uma educadora do CI e do AtB que respectivamente colocam: "se for eu tenho que preservar para me preservar, é egoista"; e, "trocamos necessidades básicas por consumistas, que gera anti-vidas, sustentáveis de stress". Os seus cuidados, apesar de serem analisados em questões diferentes, trazem em comum o olhar sobre vidas mais ou menos saudáveis- mas revelam que se não for interdependente, é egoista e desse modo pouco preserva, pois estará des-equilibrado, assim como estarão as relações de mercado financeiristas que não giram a vida, mas a escravidão do consumo.

Como constante expressão e tônica de parciais cuidados, a "preocupação com uma pedagogia mais humanizada" que uma delas constantemente colocava, e a "tecnologia para relação mais equilibrada entre humanos", trazida por um dos articuladores, revelam esse des-cuidado interdependente - essa ecologia rasa.

Outra educadora- do CI diz "100% ecológico é inviável, pode acontecer na roça" Revela um pensar que por si só é contraditório, pois não dá conta do todo ecológico. Um depoimento de educadora do AtB, mostra esse mesmo relaxamento com as relações ecológicas, ao dizer "sustentabilidade é o sustento que o meio ambiente passa para o ser humano", e a "horta é para o futuro deles". Percebe-se uma relação de exploração e/ou uso unilateralmente pensado, e a instrumentalização dos demais seres aos nossos interesses.

As des-conexões foram muitas, e o olhar antropocêntrico casado com o economicista foi bem presente. Faço essa crítica articulada, para ajudar a desmitificar uma grande falácia. Refiro-me ao desenvolvimento sustentável (DS) . Olhando falas como dessa educadora do AtB, vamos "cuidando até as futuras gerações", esse olhar antropocêntrico desmascara bastante um dos grandes princípios do DS, e mostra que o mesmo se encaixa como ecologia rasa, afinal, privilegiar o olhar só para "gerações" é focar não interdependentemente. Lembremos que vários educadores da CE também se referenciam nesse conceito, e por várias vezes o colocaram. Isso não é só privilégio desses- o senso comum absorveu bem esse engodo. A mesma entrevistada traz que "não vai ter o que a gente usar daqui a pouco", revelando um antropoeconomicismo. Não há sustentabilidade profundamente ecologizada, junto de progresso e des-envolvimento. **"Des " é a negação do envolvimento, e o que sensivelmente precisamos é de um " profundo envolvimento ecossustentável" .**

Mais do que construir culturas e tecnologias destrutivas, precisamos conservar o que resta dos ecossistemas(conservadorismo natural, e não o moral), e re-fazer o que nossas antropocêntricas formas destruíram da harmoniosa vida. Por mais que não sendo a maioria dos entrevistados, mas os educadores da escola que puxou o SS colocaram várias vezes, que a função deles é trabalhar o DS, para o homem permanecer no campo. Manter esse distanciamento e fragmentação da vida (um no campo e outro na cidade), é péssimo para sensibilizar a interdependência e para manter uma ecosustentabilidade.

Ao considerar que " nossa clientela é diversificada- não dá para deixá-los à mercê do narcotráfico, e

⁵⁶ Ler Boff, 2000, p. 186/7; Ver sitio: www.movimentoecoarte.hpg.com.br ; Percebeu-se que não há total e clara convicção para adentrar em tal perspectiva na CE, podemos retomar algo essencial à vida, uma atitude de sensibilização profunda perante esta. Os potenciais populares dessa ecoarte, com certeza são fundamentais dentro do âmbito do Maciço, e com ele pode se somar no resgate da digna estima e condição de espécie.

sim ocupá-los". Essa ocupação que vai se revelando de qualquer modo (como nos falou componente do LM), não se mostra interdependente- já que estão muito fechadas na urgência da ocupação; e ao referir-se como clientela, traz a conotação econômica-mercadológica enrustida; sendo que a mesma trouxe as afirmações: "a consciência que é da natureza que tu vai tirar teu bem estar", revela o planeta como um "balcão de recursos", e soma com a educadora do Antonieta o "aluno perde vínculo com a terra, como meio de produção- preservar esse vínculo". Isso mostra termos perdido o valor da Terra como eixo e conexão da Vida, agora ela é só nossa "fornecedora". "Tu não pode trabalhar o ecológico com eles, tem que trabalhar muito a auto-estima deles- fica meio utópico." Percebe-se o quanto se atribui no fator estima, como algo intimidado ao ser humano e/ou unilateralmente pensado, e assim, não se reconhece o afeto, conexão e re-ligação potencial entre todos os seres e o universo cósmico, e de como tal resgate será mais completo e relacionado com a realidade do Maciço, se for pensado ecologicamente.

Focando as mostras interdependentes, apontamos que percebemos muitas dubiedades (confusas) e ambíguas colocações. Na questão de afirmar que dependemos de outros seres, do planeta e do ecossistema, foi colocada e confirmada por quase todos os entrevistados, inclusive para pensar o aprendizado.⁵⁷

Esses últimos relatos trazem em si a preocupação com a sensível relação ecológica e perpassam o imaginário de alguns dos educadores. Talvez o desafio maior seja com o colocar isso em efetivo andamento, transformar em política da CE. Afinal (re-afirmando) , ecologia se dá em relação, e portanto, a única concretude dessa é a prática ativa, mas no geral, essa falta de clareza foi percebida nas políticas da CE.

No CI também colocou-se a questão de "educar para diminuir e reutilizar"; mas tal ato, só será (I) , quando atender tanto os princípios acima- de simplicidade, o que quer dizer que só ser for para entrar num padrão mais orgânico e menos consumista de produzir, pois senão, é só novo filão de mercado sobrevivente.

Nesse re-organizar ecossustentável, temos ainda no CI fala que diz " ecopedagogia é o único caminho que consegue englobar as várias questões, trabalha várias disciplinas dentro". Ao mesmo tempo que apontou bem (com certa hipervalorização) , meio que contradiz e/ ou mostra a presença de velha forma (ã I) , ao colocar a perspectiva de fragmentação disciplinar.

Olhando as hipóteses, perguntas, objetivos e interesses inicialmente colocados, podemos levantar o que se contemplou, e não, no processo de investigação:

Apesar da aparente complexidade da observação, o que se resume dessa seria no aspecto de como os educadores abordaram as perspectivas políticas para a ecossustentabilidade. E nesse sentido, como viemos afirmando, a CE caminha com intenções de postular melhores condições de Vida e organização desses moradores e associações, inclusive tendo postura política bastante reconhecida externamente, também procurando estabelecer diversas parcerias e projetos para ocupar seus educandos. Porém isso quase não aconteceu no sentido de elevá-los à profunda postura a favor da Vida ecossustentável.

Uma certa dependência estagnante parece que tomou conta da CE- FMMC, pois quando as parcerias

⁵⁷ No AtB destacou-se: " Humano não pode aprender sozinho- sim em relação com outros seres". O que chama atenção inicialmente é a fala de outra nessa escola, quando diz que é preciso "ter troca em cooperação- principalmente nós que somos seres pensantes". O entendimento histórico e científico, desse princípio, só é dependente da nossa re-sensibilização humana para tal harmonia.

relaxavam, muitos projetos esmoreciam. A autonomia interna nesse aspecto era frágil. Mostra-se pouca organicidade interna por suas lideranças, o que é significativo ao se tratar de um movimento popular.

A utopia como eixo, a partir do "puro ciclo da vida- agroecológico", foram mal contempladas, já que os envolvidos na CE pouco tiveram a oportunidade de se formarem de modo profundo nas relações envolvidas no SS. Devido à importância alegada a este, os potenciais não aproveitados em tal, contradiziam tais intenções. Só podemos ter coerentes utopias (não idealismos inférteis), se vivermos a atitude prática do anúncio/ denúncia. Como tais educadores fariam, senão estavam profundamente ecológicos?

Os exemplos dos des-cuidados com a radicalidade referente à "alimentação saudável"- que algumas escolas mantêm, e nas duas oportunidades lá na escola Pe. Anchieta (oficina nutrição vital- 1/7; e debate com educação ambiental- com a distribuição de chocolates, e a conversa do mito carne) mostram a não-alfabetização ecológica existente com educadores e dirigentes, e a debilidade do SS, que pouco conseguiu abrir para tal coerência educativo-alimentar, pois se assim o fosse, haveria profunda e incansável aplicação como política interna e postura pessoal – com a busca de amplos debates e conhecimentos por todos na CE.

Frisa-se que se faz urgente trabalhar esta questão como política pública, em prol da ecossustentabilidade, afinal, vamos continuar mal alimentando e energizando (envenenando com agrotóxicos e cancerígenos dos conservantes industrialistas) nossos educandos (e a nós), e continuaremos tendo coragem de dizer que estamos em meio de processos educativos (ao todo no qual a merenda se relaciona), com qual coerência? Fechamos os olhos (e degustaremos passivamente aos venenos industrialistas e cancerígenos/ de péssima saudabilidade) , que se servem por todos estabelecimentos, que dizem se prestar a educar (hic!) ? Ou as produções educacionais pensam que a alimentação não faz parte do processo, que pode se resumir somente aos blá, blá ,blás pedagógicos- dos discursos de proclamação? Não relacionam com o debate sobre a construção de nova socioambientalidade, para além da visão economicista predominante? Se não educarmos para essa questão, não estaremos nos assassinando lentamente, e a todos seres?

Quanto à resistência ativa dos educadores frente às práticas de não-vidas que são submetidos, percebeu-se que as perspectivas de parcela determinante da CE- FMMC foram muito no sentido de garantir algumas posturas político- materialistas e/ ou economicistas - sempre entendendo muito pelo macro-econômico, ao invés do mega-planetário (mesmo em nome da vitalidade e/ ou anti-violência) . Ainda a educadora do LM, na crítica macro colocou, " é uma questão de capitalismo selvagem que mata um monte de gente", novamente atribui-se ao macro-econômico como um mal meramente vitimador de humanos, sem percebê-lo como degradante de todas as vidas. Outro exemplo vem de uma educadora do CI dizendo que deve-se "romper a cultura do bem-estar consumista- capitalista, pois se continuar, é auto-destruição". Esse centrar num certo olhar economicista, não toca no antropocentrismo, só percebendo no senso-comum da crítica capitalista. Se somos seres interdependentes, só aprendemos a total vida e relação na interdisciplinaridade- e esta só vai ser real e com amplo sentido, se holística e ecologicamente constituída, o que trás outro debate mais vital/ concreto para esta tão falada interdisciplinaridade. É a ecologia re-ligando e dando sentido à vida, educação e economia.

Naturalmente que se percebeu aquela certa dependência estadista, a que se deve a ideologias e/ ou comodismos (que esperam o paternalismo provedor) . Longe de reconhecer a necessidade da política pública, o debate é exigido por populares, ou seja, gerenciada e executada por todos os setores con-viventes.⁵⁸

Mesmo que a CE tenha conseguido criar o referencial de símbolo de resistência política ao governo- como foi dito em reuniões internas e relatos de dirigentes sindicais - estas manifestações também foram muito políticas, mas pouco ecopolíticas, ou seja, tentando ser democráticas, mas pouco biocráticas.⁵⁹

“Não estamos tentando senão defender o caráter pedagógico da revolução... líderes revolucionários de todos os tempos... talvez por preconceitos naturais e explicáveis contra a pedagogia, terminam usando, métodos que são empregados na educação que serve ao opressor. Negam a ação pedagógica no processo de libertação, mas usam a propaganda para convencer... Muito se falou em democracia, e pouco se fez na vivaz coerência desta- já que se depositou - bancariamente, tanto conteúdos conservadores, como críticos, os quais, pelo método, são tão retrógrados e opressores, quanto o outro... na verdade, o que pretendem os opressores é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime, para melhor os dominar” (FREIRE, 1970, p.59,66,69) . Nosso sensível educador ajuda a alertar que (mudam-se os shows, mas o circo continua o mesmo- e aí) métodos progressistas- na onda do iluminismo racionalista, que se diziam colocar a serviço da crítica, fazem a mesma (circo dogmatizador/ fundamentalista) prática educativa.

A CE não agiu de má-fé, mas seguiu (iludida – como muitos movimentos, entidades e educadores) com teorias e pensamentos que (não ecologizados – e com bases epistemológicas ainda anterior a tantas novas descobertas das ciências naturais) nos afastam das amplas formas de se relacionar com a Vida.

A ecologia veio para dar sentido capaz de re-vitalizar as trágicas perspectivas colocadas em todos os campos do saber e do viver. Exige o nosso re-ligar com o cosmos concreto, “re-ligare as origens da existência” é colocado por um dos articuladores que ainda diz “ Interdependência- só se reconheço alteridade do outro enquanto humanização da produção de sua existência e de todos os seres.” Alteridade deveria ser bioalteridade – o que se colocou subliminarmente nessa fala – um respeitoso equilíbrio inter-seres.

Ele afirmou também “a saída é um olhar em rede- perspectiva de horizontalidade, proposta de

⁵⁸ A revolução industrial – e a manutenção das indústrias no (não eco) sistema matou e vem matando a maior parte dos ecossistemas naturais e Vitais. Para a Vida continuar, não há mais meio termo, não há paliativo (face à urgência da re-constituição planetária) . Há que se destruir as indústrias e suas cadeias (comercialistas) decorrentes, junto a todo modelo a essas articuladas – de bases positivistas, estruturalistas, materialistas, economicistas, etc. Trata-se de filosofia política básica e ecocêntrica para ecossustentabilizar o re-fazer da Vida. As nossas oferendas Vitais – água, terra, ar (como exemplos essenciais) - nos alertam. Os comercialismos, que para satisfações ego-humanistas destróem com todas essas oferendas. Que círculo doentio e bestial é esse? Todos e cada um que lê este texto agora – vamos continuar coniventes com tais produtos da morte – não econecessários? Você continuará tomando refris, cervas, comendo enlatados, empacotados, congelados, laminados, ensanguentados entes artificeros (artifícios + mortíferos) ? Trato mais disso nos itens Biocracia e Unidos políticos.

⁵⁹ Percebeu-se nesse ano de 2004 muita dedicação a questões políticas da categoria, e pouco (priorizado) o da mobilização e relação interna com suas comunidades. Tendo o enfrentamento com o governo estadual um forte foco de atenção, e também as eleições do Sinte. A outra questão que muito demandou da CE, foi o debate e organização para as eleições (internas) dos diretores de escola - o princípio da eleição não era bem encampado por todos (minoría na CE) . Percebeu-se alguma preocupação com as garantias de processo de participação e debates em todas essas comunidades escolares, mas em nenhum momento tais perspectivas de gestões eram colocadas com a garantia de gerenciar biocraticamente, ou seja, de se preocupar com a comunidade escolar como um entorno socioambiental. Porém, várias escolas garantiram as eleições, e várias com antigas re-eleições. Isso mostra alguma debilidade interna na formação de novos quadros– claro que se reconhece que a legislação também atrapalhou tal perspectiva.

democratização do poder”. Isso se coloca impossível numa análise de holística horizontalidade- insistir na antropocêntrica demo-cracia. Só teremos horizontalidade quando encaminharmos biocraticamente as políticas. Notamos distância a uma ecopolítica biocrática, pois a CE caminha passiva em vivência democrática, e de modo irregular (por vícios metodológicos) , já que muitas coisas acabam não sendo definidas (por todo coletivo) como política do grupo todo, e muito menos com atenção a todas as Vidas.

Não se percebe que está se matando a vida em nome da (pobre e des-qualificada) sobrevivência. Não só se caminhou a passos lentos, mas em caminhos inadequados ao equilíbrio socioambiental local. A “dependência na economia, mostra o des-conhecimento da interdependência na ecologia e vida planetária”- (grifos de minha autoria) - onde se relegam vivências inter-seres, a plano não-prioritário, essas que nos dariam a real qualificação - e Vida.

Mesmo nos limites de um movimento popular, se este tivesse clarezas ecopolíticas, boas organizações metodológicas e decorrentes convicções nos afazeres, poderia se avançar muito mais.⁶⁰

As contradições(e sobrevivementismo) presentes em tal campo, suscitaram que antes de se cogitar revolucionar a política econômica, há que se exigir a superação antropocêntrica dessa. Pois para mantermos vivos, temos que superar dois grandes sistemas: o antropocentrismo e (interconectado ao primeiro, qualquer das) formas economicistas em si. Tais questões, além de justificarem os fios condutores escolhidos, ajudam a entender porque a resistência da CE-FMMC - no que cabe a si – pode estar sendo pouco eficaz em suas pretensões, que ali no Maciço(e em todo planeta, entendam ou não), são socioambientais.⁶¹

Como podemos pensar (e continuar proclamando) a formação integral e para a cidadania, se não damos conta de harmonizar as relações entre economia, (bio)cultura, política e socioambientalidade – todas baseadas na ecologia, no que cabe ao âmbito educativo?

O presente elo pode ter aparentado negatividade nas críticas, o que talvez represente que pouco de bom acontece na CE - FMMC. Não. O enfrentamento e referencial que a CE tem criado é forte, como os inúmeros projetos que acontecem, a seriedade e empenho colocados na comissão, tudo é reconhecido - talvez estejam dispersos e não-articulados como ecopolítica geral. Tomara que sejam potencializados para que se amarrem na perspectiva desse todo ecológico que vos cerca e que a região suscita (não se pode mais pensá-los só materialisticamente) – para isso estamos aberto ao diálogo ecofranco. Da mesma forma, imaginamos que a AGRECO quer propiciar melhoras para seus agricultores. Isso só acontecerá se eles co-laborarem para melhorar o Planeta, de modo auto(co)ssustentável agroecológico-agroflorestal, de não mercado financeirista.

⁶⁰ Penso que a tradicional visão (mera) econômica – face a tantas manobras dos sistemas dominantes – já não consegue mais aglutinar, e nem com tanta ênfase, muitos participantes convictos - já que muitos procuram dar um jeitinho (brasileiro) . Isso é o que venho denominando a sobrevivência humana. Além de mostrar ser des-organizador face à planetariedade. A CE não conseguiu des-algemar-se da “prisão produtivista”, e com uma eco-liberdade poder avançar na qualitativa Vida. Quem é mais preso? Uns, os presos dos sistemas penitenciários, vivem duplamente presos. Nós, a maioria (fora do primeiro tipo de prisão) , vivemos (só um tipo, mas) prisioneiros também, não confinados em pequenas celas, mas na nossa pequenez de aceitação dos ritmos, tempos e modalidades produtivistas/ consumistas que nos algemam a uma lógica pouco autônoma, cega e muito submissa da “pauta midiática - industrialista/ comercialista; trabalhista/escravista- consumista.

⁶¹ Para isso - ler o item ‘ecológica economia solidária’, onde trago uma essencial e reflexiva polêmica - aprofundo o antropocentrismo como precedente ao capitalismo e toda forma econômica fechada em si; ...

Que fique claro o Ter escolhido para observação algo que é bastante polêmico face aos “poderes e olhares humanos”, problematizado, coloca muito da possível interna positividade em xeque, já que essas vêm fugindo aos crivos harmoniosos das relações entre todos os seres, portanto de uma biocrática ecopolítica...

Violência e Ecologia – Para Além do Social Humanicista

“Somos violentos quando des-conhecemos a diversidade que reina na natureza, suprimindo a variedade de espécies que con-vivem nos ecossistemas.”

(RESTREPO, 2001, p. 65)

O desafio de pensar a ecologia na relação com a violência contextual e presente, coloca o debate educacional/pedagógico-tradicional de *pernas pro ar*, exigindo re-avaliações das elaborações políticas para educação e organização da socioambientalidade de Vida. Foi necessário então aprofundar em todo esse texto o que se denomina ecopedagogia, a fim de qualificar e facilitar tal compreensão – e junto desta, como se dá o olhar complexo da violência, pensado como geral degradação (não só social, muito menos humanicista).⁶²

No ensejo de superar a violência, algumas escolas des-envolvem projetos numa perspectiva de sensibilização, destacando-se a parceira com a UNIPAZ (e UNESCO) e o projeto Agentes da Paz, a qual justamente vem atender esses princípios de formação para compreensão das relações em totalidade e pacificamente, onde se percebe uma atenção que já caminha em sintonia com o pensar a vida, um pouco mais amplamente. Aqui, a escola Antonieta é uma das duas que participam deste, a outra é a escola Hilda Theodoro. Como não é uma política pública mas um projeto, fica restrita ao atendimento de pequenos grupos. Na Lauro Muller tem outro projeto equivalente, denominado “Protetores da Vida”. Em todos esses houve um resgate com a sensibilização à vida. Claro que esses trabalhos eram mais biocêntricos, assim precisariam de mais práticas articulações ecocêntricas – que é mais do que rasa eco-lógica.⁶³

Se precisamos cuidar e sensibilizar todos seres, subjetiva e objetivamente, não podemos dissociar, mas somar conexamente o bio e ecocêntrico. Assim a reflexão citada nas entrevistas, de que “se cuidar da terra cuida do ser humano, e vive-versa”, pode ter sentido real sim, porém se for unilateral (tanto faz o lado) ,

⁶² Dados da SSP-SC mostra que a violência e os homicídios só cresceram nos últimos anos. Em 2001 foram 71 assassinatos; em 2001 foram 94; 2002, 155; 2003, 187; e em 2004, até agosto os dados indicavam 150, sendo 90 jovens. A maioria são procedentes dos Morros do Maciço da Cruz. Por mais que não existem estatísticas desta região (por que será?) , a própria SSP deixa isso subentendido - o Pe. Wilson afirmou que só em 2003 ele presenciou uns 80 funerais ali no Maciço – e a maioria jovem, ele ainda afirma que (com base em dados das polícias e Secretaria de Segurança do Estado) cerca de 75% das mortes criminosas em Florianópolis, acontecem nas regiões dos morros e periferias. Dentro dessas, a grande maioria tem acontecido nas comunidades do Maciço da Cruz. Lembramos que junto tem-se matado muito da socioambientalidade que gira a Vida.

⁶³ A educação biocêntrica coloca que a inteligência emocional é momentânea, reforça-se muito o que sinto e não só o que penso. A afetiva é permanente (emocional seria uma parte dessa), é pensada como aquela que abarca todas as outras formas de inteligência, é um cultivar da afetividade (como afeto o outro, como o outro me afeta) . Tudo é pensado como na “era das relações”, por aquisição de aprendizados vivenciais. Só não a consideramos como partícipe de uma perspectiva ecológica profunda, já que parecem meio pontuais as suas relações inter-seres, mas isso é algo pouco claro para todos, precisando avançar-se mais. Não se pode negar o avanço da atenção objetiva-subjetiva do potencial biocêntrico, inclusive no resgate da auto-estima, e na valorização do ser

não dará conta de manter o equilíbrio vital, já que não se terá a interdependência garantida. A ênfase de atenção ao humano, no Maciço- já que essa (a nossa vida, considera-se valer mais, é bastante polêmica. Sei que é difícil argumentar contra essa "imposição paradigmática" que sempre vigorou, mas esse contraponto é um centro do pensamento e vida ecológica profunda- e a única forma de nós humanos continuarmos existindo. Um ser precisa da cooperação com o outro, senão, nenhum deles Vive (no mínimo dignamente) .

Quando perguntados se violência e degradação eram sinônimos, a grande maioria (60%) respondeu que sim, e os que responderam não (alguns) foram confusos e contraditórios- mostrando alguma relação entre esses dois. Evidencia-se por esse olhar, que a violência é mais generalizada do que só ao ser humano.

Quando um dos articuladores da CE diz "se há (I) , ao violentar/ degradar meio ambiente, violento o humano", quis dizer que todo o contexto está sofrendo de profunda ação anti-vida (I) Mas a piedade e condolência parecem tentar privilegiar efetivamente apenas nossos comuns. Como ecologia não é algo ideológico, e sim de vitalidade, não falamos de uma equivocada estratégia política, e sim de uma ignorância ecopolítica mortal. Para ser diferente disso, o mesmo articulador até contribui de boa forma dizendo que temos de estar em " redes, e pensar holístico". A CE/ FMMC tem grandes possibilidades de avançar mais nisso, porém essa lentidão e não compreensão total da interdependência por alguns (estratégicos) educadores/diretores, seria por continuarem presos a política materialista da sobrevivência humana?

BOFF recorrendo a Gandhi, fortalece-nos na orientação que devemos mais resgatar: " *Começou pregando o boicote aos produtos ingleses, especialmente os tecidos. Incentivou o resgate da tradição familiar de tecer as roupas em casa. Convocou para a des-obediência civil (...) Famosa ficou a marcha para o mar em 1930. Por um decreto dos colonizadores, os indianos não podiam comprar sal, ao não ser aquele monopolizado pelos ingleses. Gandhi mobilizou milhares de pessoas que caminharam em direção ao mar para dele extrair o sal de que precisavam (...) . Definia a política como um gesto amoroso, como cuidado com o bem-estar de todos (...) Procurava viver em harmonia com todos os seres vivos. Por isso renunciava às carnes, ao leite de vaca, extraído com violência. Por sua frugalidade e jejum queria prestar reverência à vida.*" (1999, p. 176 e 178)⁶⁴

Fundamental é examinar a violência de todas monoculturas, tanto agrícolas como ideológicas, e demais. A defesa da biodiversidade é uma ferramenta essencial para a mudança não-violenta, e de que as questões ecológicas são inseparáveis - da justiça socioambiental, paz e biocracia. Nesses tempos de limpeza étnica, em que as monoculturas se espalham, fazer as pazes com a biodiversidade logo se tornará um imperativo para a vivência - e não violenta. Assim, a parceria do FMMC com os pequenos agricultores julgo Ter sido positiva- pena que (pouco duradoura e con-vivida, além de) sustentada num maior interesse de sobrevivência econômica, e não a integração planetária.

⁶⁴ Os exemplos de não-violência ativa nos indicam uma sensível e evoluída prática inteligente/ sábia humana – que boicotavam a insinuação de anti-vida, sobrevivente. Esses pressupostos "gandhianos" (na primeira metade do século passado) mostravam que, com a espécie humana destruindo violentamente a vida nesse planeta, a postura de confiança, tolerância e protesto por meios não-violentos, pode ser decisivo para nossa vivência - um dos maiores exemplos de formação ecopedagógica, e que aconteceu em atitudes práticas, com profunda disciplina. A situação do Maciço- de suas vidas ali presentes, não justificariam tal opção? A VIDA em jogo merece posturas des-concertantemente práticas e originais (que velhas táticas operárias/ camponesas e/ ou revouções armadas ficam longe) - como o exemplo mediador de Gandhi.

Que cidadania se pode construir com quem não percebe sua perspectiva planetária- e portanto, continuará violentamente (em nome do des-envolvimento mitificado) destruindo seu espaço e casa comum (degradado, poluído), onde sobre-vive? Estando (cego) num círculo vicioso e doentio, já que se retiraram a possibilidade ecofilosófica de vossos horizontes, segue-se pouco cuidadoso com a violência a todos seres.

Como a resposta à crise planetária não está na economia (em si) , a superação da violência não está só na segurança humana. Esses dois dilemas/ superações se contemplam em relações sensíveis de uma postura de ecologização ao debate economicista da violência, dando dimensões maiores, e ajudando desvelar para a nossa formação que "o problema da vida"- planetária, pode tentar se resolver, quando se (soma e) antecede ao econômico, às raízes e naturais constituições do ecossistema planetário (e locais).

Esta ética de pertinência e co-responsabilidade vivencial é econecessária nos dias de hoje, uma vez que a maior parte do que fazemos, tecnicamente ou não, especialmente entre os sacerdotes do saber, não parece promover a Vida e nem preservá-la, mas sim *coisificá-la*, banalizar e destruí-la cada vez mais sob a égide de um paradigma mecanicista, sob o pretexto de crescimento econômico travestido de pseudo-valores antropocêntricos.⁶⁵

A destruição ecológica, a psicológica/espiritual/física, são dois lados do mesmo problema geral. Só vistas em conjunto poderão ser compreendidas. Esses são a consequência de uma indução da ilusão ao poder antropocêntrico – não solucionáveis apenas a nível individual, se exige harmonia a ecossistemas vitais.

Portanto, há de ser estabelecidas novas comunidades socioambientais equilibradas e amorosas, sustentadas em ecológicas economias solidárias (sem acumulação, juros, burocracias e corrupções) , nas quais estas normas diretivas de um futuro não-violento sejam aplicadas a experiências práticas.

“Somos violentos quando des-conhecemos a diversidade que reina na natureza, suprimindo a variedade de espécies que con-vivem nos ecossistemas. Somos violentos quando a arrogância geometrizante e homogeneizadora desconhece que o maior patrimônio com que conta a vida e a cultura é precisamente seu impressionante e farto leque de diferenças.” (RESTREPO, 2001, p. 65)

Violência só será melhor explicada e resolvida com o entendimento de base ecológica. Essa ajudaria a desvelar que o cuidado ecossustentável requer práticas tranquilas, sábias, mansas e pacíficas – com toda simplicidade que a encerra. Mas isso (não seria novidade se não estiver) articulada em comunitárias e cooperadas eco-ações de boicote a todos os sistemas e produtos que ferem e provocam a violência degradante contra todos os seres (industrializados, sintéticos, drogas lícitas, drogas químicas ilícitas, drogas naturais mas misturadas e/ ou manejadas com químicos/ agrotóxicos, produtos de empresas que exploram trabalhadores/ infantis, causam/ financiam guerras, os transgênicos, de embalagens descartáveis, etc) .

O que presta das tecnologias (pouco - ecossustentavelmente falando) não precisa ser negado, mas há que parar-se, há que não progredir mais nada. O planeta não aguenta – respeitemos suas econecessidades. A

⁶⁵ Cientistas mecanicistas, que crêem num universo máquina, projetam sistemas de armamentos com a capacidade de destruir inúmeras vezes toda a vida do planeta, também novos produtos químicos que contaminam a socioambientalidade sem nenhum respeito ético pela vida, ou mutações em microorganismos vivos que podem ser soltos por aí sem muito pensarem nas consequências de seu mister, isso sem falar de psicólogos que torturam animais e acreditam que o homem pode ser manipulado da mesma forma, além do mecanicismo econômico, que descarta se incluir valores e/ou qualidade de vida em seus gráficos de oferta e procura.

diversidade deve ser submissa à biodiversidade – que garante a Vida – harmonizando-a.⁶⁶

Com isso, violência e degradação estariam condenadas a sumir. Como condenar e/ ou querer resolver essas enquanto mantivermos nossos não-exemplares desejos coniventes pelos podres produtos do (não eco) sistema? Afinal, muitos que condenam (palavras são fáceis), não abdicam de suas velhas formas anti-vidas de muito consumir, ao invés de econecessitar, todos que discursam por outro mundo possível, pretendem se ecologizar?

Desejo não é nada, coerência eco-lógica é tudo.

A violência só se resolverá com o amoroso não consumo de nada, e nem ninguém – só com naturais e harmoniosas fluídos econecessárias. Essa a vivência ecoeducativa a ser mediada.

Nos re-descobrir, envolver-nos. Tarefa ecoociosa que não induzirá degradação, pois se permeará por cooperação amorosa. E a fundamentação disso não está na economia, mas na ecologia.

Falar de amor/ amorosidade (contraponto à degradação violenta) só ganha sentido nas interconexões planetárias. **Ou ama-se em conexão com tudo (amor universal incondicional) , ou não há amor** só sentimentalismo midiático no máximo e/ ou esteticista mercadológico. Essa amorosidade- baseada em Freire- pede profundo respeito a tudo / todos mais, onde o diálogo não seja só estratégia de aprendizagem- ensino, ou método didático, mas um fundamento do existir ecológico, do sentir-se ecoterna e relacionadamente vivendo.

É complicada a postura da CE, de encaminhar seus educandos aos diversos projetos, com a motivação de fugir do problema do narcotráfico. Parece não perceber que os coloca no tráfico do mercado competitivista, onde relacionam-os com as drogas legalizadas do economicismo banal, de uma vida que se acha mais nobre, mas está condenada por relações tão degradadas quanto as “outras condenadas”, pois continua vendendo força escrava, comprando e consumindo do violento mercado, sem a originalidade da troca amorosa e ecológica.

Reconheço a dificuldade de pensar isso em meio ao contexto de guerra que o tráfico lhes coloca. Situação que parece Ter poucas soluções atualmente. Mas com todas contribuições, e (ainda) sugerindo: Se exemplificar/ constituir micros ecossistemas de simplicidade ecológica nessas comunidades, com a ecológica economia solidária como imperante, até com o não-dinheiro e a não-posse padronizada na elite e mundo financeirista – abre-se a possibilidade de indiferenciar a tal “círculo consumista/ traficante” (de drogas, de religiões, de lixos culturais antropocêntricos, de pseudo-alimentações induzidas, de militantismos políticos, etc). Só Teremos bases concretas para quebrar tais tráficos, se cada um auto(co)ssustentabilizar-se, cooperando, e em regionalizadas ecofeiras de trocas - de amorosidade, dialogicidade e afetividade. Eis uma possibilidade do fim da violência/ degradação de relações – desde que Vividas por lideranças, moradores e

⁶⁶ Para os apressados que diriam ser impossível isso, ou um regresso à idade da pedra, ou que isso é um não viver, a dica: para sair dessa condição sobrevivente, aproveitemos o tempo da Vida (que não pode correr atrás de estressante economia – dinheiro sobrevivente) no ecoócio (que depende de nossa conhecedora e livre autonomia ecopedagógica) ,para que no espaço/ tempo do boicote, nos organizemos cooperadamente para re-inventar à Vida e e-“laborarmos” nossos alimentos agroecologicamente, roupas naturais, habitações permaculturais, trocas amigáveis/ afetivas alegres, sons naturais, sexualidades envolventes, e interconexas, ludicidades bioculturais, enfim, darmos às costas aos sistemas de morte e acontecer o novo bio (perma) cultural – re-aprendendo da Vida planetária, com a sapiência contemporânea.

educadores - já que calcada em mudanças estruturais/ pessoais profundas. Ninguém mais se apossando de nada. Não é o outro, sou eu quem tenho de fazer essa diferença – amorosa.

No belo livro- Saber Cuidar – BOFF traz toda a necessária amorosidade que se exige: “ Tudo o que vive precisa ser alimentado. Assim o cuidado, a essência da vida humana precisa também ser continuamente alimentada (...) . O cuidado vive do amor primal, da ternura, da carícia, da compaixão, da convivialidade, da medida justa em todas as coisas. Sem cuidado o ser humano definha e morre (...) O cuidado salvará a vida, fará justiça ao empobrecido e resgatará a Terra como pátria e mãe de todos.” (1999, p. 190)

Não se deixa aqui de reconhecer o empenho e busca incessante – intencional, que tal comissão teve e tem. O que tem que ser re-afirmado é que esses precisam de novos olhares e práxis para os ecomovimentar. Afinal, movimentos e práticas de atos e resistência populares foram constantes. Pistas aqui foram sugeridas. Agora é passar a tecer essas de modo ecosustentável e cooperativo...

Con-Vivências Simultâneas (Conjuntura) – Co-Laboradora Deste Olhar

“nossa época, esta indecente sociedade de consumo, com suas orgias energéticas e batalhas materiais, será tida como, talvez, o período mais bárbaro da história” (LUTZENBERGER,1990,p.68)

Num movimento simultâneo e misturado ao mestrado, tive a oportunidade de experienciar e trocar bastante sobre a questão da ecopedagogia em vários espaços diferentes da UFSC, e do país, que serviram para confrontar e amadurecer mais a temática. Eis o motivo de tal item neste texto.

Que reforma universitária é essa que se debate, tendendo-se a caminhar e direcionar os rumos de constituição da sócio-ambientalidade, só para um desenvolvimentismo economicista/culturalista, sem ampliar a preocupação à planetariedade e a todos os seus seres? Isso é o que não está presente nas minutas e intenções propostas, tanto pelo executivo, como pela oposição e/ou esquerda intelectualista (referenciadas no grupos- da USP, Andifes e demais) . Também foi demonstrado pelos educadores dirigentes, em debates que tivemos aqui na UFSC, ou lá nas mesas do Fórum Mundial de Educação (FME-SP). Ecosustentabilidade é um princípio que passa longe, o que vale é (a vã ilusão) o umbigo humano imediatista. Dessa forma – com qualquer das propostas formuladas - reformaremos os pressupostos/práticas universitários, de modo a ajudar no mais rápido extermínio de nossas vidas- através dessas míopes visões (não eco) políticas.

Os incômodos causados nesses debates, foram pelas bases ecológicas profundas (ecoanarquistas), as quais re-colocam todo o modo de entender a Vida(não a sobrevivência des-envolvimentista e financeirista).⁶⁷

⁶⁷ No FSM-2003, Capra (na mesa que ladeou com Boff, com o tema- Ciência para vida sustentável) falou que “o maior desafio é mudar os sistemas de valores para as lideranças e políticos, ao invés de só avançar tecnologias”. Em tempo. Minha participação no último FSM-2005 ajudou a confirmar algumas questões que vamos apontando. O gigantismo de organizações e estruturas são insustentáveis. Pois o que se viu nesse- junto ao que acontecia no acampamento da juventude, mostram ser outro o caminho para um planeta econecessário. Há que se avançar na organização e tempos metodológicos, e não mais continuarmos a só bater palmas e dizer amém aos grandes nomes, mas sim Ter maior

Pergunto: todas as formulações para outro mundo possível serão possíveis enquanto cada indivíduo que esteve neste(s) fórun(s), ao voltar para sua cidade, tenha que cumprir com seus rituais de sobrevivência econômica e civil (empregos e salários; notas, provas e certificados, por exemplo), que garantem estruturas fatais ao planeta? Faz-se mudança só por discursos - que são abafados pelas (não eco) necessidades temporais humanas? Eis o ecoócio como grande prática ecoeducativa para que todo o planeta possível seja sim e-laborado- com o precioso e preciso tempo da Vida.

Aliás, já não se faz tarde que os elaboradores das perspectivas de (re) construção da nossa vida, os organizadores dos FME's, e FSM's avancem a pensar em organizar Fóruns Planetários de ECOEducação (FPE) , e Fóruns Socioambientais Planetários (FSP) ? A vida concreta se dá na Planetariedade.

Tão grave quanto esse analfabetismo ecológico, em geral, é a sua presença específica, junto à maioria dos intelectuais e dirigentes, os quais elaboram, discursam e participam de forma míope e caolha, equivocada e limitada, em suas proposições e considerações políticas. Esta constatação (vista nessas diversas relações vividas) é fundamental como dado epistemológico, filosófico e político para o conjuntural (e principalmente, ao estrutural), e nos provoca a pensar para onde estamos caminhando- se o problema é apenas conjuntural e político, ou, é de forma e conteúdo juntos, filosófica e estruturalmente pensados, sob holísticos patamares?

O III FME-Porto Alegre também foi parte de meu olhar, e o que deu para perceber é que "estamos longe da possibilidade de re-construir outro (planeta) mundo possível", afinal, ali também as formas, metodologias e conteúdos eram numa perspectiva gigantista, verticalistas- não dialógicas/sensibilizativas, e predominantemente economicistas. Com pouco espaço para debates e diálogos com a rica diversidade presente. Se nos FSM's temos focos de resistência alternativa e propositiva ao equilíbrio ecológico, parece que no mundo da educação estamos carentes de práticos indivíduos – para além da visão criticista/materialista, vários fatos provaram isso no FSM.⁶⁸

interlocução, afinal, a vida possível é só interdependentemente - todos precisamos de todos, capacitados, praticados para acontecer a mudança política ecológica. Os círculos dialógicos que o nosso núcleo- Mongaru vem acontecendo, retomam a idéia dos círculos de cultura em Freire, adequados para tal biocratização.

Enquanto diversos indivíduos gritavam e deliravam por outro mundo (sujando-o ao mesmo tempo) , no espaço da Aldeia da Paz e no Tupiguara (por exemplo) , a consecução de outro mundo e planeta econecessário já era amorosamente e-laborada. Destaca-se a atitude de tecnologias ecológicas sendo distribuídas para todos (para aquecimento solar de chuveiro) . **Revelando uma postura possível para Vida permancer - a gratuidade.** Numa oportunidade co-gestionária (devido à falta dos mediadores de determinada oficina) , tivemos a chance de debater numa sala lotada todos os princípios e pontos neste texto levantados. Com certeza pelo improviso do acontecimento, posso dizer que todos esses aqui defendidos foram curiosa e surpreendentemente debatidos e recebidos, e de modo instigante, afinal, muitos dos participantes desta co-gestionária ação vieram depois pedir meus contatos e querer acesso a tal texto, além de sugerirem articulações para que pudesse levar tais questões às suas cidades para prováveis ações locais e círculos a serem agendados. Com esses confirmo estar e-laborando algo que vai conquistando a atenção para o outro planeta possível.

⁶⁸ Como um dos principais nomes presentes, Istivam Mészáros foi o mais comentado debatedor (proclamador de discursos longos- tendo um mesa onde ele chegou a falar por 1: 45 hora, e o pior, com a maioria das pessoas "dizendo amém" a tal forma, e a seu conteúdo todo). Até trouxe uma visão mais ampla- dentro da perspectiva materialista-histórica- inclusive relacionando aos problemas da planetariedade, no que muitos se acordaram. Mas essa relação trazida com o planeta, somente apresentam respostas de resolução por meios econômicos – para aquilo que é ecológico. O mesmo inclusive, quando criticando os crescimentos/ desenvolvimentos econômicos, refere que esses não atendem a nenhuma necessidade humana. Longe de refletir que, afinal, não atendem as necessidades ecossistêmicas, **o mesmo (enobrecido autor – a que muitos pretensos revolucionários se pautam) mostra o economicismo e**

Como resolver uma questão que é de base majoritariamente ecológica (a degradação planetária), na perspectiva econômica- de sobrevivência humana? Não ecológica economia solidária.

Tais relatos desse FME evidenciam que "outro mundo possível" tão pensado por tantos seres de boa vontade, da forma como se tenta construir, está longe da possibilidade econecessária - de um caminho ecosustentável. Combina duas negatividades, vai por um caminho equivocado (formas discursivas, racionalizadas, e verticalistas em sua grande maioria), e acredita em filosofias não ecopolíticas.

Como existe uma parceria campo-cidade colocada no SS, vou refletir a atividade que tive junto ao MST e Pronera/UFSC (organizamos 40 h de ecoalfabetização para o ensino médio) percebemos a perspectiva de sobrevivência econômica ser forte, por inúmeras atrocidades vistas com a Terra.⁶⁹

"Lembrem-se daquela frase de D. Tomás Balduino: Terra é mais do que terra (...) . A produção é mais do que produção. Por que? Por que ela produz a gente." (ARROYO, 2004, p. 76)

Em Florianópolis, o movimento da Bicicletada tem ajudado a trazer o grito mais original, em meio aos velhos chavões da repetitiva esquerda: "O petróleo traz a guerra, a bicicleta é paz na terra".

Até o século XIX, pela falta de elaboração crítica à economia política, a humanidade era bastante analfabeta política (hoje não tanto- mas ainda a ser resolvida com uma perspectiva eco-política); no século XXI, pela insensibilidade economicista e antropocêntrica, somos na maioria, analfabetos ecológicos. A primeira colocava o risco da dominação, pobreza, e para alguns a morte. A Segunda, a degradação geral (ilusão da dominação da nautreza), e o risco real de extinção de condições de vida, a todas espécies.

Este item mostra que **um trabalho de pesquisa não pode ficar em meras retóricas (como é bastante constante nas produções academicistas)** . A busca de uma ecopraxis de vida coerente, é muito maior do que (os discursos de proclamação- revolucionários ou não) a mera praxis. Temos dois caminhos principais (não únicos), ou a ecopedagogia- construtora cooperativa de bioculturas (junto ao movimento libertador/ libertário ecologista profundo), ou aliar-se com o (assassino, imperialista e colonizador - hic) Bush/NASA, e/ ou a não natural tecnociência, para pensar em colonizar/ fugir para outro planeta, e/ ou vivermos como seres artificiais (artificiais + mecânicos), crentes na (não eco)lógica tecnocientífica.⁷⁰ Isto tudo é sensacionalismo e/ ou delírio, agitação inconsequente? Quando Galileu Galilei falou que a Terra não era o centro do universo, e era o vital Sol (resgatando milenar e escondido conhecimento anterior) - iniciando novo processo paradigmático - quiseram ridicularizá-lo, matá-lo ... hoje, em nome da continuidade da Vida (nós) econecessariamente falamos de tudo ecologizar ...

antropocentrismo - como elemento central para o não entendimento de "como funciona a socioambientalidade". Faço essa referência para mostrar mais uma vez que a perspectiva cartesiana é base de de-formação das políticas, mas não só ela, pois o não-entendimento dos princípios profundos da ecologia, continua deixando enganados quase todos.

⁶⁹ Plantações de fumo e eucaliptos -venenosos para todos os seres- são as grandes ilusões do momento (como é para agricultores ligados à Agreco) . Destroem a socio-ambientalidade e enganam economicamente.

⁷⁰ Afinal, nem a maldita e doentia coca-cola, e nem o poluente e contaminante petróleo, servirão para nos abastecer de energia vital. Aliás, se estes fossem extintos urgentemente (com todos seus afins e derivados) , ainda se poderia reverter essa "triste sina"- já que usaria-se bem menos água para (deixar de) preparar esses venenos, assim como menos poluiria-se. A agricultura tradicional, é (ir) responsável por consumir 70% da água planetária, a qual é quase toda poluída, com seus insumos químicos (o que não acontece na agroecologia) , e outros 20% mais , são poluídos pela indústria. Ou seja, **acabando com esses, não teríamos chance de continuar a Viver?**

ELO - PALAVRAS QUE FLUEM

Saberes:

Se não existe saber na semente, como explicar o sabor do fruto? Se não existe saber nas borboletas, como explicar o voar das cores? Se não existe saber no pássaro, como explicar o vôo do beija-flor? Se não existe saber na rocha, como explicar a paz da montanha? Se não existe saber na terra, na água, no sol e no ar, como explicar a vida? Se somente existe saber nos humanos, como explicar as inúmeras guerras? (João Bello – EcoPoeta paranaense)

Esta parte da "teia textual" vai permear principalmente por reflexões ecossensibilizantes de como os educadores da CE poderiam estabelecer outra dinâmica e atitudes perante sua realidade. Partindo das centrais constatações observadas, caminhos surgem para os passos dessa caminhada. Dividi estes em questões que passam pela: função e pelas razões de ser de uma ecopedagogia - sensibilizativa interdependente e cooperativa; e, novas bases eco-políticas para pensar a re-organização da Vida.

Defendendo a Razão de Ser de Uma Ecopedagogia

“ A ecopedagogia se insere como movimento na evolução do próprio movimento ecológico ”.

(GADOTTI)

A ecologia tem posição privilegiada para correlacionar idéias e fenômenos distintos do conhecimento, é "a ciência das relações entre os organismos e o mundo externo circunvizinho"(in. CAPRA, F. ; p.43, 1996), como disse em 1866 Ernest Haeckel, considerado o criador desta fundamental ciência.

Definindo e defendendo uma ecologia mais integrada e comprometida, trazemos que *"a ecologia profunda, é a essência de uma mudança de paradigmas, faz perguntas profundas a respeito dos fundamentos da nossa visão de mundo, além de ser uma percepção espiritual de conexividade com o cosmos, como um todo. Afinal, ela reconhece a interdependência de todos os fenômenos e seres, e que estamos encaixados nos processos cíclicos da natureza, dependendo destes; o que é diferente de uma ecologia rasa, a qual é antropocêntrica, colocando o humano acima da natureza, que só teria um valor instrumental."* (CAPRA, ps.25,26,27 , 1996) . Podemos perceber que nessa visão profunda temos a idéia de uma rede interconexa, já na rasa, o ser humano é colocado fora da natureza, essa tendo mero valor de uso.

Para BOFF, “ a ecologia não é apenas mais uma ciência, mas é um novo modo de ser, uma nova relação que o ser humano deve aprender com o ambiente e com os outros humanos ” (1999) , caracterizando aqui, todo aspecto de relacionariedade presente nessa fundamental reconstrução do olhar, e este pautado

sobre a maior perspectiva de equilíbrio, a ecológica -interespécies e planeta. Se ecologia é relação, relação é diálogo, que é saber ouvir (já dizia Freire). Saber ouvir é estar aberto às manifestações planetárias – antes de pensar em criar e/ ou transformar alguma coisa. Ecologizado, o pensamento é um novo olhar para a filosofia da libertação, que implica o re-fazer de todas as Vidas. É algo fundamental para a história da educação, já que se coloca o rever da maioria de nossos fazeres e reflexões educativas e populares.

Incluindo-a no debate polêmico da pós-modernidade – e ajudando a des-fazer perspectivas nacionalistas, superando a visão de uma educação moderna, REIGOTA diz: *“A compreensão da ecologia como um dos elementos da pós-modernidade, na América Latina, esbarra na forte resistência a tudo que se refere a pós-modernidade, principalmente nos meios intelectuais em que predomina uma certa tradição de pensamento modernista. Essa resistência é fruto de uma série de equívocos, dos quais os mais freqüente é a associação da pós-modernidade à passagem do modelo industrial ao pós-industrial (...) nessa visão, a pós-modernidade seria um movimento restrito aos países que já atingiram esse estágio. Em outros casos, a pós-modernidade é vista como um pensamento político conservador, agrupando dos neo-liberais aos neo-fascistas”* (1999b, p.65/66).

Propomos a defesa de uma ecologia profunda e socioambiental – é dessa ecologia que falamos. Aquelas de lógica antropocêntrica, merecem ser superadas. Assim, colocar o ECO à frente em diversos campos e palavras é econecessário para reforçar conceituações - práticas.

Ecologia pode ser definida como estudo da economia da biosfera -como é realizado o aproveitamento e a distribuição da energia e matéria - local onde privilegiadamente estão todas as vidas terrenas- tem uma estabilidade dinâmica que sempre evoluiu e continua evoluindo para diversas e sucessivas modificações. Porém em condições naturais, essas modificações se dão de forma equilibrada, tanto para manter os fluxos de energia, como de materiais. É o movimento natural atuando, que precisa ser apreendido ecopedagogicamente - as relações educativas no respeito às econecessidades planetárias.

A ecologia aqui defendida, é casamento necessário com a pedagogia. Já que trata do equilíbrio e relação entre todos os seres e planeta, é “totalidade educativa”, e dessa forma deve re-educar a “mera e des-naturalizada pedagogia”, fugitiva do mundo natural, que se firmou ao civilizar os seres bárbaros, selvagens, afastando-os da natureza- o que se confunde com o processo e formas de colonização das mentes.

A ecopedagogia deve re-fazer as relações educativas a partir de e com todos os seres e planeta, articulando e interrelacionando todos os vitais conhecimentos, numa ecologia dos saberes. Assim, é exigência imperativa para educação e econecessidade da ciência transdisciplinar, pois traz a perspectiva do equilíbrio de relação, o que re-coloca o olhar sobre toda estrutura educacional e suas articulações.

Difere das boas contribuições da educação ambiental (EA), entre outras, pois essa última, não tem o *estatus* de ciência da educação, mas é apenas parte dela. E mais, a EA precisa da ecopedagogia, senão ficará refém e des-virtuada na relação com a velha pedagogia (mortal) - afinal a “coerência prática-prática” é essencial e determinante no processo educativo, e assim, não seria adequado falar de conteúdos/vivências de EA em escolas enquadradas com projetos economicistas/ desenvolvimentistas e fragmentários, e ao lado e/ou junto com educadores de-formados por essa mesma pedagogia antropocêntrica (como muito acontece hoje) .

Muitas formas são holísticas na EA, outras vezes se portam a ser só pontuais, em currículos, de não totalidade planetária. “A ecologia é uma ciência das relações entre todos os seres do universo; o ser humano é um a mais desses elementos geradores de relações. *Uma proposta ecológica* baseada nas relações, interconexões e auto-organização dos diferentes ecossistemas *tem que superar*, como um dos requisitos iniciais, *a visão ambientalista, por ser reducionista, anti-harmônica.*” (GUTIÉRREZ, 2000, p. 33 e 34)

Ambiental é contexto – localizado; ecológico é relacional. Precisamos de uma educação ecológica (não ambiental), de base científica para a educação não continuar antropocêntrica, e que seja holopistemológica. Outra educação é possível, *uma ecopedagogia é econecessária - articulada em políticas públicas*, pois nossa preocupação deve ser com os processos que baseiam tais atitudes, esses precisam ser re-orientados. Não podemos penalizar quem é de-formado por tais tendências paradigmáticas.⁷¹

Face ao contexto do FMMC visto como violento, e não como degradado- o que atenderia a todos seres- muitas das atitudes deste, caminharam na direção do maior cuidado ao humano. Claro que deve se partir de educar a esse, mas não para ele ser dominador – escravo de suas manipulações. FREIRE traz uma reflexão pertinente para pensar a que humano formamos. Mesmo que o escrito tenha sido noutra tempo/ contexto (da época da ditadura no país), serve para pensar a objetual paralisia e/ ou des-lumbre que predomina: “ Apesar de seu disfarce de iniciativa e otimismo, o homem moderno está esmagado por um profundo sentimento de impotência que o faz olhar fixamente e, como que paralisado, para as catástrofes que se avizinham.” (1980, p. 44) Falava há vinte e cinco anos atrás, hoje: Tsunamis, Tornados, etc.

Lembramos que esses educadores da CE (e todos mais no mundo – com as raras e justas exceções) foram (de) formados com as clássicas pedagogias. Assim com esse equivoco de-formação paradigmática - de uma filosofia e ciência, religião e senso - comum antropocêntricos - não se pode culpá-los de forma unilateral, pois sabemos das debilidades na (re)qualificação e formação a que são submetidos. Porém, sendo algo inerente(natural), a ecologia poderia ser tranqüilamente perpassada, caso houvesse prioridade, e clareza.

É necessário fugir dos determinismos que correntes pedagógicas induzem. “ As três principais tendências da nossa história educacional correm no mesmo leito, ao terem, Durkheim, Dilthey, Dewey e autores marxistas como principais inspiradores, herdeiros da razão iluminista, cuja instrumentalidade influenciou, foi revitalizada com a colaboração de todos eles (e seus diferentes positivismos e teleologismos) , obviamente, também com suas importantes contribuições teóricas e práticas.” (SCOCUGLIA,1997,p.155).⁷²

⁷¹ Observando a Lei sobre EA (Número 9.795/99) , percebemo-a bastante antropocêntrica, ou seja, em perspectiva de ecologia rasa também, senão vejamos: “entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”. Se falo em povo, sua sustentabilidade, valores sociais – entre outros, mostra-se tal debilidade enrustida em tal lei, o que se coloca em seu artigo primeiro. A ecopedagogia procura superar a (perigosa- pois é um mito positivado) tendência meramente humanista, a qual privilegia des-equilibradamente o ser humano como ente privilegiado as ações (somente) sociais. Afinal, ela tem por base a ecologia, e não só o ambiental.

⁷² Se neste texto muitas críticas aparecem ao materialismo histórico, é com a intenção de tentar despertar um setor que sempre acreditou na mudança. Não se pode prescindir de tal e histórico setor. Agora, esses também não podem continuar achando que a única forma de revolução está em suas crenças e filosofia (não eco)política. Mas ainda há um segundo propósito em tais críticas, que é a de provocar a distinguir um certo materialismo-positivista – que é aquele que

Essas tendências seguiram o enfoque meramente racional, antropocêntrico, e não foram coerentes com seus propósitos, pois passaram por cima de diversos aspectos da formação ecossustentável, de seres infinitamente maiores do que só a razão (produtivista e consumista).

“As pedagogias clássicas eram antropocêntricas. A ecopedagogia parte de uma consciência planetária (gêneros, espécies, reinos, educação formal, informal, e não formal) , ampliamos o ponto de vista do homem para o planeta, acima de gêneros, espécies e reinos ” (GADOTTI,2000,p.176) .O mesmo autor traz outra importante relação, a qual interessa diretamente o aspecto metodológico deste trabalho: “ *A pedagogia conteudista e burocrática, movimenta-se da oferta para a demanda:da proclamação iluminada para a ação sobre as pessoas. A ecopedagogia movimenta-se da demanda para a oferta. Primeiro se vive, se experimenta, se elabora, e depois se dá o nome e se proclama. De nada adianta proclamar burocraticamente direitos, se eles não forem exigidos, não forem demandados e criados de baixo para cima. Entendida dessa forma, a ecopedagogia é uma nova pedagogia dos direitos, que associa os direitos humanos aos direitos da terra*” (GADOTTI,2000a,p.238).

Com essa função é que vem surgindo a ecopedagogia, um movimento recente, surgido formalmente a cerca de sete anos. É um campo fundamental a evoluir, pois da consciência interdependente, da responsabilidade universal compartilhada e da (re) alfabetização ecológica de todos, pró-ecossustentabilidade planetária, e a superação de toda forma de economia em si, depende a nossa continuidade e existência - esta “que não se opõe à educação ambiental (E.A.) , ao contrário, incorpora-a e a estuda (como ciência da educação que é) , os fins da EA, e os meios de sua realização completa.” (GADOTTI, 2000A, p.240) .

As atuais educações e pedagogias não têm direção e nem base para re-fazer a vida planetária. Falta-lhes um porquê e/ou para quê mais ecocêntrico, mais orgânico e claro - e não preso só às velhas perspectivas científicas - com um sentido e acúmulo histórico re-feito na universalidade – para além da social/ econômica. Evidencia-se com tudo isso, a grandeza da função – e a econecessidade urgente que os processos educativos têm de uma ecopedagogia – ela re-define o papel da ciência da educação, alça-se a todos os campos de formação e práticas de Vida, devendo problematizar todas elas. Como ciência da educação sim, articula de modo interdisciplinar as diversas ciências afins, pois não se enquadra na lógica cartesiana/ positivista, e define-as nessas relações, em um mundo interrelacional. É um caminho de expressão da co-evolução e das complementares contraditoriedades da realidade socioambiental histórica.⁷³

A ecopedagogia parte da cotidianidade socioambiental, em prol da ecossustentabilidade e cidadania planetária, por meio de ecoartísticas e sensibilizativas relações entre os conhecimentos- interdisciplinares,

acha que não precisa/ pode se misturar a outras idéias; ou aquele que pensa estar separado da realidade natural – fora do ecossistema socioambiental; que acreditam em sistemas meio mecânicos- mesmo reconhecendo as contradições nesse.

⁷³ As engenharias, arquitetura e *designs* -entre outros, com seus “produtos insustentáveis, enquadrados”, precisam ecologizar-se/ecopedagogizar, a fim de não continuarmos (como exemplo) a conviver com habitações anti-sistêmicas e criminosas sócio-ambientalmente, como em nossos habituais criminosos “despejos de matérias orgânicas- merda e xixi, através da escassa e vital água potável. É crime de omissão e conivência do Estado. E as entidades ecologistas, quando vão mobilizar ampla campanha nacional a favor de legislações e tecnologias apropriadas à Vida? As ciências devem ser (não mais sociais, sim) socioambientais; assim como o serviço/ assistência deve ser (não mais só social, sim) socioambiental. Do contrário, a que continuariam formando? São dois exemplos para ilustrar toda mudança que tem que

com um tempo ecoocioso e uma racionalidade comunicativa/afetiva, não instrumental. É possuidora de uma ecoternura em prol da justiça sócio-cósmica, e bem comum planetário, o que é fundante de nova práxis ecológica. Conceito formulado (por mim) e articulado junto aos diversos autores que vêm construindo a preocupação planetária e ecossustentável, como: Boff (1996/99/2000) , Capra (1996) , Morin (2000) , Gadotti (2000) , Gutiérrez (2000) , Reigota (1999) , Restrepo (2001) , entre outros.

Na organização como planetarização, refletimos junto com GUATTARI, quando este fala que "não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com condição de que se opere uma autêntica revolução política , social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo" (1990, p.9) .

“Não é uma pedagogia a mais, ao lado de outras pedagogias. Ela só tem sentido como projeto alternativo global, ela está ligada portanto, a um projeto utópico: Mudar as relações humanas, sociais, ambientais que se tem hoje. Ela não tem pretensão de ser totalmente inédita. Ela se insere como movimento na evolução do próprio movimento ecológico ” (GADOTTI, 2000 A, p.237). É um movimento para resgatar o humano natural. Isso requer da filosofia, uma concepção "ecossistêmica" , na qual, disse BRANCO, " o ser vivo forma, com o meio físico e com as demais espécies, um continuum solidário e essencialmente dinâmico. Este inter- relacionamento dinâmico entre populações de diferentes espécies, constituindo um todo essencialmente equilibrado, leva a uma outra dimensão do ser vivo, com propriedades e forças novas (...) como uma espécie de campo ecossistêmico" (p.45/46, 1989).

É importante frisar que ao falar e defender a ecologia como base, estamos assumindo que só podemos compreender tal processo através de formas de conhecimentos múltiplos e incomensuráveis, e com dados vindos das mesmas perspectivas. Isso colocado, temos alguns limitantes para tais relações de aprendizado. Precisamos re-fazer nossos pressupostos e bases epistemológicas – e até metafísicas, enfim, nossas formas de compreender a dinâmica da Vida. Com tal tarefa e desafio deve caminhar a educação – do contrário, sob pena de crime de omissão com tantas Vidas interligadamente carentes de qualidade da compreensão de si no planeta.

Ao contrário de outros tempos - e não deixando de re-conhecer a especificidade contida nessa empobrecida região do Maciço - vale dizer que, tanto as pessoas ali sub-habitadas quanto os demais cidadãos do planeta, temos o mesmo desafio à frente. Se ali reina o empobrecimento, sabemos que – contraditoriamente - quase toda essa situação está sustentada na anti-ecológica busca do querer o alto padrão (tão anti-ecológico quanto o outro). A quem vai educar cabe a tarefa do simples pé no chão.⁷⁴

ocorrer em nossas academias e ciência.

⁷⁴ Mas se é complexo, é possível. Temos de trilhar os caminhos da simplicidade cotidiana natural. Não se pode tentar resolver por esse mundo maquiadamente artificial- pois dentro dessa lógica não se constrói nada, só se artificializa mais. É um círculo vicioso, só quebrado por quem sabe viver na simplicidade e des-apego ecológico. Isso requer forças que transcendem ao físico apreender a Viver é saber desfrutar do pequeno e insignificante da Vida, do sentimento que perpassa nossas relações, do improvisado e desvalorizado. É estar disposto a abordar o mundo sem essa “maleta de (não eco) necessidades” em que convertemos nossas ilusões e desejos. Resgatar a nossa liberdade que vendemos a um futuro de posses – onde hipotecamos nossa felicidade ao seio da competitiva busca consumista. Sobrariam quantos educadores aptos ? Quantos estão dispostos a ir limpar tal chão de tantos cacos de vidro, latas e alumínio da

“Partindo da situação de degradação, podemos interrogar o que está se passando e sobre que papel podemos ter. Somos parte desse problema. O entendimento ecológico parece sensível a essa relação entre o geral e o particular. Pensar e agir global e localmente, sem dicotimizá-los” (GADOTTI,2000, p.121/2) .

A educação popular assim articulada – nessa cotidianidade - é fértil gestora de alternativas para os dilemas de todas as vidas. Com autônoma postura, e vinculada à ecopedagogia, poderá ajudar no reciclar do lixo intelectual academicista – de estereis subordinação/ convivência ao mercado produtivista/ certificadista.⁷⁵

Estamos num limite entre o ecossistema finito, a ciência e filosofia antropocêntrica - insensível, e o economicismo tendenciosamente infinito- insustentável, o qual " enfatiza: competição, expansão e dominação. A ecologia busca: a cooperação, conservação e parceria. (...). Da alfabetização ecológica dependerá a sobrevivência da humanidade." (CAPRA, F. , p.234 / 5 , 1996)

Claro que em meio a tantas possíveis informações e saberes que a modernidade possibilitou, nessa expansão descontrolada, temos que ser criteriosos. “O crescimento ininterrupto dos conhecimentos constrói uma gigantesca torre de babel, que murmura linguagens discordantes (...). Onde está o conhecimento que perdemos na informação? (...) . Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?” (MORIN, 2001- B, p. 16 e 17) Com isso ele ajuda-nos a discernir, como achar o que é essencial nessa babilônia moderna? Se queremos Viver, precisamos parar de sobre-viver.

Não precisamos mais de templos escolares distantes do mundo, basta inserir esses processos na dinâmica socioambiental.⁷⁶ Com essas revolucionárias perspectivas, defendo a idéia de que, com essas formas, a educação pode ser ecologicamente econômica, já que prescindiria de tantos e artificiais espaços e equipamentos, de tanta “burrocracia”.

Manter as atuais formas/ paradigmas que vêm sustentando a idéia de que o mundo pode ser melhor baseado na tecnociência artificialista– é uma mentira e um equivoco de compreensão eco (onto) lógica. As oferendas da natureza para nossa aprendizagem estão aí, sintonizadas conosco (ainda não sintonizamos com elas). Somente cuidando delas poderemos re-educar para o mesmo cuidado planetário. Enquanto insistirmos em *powers points* da (última) moda, mantemos a simbologia que nos distancia da Vida.

Contemplando isso, Ana Maria FREIRE,. Fala dos necessários pressupostos freireanos na ecologização da educação, diz: “A necessidade de uma educação não apenas de conteúdos, mas de postura. de um comportamento frente ao mundo, que exige de nós um distanciamento reflexivo para entendermos como vimos tratando a natureza, distorcida e contraditoriamente, porque somos parte dela. No lugar de

porcalhada industrialista – e problematizar ecopedagógica e exemplificadamente, por seus pessoais cortes de consumos - para poder pisar mais próximo do puro planeta? A responsabilidade é de todos e de cada um.

⁷⁵ Autonomia essa que é na perspectiva ecológica, co-autonomia interdependente (solidária- não paternalista, nem de mercado, nem de Estado}. Sem deixar de criticar o *status quo* - pode construir de fora, gestada em criatividade (as permaculturais são mais indicadas) de Vida boicotante. Sem a educação popular- libertadora, a educação seria (continuar) bastante criticista e/ ou reprodutivista. Além do que, esta também seria base para o PPEp.

⁷⁶ Além de não estar defendendo o fim da escolarização, mas só a ecológica mudança de endereço e estrutura, quero dizer que, o argumento que diz que se é ruim com ela, pior sem ela, já que a grande camada popular ficaria sem possibilidades de acesso aos mínimos conhecimentos, e bla, bla, é um argumento péssimo. Ora, se estamos dizendo que tal processo está na linha da destruição da Vida, que falta fará tirar tal estrutura(do caminho errado)? Então a mais óbvia solução é levar para dentro das realidades vividas, e pensar a partir dessas, no que a educação popular sempre orientou, porém agora, indicamos o cunho ecologizado para tal, inclusive nas suas estruturas e bioconstruções. Adiar tal

estarmos vivendo simplesmente dela, devemos estar com ela (...) um mundo melhor significa não apenas a sobrevivência dos seres, mas o da vida saudável e feliz” (in. NOAL, e BARCELOS, 2003, p. 14 e 18) .

O respeito à metódica perspectiva freireana, do falar e atuar “com” eles (não para eles), é condição obrigatória. Nem individualismo, nem coletivismo, a realidade socio-ambiental concreta, a cotidianidade é um diálogo e a existência um entrar em contato, relação do ser humano com os outros seres/coisas e com seus iguais. *“Temos de reconhecer no outro, o direito de dizer a sua palavra, direito esse que corresponde ao nosso dever de escutá-los, que no fundo é falar “com” eles, enquanto simplesmente, falar a eles, seria forma de não ouvi-los- afirmar nosso elitismo autoritário. Devemos assumir a ingenuidade dos educandos para poder “com” eles superá-las. Se estou do lado de cá, não posso chegar do lado de lá, partindo de lá, mas de cá (...). Sejamos coerentes. Já é tempo” - Nos disse fraternalmente, Paulo Freire (1982) .*

Essas sábias palavras provocam-nos a pensar que tipo de formação, e relação, mantemos “com” os educandos. A criticidade deve respeitar os potenciais e sensibilidades- dos educandos-educadores, ou dogmatizá-los, em nome de supostas formações (verticalmente) revolucionárias?

A Ecopedagogia tem por pressupostos, entre outros, trabalhar pela cidadania planetária. Que cidadania se constrói com quem não percebe a perspectiva planetária e o que o alimenta - e portanto, continuará destruindo seu espaço (degradado, poluído) onde sobre-vive?

A perspectiva de diálogo inter-seres é exigência que pede um esforço de re-entendimento das inter-retrorelações no planeta. Não podemos mais ir em frente nas nossas posturas de vida e educativas como se nada tivesse acontecido na história das ciências naturais nos últimos tempos.⁷⁷

A compreensão da Vida ganhou novos contornos - a co-evolução de totalidade cósmica, deve complementar essa compreensão. Gutiérrez nos fala que “a razão de ser da planetariedade e de sua lógica são conseqüências tanto de uma nova era científica - não deixar a ciência só para os cientistas - quanto do recente descobrimento da Terra, como um ser vivo ” (in. GADOTTI, 2000a,p.235). Percebe-se a afirmação de que a popularização do saber científico não é só ideológico, mas sim *promocional de nossa existência*. Para isso, é fundamental entender com quem nos relacionamos concretamente nas trocas educativas. “Conhecer o humano é antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele” (MORIN,2000,p.47) . Esse conhecer no universo pede justamente o conhecer local, articulada e contextualizadamente.

O triunfo do pensamento técnico-científico e das transformações por ele provocadas assenta sobre valores ligados à atual relação homem-natureza; é aqui que temos de praxicar nossas atenções, na ecologia.⁷⁸ Esta radicalidade pede a participação e utopia como seus horizontes. FREIRE era incansável com isso, não há educador real, e nem educação que leve além- na busca do ser mais- que não parta disso. *“A esperança*

mudança, é manter a enganação pedagógica anti-sustentável.

⁷⁷ Além de reforçar a leitura para entender a dialogicidade Freireana, indico ler a polêmica e concreta indicação da inteligência inter-seres que Humberto Maturana vem trazendo. Sobre a ciência e a prática agroecológica, por mais que essa precise e se faça de forma artesanal e menos maquinal, não deve significar fuga do prazer e da tranquilidade da produção – essa deve ser gerida de modo solidário, e não escravo (nem do consumismo, nem dos estresses dos tempos insensatos), respeitando as econecessidades.

⁷⁸ Para entendermos nossa interconexão ecossistêmica temos que parar e sensivelmente achar tais vinculações. Só depois é que podemos ser criacionistas. Isso re-coloca para a educação caminhos, que se intercalam com uma eco-artística forma de fazer do contrário, continuaremos reprodutivistas ou criacionistas destrutivos.

é necessidade ontológica; a des-esperança, esperança que perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade ontológica (...) não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico (...) mas prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão (...) ela precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera.” (1992, p. 10 e 11)⁷⁹

Avançando a debater o caráter especialista/ técnico, da formação (não dissociado do político/organizativo, mas fortalecendo-o), trago a consideração das atitudes e princípios- observados na CE, e percebidos como uma atuação pouco ecológica. Indica-se então, um educador ecológico e co-operador - holístico e ecológico no saber: prático e sensível no fazer: e, popular, sustentável e bio (eco) crático na direção/gestão. É ousar pensar na necessidade de termos nesses quadros e articulações, a figura de “cidadãos ecopráticos” (substituindo a verticalista idéia de intelectuais orgânicos), ou seja, contemplando e sendo coerente com a perspectiva acima proposta, do educador ecológico e cooperativo, a qual pede populares perspectivas para a organização da ecológica necessária à manutenção da Vida, o que passa longe do representativismo, já que necessita da re-composição de todos como agentes vitais.⁸⁰

Isso retoma o debate de um novo tipo de organização, e que se aproxima muito de um ecoanarquismo. A reformulação a partir da ecologia “ não poderá vir de uma re-adaptação de conceitos tradicionais, mas (...) de uma crítica profunda ao dualismo implícito na política contemporânea, que trata a humanidade e a natureza como entidades separadas e diferentes ” (LEIS,1999,p.141).⁸¹

Eis a postura em defesa da ecopedagogia como universal política pública biocrática de educação. Eis a ampla conceituação dessa econecessária estrutura educacional...

Agroecologia (e Permacultura) como Base da Ecopedagogia

“ Culturas não sobrevivem muito tempo sem uma agricultura sustentável.” (Bill Mollison)

“Agroecologia pode ser parte de uma grande virada do pensamento ocidental” (Altieri, 1989)

⁷⁹ Boicote a tudo que destrói a Vida, é uma atitude econecessária, e de esperança. Denúncia e anúncio devem ser componentes obrigatórios para esses processos. Não se pode iludir, mascarar a terrível situação que o ser humano colocou a si mesmo, e aos ingênuos irmãos, seres vivos. Há que se problematizar que ciência é essa que aí está?

⁸⁰ Essas substituições e ecologizações da conceituação gramsciana são imprescindíveis a planetariedade. Muda o caráter hierárquico.

⁸¹ Não se está querendo aqui atribuir a responsabilidade total (e estrutural) dos problemas educacionais aos docentes, tão pouco reduzir tudo à problemática aprendizagem/ ensino, muito menos adotar uma atitude redentorista - o superado entusiasmo pela educação.Devemos almejar sempre mais **a autonomia ecológica para organizar-se.** No caso do Maciço, se o seu fórum popular não caminha para essa posição, e continua refém dos paliativos estatais/ empresariais, como pode-se almejar ir além naquilo que o interessa e precisa sem essa ousada atitude de auto-formulação? Longe de pregar o isolamento perante as instituições e entes da vida, o que se deve garantir é a exigência para que tenhamos sempre a autonomia co-relacional. Ver ainda - www.redesolidaria.com.br ; www.ecosol.org.br ; www.economiasolidaria.net ; www.permacultura.org.br ; www.agroecologia.com.br ; www.forumeducacao.hpg.com.br e www.paulofreire.org.br - (que possuem seção de ecopedagogia) ;

Se queremos optar pela re-construção, pelo re-fazer da Vida, temos de ser originais e orgânicos no respeito ao Planeta e seus ecossistemas. Essas possibilidades educativas têm suas bases bastante referenciadas tanto na Agroecologia, como principalmente na Permacultura, as quais trazem as eco-lógicas como seus componentes básicos e práticos. Segundo Miguel ALTIERI “o fator final necessário a uma agricultura ecológica é um ser humano des-envolvido e consciente, com atitudes de co-existência e não de exploração para com a natureza.” (1989, p. 211) Essa reflexão reforça o caráter ecopedagógico entre esses interconexos elos da Vida, e ajuda a basear as possibilidades de outro projeto SS – pois resgata a condição de sujeito dos agricultores, que podem adquirir clareza integral do processo.

Precisamos entender o que é minimamente a agroecologia. *“Não se deve entender como agricultura baseada nos princípios da Agroecologia aquela agricultura que, simplesmente, não utiliza agrotóxicos ou fertilizantes químicos de síntese em seu processo. No limite, uma agricultura com esta característica pode corresponder a uma pobre, desprotegida, cujos agricultores não tiveram acesso aos insumos modernos por impossibilidade econômica, por falta de informação ou por ausência de políticas públicas adequadas para esse fim.”* (CAPORAL; 2004, p.9)⁸²

Já a Permacultura envolve o planejamento, a implantação e a manutenção conscientes de ecossistemas produtivos que tenham a diversidade, a estabilidade e a resistência dos ecossistemas naturais. Harmonizando as pessoas e a socioambientalidade, vai prover a alimentação, a energia e a habitação, entre outras econecessidades, de forma autônoma e ecossustentável. Um permacultor utiliza conhecimentos multi-áreas para suas decisões, estudando as oferendas e componentes naturais na sua região presentes.

Podemos dizer que via permacultura, os seres podem estreitar ao máximo o retorno a uma vida culturalmente natural – portanto, ecossustentável. São bioculturas permanentes que se formam, e as quais envolvem fatores socioambientais, ecológicos-econômicos-solidários, bioarquitetônicos e sanitários, o que constitui uma verdadeira e concreta abordagem holística de organização de (eco) sistemas, onde cada elemento em si, tem que cumprir várias funções. Ela pensa nossa permanência no Planeta, o que hoje é condição obrigatória para toda e qualquer ação humana. Inúmeros casos de sua aplicação com eficácia, têm provado ser a permacultura viável a todo o Planeta. Isso é fundamental, já que em alguns anos, quem não tiver acesso e gestão eco-lógica com a Terra, não vai comer (e saudavelmente) – ficará refém da exploração comercial/ mercadológica sobre os alimentos e a água (que vulgar e artificialoidemente, os mandatários e ideólogos do mercado chamam de ouro do século) .⁸³

⁸² O autor analisa que alguns tipos de agricultura alternativa que já estão subordinados a regras e normas de certificadoras internacionais ou usando insumos orgânicos importados, produzidos por grandes empresas transnacionais, pois encontraram no mercado de insumos orgânicos um novo filão para aumentar seus lucros. Pior é a revelação que uma agricultura ecologizada pode supor grande monocultura orgânica, baseada em mão-de- obra assalariada e explorada, que atende anseios e caprichos de consumidores. Isso, num limite ético não será verdadeiramente ecológico. Devido à “instrução normativa de 17/5/1999, que estabelece normas para a produção vegetal e animal da produção orgânica, os produtos são mais conhecidos pela designação de “orgânicos”. Na região Sul, onde predomina a produção de agricultura familiar, são também agroecológicos.

⁸³ Alguns sistemas de educação no mundo já estão adotando e incluindo a permacultura em seus processos básicos. Indica-se como bastante adequada ao Maciço – com suas comunidades e via CE – estar urgentemente incorporando tais debates/ práticas. Enquanto história, ela foi formulada no começo dos anos 70 por australianos (Bill Mollison e David Holmgren) , como uma síntese das ancestralidades sobreviventes junto aos conhecimentos da ciência moderna.

Não podemos mais continuar indo a feiras e supermercados comprando todo e qualquer produto sem saber se é da época. A educação tem a obrigação de trazer as tabelas dos tempos de produção natural.⁸⁴

A agroecologia é a forma mais saudável de produção de alimentos, por levar em conta também a saúde de todas as relações envolvidas no processo, sendo ecossustentável, sadia, justa, ecológica e economicamente viável, respeitadora da natureza de todas as vidas- cuida do solo, das águas e dos animais, e de nós. ALTIERI vai dizer que “as técnicas modernas não são de (vida) mente apropriadas a uma era pobre em energia e de perturbações do ambiente.” (1989, p. 207)⁸⁵

Além do mais, ela se coloca como contraponto ao Agronegócio- tão em voga, e o qual vai criando a ilusão de gerar riqueza e empregos. Consideramos esse um mero mercado destruidor do re-fazer no cuidado planetário, e que junto à transgenia vai ajudando a piorar tal situação. ALTIERI diz que muitas “mudanças removeram os ecossistemas das culturas dos seus ecossistemas naturais, de tal maneira que ficaram diferentes em estrutura e função” (1989, p. 58) Essas artificiais manipulações humanas ignoram que a sincronia planetária é perfeita, e alterá-la só acarreta mortes ao ciclo biológico da Vida. Toda condenação ao transgênico e ao agronegócio é necessária sim, afinal não respeitemos as culturas de morte.

É exigência radical de re-educação da educação, buscando uma ecoformação. Sem a agroecologia isso é impossível, já que ela recoloca-nos de forma extremamente responsável na relação planetária. Porém, essa não se faz sem a ecopedagogia, e a co-laboração na consecução de bioculturas. A *“agroecologia compartilha sua base epistemológica com a subdisciplina antropológica da ecologia cultural, onde a evolução da cultura é explicada com referência ao meio ambiente, e a evolução do meio ambiente é explicada com referência à cultura. A agroecologia pode ser parte de uma grande virada do pensamento ocidental(...)o des-envolvimento agrícola através da agroecologia manterá mais opções culturais e biológicas para o futuro e trará menos efeitos negativos para a cultura, biologia e ambiente, do que a tendência agrícola convencional sozinha (...) Os agroecologistas estão removendo os sinais de mão única da estrada entre ciência e o des-envolvimento.”*(ALTIERI, 1989, p. 46 e 47)⁸⁶

A ecopedagogia, a agroecologia / permacultura e a ecológica economia solidária são a articulação vital para o re-fazer da Vida, formam uma base formuladora de nova práxis ecopolítica, com a superação prática, no hoje (e não só como idealismo) , da exclusão, degradação e não-vida.Reconhecendo o aspecto

⁸⁴ É o sempre necessário debate e atenção às políticas de segurança alimentar que mais do que nunca está colocado. Sendo fundamental a disponibilização de informações sobre as características e componentes dos alimentos, principalmente em tempos de venenosos transgênicos à solta por aí. Não se pode mais sugerir outro mundo possível se não cuidamos do que comemos e bebemos. Sem essa conexão agroecológica não há séria educação. Falar em mera cidadania (e revolução) à base de Coca-Cola (ou qualquer outro industrializado bébil – débil) , sentado nos *mac's* existentes, é brincar com a Vida que se esvai.

⁸⁵ Sua genuína e pura forma resgata importante questão que é o de relacionar-se preferencialmente com as espécies nativas, com a sazonalidade temporal e local de cada concreto ecossistema, isso é um ponto determinante na diferenciação com os meros orgânicos (tão propalados no aumento de sua presença no mercado-,principalmente para aqueles que só vêem cifras à sua frente, e este como grande filão, e que mostram não Ter entendido nada de ecologia, mas só de maquiagem ecológica de mercado) .Ela mostra outro grande potencial ecopedagógico, que é o de resgatar o ser natural- em contextos naturais. Re-força a luta pela biodiversidade.

⁸⁶ Muitos militantes da causa agroecológica colocam que ela efetiva a interdisciplinariedade, já que coloca em conjunto as ciências, e que por isso estaria à frente de outras. A agricultura tradicional é a do medo, e a agroecologia é a da paz interior, da simplicidade e auto-sustentação, não precisa se relacionar com a anti-vida *burrocrática* de bancos, mega-comércios, mercados, etc.

biocultural de tais ecoações, ressalta-se a busca da naturalização cultural, afinal “a crescente escassez de recursos, a degradação da água, ar e as mudanças climáticas que testemunhamos não tem precedentes na experiência humana e refletem uma visão biológica/ecológica, em vez de uma visão cultural do mundo. A mudança de um entendimento cultural para uma visão biológica/ecológica da crise é significativa, pois fixa nosso entendimento dentro dos limites da percepção humana”(HUTCHISON, 2000, p.22)

“No nosso entendimento as perspectivas agroecológicas e ecopedagógicas, possibilitam aliar o resgate e a valorização da vivência e do saber popular ao conhecimento técnico-científico, o que permite aumentar a capacidade de convivência sustentável entre a agricultura familiar e a qualidade de vida das comunidades escolares ” (TESSARO, 2004, p. 2) , e de todas comunidades mais.⁸⁷

A agroecologia traz elemento novo para a luta pela terra- a reforma agrária e agrícola- e mostra outra amplitude por tal questão política, que articula ecologia e economia co-gestora e solidária, numa perspectiva biocrática de elaboração - a reforma planetária. Requer a popular ecopedagogia, a qual pode ajudar a formar a idéia da Terra como oferenda pública e viva (esse seu maior valor) . A Agroecologia está sendo o grande contraponto político-ecopedagógico ao monstro transgênico- o qual vem destruindo toda a vitalidade das cadeias alimentares. A política nacional sobre esses ‘monstrinhos’ é absurda e mercologizada. O equilíbrio ecológico passa longe dela. Contaminando os solos, as mentes, os agricultores e as prateleiras dos supermercados estão presentes esses brinquedos da ciência sem ética, sem bioética.⁸⁸

“ Somos todos sem terra”, afinal, original, natural/ecologicamente, ela não pertence a ninguém - quem teve a audácia de cercar o primeiro pedaço da (planetariedade) Terra?

Temos diversas RAZÕES PARA NOS RELACIONAR COM PRODUTOS AGROECOLÓGICOS: É mais saudável - crescem sem pesticidas e fertilizantes químicos sintetizados artificialmente. Assim não basta lavar e maquiagem produtos tóxicos/ industrializados e/ou conteúdos educacionais, antropocêntricos, em belas embalagens didáticas e metodologicistas – vão nos destruir de qualquer jeito, junto à nossa (não bio)cultura fragmentária.⁸⁹

⁸⁷ O aspecto dos benefícios da sazonal temporalidade que esta traz para a re-organização da Vida e ecoeducação estão sendo tratadas com mais profundidade no item do Eco-ócio. Sabe-se que a cultura do tempo simbolizada no relógio, é uma cultura burguesa. Porém dia e noite, foram feitos para “viver a vida”, e não para “sobreviver na escravidão da desatenção cultural, que ignora o sábio e vital natural”. Viva (mos) o tempo da Vida, adentrando às frequências naturais que esse traz – no ecoócio. O Calendário Maia é muito mais real e respeitador dessa do que nosso impositor e cultural calendário gregoriano/ cristão (anti-ecológico) .

⁸⁸ Com o argumento de tentar resolver o problema da fome, vão tentando iludir alguns (os que desconhecem toda política agrícola, em suas exportações, direcionamentos e perdas- nos silos depositadas, entre outros) . O analfabetismo ecológico dirigente, critica sim (uns para marcar posição/espço político) , a maioria pelas perdas economicistas que o mercado alternativo abre no mundo. Poucos entendendo toda relação vital que se anula com tal processo criminoso e mortal -já está comprovado que a adoção de sementes transgênicas vai eliminando a biodiversidade na natureza (por mais que a oficialidade científica demore a dizer isso, já que é ricamente financiada pelos interesses transnacionais/Estadunidenses) . As lavouras ficam muito homogêneas. Temos indicações da soja transgênica trazendo problemas ambientais, de desertificação e diminuição da fertilidade. Outra razão - científica - é que as multinacionais se negam a fazer pesquisa sobre o efeito desses na saúde humana. Por que será?.

⁸⁹ Orgânicos possuem mais "gosto". Vale dizer que: não basta lavar alimentos para eliminar resíduos tóxicos, já que os agrotóxicos são na maioria de atuação sistêmica, ou seja, podem chegar até a seiva, semente dos produtos. Lavar e descascar apenas os resíduos que se encontram na casca e nada mais. A alimentação saudável é práxis ecopedagógica necessária para fortalecer e vitaminar o organismo, contra doenças e bactérias da modernidade, cada vez mais resistentes, isso deve acompanhar o combate aos industrializados (corantes, conservantes) e os abusivos anti-bióticos e alopatícos (da máfia das indústrias farmacêuticas) , venenosos para a original e pura natureza humana e animal. O solo é

Estou trazendo vários desses dados e informações, não só por serem diretamente ligados ao foco de investigação, mas por que acredito que o trabalho de pesquisa deve também contribuir para a aprendizagem com a vida, e não se pode querer pesquisar e comunicar essa, se não se sabe profundamente, do que está se falando - e são assuntos recentes, na macro história.

É importante um chamar de atenção para lembrar que “a fome é um dos problemas ecológicos centrais”, já que é um corte nas relações entre todos os seres. Por tudo isso, é que se pensa a “merenda escolar orgânica”- em tempos onde temos mais e diversos tipos de comida/ alimento, e menos (qualitativa e ecossustentavelmente) nutrição...

PPEp – Gestão Biocrática – Para o Humano Natural

“ A natureza vive sem nós, nós é que não vivemos sem a natureza ”

(Paula Brugger - 25ª Semageo / UFSC)

Todas as exigências para uma educação ecocêntrica indicam um projeto político que seja ecopedagógico - passar do PPP, para o PPEp, não reduzido à demo-cracia egoística dos humanos, mas sim como um PPEp biocrático, onde todo o entorno e histórico contexto socioambiental (escolar) seja considerado prioritariamente - junto ao ecossistema planetário. É uma ecopraxis diferente que se requer.

Como essa pedagogia que está aí fortaleceu-se e sedimentou-se historicamente no afastamento da natureza – com a dicotomização cultural/ natural- que a ciência (acompanhante) a induziu, ela não serve mais à educação - esta precisa do apoio de bioculturas ecopedagógicas.

Indicar-se-ia para o FMCC-CE, passar a planejar - no lugar dos clássicos, antropocêntricos e sobreviventes PPPs, com base na conceituação (que venho elaborando), do PPEp, no qual a base será holística, de pensamento integrado, que trabalha a relação entre todos os conhecimentos, em equilíbrio com **o eixo da Vida ecossustentável como prioritário**.

Para termos PPEps, serve a indicação de termos indivíduos/ cidadãos ecopráticos, que resgatem o conceito de Hospedeiro do Opressor (Freire) , e a partir dos padrões ecossustentáveis, problematizar que a postura dominante /opressora não pode ser modelo de redenção e /ou educação para nossa (superação) manutenção Viva - o velho ideal da socialização dos bens/ produtos, é anti-ecológico.

O PPEp biocrático deve apontar ao resgate do humano natural; somos culturais sim, mas antes disso, somos seres naturais, e a isso deve se portar uma educação ecológica. É o biocultural como expressão da (velha e) necessária postura contra-cultural, como princípio da ecoeducação. FREIRE colocou que “a revolução é biófila” (1970, p. 201). Só se dará conta de uma formação completa, e que seja transdisciplinar sensibilização biocrática (o que seria complementarmente mais do que disciplinarismo racionalista

oferenda natural crucial à preservação de todas as Vidas, pois dele depende a principal produção de alimentos; embora seja renovável, depende da manutenção do nível de fertilidade natural, o qual uma vez destruído exige tão grande

antropocêntrico), se partir de um PPEp de direta ação ecológica.⁹⁰

Devemos atuar na construção ecológica sim, e procurar des-elitizá-la, pois como disse Antonio Lago: “ Os mais pobres são os que recebem com maior impacto os efeitos da degradação ambiental (...) e não podem se utilizar dos artifícios dos ricos (casa de campo, viagens, etc) ” (in GADOTTI, 2000,p.120).⁹¹

Ora, uma educação e prática educativa que se eximem da discussão política, numa perspectiva ecológica profunda, vai contribuir para o processo de exclusão das camadas populares do acesso e apropriação dos saberes e experiências ecossustentáveis, historicamente acumuladas, das novas práticas em construção pela humanidade, e das possibilidades de plena vida-qualitativa (não contaminada pelos nocivos progressos industriais/ modernistas (hic-?)) a todos os seres. Esta ausência (presente na CE-FMMC) vai impedindo que a mesma se dê conta de sua condição dependente da natureza ecossistêmica.

O que venho chamando de analfabeto ecológico, pode ser pensado junto a MORIN: “A inteligência cega torna-se inconsciente e irresponsável, falsa racionalidade, inteligências artificiais- e o pensamento tecnocrático, pertinente para tudo que se relaciona com máquinas artificiais, é incapaz de compreender o vivo e o humano aos quais se aplica” (2000,p.43) . O planejamento para todos os espaços educativos calcados no PPEp, é caminho para que tenhamos acertadas e sensíveis re-educações dos indivíduos...

Sensibilização - Interdependente e Cooperativa

“ A tomada de consciência da Terra-pátria pode por si mesma pôr-nos em estado poético. A relação com a Terra é estética e, mais do que isso, amorosa e às vezes exaltante (...) . É preciso tentar viver, não só para sobreviver, mas também para viver. Viver poeticamente é viver para viver.” (MORIN, 2001, p. 194/5)

A sensibilização pode ser uma necessária conceituação e prática (lúdica, corpórea, afetiva, ambiental, intuitiva, relacional) , que complementar a conscientização e ajudaria a criar mais amplas e sensíveis possibilidades formativas e de decisões políticas- ecossustentáveis, a esta comunidade (e a planetariedade) , portanto serve a nos acompanhar no olhar como exigência de ética planetária. Devemos pensar na sua recuperação como possibilidade ecológica, como nos fala RESTREPO: “ *O analfabetismo emocional impede de compreender a singularidade dos intercâmbios emocionais, e é também a base de sua dureza para com as demais espécies animais e vegetais ... só enquanto captarmos sensorialmente as dificuldades do ambiente, quando aprendermos de novo a distinguir odores e os sabores pra detectar de maneira direta a contaminação do ar e dos produtos alimentícios; só quando nos relacionarmos*

período de tempo para se re-construir que pode considerar-se irrecuperável à escala histórica do humano.

⁹⁰ Procurar articular a integralidade da Teoria das inteligências múltiplas, re-articulando-as em bases ecológicas e com PPEps biocráticos. Nesse contexto, em vez de continuarmos com a idéia e estrutura de escolas não deveríamos pensar em vinculações mais próximas às comunidades, em “espaços livres de geração de Vida ecossustentável”, ou vamos manter as atuais estruturas educacionais onde “estamos morrendo ” (e sem poder se despedir da Vida, pois estamos no estado sobrevivente) , em escolas e universidades que fazem o “velório do (não eco)conhecimento”?

⁹¹ Afinal, a perspectiva ecológica não pode ser espaço para elitização, e sim para popularização, pois ela traz a exigência do equilíbrio total, e a idéia de popularização aqui, é a de termos um planeta acessível, cuidado e justo, “ para todos ”.

visceralmente com o meio e reproduzirmos em nosso corpo o sofrimento das espécies envenenadas e encurraladas, só então seremos capazes de confrontar nossos comportamentos e símbolos, gerando cognições afetivas que permitam reestruturar nossa dimensão ética” (p.87,2001) .

Ela vem resgatar também a Transgressão como um dos imperativos de possibilidade de um novo tempo e papel na educação, é o pensar numa educação de contra-sentidos, ou de sentidos ecológicos que transcendam a mesmice degradante que vivemos. Teilhard de Chardin, em sua obra “Fenômeno humano”, reflete sobre o processo evolucionário da humanidade, e a ciência: “depois de se ter deixado prender excessivamente, até cair na ilusão, pelos encantos da análise, o pensamento moderno habitua-se de novo a encarar enfim a função evolutivamente criadora da síntese” (in.SANTO, Ruy 1996,p.10)

É uma questão de método- axiológico, colocar a ecologia (o “eu com o todo”) em papel de notoriedade e destaque, no lugar da economia (enquanto prisma determinante de relações) . A ecologia deve formar um triângulo, junto à política (o “eu com o tu/outro”) e a arte (o eu consigo mesmo) -estas compondo as três pontas (ângulos e vértices) interconexas junto com a questão “ética-espiritual”, a qual irá transcender e compor relacionalmente com todas, no contexto socioambiental/ planetário.⁹²

Como nos colocou um dos formuladores da ecopedagogia- GUTIÉRREZ, 2000: a “educação não pode ser, se não um processo de elaboração de sentidos” citando ainda Simon Rodrigues, que indaga: “o que não se faz sentir, não se entende, e o que não se entende, não interessa” (idem,p.64) . Nesse sentido (interdependente), a CE pouco avançou - em metodologias e abordagens ecocêntricas.

BOFF também reflete “O dado originário não é o logos, a razão e as estruturas de compreensão, mas o pathos, o sentimento, a capacidade de simpatia e empatia, a dedicação, o cuidado e a comunhão com o diferente. Tudo começa com o sentimento (...) que nos faz sensíveis ao que está à nossa volta (...) que nos une as coisas e nos envolve com as pessoas (...) que produz encantamento (...) . Importa colocar cuidado em tudo (...) . Conceder direito de cidadania à nossa capacidade de sentir o outro, de ter compaixão com todos os seres que sofrem, humanos e não humanos, de obedecer mais a lógica do coração, da cordialidade e da gentileza do que a lógica da conquista e do uso utilitário das coisas. ” (1999, P. 99 e 102) O mesmo reflete outros bloqueios: “por profundo dualismos. Separou-se o capital do trabalho, trabalho do lazer, pessoa da natureza, corpo do espírito, sexo da ternura, eficiência da poesia, admiração da organização. E um dos pólos passou a dominar o outro. Assim, surgiu antropocentrismo, o capitalismo, o materialismo, o patriarcalismo, o machismo, o performancismo (fordismo,taylorismo) , e o pior aconteceu: o ser humano se isolou da comunidade cósmica, esquecido da teia da interdependência e da sinergia de todos elementos cósmicos, para que ele emergisse no processo evolucionário. E se alienou de sua dignidade. Este tipo de sociedade é profundamente anti-ecológico. Mas nos re-envia a níveis ainda mais profundos ” (2000,p.109/10) . Tal fala indica a ecologização radical e a complexidade envolvida - que pede seres livres e cooperados para praxicar a conservação do planeta e Vida (com o ecoócio como base).⁹³

⁹² Essa idéia originou-se com o trabalho de Guilherme Blauth e Patrícia Abuhad, junto ao projeto Harmonia na Terra;

⁹³ Como atender a totalidade das Vidas e das relações do Maciço, serão embasados em holísticos olhares e práxis, os quais dão conta de todos fatores acima relacionados? É uma grande e re-novada exigência. Mas penso que mais do que estar sendo injusto com tal campo, ao perceber um caminho pouco ecossensível, estamos colocando em grande

“ Nós humanos, classes e grupos sociais, estamos sempre inseridos em um meio ecológico, e o efeito da complexidade sobre nós, é de proporcionar noções nas quais a emoção, os sentidos, a intuição, a motricidade e a gestualidade, nunca são isolados da razão (...) queremos construir conceitos novos, conceitos-afetos (confetos), que reflitam as dinâmicas do pensamento popular (...) não seguir pesquisadores profissionais, que falam à partir de um outro mundo, em um outro mundo” (GAUTHIER; FLEURI; e GRANDO,2001, p.57) . Há que re-ligar a estes. Não mais indicando ações científicas e/ ou humanistas achando que estamos fazendo grande coisa. “ A descoberta da solidariedade ecológica é uma grande e recente descoberta. Nenhum ser vivo, mesmo humano, pode libertar-se da biosfera.” (MORIN, 2001, p. 56)

Perceber o lugar privilegiado da arte, como expressão criadora e sensibilizativa (real sinônimo de educação), como afirma GUTIÉRREZ, “ o educando que não consegue se expressar está assim por que é mantido num estado de repressão. O dar e encontrar sentido, não é apenas questão de compreensão, mas sobretudo de expressão ” (2000, p. 71). Os trabalhos ecoartísticos podem recuperar o sentido ecológico; de um re-fazer da estética relacional, sintonizados à não-agressão ao equilíbrio ecossistêmico. Não basta incentivar a ludicidade a qualquer custo, para não ser uma insustentável demagogia educativa, destruidora do planeta. Não se pode fazer educação sensibilizativa para autonomia, em cima de clássicas e iluministas pedagogias competitivistas, ou de perspectivas “arteiras da destruição”.

Precisamos de metodologias/didáticas/avaliações cooperativas, como BROTTTO fala: “ A preocupação com o resultado final é substituída pela confiança e respeito mútuo, e pelo prazer de estar jogando uns com os outros, ao invés de uns contra os outros ” (1997,p.66) . A integração pró-permanência qualitativa (não ingênua) no e com o planeta, faz frente a ações (egos) auto-afirmativas e competitivas. Insistir nessas é caminhar para o abismo. Como então continuar colocando o econômico - financeirista, como base de filosofias educativas, se se constituem pela competição e não respeito às oferendas naturais?

A ecopedagogia vem acompanhada da prática da cooperatividade. É charlatanismo educativo falar em novo, e continuar aplicando modelos competitivos e pedagogias do conflito.⁹⁴

Aliás, “ ao convidar à sensibilização da ciência, rompemos com o autocentrismo da ação, assumindo que só a partir da ecoternura é possível criar um conhecimento que tem presente o contexto que nos rodeia. Ecoternura é desburocratizar o conhecimento, convertendo sua produção e conservação numa prática de auto-gestão ... Não há razão para manter informação que não vai enriquecer a vida cotidiana da existência singular ... o conhecimento não está nem aqui nem ali, nem no sujeito nem no objeto, mas num lugar intermediário, lugar da interação e da construção conjunta”; (RESTREPO, 2001, p.85) . O autor referido contribui para entendermos que não é preso aos moldes burocratizantes que iremos contribuir com a socialização da Vida. Essa auto-gestão tem que ter o sentido e caminho de co-gestão, pois ecologizar é

patamar ideal de referência, para procurar instigar e acordar a tais e econecessários pressupostos.

⁹⁴ A didática com materiais naturais e renováveis, além de dar excelentes resultados práticos e estéticos, ao mesmo tempo desperta no indivíduo/ educando a consciência planetária. Dentro deste contexto, um dos materiais que apresentam melhores resultados é o bambu, que pode ser utilizado para os mais diversos fins e sua durabilidade é muito grande. Ele pode ser plantado até mesmo em uma pequena área na escola, fornecendo material de trabalho todos os anos. A tradicional fabricação de instrumentos musicais de bambu pode ser outra forma de educar unindo a ecoarte. O importante é abandonarmos as sofisticadas e tóxicas artificialidades, e adotarmos as ecológicas e econômicas opções.

processo de sintonização inter-seres, de caminhar em tal harmonia. A defesa da interdependência não antropocêntrica é condição para tal sensibilização. Como essa vem sendo alvo de polêmicas, trago a reflexão:

“ Não devemos confundir o antropocentrismo com o princípio andrópico. Por ele se quer dizer o seguinte: somente podemos fazer as reflexões que estamos fazendo se tomarmos consciência do lugar singular do ser humano no conjunto das espécies e seres. Não são as amebas, os colibris ou os cavalos que estão fazendo o discurso reflexo sobre o cosmos (...) . Revela tão somente a sua singularidade enquanto espécie pensante e reflexa, singularidade que não leva a romper com os demais seres, mas reforça a sua vinculação com eles, porque o princípio de compreensão, reflexão e comunicação está em primeiro no universo e somente porque está no universo pode emergir na Terra, progressivamente nos vários seres complexos e finalmente no ser altamente complexo que são os filhos e filhas da Terra, os humanos.” (BOFF, 2000, p. 45 e 46)

É necessário re-encantar o planeta, e com outra ciência. “O ecologismo não contesta a necessidade da investigação científica nem a sua natureza específica. Mas declara-se contra sua lógica e a sua epistemologia.” (SIMONNET, 1987, p.44) O mesmo autor (com muita base em ILLich) diz: *“O sistema educativo obrigatório tende a asfixiar as curiosidades e a sede de conhecimento, procurando formar cabeças bem atulhadas, de preferência, a cabeças bem feitas. O des-envolvimento das capacidades criadoras é confundido com a aquisição do saber. (...) Ao sistema escolar atribui-se da mesma forma o monopólio radical do saber: se não for sancionado por um diploma, o conhecimento não é reconhecido. (...) A educação não desperta porém a curiosidade de aprender, antes engendra processos de competição social e de submissão à autoridade.”* (p.48, 49 e 51) Essa perspectiva pede outra postura estética educacional. Temos de sentir/achar nas eco (lógicas) sistêmicas antes de nos lançarmos a criar/transformar - temos que conhecer muito mais disso que des-conhecemos por séculos, a estruturação interconexa planetária, seus impactos e relações socioambientais – suas econecessidades...⁹⁵

Outra História e Direito São Econecessários

“ressaltar a história no contexto da história natural serve como importante medida corretiva, na medida que desafia os pressupostos antropocêntricos das abordagens contemporâneas ao ensino da história”(HUTCHISON, 2000)

Todo este desafio de uma outra educação deve ser feito articulado em nova historicidade, onde é econecessário incluir a história bilionésima do universo nas pesquisas e nos conhecimentos, indicando uma ecoformação/ compreensão. Não entendendo a nossa história e constituição cósmica, continuaremos

⁹⁵ Mais do que unir educação e aprendizado em princípios de produção material - como se colocou na pedagogia histórico-crítica (materialista) , a perspectiva libertadora (Freire) sempre pensou a partir de relações, sujeitos concretos, e chegando ao final de sua produção colocou a necessidade da educação em pensar a relação entre todos os seres e a naturalidade dos contextos...

enganados na nossa con-vivência. Com a conivência e equívoco da atual ciência - já que esta quando não nos oprime a memória histórica, insiste em predominar uma história economicista – fazendo com que vejamos des-viada a perspectiva de compreensão de antigo (longo) prazo que nos sustenta no tempo.⁹⁶

MORIN diz que “convém ensinar história da era planetária- início das comunicações dos continentes, século XVI, sem ocultar as opressões e dominações que devastaram a humanidade, e que ainda não desapareceram; mostrar o complexo da crise planetária, que todos seres humanos, nos problemas da vida e morte, partilham um destino comum” (2000,p.15). Esse olhar traria a econecessária postura contextual - se entendermo-nos como uma fagulha na bilionésima história de vida.

BOFF contribui dizendo que “ *importa realizar a globalização do tempo. Nós temos a idade que se conta a partir do dia do nosso nascimento. Nós temos a idade do cosmos. Começamos a nascer a quinze bilhões de anos quando principiaram a se organizar todas aquelas energias e materiais que entram na constituição do nosso corpo e de nossa psique (...). Se sintetizarmos o relógio cósmico de 15 bilhões de anos no espaço de um ano solar (...) e querendo realçar algumas datas que nos interessam, teríamos o seguinte quadro: A primeiro de janeiro ocorreu o big-bang (...) a 31 de dezembro, irromperam os primeiros homens e mulheres (...) o mundo moderno teria surgido no 58 segundo do último minuto do ano. E nós individualmente? Na última fração de segundo antes de completar meia-noite.*” (2000, p. 186 e 187)

Outro autor que vai trazer bem tal questão é HUTCHISON “ressaltar a história no contexto da história natural serve como importante medida corretiva, na medida que desafia os pressupostos antropocêntricos das abordagens contemporâneas ao ensino da história(...)ela pode basear nosso entendimento do mundo dentro daqueles pontos de origem que temos em comum(...)com outras espécies. Pode desafiar tendências ahistóricas dentro da sociedade tecnológica moderna.” (2000, p. 150). Já MORIN coloca que “ A história tradicional relatou o fragor e a fúria das batalhas, golpes de estado, ambições dementes (...). A nova história, hoje muito envelhecida, julgou ver a verdade do futuro no determinismo econômico-social. Depois começou a tornar-se etnográfica, polidimensional. Hoje, o fato e o acaso, que irromperam por todo lado nas ciências físicas e biológicas, regressam as ciências históricas.” (2001, p. 16)

Na aplicação dessa história – e na relação com o econômico, ALIER traz uma *fundamental revelação para o entendimento da constituição histórica, e para quebrar alguns mitos sobre os desconhecimentos por parte desses clássicos autores, de princípios ecológicos básicos*: “ *Marx e Engels (...) eram contemporâneos de Joule e Mayer (1840-42) enunciaram o princípio da conservação da energia (...), de Clausius e William Thompson, que enunciaram a lei da dissipação da energia (lei da entropia) em 1850-51 (...). Engels acreditou ver uma contradição lógica entre a primeira e a segunda leis da termodinâmica, era contrário à lei da entropia. (...) Podemos entender os prejuízos causados à relação entre marxismo e a ciência ecológica e a política ecologista, por esta incompreensão de Engels da importância que o estudo dos fluxos de energia tinha para o estudo da economia humana, e sobretudo para o estudo do des-envolvimento das forças produtivas na economia (...). Se Marx e Engels tivessem utilizado a expressão “energias produtivas” ao invés de “forças produtivas”, talvez a união entre a história econômico-social marxista e a*

⁹⁶ As induções de viradas de anos-novos (tipo 2005, da impositora e oficiosa cultura gregoriana/ cristã) são extremamente anti-ecológicas, não ajudam a imaginar que temos a idade do cosmos, se revela perigoso para a formação da bioculturalidade. Educação se faz por símbolos e fatos também, os ilusórios anos-novos são anti-ecopedagógicos.

história energético-ecológica teria podido se estabelecer antes e por si mesma.” (p. 362 e 363)

Em relação ao **direito**, Boff falando da Carta da Terra, no FSM-2003, disse que a Declaração Universal dos Direitos Humanos, era quase boa, só não foi melhor por que (entre outras) esqueceu de defender e referenciar os outros seres vivos (demais habitantes da casa planetária). Se coloca a perspectiva de ampliação das bases universais de entendimento jurídico e dos mais simples direitos inter-seres – do contrário, como poderemos assumir a responsabilidade cuidadosa com a auto (co) sustentabilidade?⁹⁷

Somos uma comunidade de Vida, não somos meio (e) ambiente. Para isso precisamos ampliar nossas compreensões sobre nosso Ser e estar planetários. São seres despossuídos de direito no Maciço só os humanos? **A Carta da Terra** está aí para co-laborar nessa problematização e tarefa. Surgida a partir dos debates da ECO-92, foi elaborada num processo de consulta e debate abertos com todo o planeta e seus diversos povos. Ela tenta suscitar um novo sentido de Interdependência e de responsabilidade compartilhada. Sendo uma ferramenta educativa ajuda em melhores compreensões sobre as decisões que a humanidade deve urgentemente efetuar, sobre seu destino, na construção de uma Vida ecossustentável.⁹⁸

Apesar de suas boas intenções, trago diversas críticas de aperfeiçoamento a esta, afinal, coerente com toda formulação desta pesquisa, não poderia deixar de apontar que: As demandas co-relacionadas por essa seriam mais coerentes baseadas no conceito de econecessidades, pois aí não correriam na tendência de priviligiamento corporativo de quem pensa e faz essa (o humano), mas sim baseada em todas as Vidas.⁹⁹

Trazendo a superação dos discursos de declaração, GUTIÉRREZ coloca – referindo-se aos discursos que ocorrem em nossos cotidianos que “ *saibamos diferenciar com clareza os alcances e limitações do discurso da Declaração das exigências e possibilidades do discurso da demanda (...) . Declaração encerra*

⁹⁷ A cultural e ilegítima propriedade privada, tão quanto um problema político e econômico, é ecopolítico, socioambiental e existencial, ou seja, de possibilidade (ou não) vital. Para além da relação expropriador/ expropriado, excluído- proletário. O grande uso des-equilibrado - e legitimado por esse parcial direito que condena a ecológica Terra, e todos que a habitam - passa pelo direito público, mas vai muito além, e pode-se chamar de gestão (um cuidado ecoterno) biocrática.

⁹⁸ Documento elaborado de baixo para cima, respeitou processos e demandas, atendendo o direito de todos os seres, o que foi diferente da iluminista/ antropocêntrica Declaração dos Direitos Humanos. Dividida em quatro grandes eixos de princípios, que abordam: Respeitar e cuidar da comunidade de Vida; Integridade ecológica; Justiça social e econômica; e, Democracia, não-violência e paz. Ela nos inspira e indica a buscarmos um novo começo, e este tem sua tonalidade radical, depende de nossas mentes, corações, intuições, corporalidades e emoções bem trabalhadas por outra ecoeducação, em prol das bioculturas que poderão co-laborar para um novo sentido de interdependência global e de responsabilidade universal. Acrescentaria, **até o dia em que a Terra (por direito não burrocático) seja de todos e de ninguém.**

⁹⁹ É preciso fazer tais críticas, pois ainda este documento se referenciava (contraditoriamente) no conceito de des-envolvimento sustentável e no de democracia, por exemplo. Como já apontado, esses são antropocêntricos, e devido à sua normalidade de aceitação com certeza vem co-laborando para a destruição dos direitos do bem-viver que a todos os seres pertence. No eixo que pede o respeitar e cuidar da comunidade de Vida, se revela esse limite, pois pede o “ construir sociedades demo-cráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas”. Ora, como ser justa só baseada numa forma privilegiante do humano, não biocrática? E ainda traz outro que diz ser preciso “ garantir a generosidade e a beleza da terra para as atuais e as futuras gerações”. Já devidamente criticada, o falar em gerações é esquecer de incluir todas as outras espécies nesse resgate e direito. No outro eixo, onde indica a Integridade ecológica, coloca ao conhecimento tomar o caminho da prudência. Mas deixa de trazer o conceito de econecessárias a tais prudências, afinal, temos de re-afirmar cada vez mais o limite ecossistêmico face ao des-limite liberal induzido. Quando refere o eixo da justiça social e econômica, e referindo-se a essas atividades, indica a promoção do des-envolvimento humano de forma equitativa e sustentável, continua cego em tal rumo des-envolvimentista. Por último, o eixo da democracia, não-violência e paz, insiste participação inclusiva. São ótimos princípios, desde que incluam todos os seres, e na perspectiva biocrática. Re-ler o item biocracia deste trabalho, para fortalecer essa ecossensível forma elaborada.

metodologias expositivas, declaratórias, enunciativas e, em última instância, verticais, impositivas, não-motivadoras, e em consequência, com ênfase voltada para as mensagens, nos conteúdos (...) não enfatiza os interlocutores como sendo protagonistas que, a partir de sua cotidianidade, têm que apropriar-se das verdades ecológicas. Pelo contrário (...) da Demanda, por partir dos protagonistas, busca a satisfação das necessidades não satisfeitas, desencadeando um processo imprevisível, gestor de iniciativas, propostas e soluções (...). O sentido do processo não nasce tanto das proposições teóricas ecologistas (declaração), mas do acontecer dinâmico, dos problemas sentidos na cotidianidade.” (2000, p. 50 e 51)

Além da Carta da Terra (rapidamente), não poderia deixar de fazer a crítica a outro documento bastante utilizado no mundo, e que também, apesar de suas boas intenções e indicações comunitárias, deixa muito a desejar. Falo da Agenda 21 Global. Essa se baseou no relatório Brutland (já criticado), o qual é bastante economicista, de interesses elitizados, contempla uma ecologia rasa, a qual, para mim, não deveria ser considerada ecologia, afinal, é parcial, e ao ser assim, não relaciona e nem garante a interdependência.¹⁰⁰

O FMMC e CE pouco se relacionaram com tais documentos – pelo menos enquanto aplicação mais efetiva - que mesmo limitados, seriam indicações de algum envolvimento com um movimento mais orgânico com a comunidade. Como não se fez muito de alternativa a esses, não se pode dizer que tal ausência foi por discordância crítica, mas simplesmente por não entrada prioritária nesse campo de preocupação...

Novas Bases Ecológicas Para Pensar a Re- Organização da Vida

"A ecologia enriquece o pensamento sistêmico com as concepções de comunidade e rede, que fornece novas perspectivas sobre as hierarquias da natureza, como reunião de organismos conjuntamente ligados, sem hierarquias, só há redes aninhadas em outras redes"

(CAPRA, p.44, 1996) .

O amplo entendimento dos ecossistemas, nos abre a um re-pensar de nossas organizações e estruturas sócio-ambientais, políticas, dos movimentos sociais, científico - filosóficas, culturais.

A realidade observada instigou a sugerir diversas formas ousadas e possíveis para a atuação de tal comissão - uma formulação arrojadamente sensível e ecoterna.¹⁰¹

¹⁰⁰ Tal agenda nasceu dentro a Eco-92 na tentativa de pensar um modelo de des-envolvimento (hic) para o século XXI. Falando em inclusão (só) social (não socioambiental); sustentabilidade urbana e rural (cartesiana e vampirista, fragmentária., portanto não ecossustentável); e, recursos (não oferendas) naturais, essa é mais uma forma de incluir tal debate, mas de modo a não mexer nas raízes do (não eco) sistema que divide e mata - o Antropocêntrico, e de economia pela economia. Citando um princípio deste, dá a idéia da dimensão limitante, vejam o que fala o primeiro: “Os seres humanos constituem o centro das preocupações”. Relacionado e sintonizado com o des-envolvimento sustentável, contradiz à interdependência na Terra (que fala tal documento). Precisa dizer mais? Como resolução de dever mundial, tem-se falado muito no protocolo de Kioto. Só alerta rapidamente que mesmo entrando em vigor em fevereiro de 2005, esse será outra maquiagem artificial da modernidade, pois pouco alterará das (não eco) lógicas industrialistas destruidoras e poluentes da Vida. Afinal, face à destruição em marcha, não precisamos de artificialidades, mas sim de radicais mudanças nos paradigmas, pois já estamos consumindo as “reservas das oferendas naturais”. Onde está a intelectualidade e militância com a clareza disso, e a opinião pública e a mídia - perdidas no analfabetismo ecológico?

¹⁰¹ Propusemos possibilidades ecossustentáveis para a Vida e educação. Uma educação com a Vida. A Vida se garante no Planeta, é ele que está em baixo de nossos pés, é o natural, e não rural e/ ou urbano- conceitos culturais- criados- e

Todas as questões aqui levantadas são complexas e históricas, têm base muito mais do que só a situação estrutural capitalista como eixo de explicação. Sem prescindir daquela, precisamos perceber as não bioculturais (anti)relações antropocêntricas existentes nos processos educativos, econômicos e socioambientais, e junto dessas, projetar equilibrada emancipação inter-seres. Essa não é mais nacionalista e nem internacionalista, mas sim planetária e comunitária/ local. Um diferencial de atuação bastante significativo para a ecopolítica, a qual passa pela ação direta e em redes (no glocal – global mais local) .

Obediência/ Reforma Planetária (Amoroso Boicote) - Ilusão do Poder Humano

“O homem está se destruindo. Ele pensa que é o senhor absoluto da terra. Não é. Sobre ele está a natureza comandando ...A nossa mata está toda derrubada. A Ilha careca.” Franklin Cascaes

(in. CECCA 1997,citação inicial)

Outras formas de constituição da socioambientalidade são econecessárias, em espaços territoriais obedientes a eco-lógica planetária, buscando sua re-estruturação e reforma, sem dissociação da natureza.

Antes da agrária, uma Reforma planetária é um re-fazer das relações com a Terra, não como ente produtivo, mas antes como constituidora da Vida, baseada nas relações ecossistêmicas, das quais a espécie humana é uma das partes. O debate da reforma agrária deve ser cada vez mais garantido e qualificado, o que exige algumas mudanças de olhares e posturas. Problematizando a partir da permacultura e agroecologia, essas qualificam e substanciam diferencialmente o olhar sobre a Terra (em ecopraxis) por Vidas auto (co) sustentáveis e junto da harmonia ecossistêmica local/ regional. Isso co-labora para a superação do vampirismo insustentável (cartesiano) que mantém a demente (não- eco) lógica da cidade como sugadora total de um campo produtivista. A Permacultura vai ajudar a pensar esse todo (a partir do local) , e com seus tempos ecossustentáveis numa eco-lógica que sintoniza com aquilo que venho denominando eco-ócio.¹⁰²

A idéia de urbano e/ou rural pode ser associada ao paradigma fragmentarista cartesiano, sendo uma criação cultural, e a qual vem dando muitos sinais de anti-sustentabilidade. Não somos uma ou outra coisa. Para permanecermos vivos precisamos compreender que todos estamos em cima da mesma e descuidada

não ecossustentáveis. Corremos contra o tempo da anti-vida – o antídoto: viver com o tempo da Vida, calma, sensível, mansa e tranqüilamente (devagar e sempre). Abandonando as relações financeiristas, eis a ecológica economia solidária- boicotar os produtos que expropriam, envenenam e destróem (violentamente ensangüentam) as relações. Mãos (corpo, tesão, energia, intuição, abertura e inspiração) à obra – é obrigação histórica e vital de todos, equilibrar um envolvimento ecossustentável...

¹⁰² Não se pode mais falar em reforma agrária e pequena agricultura adentrando-se a rota de plantio de fumo (doentio) e pinus (degradante) , tudo em nome da sobrevivência humana (assassina da Vida planetária) . Não se pode mais achar normal o carnivorismo humano, quando se sabe que essa pecuária existente está exterminando com imensas áreas das bases naturais, também em nome da nossa (egoística) existência. Para produção de um quilo de carne (cadáver animal cheio de energias ruins, do medo da morte) , calcula-se que são necessários quarenta mil litros de água – precisa dizer algo mais? O FMCC, mais do que manter parceria campo – cidade, tem que atender o cuidado planetário econecessário. (ex: plano diretor e cuidados na re-orientação de moradias/ equipamentos mais harmoniosos ao

Terra – e não só senti-la, pisá-la e usá-la com bases produtivistas. Isso pode colocar novo espaço de organização para as comunidades e movimentos da socioambientalidade, e mostrar que esta (histórica) questão pede hoje outros e qualitativos conteúdos e formas (superadoras de parceria campo-cidade) cooperativas e ecológicas, e as quais precisam unificar suas perspectivas em prol dessa atitude política planetária. Não se pode mais só continuar no “vampirismo” do urbano sobre o rural - e a isso chamar de parceria. Precisamos de eco-vilas, ou comunidades ecossustentáveis, voltar a pequenas produções – é a indicação das possíveis micro agriculturas ecológicas. Não se pode só depender de um campo distante, e muito menos nos gigantismos insustentáveis de(megalópoles) aglomerados urbanos. A região do Maciço é um aglomerado bastante limitado para ecossustentabilidade, por isso, as discussões de planos diretores e políticas públicas para tal, devem acima de tudo serem ecológicas antes de qualquer coisa.¹⁰³

Isso pede uma ativa OBEDIÊNCIA PLANETÁRIA com DES-OBEDIÊNCIA CIVIL, única forma de podermos romper urgentemente com a sina da destruição da Vida.¹⁰⁴

Só depende de nossa livre sabedoria práxica – a que uma ecopedagogia deve servir. Boicotar agora é servir à Vida, é defende-lá sem vergonha de ser subversivo, É ATO DE AMOROSIDADE UNIVERSAL, exigência de posturas coerentes das nossas organizações e cidadãos. Não se pode mais manter conviência com esse sistema – deve-se efetivar a ruptura radical, isso é imperativo de Vida.¹⁰⁵

Ou des-obedecemos amorosamente tais anti-vidas, ou assumamos a auto-condenação à não continuidade da Vida. Os nossos vigentes sistemas políticos e partidários pedem mais do que nunca nossa radical ruptura. Posição bastante indicada é de boicotar as eleições. Não se pode mais compactuar com tantos fisiologismos, corrupções e des-ideologizações - todos esses que se aproveitam do estado de miséria e empobrecimento generalizado em que nos encontramos, para manipular essas carências. Nossa atitude como movimento organizado, mais do que nunca deve ser a de dizer não a tais sistemas. O FMNC não pode mais condenar sua região a eternos clientelismos (de direita) , ou boas ajudas (de esquerda) que não resolvem sua situação. Organizar sua (permacultural) ação ecopoliticamente, eis um caminho ecossustentável.¹⁰⁶

A ecologização da Vida relativiza a força do humano, inclusive podendo indagar com bases

ecológico - comunidades ecossustentáveis mais debatida e visualizada como eixo educativo.

¹⁰³ A Permacultura é base de uma reforma planetária – ela não pensa só num campo/ rural restritamente, mas nos faz perceber o quanto de re-organização precisamos estabelecer para ecossustentabilizar todas as relações.

¹⁰⁴ Sem esperar a “revolução do ideal do amanhã” , através de uma práxica e popular ecopedagogia biocrática, a qual não compactue com os sistemas destrutivos (inclusive com as regras acadêmicas anti-ecológicas, com as decisões políticas demo-cráticas, com os normatismos jurídicos, comerciais, industriais e culturais- entre outros- que) não continue a des-respeitar as eco-lógicas vitais contidas nos ecossistemas (planetário) . Essa marcha se dá com uma outra política- biocrática. Isso conota uma atitude de não-violência ativa, com diversas e conscientes rebeliões ecológicas.

¹⁰⁵ O FSM- 2005 apontava o boicote só para os produtos americanos. Uma atitude pró-Vida (tanto quanto, e mais que anti-imperialista) deve indicar o boicote a todos produtos industrializados, agrotóxicos, transgeinizados, etc. Os natais (período mais destrutivo do planeta), e todas festas comercialistas e anti-sustentáveis devem ser boicotados e re-inventados. A TV pode ser des-ligada, o que vemos e ouvimos delas é na (não eco) lógica do sistema, e o tempo e a energia desperdiçados com tal alienação, podem ser melhor aproveitados ecociosamente. Se não se prestar a isso, nossos movimentos, partidos e intelectuais – com todos os seus discursos e panfletarismos – não serão mais do que corporativos(inférteis) blás, blás, blás.

¹⁰⁶ Os atuais representantes e principalmente toda a estrutura que vos (amamenta) sustenta, não podem manter-se passivamente, com nosso consentimento. Mas o boicote não pode ser acompanhado de des-organização, sob o risco de parecer agitação inconseqüente. . Muito mais do que o ato de anular o voto, temos de biocraticamente articular ampla mobilização de boicote ao processo (circo demo-crático) eleitoral, e isso como movimento presente em todos os espaços

profundas o quanto é nociva a todos tal in-segurança e guerra do tráfico nos Morros - o quanto nos iludimos com nossas forças e poderes, e o quanto esses são danosos ao universo socioambiental:

“O ser humano se encontra perdido no emaranhado das relações que criou (...) mostra uma agressividade desmensurada, pois sente-se ameaçado por todos os lados. Usa do poder para ter mais poder, e assim sentir-se mais seguro. Pura ilusão, fica mais vulnerável, por que cercado de inimigos, o que provoca ainda mais sua insegurança, e enseja nova busca de poder. O círculo vicioso está formado (...). A civilização moderna tem como eixo, não a vida (...) mas o próprio poder e os meios de mais poder, que é a dominação” (BOFF,2000,p.114) . Não percebe o (analfabeto ecológico) ser humano, que o maior poder está nas (energias e respeito às) forças da natureza, em GAIA - na cooperada simplicidade entre e diversos seres.¹⁰⁷

Ecológica Economia Solidária – Emprego Zero e a Sobrevivência Humana

“ É muito importante lembrar que quando acabam as possibilidades de vida, começam as possibilidades de sobrevivência. E há povos, aqui no Brasil, especialmente na região amazônica, que ainda vivem, e esses povos que ainda vivem não querem decair ao nível da sobrevivência.” (depoimento em audiência pública/ SP-1985, da - CMMAD, 1991, p. 43)

Começar falando de uma ecológica economia, e solidária, é colocá-la no contexto de cidadania planetária. Essa cidadania não existe se não partir das básicas constituições de todos os seres, e só terá validade - em sua solidariedade - se compreender o direito à não-destruição de nenhum desses, do respeito aos nossos Vitais ecossistemas. Isso pede simplicidade e gratuidade, atenção a tudo que nos alimenta e nos dá energia. Se tais eco-lógicas não imperarem, a Vida está em xeque sim. Posses, diplomas, títulos, propriedades, poderes, burocracias e o dinheiro, com certeza giram em um ciclo que será sempre de disputa e destruição. O re-inventar da Vida pede atitudes novas em nossas relações. Eis a ecológica economia solidária, como re-invenção e boicote ao(s) sistema(s) atual(is) , e das perspectivas todas de uma economia fechada em seu casulo de sobrevivência humana, que des-equilibra os ecossistemas, matando a Vida.¹⁰⁸

institucionais e nas ruas.

¹⁰⁷ Uma análise filosófica em cima da percepção de que cada vez mais as pessoas e coletivos se escondem atrás de um **“pseudo- empoderamento”** (seja por modos e/ ou causas violentas - bélicas, religiosas, acadêmicas, políticas - democráticos ou opressores, etc) , aonde os conchavos corporativos, os cabides pessoais, as forças e grupos sectariamente organizados(ou mesmo que não sectários mas) com pouca visibilidade cósmica- vital, é o que vai dando o tom da sinfonia consoante ao andamento socioambiental, vai deixando claro é o quanto a coletivização (ou não) e construção de processos se dão de modo ainda sem a clareza de cooperação planetária. O poder da anti-relação é o mandante, afinal, a sobrevivência temporal e imediata é o que vale na elaboração da maioria dos projetos. Podemos dizer que um pragmatismo predomina. Triste sina humana- não percebe que com isso está se matando um pouco mais a cada dia...

¹⁰⁸ Exemplificamos com a questão da alimentação que em boa parte nos pautou na observação do Maciço. Falamos em alimentação orgânica em meio a esse contexto de pobreza. Mas será que a alimentação saudável não é direito e nem possível para todos? Com certeza sim – pois temos Terra para todas as Vidas. É questão de re-distribuição, e antes disso, do cuidado para com essa, só presente nas perspectivas agroecológicas (ecológicas formas de manejar a Vida junto à terra) . **Analfabetos do mundo, todos, ecologizemo-nos**. Se o cidadão soubesse o que estão fazendo de sua

Além de superar o capitalismo (o que é hiper- necessário) , temos de superar a idéia da economia por ela mesma (o que é mega-necessário – antecede ao primeiro) , pois de outro modo podemos só avançar a organizar a nossa casa- comum, mas sem ecossustentabilizá-la (ou seja, preocupar-se para maquiagem a estética do nosso deitar no caixão, ao lutar contra as classes sociais, mas não a favor da cooperação inter-seres) . Uma superação não se faz sem a outra, mas, a VIDA equilibrada precede. A ecologia deve perpassar e constituir todas as ciências e vivências.

Se formos pensar ecofilosoficamente, havendo um interdependente equilíbrio inter-seres (que seria a superação do antropocentrismo) , não teríamos disparidades econômicas, afinal, se auto (co) exigir-se-ia as posturas econecessárias, as quais não con-vivem nem com acumulação, nem com exploração, nem com opressões e disparidades de nenhum tipo. A ecologia profunda vai dizendo que antes de superar o capitalismo, supere-se a economia por ela mesma, e para isso acontecer, temos de superar nossa atitude antropocêntrica e separada do universo planetário. Portanto, antropocentrismo precede a superação capitalista. Ele é mais revolucionário e envolvente junto ao movimento biocrático de uma ecologia profunda.¹⁰⁹

Daí, pautar-se pelas econecessidades é o novo que deve nos acompanhar. Isso coloca para o engajamento e os lutadores, os místicos e as cores, os artistas e as criações, as ciências e educações - entre outros, que devemos nos constituir e organizar com a desafiadora tarefa de retornar a condição de “ humano natural “. Esta condição é planetária- suscita a questão do caminho transdisciplinar como obrigatório. Trago isso no ponto economia, pois assim como qualquer outro olhar, se não estivermos com certa compreensão do todo- holoecológico, relacional, somos perigosos pensadores - como vêm sendo perigosa a majoritária ciência e intelectualidade. MORIN nos ajuda pensar tais questões: “ A política econômica é a mais incapaz de perceber o que não é quantificável (...) um economista que só é economista torna-se prejudicial e pode constituir um verdadeiro perigo.” (2001- B, p. 16)

Enquanto nos mantivermos coniventes com os (não eco)sistemas financeiristas, pelo menos incluamos em qualquer orçamento, todo o investimento para programas/ políticas ecossustentáveis - todo.

Para pensar eco-economicamente a base natural, trazemos um argumento de ALIER, que diz: “ Não há civilização ecologicamente inocente. Porém, a atual civilização industrial vive de recursos armazenados em épocas geológicas remotas, como os combustíveis fósseis. Em um ano de produção econômica, consumimos vários anos de reservas. Estamos devorando o tempo e, ainda, lançamos sobre o ambiente uma carga de resíduos que os ciclos biogeoquímicos naturais não têm tempo de reciclar. ” (1998, p. 381)

qualidade de vida, da sua ecologia econômica - viabilizaria organizadamente a universalização da questão produtiva alimentar – e também tentaria viabilizar em seu terreno e local de moradia. Não podemos partir de qualquer análise ecopolítica sem essa básica questão. Os projetos da CE- FMMC que pensaram em economia solidária, pautaram-se só pelo econômico, pois se o ecológico prevalecesse, não encerrariam na sobrevivência, e ousariam em suas possibilidades.

¹⁰⁹ A revolução não pode se resumir ao econômico. A e-laboração de atitudes e re-construções alternativas aos (não eco) sistemas deve ser feita por sua raiz, e essa caminha junto à ecologia. Portanto é nesse re-fazer sensível, ecoterno e profundamente econecessário que poderemos ir além. A ecológica economia solidária seria o eixo, ela não precisa se pautar no atual modelo. Melhor, vai se re-fazer em outra sintonia e tempo, com auto (co) organização ecossustentável. Isso é atitude de boicote e auto-sustentabilidade que o FMMC pode incentivar. Continuar só numa economia- e ortodoxa/ científica, não se conseguirá essa alteração substancial da dinâmica existente, pois vai por dentro do sistema (é muito discursiva, pouco ecopraxiológica) .

Teremos tempo para voltar atrás no atual bem-estar que se reluta em re- fazer?

O mesmo autor refere que “ os obstáculos ecológicos ao crescimento econômico, e suas conseqüências ecológicas, negados tanto por liberais e social-democratas, como pela maioria dos marxistas, far-se-ão sentir cada vez mais, sendo difícil entreter os povos com as promessas de crescimento econômico para todos, do automóvel universal. Tanta cegueira voluntária deveria vir acompanhada de orelhas de burro.” (idem, p. 29) Ainda o mesmo tece boa crítica: “*A crise inerente ao sistema de lucro previsto pelo marxismo duplica-se numa crise ecológica devido aos limites físicos da natureza. (...) Marx já o havia demonstrado: “o fim do capital é a produção do lucro e não a satisfação das necessidades. Mas onde o ecologismo diverge do marxismo, é sobre as conseqüências desta alienação provocada pela necessidade. Segundo Marx, o crescimento da opressão das forças produtivas no sistema capitalista deveria provocar a libertação das classes exploradas(...) Porém, em vez da libertação, foi uma alienação mais insidiosa que o desenvolvimento engendrou: as classes exploradas exigem um aumento de produção para poderem integrar mais profundamente na sociedade e terem acesso à classe superior”.* (p. 37/8)

Vale resgatar o histórico conceito de Hospedeiro do Opressor- que Freire nos presenteou, e que se faz tão atual e ecológico – já que insinua a autonomia e originalidade de postura. Mais do que pensar em padrões dominantes - como a simples economia, não ecológica, ajuda a desviar-nos nesse ponto - precisamos dos simples e ecossustentáveis, da ética do suficiente. FREIRE diz: “ *o grande problema está como poderão os oprimidos, que hospedam ao opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia da sua libertação. Somente na medida em que se descubram hospedeiros do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora (...)* . *Quase sempre, num primeiro momento deste descobrimento, os oprimidos, em lugar de buscar a libertação, tendem a ser opressores também, ou subopressores. A estrutura de seu pensar se encontra condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial em que se formam (...)* prejudicado pela imersão em que se acham na realidade opressora. *Reconhecer-se a este nível, contrários ao outro, não significa ainda lutar pela superação da contradição. Daí esta quase aberração: um dos pólos da contradição pretendendo não a libertação, mas a identificação com seu contrário (...)* Desta forma, por exemplo, *querem a reforma agrária, não para libertar-se, mas para passar a Ter terra e, com essa, tornar-se proprietários ou, mais precisamente, patrões de novos empregados (...)* Muitos dos oprimidos que, direta ou indiretamente, participaram da revolução, marcados pelos velhos mitos da estrutura anterior, pretendem fazer da revolução a sua revolução privada.” (1970, p. 33 e 34)

Fazendo analogia a esse reacionarismo de forma, mostraremos o caráter ecológico, junto à reflexão de HUTCHISON: “ as ideologias vistas anteriormente como progressistas podem agora representar posições reacionárias, em vista dos desafios ambientais que enfrentamos na atualidade(...)seu fracasso para enunciar uma crítica incisiva às fundações materialistas e antropocêntricas do mundo industrializado, assim como o seu compromisso com uma abordagem monolítica à solução de problemas, significa que seus esforços visando a renovação democrática e cultural tendem a não exercer mais que um papel superficial na abordagem às raízes ideológicas do impasse ambiental atual.”(2000, p. 58)

Resgatando histórico e re-formulado debate, e re-entendendo muitas das bases que formaram o pensamento crítico, ALIER diz: “ *ao fetichismo da mercadoria denunciado por Marx juntou-se uma religião do trabalho, uma ideologia da quantidade- apoiada entre os economistas por uma ideologia do quantificável - e uma idolatria do crescimento que os ecologistas classificam de produtivismo. A crítica ecologista do crescimento distingue-se das teses marxistas deste modo. A realidade para Marx era a raridade e a necessidade de desenvolver a técnica contra a natureza; o crescimento econômico e o trabalho eram fatores de libertação. A realidade para os ecologistas é a abundância e a necessidade de proteger a Natureza contra a técnica; o crescimento econômico e o trabalho aqui são fontes de alienação. Mas pôr em causa o crescimento exige uma análise correspondente dos efeitos da ciência e da tecnologia; os ecologistas elaboraram por isso uma crítica paralela nestes dois domínios*”: (p. 42) ¹¹⁰

Junto dessa fundamental reflexão, vale referenciar uma crítica determinante para des-mistificar um referencial que baseia muitos (pretensos) revolucionários e intelectuais, na relação matéria- energia - BOFF coloca: “Esta complexa filosofia se entende materialista, no sentido antigo, por que pressupõe que a matéria constitui a única realidade consistente; os demais fenômenos são derivações secundárias dela. Não assimilou ainda o fato de que a matéria não é simplesmente material mas é energia estabilizada, cheia de interações(...) . Ainda não se criou a consciência de que o visível é parte do invisível.” (1999, p. 24) ¹¹¹

Essas clássicas reflexões ajudam a imaginar e Ter claro o porque de uma defesa ecológica econômica solidária, do re-inventar ecossustentavelmente as relações de troca. O movimento e dinâmica ecológico é de caráter interdependente, já o econômico (por si só) é dependente (não pode agir sem limites).

Diferentemente da maioria dos autores e literatura aqui utilizada, avanço a estar pensando a ecológica economia solidária - a qual vai além do que chamam economia ecológica, já que procura superar o pensamento e atitude da mensurabilidade financeira, por entender que enquanto houver o ente dinheiro em nosso meio, não haverá real possibilidade de harmonizar com as eco-lógicas cooperativas planetárias. Uma economia ecológica, ou economia solidária- como vem se falando, terá (e vem tendo) limites para chegar perto da atitude ecológica profunda, afinal, ainda não se constituem com a ecologia como base principal. Esta tem que vir à frente. ¹¹²

¹¹⁰ Afinal, **qual hierarquia tanto o humano disputa? A de ficar em primeiro para morrer derretido pelo sol (do buraco de ozônio aberto) ; ou de ser engolido por um novo Tsunami surpresa, ou pelos oceanos que vão inundar cidades costeiras; ou por um tornado/ furacão- que esse mesmo ser vem ajudando a causar com mais furor? O exemplo dado (por Freire acima) e toda filosofia dessas mensagens externam exatamente o histórico desafio de superarmos padrões e culturas dominantes. Precisamos mudar a nossa imersão dominante, nossa ilusão de bem-estar às custas dos outros seres, da manipulação e uso desses. Isso com certeza antecede (pois é princípio) ao outro cuidado- o de não copiar os padrões gigantistas e sofisticados na artificialidade degradante- já que ao passar a cuidar do equilíbrio ecossistêmico, a humanidade resolveria os dois problemas juntos, pois não há possibilidade de dominação com a vivência ideal do equilíbrio planetário. **Nessas bases, a ecologia chega para ser o maior ponto da revolução mundial- planetária. Tudo o mais que se afirmar/ pretender fora disso, é ilusão e/ ou manipulação falaciosa** (seja de esquerda, direita, centro, Igreja, arte, novela, afeto, ...)**

¹¹¹ Perceber relações que vão além das “tradicionais concretudes aceitas” (a física quântica, a matemática dos fractais, a ecologia, por exemplo- insinuam a integração de ciências como um todo perante a Vida. Diferenciar e separar as ciências naturais das outras, parece perigosa para nossa continuidade.

¹¹² O Maciço poderia se constituir como exemplar campo. Afinal, constituído em espaço “diverso e carente”, o desafio se coloca em re-organizar esses nas degradadas e populares regiões, cheias de anti-relações colocadas. A permacultura e a agroecologia junto à ecológica economia solidária estão aí para isso, basta se conhecer e abrir a essas. E se esses

ALIER defendendo o Ecologismo popular: “ A crescente economia comercial e industrial amparada pelo Estado, impõe um forte ritmo de exploração dos recursos naturais (florestas, água, pesca) que freqüentemente implica a perda da posse que as comunidades tinham sobre estes recursos naturais, usados até então de forma menos intensa. Uma vez consumada a injustiça, as comunidades locais não tem melhor remédio que a ação direta (ainda que também recorram aos tribunais e às vias políticas), resistindo contra os exploradores de fora, e contra o Estado, mediante uma grande variedade de técnicas de protesto. O emprego da des-obediência civil tem, na Índia, ressonâncias gandhianas, e também as têm o próprio objetivo os protestos ecológicos.” (idem, p. 25) Eis um exemplo para tal área popular, e todos os desafios ali colocados- que a CE pode urgentemente incluir em seu Projeto Político.

O mundo do trabalho/produção, em sua atual configuração não atende a totalidade de econecessárias con-vivências. O que vamos percebendo na roda da vida ecossistêmica-planetária, é que os sábios humanos, só o serão mesmo, quando se espelharem no exemplar equilíbrio dinâmico da natureza (ecopedagoga maior), e superar então o que é um mito secular, o de que somos seres majoritariamente culturais e transformadores inconsequentes do socioambiental. O homo (de inteligência acumulada em milênios) deve submeter-se ao natural ecossistêmico, do contrário manteremos a vã ilusão que estamos dominando a natureza e outros planetas/nações- o que na verdade é ao contrário, pois as respostas dessa mesma natureza (Tsunamis) estão vindo como aviso generoso para dizer que mudemos enquanto é tempo.

A nossa questão é pensar uma ecoeducação onde não se forme humanos para dominarem culturas de transformação- na perspectiva antropocêntrica- mas sim, que formemos seres culturalmente naturalizados, que sintam e achem as sensíveis relações ecossistêmicas para criar / mudar alguma ação subsequente. A CE mesmo buscando diferenciar-se, pouco consegue garantir uma postura de formação para autonomia frente ao mercado. Aqui nos interessa problematizar o ser produtivo/ trabalhador, na relação de criminosa expropriação das oferendas naturais- que lhe servem como “ balcão de materiais”. Acreditamos que podemos possuir os “ MAUS (bens) materiais”, os MAUS (bens) de consumo, num ilusório e parcial - des-equilibrado MAU (bem)- estar.¹¹³

O discurso da empregabilidade é o mais “safado” do momento, pois em nome da (ilusão e) pseudo ocupação de uns seres, mata-se muitos mais dos outros seres da cadeia ecossistêmica planetária. Que modelo débil de organização é esse? É com certeza baseado em tempos da história onde não se sabia nada de ecologia – onde sustentam-se práticas baseadas em positivismo, estruturalismo, mecanicismo e materialismo des-conexos ao planetário e interconexo. Hoje, generosamente, dizemos que cerca de 90% dos postos de trabalho (emprego, subemprego, informal, etc) são de atividades que destroem o planeta e os ecossistemas, tudo em nome de um único ser, e sua (maldita, cega e doentia) sobre-vivência.¹¹⁴

institutos de permacultura e ecologistas, se articularem mais ao popular - des-elitizar-se de seus inviáveis preços, e se voltem a total vinculação com todos – e os populares privilegiadamente, lembrando que o próprio Pe. Vilson afirmou que “a sustentabilidade vai passar pela gratuidade, aprender a viver aquilo que subverte a lógica do mercado”. É um ótimo caminho.

¹¹³ Valeu Sheila- companheira bióloga (de raízes e beleza indígina) - por suscitar e co-laborar com inusitados conceitos.

¹¹⁴ É a lógica escravista/ alienada há muito tempo denunciada nas relações de produção que não podem ser ignoradas, e essa tem vários aspectos a serem des-velados. Estamos trazendo um mais recente, que é o da exploração ecológica nesse sentido – e o qual faz-me formular tal proposta de zerar o emprego/ trabalho, já que esses estão matando a Vida.

Precisamos educar (mais do que nunca) para a auto (co) sustentabilidade, educar seres livres cooperados e não para sermos escravos de patrões, do capital ou estatal, de nossa auto-destruição (das condições planetárias) produtivista. Não é ficar sem fazer nada, muito menos deixar de girar a Vida, mas é para garantir o giro ecossustentável. Conjugando tal perspectiva com o eco-ócio, ou seja, cooperarmos na re-invenção da Vida, essa nossa única e urgente tarefa. Se insistirmos em manter o atual estágio de destruição escravista, vamos possivelmente morrer trabalhando por um produtivismo inconsequente e alienador.

Ecossensivelmente falando, paremos os modos de sobreviver e produzir atuais, re-inventemos o Viver. Re-façamos a ciência, o laboral, o relacional articulados ecossistemicamente. Não mais empreguemos(matemo-nos). Prazerosa e eco-ociosamente e-laboremos outro ecoprodutivo en-volvimento planetário. Essa re-estruturação econecessária da Vida, indicando-se pela auto (co) sustentabilidade, vai diminuir isso que o mercado de empregos chamam postos de trabalho remunerado.

Disto temos que re-discutir a valorização do ser humano perante as relações da socioambientalidade organizada – coloque-se o valor no livre re-fazer Vital. Não podemos mais continuar com essas inescrupulosas formas de se vender alguém (mão- de- obra – barata e/ ou sofisticada). A Permacultura e Agroecologia nos re-ensinam, mas precisarão dessa ecológica economia solidária, constituída por gratuidades – e não por capitalizar os saberes.

Eis as Universidades Livres Planetárias – para circular os econecessários conhecimentos. Esse ponto é essencial para des-mistificar algo forte na Vida e (des) organização planetária humana. Re-acende a principal questão filosófica ecológica - para que educação? Vai somando aos demais elos e dando a entender a profunda elaboração aqui despertada. Se não houver uma sensível atenção ao todo composto e orgânico aqui, não se compreenderá muito deste item e texto. Precisamos ter a coragem de exigir – para a conservação das condições de Vida, essas estruturas livres, calcadas no EMPREGO ZERO e cooperar-se ecossustentável, e não na venda de títulos ao mercado da destruição.

Em vez de crescer (em nome da morte das espécies todas) , temos de mudar o caminho. Só se deve manter atividades auto (co) geridas, no setor educativo, nas energias alternativas, na agricultura orgânica, no transporte público, na restauração das áreas naturais agredidas, na recuperação e reciclagem de resíduos sólidos urbanos, etc. Deve-se reduzir ecoociosamente o tempo de trabalho em todas atividades.¹¹⁵

Os educadores assumem como função compromissada a todo tempo a sua tarefa, ou só atuam pelo emprego e certificados burocráticos que lhe valem (hic) ? É inegável que de certa parte dos membros da CE

Resgatando suas origens, eis que a palavra trabalho originou-se do latim "tripallium", esse era o nome do instrumental que servia para castigar os escravos durante o Império Romano, era um pouco pior do que a cruz, pois era na forma de um X, pendurado num tronco, onde o indivíduo- ser humano, era açoitado por outros seres não ecologicamente equilibrados. A dor e a situação desses diferem das sutis humilhações e escravizações/ degradações da modernidade para com todos os seres? O emprego deve ser tanto enobrecido, por todos nós?

¹¹⁵ Estamos longe da melhor forma, que pede a prática e relação (não de consumo, sim) de econecessidades. Vejamos o exemplo dos indígenas onde Nunca o trabalho possuiu um sentido meramente produtivo como entre nós, só o suficiente para suprir as demandas, é uma atividade comunitária e prazerosa, não para o lucro, mas o bem- viver. Importa é demonstrar o caráter alienante da sociedade de consumo que satisfaz necessidades artificialmente criadas pelo próprio sistema. Que pouco ou nada tem a ver com as necessidades reais das populações e espécies. Não se pode manter o medo do des-emprego – o seu aumento - e assim esperar que produtivismos aumentem em corridas infernais em direção ao esgotamento das oferendas naturais. Mais do que perder o gosto pela Vida , pior é não saber que está perdendo a Vida,

existe algum compromisso - mais para o antropocêntrico social ainda preso às estruturas formais. Essa visão despojada (simples e ecológica) para os educadores é essencial para o re-fazer da função ecoeducativa.

O que as educações e pedagogias, os debates de reforma universitária cogitam - estão passando longe do ecocêntrico, e caminham no olhar des-envolvimentista antropocêntrico...

Ecoócio - Para a Organização da Vida e Educação

“ Correremos para a auto-destruição? Trata-se de desacelerar(...)os direitos do tempo.”(Morin, 2001)

Essas novas relações qualitativas no olhar e práticas junto à Terra, mostram outras possibilidades à organização ecológica e produtiva para toda nossa Vida. Coloca-se no debate a prática/ idéia do “Ecoócio” - que desenvolvi - como possibilidade que temos para passar da condição de escravos empregados, para a de livres, sensíveis e viventes daquilo que econecessariamente precisamos – com a busca do enraizamento planetário, nos tempos adequados e articulados com a ecológica economia solidária - ecossustentavelmente.

Ecoócio é ter como eixo central o tempo de (e) laboração para a Vida ecologicamente efetiva. É a urgente dedicação à re-construção das relações e impactos à nossa casa-comum planetária. O resgate do tempo da Vida, que supera o tempo da anti-vida / sobre-vivida - em constante luta/ alienação pelo poder e ritmos doentios transloucados. É SENTIR-SE DEVAGAR E SEMPRE EM VIDA.¹¹⁶

Tanto quanto viver essa re-construção, o tempo de um ecoócio é o tempo necessário para dar conta da real e ampla perspectiva ecopedagógica para todos, é nesse tempo que teríamos a possibilidade de desalienar-nos de diversos aspectos que formam a constituição biológica, cognitiva, sensitiva e socioambiental humana, que vão infinitamente mais além do que só a alienação econômica - passam pela cultural, corporal, psíquica, ecológica, etc, etc. Este contribuiria para nos entender como um ser vivo relacional e composto por diversos potenciais, e dando a condição tranqüila e sentida para nos envolvermos com tudo isso.

A educação daria o tempo natural – não condicionado/ marcado - para a re-descoberta e re-sensibilização do indivíduo, educar para o livre e ecossustentável saber prático- prático. Se uma educação não procura elevar o indivíduo à compreensão de todas as suas potencialidades – e para auto (co) sustentabilidade diante dessas – ela não está cumprindo o seu papel. Antes de continuarmos andando na (des) sintonia dos sistemas atuais, é pensarmos para onde se direciona nossa existência? Há que tipo de (des) ordenamento e obrigações estamos submissos, alienados? Isso deveria ser bandeira primordial para todos os

ao insistir-se em tais posturas – **normais (normas + bestiais)** .

¹¹⁶ **Os Índios guaranis (por ex:) não entendem nossa (doentia) forma de (sobre) viver, eles não têm agendas e correrias, vivem no tempo da Vida.** O que me despertou para tal formulação (além do conhecimento da perspectiva não eco-lógica - do ócio) foi o sensível e atento olhar sobre as possibilidades que uma genuína (não corrompida ao mercado consumista) agroecologia nos traz, aliada à profunda con-vivência com as estruturas educativas. O aspecto da sazonal produção agroecológica, que respeita os tempos da natureza (eco-lógica) é com certeza - nos tempos de tecnociência e padrão de (não) vida artificial em que nos enquadraram a existir – exemplar para o re-fazer de nossas relações. Na origem grega, ócio era o lugar da escola – mas para o cultivo de conhecimentos não pragmáticos/ práticos, era o essencial ao espírito humano. O ócio do latim é o tempo livre – oposto a neg-ócio(ver Carneiro LEÃO).

cidadãos, inclusive os cidadãos educadores – envolver-se com a Vida, e não correr nela e dela.

A interdependência embutida nas relações agroecológicas/ permaculturais são colaboradoras dessas, já que com seus tempos/ relações naturais, mostram que para uma possível Vida saudável - ecossustentável, nossas atividades e tempos devem ser mais tranqüilos e adequados aos ritmos da natureza.

Essas novas relações qualitativas no olhar e práticas junto à Terra, mostram outras possibilidades à organização política e produtiva para toda nossa vida. Será que podemos pensar na possibilidade de continuidade da vida, seguindo esse ritmo escravista e produtivista? Será que podemos seguir correndo nesse ritmo doentio e des-equilibrado? Pensemos sensível e ousadamente. Re-ensinemos (às centrais sindicais; à educação e educadores; aos intelectuais) que não é enganando educandos, pobres e trabalhadores, de que é trabalhando que tudo se alcança, mas sim, mostrando que, é livremente ‘praxicando’ e relacionando com a vida planetária que saberemos ter o sentido exato da vida - some-se a idéia do não ao emprego, sim à livre troca cooperativa, organizada e produtiva ecossustentavelmente, sem tempos produtivistas, sem exigências de mercados e consumidores. Será que continuaremos pensando que os “maus de consumo”, são bens (bons) até quando? Quem disse que são “bens os maus materiais”?

A ilusão no progresso (e) futuro, nos condiciona anti-sustentáveis. “ *A idade moderna, entre tantas transformações, realizou uma considerada fundamental sobre a representação do tempo: o passado, que para as sociedades antigas era o lugar da felicidade, o lugar dos sonhos realizados, foi destituído de seus atrativos, e em seu lugar foi instaurado o futuro. Este, agora, o lugar das realizações. O lugar do paraíso a ser alcançado. A chave para essa realização foi a idéia de progresso (...) formas emergentes de pensar e viver é, justamente, uma nova relação com os espaços de tempo passado, presente e futuro (...) o presente, o aqui e agora, passam a ser aquilo que tem um valor e uma urgência inadiáveis (...) não tem nada haver com um novo hedonismo (...) é a tentativa de, ao viver e cuidar do agora e do local, garantir a utopia de um futuro e um local e planetário possíveis de serem vividos e visitados.*” (BARCELOS, 2004, p. 79 a 81)

A idéia do ECOÓCIO chega para urgentemente co-laborar nessa perspectiva, já que une num só tempo o aprendizado (com o) prático e re-construidor do planeta, já sendo mudança e envolvimento. Dessa forma é anúncio, e positivo. Talvez seja uma das mais utópicas das utopias, mas, basta re-fazer a nossa organização planetária em comunidades ecossustentáveis.

Para além do antropocêntrico ócio – e retirando sua conotação como privilégio de proprietários/ classes – supera a velha forma para não invadir as fronteiras dos equilíbrios socioambientais, não abrir a brecha para liberdade licenciosamente destruidora que pode induzir. O ecoócio é a possibilidade de integral e holística constituição e re-conexão cósmica, com todas as potencialidades que exige, e que só uma forma de tempo assim pode nos dar – junto à Terra – água.

“ *A aceleração ganha todos os setores da vida e a própria velocidade anda cada vez mais depressa (...) nós mesmos somos acelerados. É a corrida embalada de toda uma civilização (...) Correremos então para a autodestruição? (...) . Trata-se de abrandar para evitar tanto uma explosão, como uma implosão. Trata-se de des-acelerar (...) temos de voltar a um outro futuro (...) A nossa civilização sofre da doença da velocidade (...). É necessário prever a regulação internacional do crescimento e da competição econômica*

e promulgar uma carta de normas de vida que englobe os direitos do tempo humano.” (MORIN, 2001, p. 105 e 167) Melhorando o final da reflexão, diria, os direitos da Vida - a constar da Carta da Terra.¹¹⁷

Alienados na ilusão do poder, segue-se também com outra alienação, que é a das prioridades face aos tempos da Vida. Senão dedicarmos agora o precioso tempo para isso, quando dedicaremos? (na eternidade da morte?) . O interesse dos educandos e educadores é conduzido pela pauta consumista e/ou economicista que predomina no paradigma vigente? Com quais atenções os educadores trabalham isso? A modernidade nos obriga a ser assim? Dentro do “tempo possível-existente” o que estamos priorizando (no meio de tantos “atrativos desviantes da ecossustentabilidade”)? Não temos tempo para a VIDA - só ao sobreviver?

Vários autores se pronunciaram ao longo do tempo sobre o ócio. Domenico de Masi e Russel se portaram a pensar muito na amenização do problema da alienação dos aspectos de formação humana, a partir do produtivo- o que foi importante, mas, a questão é que podemos dizer que só o fizeram sob bases superficiais e não ecológicas. Marx também se aventurou pronunciar sobre tal questão, mas abafou tal abordagem ao aprofundar-se na crítica da economia política, ampliando bastante ao ser produtivo e pouco no ocioso. Já seu genro, Paul Lafargue, foi em caminho oposto, defendeu tal perspectiva para qualificar mais a postura não escravista. Porém, foi de carona no ensejo da tecnociência, defendendo a “máquina salvadora.”

De Bertrand (RUSSEL, 2002) há um apelo aos modernos métodos – tecnologias para a facilitação do tempo. Eis o problema, pois é uma visão cega ecologicamente. Em alguns momentos ele condiciona consumo como aquele que pode gerar empregos - como a maioria dos autores fazem, em nome da empregabilidade des-envolvementista, inclusive indicando o investir nas indústrias- na aplicação produtivista (anti-sustentáveis).¹¹⁸

Outro autor no debate do ócio (preguiça) - com suas diferenças - dá melhor sentido e profundidade a tais críticas, inclusive porque rompeu com o marxismo, na questão da mera escravidão consentida ao ser trabalhador - escravo. LAFARGUE diz que “a mente dos grandes filósofos do capitalismo continua dominada pelo preconceito do assalariado, a pior das escravidões. Ainda não entendem que a máquina é: o redentor da humanidade, o Deus que resgatará o homem da sórdida arte do trabalho assalariado, o Deus que lhe concederá os lazes e a liberdade”(1999, p. 118). Aí trás mais uma absurda crença enrustida na tecnociência, e a qual- por não ter na época a compreensão eco-lógica, não ajuda hoje ao planeta e nossas Vidas. É uma postura de não eco-ócio (apesar de ajudar defender a não- escravidão trabalhadora).¹¹⁹

¹¹⁷ Nunca esquecendo que para essa importante retomada do tempo da Vida, o exemplo da perspectiva de sazonalidade e temporalidade agroecológica deve ser nosso grande referencial ecopedagógico. Tão quanto re-fazer os relógios, calendários e frequências que guiam nossas sobre-vivências, precisamos Viver em outros e tranquilos tempos – que devemos priorizar autonomamente. Há que se educar a isso. Tirar os horários rígidos e produtivistas é o começo indicado, talvez até sem tempo marcado possa ser mais qualitativo. Afinal, **para fugir do mercado educativo (e) antropocêntrico (que nos mata) , não se precisa prestar contas burrocáticas, nem notas quantitativas, só o prático saber e fazer, em livres espaços- cotidianos locais (comunitários e planetários) educativos.**

¹¹⁸ Tal autor busca um ócio que torne as pessoas despreocupadas, divertidas, propensas a se dedicarem a atividades de sua livre escolha, construtivas e prazerosas, e que fosse mais valorizado do que as ocupações produtivas/ instrumentais, de que é feita a jornada de trabalho. Com valores outros que a motivação do lucro. Isso é o que ajuda pensar/ colocar a Vida em primeiro lugar. Ele ainda atenta para aquilo que chamarei de universalização obrigatória de tal princípio e atitude, ou seja, que o ecoócio deve ser para todos e não só aos privilegiados. **Ócio e lazer são duas questões diferentes. O consumismo e banalização desse segundo devem ficar bem claros**

¹¹⁹ Tal autor insinua alguma referência aos bons propósitos que teria a Terra com menos trabalho (diria com menos

“ A escolha de uma produção moderada de fraco consumo de energia obriga a pôr a orientação econômica em causa total. São possíveis duas escolhas inversas: continuar a suscitar mais necessidades satisfeitas por um número maior de produtos que necessitarão de mais trabalhos e da criação de empregos fastidiosos; trabalhar menos e melhor produzindo menos objetos mais úteis e mais duráveis que deixam mais tempo livre para atividades criativas autônomas (...) Uma mudança econômica que permitisse reduzir a duração do trabalho de cada um poder-se-ia efetivar mediante uma série de medidas progressivas: a diminuição do consumo e da produção, a supressão ou a redução das produções destruidoras, o aumento da durabilidade dos produtos, a supressão dos esbanjamentos pela reciclagem ... nesta ótica a re-invidicação principal dos trabalhadores seria o “meio tempo para todos”. (SIMONNET, 1987, p 75)

Ratifico tal idéia, pois tanto quanto resolver o problema de mercado e empregos, o ecoócio pensa e permite resolver a dignificação do Viver, o potencializar da prazerosa constituição humana e con-vivência planetária. E mais do que tudo, é o imprescindível tempo para o re-fazer da Vida, como única e obrigatória prioridade. Justamente o limite de quatro horas para a cooperada produção em benefício de outro eco-sistema global, deve ser pensado como o ideal. O restante do tempo é para constituir-se no todo que uma Vida oferece - livres conhecimentos, esportes, bioculturas, afetos, lazeres, sexualidade, amizades, ações ecológicas/ comunitárias, etc – mas todas essas pensadas na perspectiva de urgente re-construção e laboração da planetariedade ferida e degradada.

A imprescindibilidade de tal item é incontestável, afinal, no debate entre o que fazer para sair da condição que chegamos, e se a educação pode ser decisiva para tal, o eco-ócio (sem a ilusão da educação como único eixo para a mudança) une num só processo o aprendizado junto à práxica-prática re-constructora. Abre a possibilidade de sairmos dessa destrutiva e extintiva forma e situação que estamos. Convido todos a doar-se nessa atitude.

Movimentos Socioambientais - Cooperando com a planetariedade

“De nada adiantarão estas conquistas (sociais) se não tivermos um planeta saudável para habitar”
(GADOTTI, p. 121, 2000)

alteração sobre as oferendas da natureza). Ele ainda indicava o trabalho como causa de toda degeneração intelectual, de toda deformação orgânica. Dizia que **os economistas viciaram os proletários ao trabalho. Indicava o limite de três horas por dia. Dizia que o sistema precisa descobrir consumidores e seus apetites para criar falsas necessidades** Nessa obra, CHAUI faz a introdução. Vários aspectos de tal autora puderam ser criticados, já que ela também vem com seu olhar materialista - antropocêntrico. Seu olhar econômico e unilateralizado, ameniza a crítica aos tempos de vida presente. Em outros momentos ela traz a consideração da matéria- prima como outro simples conceito materialista corriqueiro, mostrando o limite/ reducionismo da superprodução só problematizada em seus aspectos sócio-econômicos. Perceba-se na consideração que ela faz para abundância de matéria-prima. Ela ainda aproxima-se de Russel na crítica aos sistemas que nos controlam o corpo e a mente por meio da organização científica do trabalho, e indústrias culturais - que consomem todo nosso tempo com a busca do descartabilista consumo. Esse controle da sociedade só se resolveria adequadamente num **popular ecoócio**, o qual vai além do viés produtivo-econômico. A insinuação de não-limites (a não ser na exploração da força de trabalho- antropocêntrica) , mostra distribuição social da riqueza e o direito de fruir de todos os seus bens e prazeres. **Distribuir e fruir como e até onde? Eis a derrocada da idéia socialista perante a ecologia profunda.**

Pensando novas formulações – ousadas – a partir do conceito/ re-organização da reforma planetária, trago um debate que merece ser feito, pois não se pode mais continuar atuando politicamente de forma des-integrada, mas sim cooperativa, em conexão com a ecossustentabilidade.

Os movimentos socioambientalistas/ecologistas trazem muito do novo, pois pensam a globalidade e planetarização de nossas vidas e organizações. Vandana SHIVA disse: **“O movimento ecologista é hoje o único meio de assegurar a (sobre)vivência. Os demais conceitos de justiça social fracassaram. A ecologia é o único instrumento dos despossuídos. Não está restrito aos mais pobres, mas também é um tema de discussão das classes médias”** (in.WALDMAN, 1992, p. 62) . Concordo, desde que todos os movimentos sejam pensados integradamente nas suas ações socioambientais. Assim surge essa indicação de movimentos socioambientais, que trazem aquele germe surgido em maio de 68, revigorando-o a, ainda, acreditar-se no sonho de uma nova socioambientalidade igualitária, não destruída, e, sim, equilibrada, através do amplo respeito, entendimento e atenção aos ecossistemas planetários que nos envolvem.

Coloco os movimentos socioambientais, para avançar naquilo que se convencionou chamar de Novos Movimentos Sociais, estes últimos “ *se caracterizam por suas lutas para romper com os esquemas populistas do passado, para a criação de formas comunitárias de participação direta das bases ao nível da reflexão, da decisão e da execução (...). Defendem sua autonomia frente ao Estado e Partido, considerando a cidadania um direito do povo, numa situação de um capitalismo particularmente excludente (...) formando uma nova cultura política a partir de uma identidade em torno dos seguintes aspectos principais: 1) reação às formas autoritárias e de repressão política, propondo democracia direta sempre que possível e de base, ou representativas em contextos mais gerais, além de questionar os próprios critérios de distribuição do poder; 2) reações às formas centralizadoras do poder, defendendo autonomias locais e sistemas de auto-gestão; 3) reação ao caráter excludente do modelo econômico adotado no país, encaminhando novas formas de vida mais comunitária* ” (in.FANTIN,1997,p.153).¹²⁰

Quero debater a carência dos pressupostos ecológicos, a cidadania planetária, a des-integrada forma de se constituir e pensar a sua existência, a sua luta, de maneira somente “ social/ fragmentada”. Ou seja, para além dos (necessários no seu período histórico) Novos Movimentos Sociais, é econecessário constituir os renovados e integrados Movimentos Sócio-Ambientais, articuladores das melhores possibilidades de continuarmos existindo, que é pela organização de “ comunidades (descentralizadamente) ecossustentáveis”.

Estou propondo isso para todos os movimentos/ partidos – e não só para aqueles (que se acham só) ligados a questões ambientais, afinal, ninguém, está só no ambiental, ou no social; só no urbano ou no rural, estamos no planeta socioambiental. “*Os movimentos ambientalistas, conservacionistas, ecológicos, deixaram de ser movimentos à parte, de outros movimentos, como os únicos a levantarem a bandeira da ecologia. Hoje eles se compõem com o movimento social. (...) A reflexão ecológica ajudou-nos a entender que o ser humano é parte da natureza e da biosfera. Ele não é o centro do universo. Ele está numa profunda*

¹²⁰ Quando tal autora refletiu isso, era o período recém-saído da ditadura, assim, muitos desses pontos principiados, tinham essa resposta a dar, o que não anula a importância desses, até hoje e sempre, pois traz o cuidado ao não perder-se no populismo benevolente, e a vida comunitária como eixo não burocratizado/subordinado.

comunhão com todos os outros seres (...) pode agir para além dos seus próprios interesses e mostrar-se desinteressado a ponto de assumir a causa do outro, na perspectiva do outro.” (BOFF,1996,p.86/7). Isto abre às novas relações dos movimentos uma perspectiva exemplar.

Vincular-se aos movimentos que pensam a socioambientalidade ecossustentável, é condição de qualificação para uma não- dogmatizadora e crítica educação, “a participação numa organização, é processo privilegiado de aprendizagem, e de constituição das pessoas como sujeitos sociais, como cidadãos” (CALDART, Roseli, 1996, P. 111). Tais movimentos devem garantir a des-pressão dos valores meramente econômicos, e ecologizá-los. Isso requer pressupostos ecopedagógicos. A transformação social precisa ser antes melhor sentida/ pensada, afinal, a cultura de base que se tem para maioria dos indivíduos atualmente, recai na lógica des-envolvimentista – o que faz tais transformações serem destrutivas. Temos que somar sim, mas para a re-constituição da Vida- numa nova totalidade holística e ecológica.¹²¹

Aos movimentos, não se pode continuar com suas míopes atuações não-ecopolíticas. Há econecessidade de melhor e maior articulação socioambiental. Muito vem se fazendo – ainda em perspectiva de ecologia rasa - como na CE/ FMCC. Há que se articular simultaneamente com uma adequada formação praxica política-ecopedagógica.¹²²

Sobre a relação política de tais movimentos, ALIER traz um referencial para indicar o propósito exemplar para pensar em comunidades ecossustentáveis: “ Renasce em 68 o anarquismo (...) . Não renasce o anarco-sindicalismo organizado, mas o anarquismo comunalista: a idéia de opor-se ao Estado, organizando comunalmente a vida começando com comunidades muito pequenas. ” (1998, p. 348)

Hoje a permacultura é uma base e via concreta para aplicação disso, através das ecovilas. Precisaríamos que os movimentos - daí socioambientais - colocassem essa bandeira do ecoócio como primordial, para “ viver a reconstrução da nossa casa comum ”, como algo imprescindível. Antes de qualquer outra necessidade criada, vem a da vida plena a toda forma de vida, a única que pode nos manter em condições de continuar a pensar, e em classe, raça, educação, política, ..., enfim, de continuar.... Afinal, para que servem os movimentos?

A re-invenção da Vida precisa do re-entendimento desses agentes – em formas ecopedagógicas – pois se não mudarmos nossa forma de atuação, dificilmente conseguiremos co-laborar na formação dessa consciência ecológica. O item que se segue é parte das amarras de novas compreensões econecessárias, e com certeza será melhor aplicado se organizarmos-nos em movimentos socioambientais...

¹²¹ Os movimentos socioambientais ao buscar a inclusão das pessoas que estão à margem do todo promovido pela tecnociência, podem estar reforçando a lógica do mercado e do consumo, pois buscam condições de vida para as classes sociais menos favorecidas, tentando incluí-las no mercado existente. Sabemos, contudo, que esse modo de vida não comporta todos os seres humanos. Não é possível que todos os indivíduos tenham um carro; não há água e espaço no planeta para todos terem uma piscina em casa. Portanto, promover esse debate também nos movimentos é o nosso desafio. Por isso, a mudança para o caráter socioambiental nos movimentos (ainda sociais) .

¹²² Será que a maioria de nossos movimentos e organizações estão se constituindo ainda pressupondo que a causa ecologista é algo particularizado, ou que não tem as maiores influências nas definições políticas?

Biocracia Ecosustentável

“Existe nesse mundo o suficiente para todos, mas não o suficiente para a ganância de todo mundo.” (Gandhi)

O empenho de cada cidadão e coletivos na Terra deve ser no sentido de viver esta comunidade planetária, considerando-a uma trama de interdependência como a única condição para garantir a qualidade de vida dos povos, dos indivíduos e de todos os seres (saúde planetária). O FMMC abrange rica socioambientalidade, a biocracia se coloca como obrigação para o re-fazer ecológico interno.

Ela re-inaugura e re-coloca a idéia de prática coletiva, pela de prática co-operada solidária, já que ela se dá de modo “inter-seres”. Assim, a ação ecológica-educativa ganha contornos bastante sensíveis, que pedem políticas públicas biocráticas, pois ameaçados de sucumbir nesse viés modernista não estão só os humanos. Isso é crucial de ser entendido, já que hoje muito se coloca essa preocupação ecológica, porém de modo raso, onde tudo o que se pensa e faz é para garantir a permanência humana. Pensado e executado assim, não sobraremos do mesmo modo, afinal, não somos melhor e nem mais poderosos do que ninguém, ao contrário, somos interdependentes. Por isso, ou a ecológica e os cidadãos de boa-vontade passam a exercer a militância biocrática, ou tudo será mero jogo de cena para mais destruição planetária.

Falamos de cidadania planetária, a qual requer a compreensão dos seus condicionantes envolvidos, afinal, é neste âmbito da planetaridade, que se dão concretos problemas para a continuidade existencial (camada de ozônio, poluição dos mananciais e rios, desmatamento, desertificações, etc).

A Demo-cracia é antropocêntrica, é rasa, assim só ao ser humano interessa, só a ele se decide preferencialmente, ou por acaso quando se asfaltam milhares de ruas, ou quando se decide dar espaço à plantação transgênica, a fim de sanar a fome humana (-hic?), esses exemplos levaram em consideração - nesse (circo dos humanos) quem em primeira instância?¹²³

A demo-cracia por ser “parcial”, adjetiva-se de popular, participativa, radical, para menos piorar seus limites. Ela nunca será universal, co-gestionária, pois isso supõe interação, e se não atende ao planetária, então ela não se propõe a considerar todos os seres - em suas eco-lógicas inteligentes e vivas.

A biocracia vai pensar numa cultura de paz, na cooperatividade, na ecológica economia solidária co-gestionária, na defesa do bem público para todos (não estatal - já que o estado sempre foi de alguém, ou do mercado ou do partido único), entre outras. Ela é fundamental para ajudar a criar bases de organicidade, nesse momento de “vazio político”(onde a demo-cracia é tão criticada e pouco superada) do cenário nacional

¹²³ Ainda- mesmo que a legislação exija relatórios de impactos ambientais, são as necessidades humanas que definem se uma imensa usina hidrelétrica vai ser construída; se vai ser necessário o desmatamento ou não de áreas verdes para levantar arrojadas edificações; se vai ser necessária a destruição ou não de grandes áreas da Amazônia para o plantio de soja. A construção de uma hidrelétrica, o desmatamento, a inundação, a destruição florestal, estão produzindo efeitos como a ameaça de extinção, também, da nossa própria espécie. O furacão Catarina é talvez a mais recente evidência disso no Brasil, o Tsunami grande no planeta.

e mundial – e o qual reflete o ainda não profundo conhecimento ecológico. Como ela é exigente da interdependência, vai se somar junto ao conceito de ecossustentabilidade, para ajudar a problematizar a idéia do desenvolvimento sustentável (DS) , que é negação do envolvimento (des = nega, o envolvimento), uma falácia da elite capitalista articulada (com ingênua aceitação de muitos, “analfabetos ecológicos”).¹²⁴

O conceito de ecossustentabilidade que estamos trazendo é adequado a tais equilíbrios ecológicos, pois é para o ecossistema (locais e planetário) , em todas suas relações – a favor de nossas necessidades. Penso ser melhor do que o de (só) sustentável, pois hoje em dia tudo e qualquer coisa se denomina assim, e muito se mistura/ confunde com a perspectiva economicista (que se usa do sustentado) . Ecossustentável não tem dubiedade, pois está se falando da inter-relação entre todos os seres.

“ Lentamente constatamos que a sustentabilidade não tem nada a ver com des-envolvimento, pelo contrário (...) o problema da suficiência deve definir os limites da eficiência (...) . O consenso em torno do DS esconde que o conhecimento humano sem a interdependência dos processos vitais ainda é incipiente para fazê-lo operacionalizável e manejável.” (CECCA, 2001, p. 19, 20 e 24) Viver é envolver-se, solidarizar-se e não negar o envolvimento em nome de desejos (não bio) culturalmente criados para nos transgignizar.¹²⁵

ALIER, falando sobre “ A principal mensagem do informe Brundtland foi precisamente que a pobreza é causa de degradação ambiental e daí a explícita recomendação de um caminho de crescimento econômico(...). O crescimento econômico (rebatizado como des-envolvimento sustentável) é um remédio ao mesmo tempo contra a pobreza e a degradação ambiental” (1998, p. 100), foi a mensagem de Brundtland, que relegou a questão da re-distribuição e da equidade.¹²⁶

Alertamos que esse conceito é míope – com caráter antropocêntrico, e não ecológico, “ DS é

¹²⁴ Falar de práxis política biocrática concretamente, é poder pensar o caso do orçamento participativo-por exemplo. Percebendo que essa participatividade será mais ampla (física e consideravelmente) , ao não permitir que se exclua do processo, nenhuma forma de vida. Uma radicalidade política diferente, que pedirá a anulação de quaisquer limite, estruturais, econômicos e políticos, que impeçam o pleno atendimento da qualidade todas as formas de vida. A questão das dívidas pode ser um exemplo, ao qual a biocracia radicalmente não se coadunará, afinal, são sinônimos de anti-vida, de anti-relação e de prepotência de uns sobre outros. O que muda, é a forma como se faz essa relação (militância) política e ecológica - mais ampla do que a demo-cracia. Ex: As moradias definidas como prioritárias, serão biocráticas, se pensadas como bioarquitecturas permaculturais, do contrário, continuam demo-cráticas destruidoras.

¹²⁵ **Queremos defender que as pessoas de boa- vontade acordem para essa falácia, pois mais do que etimologias e articulações políticas à parte, pensar a superação da idéia e prática de des-envolvimento (e do progresso) significa mais do que tudo, dar o passo econecessário para sairmos do caminho da extinção e des-qualificação de nossas Vidas.**

¹²⁶ O Brundtland- também conhecido como relatório “Nosso futuro comum”, insistia em afirmar o crescimento econômico como remédio mágico tanto para a pobreza como para a degradação ecológica, é combinar des-envolvimento econômico e capacidade de sustento. Alguns economistas ecológicos (Herman Daly) têm separado o que é crescimento do que é des-envolvimento. Crescimento econômico é aumento do PIB, e des-envolvimento econômico seria mudança de estrutura da economia sem aumento do PIB. Assim, a definição implícita de des-envolvimento sustentável, é crescimento ou des-envolvimento econômico que seja compatível com a capacidade de sustento de um território. Isso é discutir sua inaplicabilidade (segundo Alier) . Essa idéia de sustento- aqui insinuada- é economicamente antropocêntrica, difere da de ecossustentável. Indo na fonte da questão, vimos em tal relatório a impossível indicação da possibilidade de uma nova era de crescimento econômico, apoiada em práticas que conservem e expandam a base daquilo que eles chamam recursos ambientais. E isso é colocado na abertura de tal documento. Aqui, o mercado é salvador- a quem pode ter acesso para contemplar/ preservar a ambientalidade – chamada de recurso – um exemplo desse olhar é quando pensa o custo da conservação - que se elevará. Pior ainda foi ver a afirmação de que muitas das necessidades humanas básicas só poderão ser atendidas por bens e serviços industriais, e que tal crescimento sustentável deve ser estimulado por um fluxo contínuo de riqueza proveniente da indústria. Toda essa lógica contraditória e economicista vem inclusive junto com o FMI e Banco Mundial entrando nesse investimento de proteção

aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades (...). As necessidades são determinadas social e culturalmente, e o desenvolvimento sustentável requer a promoção de valores que mantenham os padrões de consumo dentro do limite das possibilidades ecológicas a que todos podem, de modo razoável, aspirar.” (p. 46 e 47)

Dessa forma, não podemos dar crédito a tal agrupamento mundial de interesses empresariais aqui reunidos, os quais tentaram influenciar o caminho sem retorno da eco-necessidade política, e por isso articularam tal conceito. Ora, falar só de humanos (gerações futuras) não é e nunca será ecossustentável.

Com tal olhar (não holístico, ecossistêmico), lideranças populares e políticas, antropocêntricas em suas atenções, seus partidos e movimentos, atenderão as demandas não biocráticas da sócio-ambientalidade, e portanto na melhor das hipóteses serão acometidas de atitudes retrógradas face ao planeta.

Na história, muitos indivíduos (mulheres, não abastados, escravos, outros) foram excluídos da democracia, no presente ainda perduram questões de não-acesso garantido a participação e dignidades básicas. Mas mesmo que fosse total no atendimento, seria só aos humanos, portanto mortífera a todos nós co-existentes seres. Não se pode mais iludir com esta, que se dá no princípio que uma tese terá que vencer outra (sendo por voto, ou qualquer outra forma), o que continua incutindo a anti-ecológica, capitalista e desequilibrada competitividade e disputa, as quais longe de respeitar alguma diversidade, trazem sim, muita demagogia populista por trás da "declaração de discursos". Isso reforça a des-educada forma e cultura que afirma existir um mais e melhor, e outro menos e pior, e não só diferentes e diversos complementares. Ela é invenção cultural humana, já a biocracia é imperativo natural e econecessidade existencial.

A biocracia vindo a ser cooperativa, não é representativa nem permite incidir no equívoco de depositar ou outorgar a alguém o poder de determinadas decisões. No modo diferenciado de fazer política, contribui para lapidar o conceito de qualidade de vida, já que há preocupação com o respeito ao natural e ao equilibrado ciclo vital de todas as espécies.

Na forma de elaborar da agroecologia, revela-se o modo biocrático, pois não há preocupação apenas em sanar a fome e alimentar (de qualquer maneira) a população. Há uma preocupação interdependente na produção, no educar para as econecessidades entre os envolvidos que eleva à planetariedade.¹²⁷

Em nome da preservação da Vida (des-obediente civil), a ecopolítica traz a planetariedade como possibilidade. É em nome dessa que não se pode aceitar passivamente o debate de "crescimento no mercado institucional (merenda escolar, hospitais) de orgânicos" de forma passiva e des-lumbrada, pois antes disso temos de re-pensar o tamanho de nossos consumos face às econecessidades. Os saudáveis orgânicos agroecologicamente produzidos não são compatíveis com forte presença de mercado, devido ao seu respeito radicalmente natural. Do contrário pode-se des-confiar. E isso deve ser ponto para política pública biocrática.

e melhora do meio ambiente.

¹²⁷ Como ela re-vê a exploração da mão-de-obra e **procura respeitar as características naturais-regionais de produção (não trazendo espécies exóticas para interferir na cadeia ecossistêmica alheia)**. Além de estar trazendo mais elementos biocráticos, ela com isso abre um debate bastante amplo e interessante. Em tempos de "festa globalizante", esse respeito agroecológico (ecossistêmico) colocado e exigido para o re-equilibrar da Vida, indica que **mais do que globalização, temos de exigir é a vivência, sensibilidade e conceituação da planetariedade**, ou seja, não é tudo que pode circular e perpassar a todos os espaços. Antes disso acontecer, é necessário achar na lógica ecossistêmica, o que se afina e equilibra, e o que não.

Não podemos ser só consumidores, mas cooperados ecoprodutores, que trocam em ecofeiras locais.

Pensar nas biodiversidades “eco-lógicas” é um atual desafio. Considerar todas as lógicas de vida e a ética planetária – biocrática, exige que aquelas que são anti-vidas, devem-se problematizar, sem ecletismos ingênuos, e nem de ter medo de uma pseudo-agressão às diversidades, pois, o que é anti-vida, tem que ser desconsiderado/ banido, ou estamos aqui na Terra para brincar de assassinos – com tais e normalizadas atitudes analfabetas ecológicas?

Isso abre talvez uma das grandes polêmicas que tal estudo concluiu para o papel político-ecopedagógico. Se a re-composição da Vida planetária pede urgência, e a boa-educação anda a passos mais lentos, como equilibrar essa (balança) questão? Longe de des-respeitar os princípios de uma ecopedagogia popular e libertadora que se funda, tal perspectiva educacional deve Ter postura firme e dinâmica para dar conta de tal urgência. Essa não deve se fazer aos velhos moldes autoritários.

Como atitude biocrática, é nessa realidade e contextualidade cotidiana que o processo deve estar, e ao estar assim sintonizado, penso que ela (como política pública biocrática) agiliza bastante a re-formação dos indivíduos e situações socioambientais, se estiver colada na perspectiva ecoociosa, mais tranqüila e percebida rapidez vai se dar. E principalmente, já estaria se fazendo a mudança, pois atuando com bases práxicas ecológicas profundas. Eis o novo desafio prático, e um caminho possível. Eis toda teia de eco-ações que foi se formulando. Conjuntamente executadas, é possível trazer a esperada manutenção da Vida. Eis a esperançosa utopia aqui calcada. Cenário real, possibilidade e compromisso concreto.

Ela deve sustentar-se também na lógica da cotidianidade, essa deve ganhar especialidade de consideração- é olhar para a “lógica do vivente, contra a racionalidade instrumental” (GUTIÉRREZ 2000, p.24) - conceitos fundamentais, pois estão numa infinidade de concretudes evidentes, e interlaçam-se ao ser subjetivo e bio-social.¹²⁸

Eis o desafio de constituir organizações em prol da política planetária, em ações diretas. Essas estão contempladas nas ações eco-ociosas propostas, já que elas fariam cooperadamente acontecer, bastaria articular as decisões cabíveis. Re-inventando-se a ecopolítica.

¹²⁸ Como pensar em “incluir” algo/alguém, se a subjetividade desse “dito excluído”, muitas vezes não se percebe como tal? E pior ainda, quando os excluídos são também os demais seres que não podem expressar suas dores e abandonos? Além de serem mais adequadas metodologicamente, a opção do cuidado com a lógica do vivente confirma um princípio baseado na cidadania local e planetária. Mais do que nunca devemos colocar os pés no chão (e literalmente) voltar a sentir nossa ligação com a T/terra. Esse é o lugar do conhecimento sensível e vital, e não nas artificialidades que em nome da rápida comunicação afastam-nos cada vez mais do respeito à saudabilidade ecossustentável. É base para outra postura educativa e política biocrática. Longe de negar a importância da comunicação que a Internet nos propicia, quero alertar para todo mau e insustentável uso que se faz dessa, por milhões de lixos virtuais que circulam diariamente. Quanto aos celulares, existem dezenas de argumentos para ser contrário a tal tecnologia. Reporto-me a seus impactos ambientais- ainda sem solução- e nunca existirão, pois trata-se de lixo tóxico (descartável) que nunca terá retorno. Mas além disso, e do câncer no cérebro a que se expõe seus (fetichiosamente induzidos) usuários, só quero chamar atenção para aquilo que vejo ser a pior prática que este passa, refere-se à indução do ser corrido e há tudo achado/ amarrado. A liberdade e tranqüilidade do estar sendo/ existindo sucumbem face a essa invasão violenta que tal aparelhinho traz com o con-sentimento des-lumbrado da maioria. Isso globaliza sim as pessoas. Em nome da Vida, não precisamos de globalização, precisamos sim de integração e envolvimento na PLANETARIZAÇÃO- sintonizar sensivelmente com suas eco-lógicas (e não usar-se desse para produzir humanos- b/robôs) . As plataformas de imensos centímetros que afastam as “patricinhas” da moda, da atitude pé no chão, também vêm externando para onde vai nosso progresso e des-envolvimento – uma alta, avoadada, distante e des-sensibilizada virtualidade- além de gastar muito mais material para tantos centímetros. Nossos educadores, comungam com tais práticas? E o exemplo que a educação deve dar, ficará só a

Assim, mais do que partidos (corporativos – e pior ainda, quando esfacelados em correntes internas, que lhes prendem em sectarismos e ou historicismos inférteis à Vida; e/ ou pragmatistas em prol do populismo trapaceiro) , precisamos pensar em outro modo, e que arriscaria sugerir como os Unidos EcoPolíticos biocráticos. Já que no entendimento do nosso ecossistema, a natureza não mostra hierarquias, mas só interconexões de redes.

Isso é obrigatório para os movimentos socioambientais, pois re-entende-se e re-articula-se todo o cenário dos atores políticos, suas organizações e formas. Precisamos unir na cooperação mais do que tudo – sem ingenuidades, mas com planetariedade - re-pensando o paradigma do conflito- e não sua anulação total- como inadequada estratégia para manutenção da vida planetária. Esta precisa desconcentrar-se por um gerenciamento global dos problemas da Terra, que articulem efetivas ecoações locais, para co-laborar na reversão da degradação. Arriscaria sugerir a substituição da ONU por uma OPG(Organização Planetária Glocal). Pois mais do que esperar ou prescindir do Estado, a idéia de comunidades ecossustentáveis vem ajudando a re-construir outra organização socioambiental e ecopolítica diferente. Podemos pensar em políticas públicas populares, com a gestão biocrática de tais processos - de modo direto e participassensitivo, onde todos os seres fossem contemplados, e todos setores que e-laboram os processos, estariam juntos.

Todos os organismos maiores, inclusive nós mesmos, são testemunhas vivas de que práticas destrutivas não funcionam a longo prazo. No fim os agressores sempre destroem a si mesmos, abrindo caminhos para outros que sabem como cooperar e como progredir. A vida é muito menos uma luta competitiva pela sobrevivência do que um triunfo da cooperação e da criatividade. Na verdade, desde a criação das primeiras células nucleadas, a evolução procedeu, por meio de arranjos de cooperação e de co-evolução cada vez mais intrincados. (CAPRA, 1996, p. 193).

Pensar a planetariedade é (en) caminhar processos cooperados, e na ética ecossustentável – o que é contrário a quase todos sistemas e culturas prevaletentes.¹²⁹

Não é deixar os problemas mundiais de lado, mas colocar no centro os que causam destruição a todas as Vidas, e articuladas no local. Acontecer a postura glocal. É re-construindo os locais, e enquanto se faz re-vive-se o aprendizado e cuidado com (partes do) planeta. Mais do que revolução para substituir grupos humanos nos poderes, precisamos da co-evolução ecossustentável, respeitador do poder interdependente e cooperador da natureza, o qual re-conecta novas relações ecopolíticas-espirituais.¹³⁰

cargo das distantes e des-envolvimentistas tecnologias (modistas) educacionais?

¹²⁹ Com dinheiro e mercado não há cooperação, nem haverá total Vida – esses se atravancam inescrupulosamente.

¹³⁰ Pensando os **UNIDOS ECOPOLÍTICOS** , **indica-se aos** movimentos, e preocupados com a política, por permearem a educação popular, refletir que a idéia de representatividade é limitadora, ao contrário da cooperatividade co-gestora. Não podem (os) mais depender só de dirigentes, é necessário a atuação praxica ecopolítica a fim de Ter toda e cada uma das co-laborações ativas no seio das diversas socioambientalidades. As diversas comunidades do Maciço precisam muito dessa política, afinal, seus problemas são bem maiores do que os limites do FMMC – que não atingem todas essas, por questões políticas, as quais se fossem ecopolíticas, cooperariam e somariam de forma ampla. Essas questões colocadas apontam para **pensarmos que nova estrutura política (e partidária?) é econecessária**. Não se pode mais aceitar que as grandes decisões somente sejam pensadas e/ ou decididas por representantes e encastelados em círculos de poder corporativo. Continuar com as atuais – fragmentadas e des-ideologizadas constituições partidárias é um absurdo. A política deve ser pelo bem comum planetário. É fazer o novo fora da sociedade capitalista/ economicista, e perto/ junto da socioambientalidade re-inventada ecologicamente. Isso tudo re-coloca o papel e atribuições aos atores, sujeitos e movimentos socioambientais, re-nova-se os debates e formulações que viciaram e

Esse elo trouxe novas formulações/provocações ao debate ecológico. Articulei a histórica militância política junto a diversos olhares ecossistêmicos, em sintonia com o propósito interdependente. Imagino que muita polêmica surgirá de tais conceitos – afinal, quando se mexe em certezas históricas, tudo se abala. Mas com tranquilidade (e entusiasmo) trouxe esses conceitos para poder ajudar na re-construção da organização política – essa que sofre hoje de muita pragmatização e/ ou excessiva ideologização. Eis as portas, muros, janelas e tetos abertos e o céu cheio de luzes e possibilidades. Vamos conhecê-las...

ELO – INTERCONNECTANDO A EDUCAÇÃO

“ Os déficits econômicos podem dominar nossas manchetes, mas os déficits ecológicos dominarão nosso futuro.” (Lester Brown, 1986)

Após toda essa pesquisa e reflexão radical – defensora da Vida, abre-se a interconexão (que normalmente colocar-se-ia como conclusão), para mostrar que esses Elos não podem parar, mas sim sempre cooperar interdependentemente.

Estamos chegando no limite de uma absurda e triste situação existencial, já existe uma luta desesperadora por oferendas naturais e vitais. Temos de conectar-se em ciclagens, precisamos envolver-nos em ciclos ecossustentáveis. A educação deve co-laborar junto às demais formas de conhecimento e distribuição da vitalidade, para que mais do que nunca, recuperem-se as frequências e conexões naturais, de forma a problematizar todas as ações insustentáveis de sobrevivência humana. Mais do que bárbarie, é um fim ecocida que estamos proporcionando. Precisamos evitar a luta de todos contra todos. Chegar nesse ponto desesperador - já inicial - é diminuir as chances de reversão, pois a ecologia pede cooperação entre todos, e a persistência no cenário de conflito e empoderamento humano só encaminharão a sociedade ao abismo final.

Tal situação pede bases organizacionais ecológicas. Normalidade ou re-construtor radicalismo ecoocioso? Maquiagens de des-envolvimentismos, ou econecessidades respeitadas?

Propor a educação ecossustentável é pensá-la interconexa. Abrir as portas para o re-conhecimento dessa é calcá-la na ecologia, o que pede a superação de corporativismos a qualquer grupo. Assim, a CE deveria tecer esforços no sentido de superar e melhorar a coesão interna, percebida como bastante frágil. Da mesma forma, deveria descentralizar suas decisões de modo biocrático, inclusive junto ao SS, que poderia ser re-inventado. Como indicativo inicial para a CE, e todos os processos educacionais no planeta, que se lancem urgentemente a re-fazer e aprender numa ecopedagogia popular.

permearam majoritariamente nossas entidades (UNE, UBES, ENDIPES, ANDIFES, EXNEPEs, FMEs, ETC) . Nem estatal, nem privado, sim popular biocrático e gestado em nome da cooperação universal (não ingênua, e nem pragmática) . Atuar eco-ociosa e econecessariamente para dar conta de políticas glocais e populares inter-seres. Todos nós, não esperando paternalisticamente do Estado, mas de forma direta, olhando e fazendo tal Estado a serviço e em co-serviço. Ficarmos dependentes estatais, é ficarmos ausentes de co-gestões, é não aprender e/ ou executar atitudes/ atividades para melhorias socioambientais. Já temos acúmulo suficiente - há que socializar e apropriar-se desse, e

Todos os ameaçados de extinção são pobres. O planeta é atualmente só de seres empobrecidos – pois todos estão condenados à morte – a persistir a atual normalidade antropocêntrica. Não é (só) a pobreza, nem (só) a riqueza que degrada, mas a demência possuidora e consumidora humana, a qual se fosse politizada ecocentricamente daria conta de superar tal desajuste.

Para não se continuar no mesmo caminho ecocida, BOFF diz: “Atualmente pelo excesso de clorofluorcarboretos (CFC) e outros ingredientes poluidores, possivelmente o superorganismo- Terra se veja na iminência de inventar novas adaptações. Elas não precisam ser benevolentes para com a espécie humana [...] não é descartável a hipótese de que a espécie *homo* possa, ela mesma, vir a desaparecer [...] . Se GAIA teve que se liberar de milhares de espécies ao largo de sua biografia, quem nos garante que não se veja coagida a se livrar da nossa? Ela ameaça todas as demais espécies, é terrivelmente agressiva e está se mostrando geocida, ecocida (...) Talvez o destino do ser humano é ter uma Vida breve mas febril, excitante e extravagante ao invés de uma Vida longa, vegetativa e monótona. Neste caso, outras espécies, desprovidas de pretensões espirituais, como as amebas, por exemplo, herdariam uma Terra que por muito tempo ainda continuaria banhada pela plenitude da luz solar.” (BOFF, 2000, p.41/2)

Faz-se urgente uma educação ecológica, não para servir ao mercado e/ ou diplomação. Deve vir, sim, para o livre e gratuito conhecer/ doar-se ao re-fazer planetário. Sem isso, manter-se-ão os velhos ciclos da sobrevivência doentia/degradante – em razão de disputas des-equilibradas.¹³¹

O FMMC e a CE têm um potencial para resgatar nessas comunidades uma grande saída, que cabe como exemplo para Florianópolis e tantos outros lugares. Para isso, devem aprofundar sua ecoformação e postura política, a fim de dar possibilidades de melhores e dignas condições a todos os seres que habitam tal ecossistema. Devem ousar em sua afirmação de autonomia e formulações próprias, contando com seus parceiros como co-laboradores, mas sendo eles mesmos os e-laboradores.

Apontamos fatores econecessários a tal pesquisa que, embora sejam polêmicos a olhares economicistas e antropocêntricos, têm profunda coerência ecológica. Se o Maciço é essa região sensível socioambiental, uma postura política ecopedagógica (e aqui defende-se a amorosa radicalidade) deve indicar e atuar a não se permitir que continuem ali sobre e ‘subvivendo’ amontoados de indivíduos.

Re-conhecendo a falta de ecopolítica pública e popular – biocrática, na busca de Vida ecossustentável - longe de querer culpar tais moradores, há que se re-locar boa parte das famílias, sem distinção prioritária da situação econômica, mas sim por ocupação de espaço ecologicamente irregular e/ ou adensamento indigno. Pautar-se-á por critérios de adequação matemática, engenharias ecossustentáveis, que indicam números de auto/co-sustentabilidade para cidades e/ou populações aglomeradas. Essas pesquisas apontam que para adequadas convivências não se pode juntar mais do que cerca de cinquenta mil pessoas em uma cidade, e cerca de duas mil em comunidades ecossustentáveis (desafio da reforma planetária) – esses números adequados para bons envolvimento. Os critérios (junto aos já colocados) – para casos de polêmicas

trocando, todos nos somarmos unidos politicamente. **Eis nossa coerente atitude Unida Política...**

¹³¹ Indica-se para a ANPED, ANFOPE, MEC, SEEDs, PPGes e todos os demais fóruns e instâncias, nacionais e regionais, que formulam e propõem políticas educacionais, que assumam urgentemente tal debate como base para melhores posturas.

em retirar-se pessoas de pequenas e específicas localidades no Maciço, é a prioridade de permanência para as famílias que a mais tempo estão morando na região e depois, as de menor condição econômica.

Não se pode mais manter todo esse adensamento anti-sustentável (antiVida), muito menos pelos medos de se mexer em tais questões. Temos que fazê-lo com bases ecológicas – de equilíbrio vital - e não só economicamente; há que se valer de uma ação praxica ecoeducativa, sensível e profunda. Isso obrigará as políticas públicas locais a pensarem na disponibilização da Terra para a Vida, e como eixo central para e por todos movimentos (da educação, junto aos demais – em todo Planeta), que o assumam como bandeira urgente e primária, essa luta cooperativa - com tal clareza e unidade ecológica. Temos um MOVE – Movimento pela Vida Ecológica, re-inventando a forma de atuar e bioconstruir o nosso viver.

Antes ainda das indicações, e para que a educação leve a formar sujeitos/ humanos naturais re-constructores da história planetária e do equilíbrio socioambiental(e não para a transformação social e o domínio materialista do humano sobre as oferendas da natureza – suas co-irmãs naturais), deverá partir do re-aprendizado no viver cotidiano e ecocomunitário de cada um, fazendo com que os educadores/educandos saibam lidar com as questões de sua Vida, por formas não-agressivas ao planeta, o que além de conteúdos adequados, pede métodos coerentes.

Nessa perspectiva ecológica libertadora, sugerimos alguns passos metodológicos:

- Parar, sentir e observar, em tempos naturais e ecológicos (não compatíveis com os tempos de mercado), as interconexões da realidade;
- Destacar os temas ecológicos, das necessidades relacionadas(subjetivas, objetivas e ecocomunitárias);
- Formular ecológicamente caminhos de ações educativas;
- Aplicação de práticas socioambientais – permaculturais – criativas e sensíveis;
- Somar nas redes ecológicas econômicas solidárias;

Os três últimos passos podem se inverter, pois a prática articulada pode preceder a teorização, e vice-versa.

Como esse texto fora bastante re-afirmativo no que se refere às diversas necessidades e possibilidades de mudança, não será expandido mais. Colocaremos os pontos mais concretos surgidos e ecodemandados perante uma interessada, ousada e propositora pesquisa. Defende-se o ‘ECOÓCIO’ como a grande chave para toda a proposta desse trabalho.

Priorizaremos indicações específicas para o campo da educação ecológica, pois entende-se que as bases gerais estão contempladas ao longo do texto, assim, garantindo um espaço sintético e didático para todos que se preocupam em fazer uma educação para a Vida.¹³²

Educação/educadores da CE, indivíduos e cidadãos planetários, desorganizados e movimentos socioambientais (FMMC), mobilizemo-nos para que se inicie logo esse movimento. A re-construção da Vida pede total dedicação ecológica. Se aqui criticamos muitas revelações dos educadores da CE, não deixamos

¹³² Independente de condição econômica, todos somos pobres sobreviventes, ao exalar o perfume diário das indústrias e automotivos; ao não poder mais receber na pele o vital Sol (agora mortal – devido à demência humana) - e ainda ter a paliativa e antropocêntrica atitude de usar os químicos protetores solares, que serão absorvidos por mares e rios (após o banho de milhões de indivíduos). É exemplo da demente “sobrevivência humana matando a Vida”.

de criticar o limite de muitos autores utilizados, que mesmo apontando indicações de outros olhares e paradigmas, parecem (alguns desses) ficar a dever em suas visões ecológicas, e/ ou em demonstrações de coerências de vivências efetivas.

Indicativos para a Ecoeducação

“Viver implica correr riscos. Mas existe uma diferença entre correr riscos sabendo que se corre e não sabendo. Isso nos diferencia das plantas e dos animais. O risco do avanço na invenção tecnológica é enorme. Por isso, uma das brigas maiores que nós, existentes, temos que ter é a briga para colocar a existência à altura da Vida.”
(FREIRE, 1992).

Com base na busca de nova estruturação, de uma Vida planetária ecossustentável, livre e eco-ociosa, recolocam-se as possibilidades de re-organização dos sistemas e referenciais teóricos de educação, com um choque radicalmente diferentes de muitos feitos até hoje, mantendo as contribuições historicamente existentes, desde que não coniventes com a insustentabilidade; assim:

- A Ecopedagogia como base de ecopolítica pública biocrática, que re-faz as estruturas e sistemas educacionais ecocentricamente - resgatando o HUMANO NATURAL e tendo como eixo central a formação para a VIDA ECOSSUSTENTÁVEL. Exigir que toda educação seja gratuita e desburrocratizada - que todos tenham o estímulo e estruturação de livre acesso aos conhecimentos ecopráticos, através do tempo eco-ocioso. Não há mais espaço e tempo para expropriação (privada ou estatal) do conhecer re-construtor planetário. Outras ecoontologia e holoepistemologia são econecessárias - re-educando em auto/co-gestão, como princípio ecoprático obrigatório. A educação pode caminhar transdisciplinar e interdependentemente, caso contrário, não educa, só especializa.

Para a CE, recomenda-se que seus educadores sejam re-qualificados em perspectivas holo-ecológicas de pensamento, na direção de superação dos princípios e práticas que violentam e degradam as relações, indo além das demonstradas perspectivas rasas de ecologia.

- Toda ação educativa deve inicialmente sensibilizar – experiencial e prática prática – ao contato e compreensão histórica e contextual da ecologia. Primeiro parar, ouvir e sentir as conexões ecossistêmicas, apelando bastante ao intuitivo e/ou afetivo dessa possibilidade. Só depois de achar dos ecossistemas é que se deve pensar em criar e transformar algo. Para isso a ecoarte científica deve ganhar mais espaços frente à ciência - racionalista (instrumental, ou outra qualquer que seja) que não nos garante permanentemente. A ecoarte deve estar articulada e comprometida junto a uma mística re-ligação cósmica articulada ao ecopolítico. Ou seja, cooperatividade eco-lógica deve ser componente obrigatório do fazer educativo sensibilizativo e transcendente – o ser mais (não sobre)vivente. E para toda essa ecoterna forma, apresenta-se o ECOÓCIO como a grande possibilidade para uma ecoconstrutiva e adequada educação, com o tempo e a prioridade dedicada ao Planeta Vida – a GAIA.

A CE deve articular suas comunidades (escolares) e projetos afins nesse sentido, avançando para o caráter ecocêntrico, e também buscando em referenciais ecoartísticos, caminhos co-laboradores à sensibilização amorosa com todos os seres. E trazer as bases auto(co)ssustentáveis para serem espaços e tempos efetivos de seus projetos.

- A história como base deve ser re-feita com respaldo socioambiental/ecológico; ou seja, re-entender-se a memória cósmica e o amplo tempo de modo bilionésimo, a única forma histórica capaz de contribuir para essa urgente re-alfabetização ecológica. A educação deve sintonizar a outra frequência do tempo, muito mais naturalizada e respeitadora dos ritmos – ecociosos. Além do mais, tal perspectiva histórica deverá educar os seres humanos a se entenderem como ecossustentavelmente autônomos na gestão de suas prioridades e agendas, de modo a contemplar as econecessidades.

A CE pode levar à frente um projeto de resgate do histórico de cada região – na perspectiva temporal e ecossustentável indicada.

- PPEps – de modo biocrático em sua gestão cooperativa, com sentidos e compreensões participativos inter-seres, os processos de co (e) laboração das bases, estruturas, metodologias e aplicações ecopolíticas na educação devem considerar todo o entorno e histórico contexto ambiental - comunitário escolar, junto ao ecossistema planetário. Não se pode mais insistir em ações que só garantam a sobrevivência humana - continuidade à ecocida perspectiva de progredir/destruir. Os PPEps devem praxicar a (não tecnocientificista) natural re-construção ecossistêmica.

A CE deve se inserir cada vez mais nas suas comunidades para com elas co (e) laborar tais projetos e, mantendo-se dentro delas, garantir mais efetiva, natural, simples e viável a re-confecção do seu tecido socioambiental. Eis a nova postura biocrática que a sua vida política econecessita, e a qual deve gestionar-se mais criteriosa nas tantas parcerias que se realizam.

- Educar-se para uma postura de obediência planetária (desobediência civil) – em nome da permanência de Vida. Significa que a ecopedagogia deve orientar todas as formas de educação a não compactuarem com as milenares perspectivas e sistemas/ estruturas de cunho antropocêntrico, desenvolvimentistas/economicistas, muito menos com aquelas oficiáveis (oficiais + insustentáveis). É (re) fazer uma quase original ecoeducação. Se a ciência (*scientia*) significava pura e simplesmente o *saber*, o conhecer, há de se resgatá-la das elitizadas formalidades *burrocráticas*, em nome da Vida. Tão ou mais do que Educação pública, precisa-se da Educação Livre, para todos que queiram o imprescindível praxicar para a Vida ecossustentável. A todos os educadores que proclamam o outro mundo possível, indica-se a retirada de vossas vinculações oficiosas (empregos, trabalhos insustentáveis, corridas atrás de mercados de diplomas, etc), e a entrada no caminho da livre e não condicionada/manipulada re-constituição socioambiental. Coerência é tudo.

Indica-se a manutenção da postura radical vigente na CE, mas atuando de modo ecopolítico. Estruturando junto com os sérios educadores presentes na região e universidades locais, a já pensada (pelo FMCC) Universidade popular, e ajudando a inaugurar uma atitude de co-autônoma superação dos (não-eco) sistemas. Obrigatoriamente articulada junto a uma gratuita e ecológica economia solidária, as quais atuem

buscando a auto (co) sustentabilidade.¹³³

- Ter a Permacultura e Agroecologia (baseadas numa ecologia profunda) como os pilares prioritários para todo esse processo ecoeducativo. Dessas, e numa Reforma Planetária, sustenta-se o re-fazer da educação (ciências, tecnologias, artes, políticas, culturas em geral), sintonizados nos tempos e eco-lógicas naturais. Aprender dessas, eis o desafio para o re-estruturar da educação. Tempos tranquilos e que permitam o fluir livre a-preciaativo da Vida, do entender-se e sentir-se vivendo; de constituir-se integralmente. Os jardins, as Hortas e cozinhas educativas de uma ecológica economia, devem estar permacultural e ecoconstruídas presentes.

Para a CE Ter prioridade nas ações extra-escolares – comunitárias, com tais bases, a permacultura e micro-agroecologia local são caminhos obrigatórios para a re-constituição do tecido de tais comunidades. Como esses são possíveis caminhos da ecoociosidade, seriam formas para fazer essa fundamental vinculação e participa-sensitividade com a verdadeira razão de ser do FMCC, e do Planeta – o cuidar da Vida ecossustentável local.¹³⁴

- Alimentação orgânica (agroecológica) deve ser política obrigatória da educação – não só escolar, como de comunidades envolvidas nos processos educativos. Por mais que seja interessante a colocação de merenda orgânica nas estruturas escolares, elas só terão efeito coerente se tivermos todas as estruturas educativas sintonizadas com o tempo agroecológico, e com a integrada perspectiva de nossa Vida - o contexto de planetariedade. Educar na postura ecoprática de se organizar para saber de onde seu alimento vem, ou é produzido e como cuidar disso de forma ecológica. Obrigatoriamente o ato educativo deve ser feito respeitando-se essas épocas naturais das produções alimentares. Se uma educação não fizer isso, não deve ser considerada como vital. Deve-se educar também a auto (co) produção em cada terreno, áreas internas das residências, jardins, praças, telhados, quintais, etc. Formar, para o fim do vampirismo urbano insustentável. Não se pode mais permitir alimento industrializado, agrotóxico, transgenizado, sintético, nos espaços educativos – os que persistirem com esses estarão mentindo para os educandos e comunidades, e induzindo às doenças e hábitos mortais. Todos esses Centros educativos devem ser incentivadores/articuladores de ecofeiras solidárias de produtores locais.

A CE deve retomar o SS, agora de modo mais amplo, pluri (co) gerenciado (como é coerente a ecologia) e puramente agroecológico; ou seja, onde o que vale é o ecológico econômico solidário – ecossustentável. Deve-se ampliar o número de envolvidos, além de incentivar formas da micro-agroecologia urbana (que é possível)– para amenizar os problemas socioambientais locais.¹³⁵

¹³³ Para quê títulos/diplomas – para a hierarquia da extinção coletiva final – quem se mata mais entitulado? Para se adequar ao sistema des-envolvimentista e de progresso inconseqüente? Devemos formar para a não ilusão do mercado e oficialidades, mas sim para o gratuito e praticado conhecer. Que se rompa com a ilusória conviência pseudo-intelectual ao mercado (Capes/ Lattes – e tantos outros) de diplomação e certificação. O conhecer ecopedagógico se dá em liberdade interdependente.

¹³⁴ A Permacultura e a agroecologia também precisam da profunda base ecopedagógica, pois mais do que novidade, têm-se uma infinidade de valores e formulações que necessitam de tal parceria e articulação afetiva e efetiva. Então, tem-se essa via de mão-dupla e circular a constituir. Para o Maciço, abriria-se a possibilidade de auto (co) sustentabilidade na geração de energias locais, águas captadas de chuva, banheiros secos e hortas comunitárias/residências, dentre outras; como exemplos da re-vitalização.

¹³⁵ Essa indicação, além de ser auto-sustentável, mudaria bastante a configuração e estruturação dos (anti) sistemas de

- Passar a relacionar-se com oferendas naturais e gratuitas (sem explorá-las indevidamente) como adequadas ferramentas didáticas e metodológicas, inclusive incentivando cada espaço escolar para gerar o seu. Isso serve não só como perspectiva ecológico-econômica de recursos, mas principalmente como educação ao Saber Cuidar e cooperativamente sensibilizar-se com nossa casa-comum. O que vai ampliar as capacidades ecoartísticas e criativas, e acima de tudo subverter a induzida apropriação/expropriação dos recursos públicos, pois criará ecossustentavelmente os seus próprios – colocam-se as bioconstruídas formas (circulares) como idéias para re-conceitualizar e re-sensibilizar o espaço – uma atitude exemplar, que mais do que saber economizar, vai APRENDER A ECOLOGIZAR e re-fazer sua míope estética descartabilista. Isso é ato subversivo que corre fora do sistema (quebra-o, sem criticismos) – em obediência planetária.

Para a CE é uma ótima atitude a que se basear os seus PPEps, e criar forças (na ética da simplicidade que se exige) para superar a violência e o tráfico interno, já que criará outras relações entre todos os seres con-viventes ali. Além disso, possibilitará o ecológico economizar.¹³⁶

- Recomenda-se (ecológica-econômica e solidariamente) se retirar, ou não mais ampliar onde se pensava em construir, os templos educacionais (chamadas escolas) que tanto distanciam a concreta Vida. Os PPEps devem apontar a instalação dos espaços educativos nas comunidades, para re-construir a Vida, e re-aprender dela, com ela. Não é o apelo ao fim da escola, a destruição dessa, mas é mudar o endereço dessa para dentro das Vidas e projetos ecomunitários. Tornar o espaço das atuais, abertos e naturalmente educativos – até destruindo seus muros e concretos - para inclusão e harmonização de todos os seres vivos, com bioarquiteturas circulares, que ajudem a des-enquadrar das rígidas posturas. Como continuar falando de outro mundo e educação possíveis, fechados/presos em “laboratórios de ensino”? É só aberto e de modo prático dentro das Vidas, nas ruas e praças, bosques e parques, que se pode reconhecer algum processo educativo – sintonizados com a obediência e reforma planetária.

Para a CE, é um aprofundar-se e adequar-se ecologicamente na sua vinculação com as comunidades – possibilitando e tornando-as ecossustentáveis, inclusive seus espaços escolares como abertos a re-elaborações de todos os morros. A “burrocracia oficiosa” (oficial + inescrupulosa) estatal (e ou interna à CE mesma) não pode continuar a ser aceita passivamente, e como desculpa para não ir além. Des-obedecer essas, é ato amoroso em nome da Vida – tão maltratada nesse cenário. Obedecer ao planeta, pode ser: que tal Fórum e Comissão, articulados ao movimento socioambiental local – a UFECO,

transportes e escoamentos alimentares – o que poluiria menos (menos asfaltos, caminhões, acidentes, desperdício de energia, poluição, etc) . Além do mais, resgataria os integrativos e saudáveis com-viveres nas possíveis feiras ecomunitárias; a possibilidade de melhor harmonização das populações/seres vizinhos. A Agreco deveria se adaptar à tal eco-lógica, para se manter parceira nessa indicação de nova configuração do SS. A ampla relação de cuidado da água circunvizinha – da encosta da serra – deve ser mantida. Sem tirar o mérito e econecessidade dessa, é preciso fortalecer outra perspectiva para tal região, que poderia bastar na auto (co) sustentabilidade ecológica econômica, permacultural – agroecológica não-poluente.

¹³⁶ É importante que se dê as costas ao sistema antropocêntrico e econômico em si, pois fazer alternativa e com as rédeas dos sistemas, é falácia (presente há tempos na história. A verdadeira mudança e subversão está fora do sistema. Lembramos que não se pode mais dizer que estamos fazendo grandes formações, quando e-laboramos (não eco) criativos trabalhos, onde as tintas químicas, tóxicas, sintéticas, poluentes, e toda parafernália da indústria reciclável (por exemplo) são nossas meninas dos olhos. Isso é falácia ecológica e ilusão degradante.

fortaleçam a criação do MOVE, e coloquem em suas prioridades ecológicas a organização para urgente re-locação (digna e ecossustentável) de boa parte das parcelas ali sub-habitadas. Tal movimento não deve ser pensado reduzidamente. Falar nessa transposição é considerar que re-organizados em pequenas/médias comunidades, todos precisamos da Terra para a Vida. Esse debate deve ser generalizado a todo movimento socioambiental do planeta (a AGRECO e o MST devem ser chamados para re-pensar/fazer sua própria visão de atuação).

- Extinção dos cursinhos pré-vestibulares e re-elaboração eco-ociosa do Ensino Médio, afinal os primeiros são insustentáveis, anti-ecopedagógicos, ao fazer repetir (aprimorada e paliativamente) o que o Ensino Médio deveria dar (não deu) conta (induzida e estrategicamente). Repetir e manter tal estrutura é desperdício de recurso em prol do mercado de ganho educacional – que vai manter feliz mais consumidores de re-memorização: anti-educativas. Uma educação ecológica não pode submeter-se a tão vergonhoso e insustentável papel. Da mesma forma deverá re-organizar a ecoestrutura do Ensino Médio (aproveitando a força e energia de tantos jovens) para junto à idéia do ecoócio, baseado numa ecológica economia solidária, ser espaço privilegiado para bio-refazer as cidades de modo ecossustentável (junto com graduandos e pós-graduandos). E mais, sem cursinho, e sem vestibulares. A coerência ecológica não con-vive com esses mercadológicos, elitizados e insustentáveis (não-eco) sistemas. Como indicação, formar Universidades Livres Ecológicas; essas deverão ser descentralizadas/regionalizadas – sem a idéia de Ensino Superior, mas só como Aprendizagem Ecoartística Científica – de forma a ecossustentabilizar seus ofícios, regiões e comunidades. Todos que chegam na etapa de graduação devem ser ecoeducados para isso. Ter-se-ia espaço e gratuidade para todos que queiram entrar; afinal, falamos de um imperativo Vital. Ecologia Profunda não exclui, coopera. Não seriam boas bases de uma biocrática fundamentação para uma Reforma Universitária? Eis as sementes ecopedagógicas.

Vale lembrar que o FMCC incentiva o cursinho popular no CEDEP – Centro de Educação Popular. Propõe-se a CE organização de um movimento pró-ocupação pelo livre conhecer, independente de diplomas, que este leve à frente seu cogitado projeto de Universidade Livre, sem burocracias, e articulado com os sérios educadores, para co-gestionar a mesma. Além do mais, deve-se e-laborar uma política própria da CE para o Ensino Médio das comunidades escolares, em outros patamares ousados e mediadores da re-construção local e planetária.¹³⁷

- Dentro da exigência e maior abrangência da inter/transdisciplinaridade (que pede a re-abilitação de projetos em extensionistas pesquisas-práticas), um fazer ecopedagógico indica a qualificação dos processos educativos através de coletivos de educadores/educandos, que atuem simultaneamente, em prol

¹³⁷ Em nome da “boa intenção alternativa – de mercado”, inúmeros despreziosos cursinhos populares viraram mercadológicos. Vários ex-lutadores viraram micro-empresários, e todos deixaram de acreditar de modo efetivo num projeto de mudança estrutural; Todos foram coniventes com o anti-sistema que é esse, o qual sempre tapou buraco da debilidade (induzida) do Ensino Médio. A idéia da Universidade Livre já vem sendo efetivada. O exemplo de grupos organizados na região de Campinas (tive conhecimento disso no FSM-2005), os quais simplesmente estão procurando ocupar as salas de aula dos cursos de seu interesse, de modo a obter o livre conhecer, sem se preocupar com a oficialidade certificadora existente; É o movimento Estudantes Livres, ótima iniciativa, e a mais coerente à Vida. É uma forma para começar se mostrar para que se deve exigir uma educação (que penso, deva passar longe de provar que sou alguém na (anti) Vida civil, e se tenho competências e habilidades para des-envolver e progredir (hic))- o que nesse

do envolvimento ecossustentável. Não se pode continuar na prepotente ilusão, de se atribuir a um só educador tão complexo papel. A experiência do autor (no EJA, da rede municipal de Florianópolis) mostra que isso é possível. É econecessário, e contribuirá adequadamente para a exigida re-alfabetização ecológica de todos. Claro que para isso se pede a urgente re-estruturação dos programas de pós-graduação, dos cursos de licenciatura, ecopedagogia e magistério superior – todos ‘ecologizando’ suas políticas – para oferecer ecoeducadores potencializados a co-gestionar (com os educandos) ecociosamente o re-fazer planetário.

A CE deve pensar formas (provisórias inicialmente – até que possa virar política pública popular) para estruturar suas ações educativas com esses coletivos educadores. Estes não deverão estar nas tradicionais estruturas (só) escolares, mas bastante comunitárias, o que facilitaria essas transdisciplinares ações, inclusive na perspectiva *freireana*, de buscar relações de trocas horizontais.

- É condição ecológica substituir a perspectiva curricular por uma que esteja vivendo de acordo com a realidade local. A atuação por projetos de interesse local é um bom começo de re-elaboração. E esses estando articulados a práxicas-práticas formas ecociosas de se fazer a educação, co-laborarão acertadamente para a busca e concretização da Vida ecossustentável. O Ecoócio aplicado é (entre outras coisas) acabar com fragmentações dos tempos de aulas disciplinadas (acabar com o sistema minutos por aula). A aprendizagem deve fluir em espaços de tempo maiores, nos quais os períodos do dia (manhã/tarde) sejam as bases para aprendizagens práxicas –priorizando a re-construção das comunidades ecossustentáveis. Devemos esquecer os currículos fragmentários, interesseiros e não-ecológicos. Educar é constituir-se em projetos livres, cotidianos, afetivos, históricos, sincrônicos e avaliados nos práxicos fazeres. Uma ecoeducação deve abolir a ‘prova’ teórica, pois uma avaliação só pode ter validade se mostrar atitude e/ou sistema que re-construa a Vida – e seja orientada durante esses processos - sob bases ecológicas.

A CE deve livrar-se urgentemente da prisão dos currículos como fórmula obrigatória (sua antiga pretensão) e ousar atuar em projetos de re-estruturação das Vidas locais, como eixos ecoeducativos.

- Para termos melhores formadores(de formadores – inclusive para a CE), precisa-se avançar nos programas de pós e graduações afins, e pensar um educador ecológico e co-operador (holístico e ecológico no saber; sensível e práxico no fazer; e popular, ecossustentável e bio(eco)crático na direção/gestão). Com organicidade adequada a tal tarefa, referenciado nas biocráticas formas dos unidos ecopolíticos, o que supera a perspectiva materialista e hierárquica *gramsciana*, que colocava tal educador como dirigente. Ecologizando a antiga contribuição. Além do mais, esses programas devem estar pautados pela didática do “fazer como – ecossustentável” mais do que “falar sobre”; só discursos de declaração. É o critério (de coerência) da práxica – prática. A CE e esses programas/ formadores devem ousar em prol da figura de “cidadãos ecopráxicos”, que vêm superar a de “intelectuais orgânicos”, para tentar subverter o mesmo risco de hierarquização e representação que adoece a vida política – e que são incoerentes com os pressupostos ecológicos profundos. Deve ser revisto urgentemente – o atribuir ao

padrão seria des-obediência planetária, portanto devendo ser boicotada em nome da obediência planetária.

outro a culpa/responsabilidade por fatos e acontecimentos negativos. Só uma atitude de cidadãos ecopráticos planetários poderá re-fazer tal (não-bio) cultura. Soma-se a esse item a tese em que o autor se baseia; que entende a universidade, sua formação e função, muito melhores se existisse apenas o “bipé - extensão e aprendizagem-ensino”; Só tem sentido existirem pesquisas se essas estiverem conectadas com a socioambientalidade - extensão já supõe a pesquisa. Os educadores da CE quando de suas entradas comunitárias e nas relações com seus educandos e categoria, devem exercer a cidadania planetária, com a sensibilidade eco-cooperada, e nos trabalhos que a CE desenvolver, colocar esse agir como referencial aos co-habitantes da região.¹³⁸

Com todas essas indicações, esperamos ter apontado Vitais possibilidades para pensar a urgente atuação ecopedagógica. E mais do que (o mero) pensar, CONVIDAR À ATITUDE PRÁXICA-PRÁTICA, pois há séculos vive-se em meio de lindos e sedutores discursos, programas, teses e proclamações, todas causando orgasmos mentais, mas raramente sendo ecologicamente coerentes em suas posturas pessoais.

Exerceu-se também uma contribuição em termos de reformulações conceituais. No debate da Carta da Ecopedagogia, trouxeram-se vários e novos elementos para ajudar a melhorá-la – muitos em termos de coerência ecológica profunda – da mesma forma que para a econecessária Carta da Terra.

Como essa pesquisa relaciona-se com os movimentos socioambientais, re-afirmo que a alternativa que vejo para o re-organizar da Vida vai passar pela questão da Terra. Eis o núcleo central da re-organização de nossas Vidas. Mas difere bastante das heróicas/ históricas lutas que os movimentos de luta pela terra vêm fazendo. Retomo uma significativa fala da pesquisa: “ Os tempos da Terra não são tempos de nossos processos produtivos.” Há que respeitar todos os ritmos naturais. Eis o ecoócio. Todos precisamos da **Terra**, nenhum mecanismo ou tecnologia pode apropriar-se dela, modificar sua naturalidade ecossistêmica. Ela **é a Vida, portanto, a ninguém e à todos pertence.** Todas as Centrais e organizações, que caminhem pautadas no resgate à Vida na Terra, qualquer outro tipo de reforma e institucionalidade, é insistir na míope ação política (e representativa) calcada em formas antropocêntricas de viver. Todos devem colocar suas pautas centradas em tal. Se não cooperarmos a exigir a Terra para a Vida (eco-lógica), em breve não conseguiremos mais Viver. Tanto os com, como os sem Terra. Todos seremos os Sem - Vida. Proponho um MUTIRÃO PLANETÁRIO de uma semana, onde a única coisa que se faça, seja plantar, e plantar muito, assim, talvez possamos resgatar as condições de Vida perdidas. E depois, outros e outros mutirões ecoociosos. Quem começará? Qual ecopolítica de educação continuará fugindo da Vida?

Aos que já vivem nela, econecessita-se a gestão biocrática dessa. A permacultura já indica que um hectare é suficiente para a subsistência de uma família – essa constatação ajudou a trazer o milagre da multiplicação das terras. Portanto, o planeta e o Brasil têm Terra suficiente para todos Viverem. Basta re-

¹³⁸ As duas indicações para atitudes de formação, se interconectam, afinal todos somos educadores – e juntos vamos Ter que re-aprender eco-logicamente. Muito se fala que se tirarmos o Bush do poder, a situação se resolve. Ora, se ficarmos só com tal criticismo- e alienada continuarmos apertando os botões de descarga com água potável (para jogar ricos resíduos orgânicos - xixi e merda) para fora de nossas casas (passando o problema para a frente, para o outro) ; ou se continuarmos não dando atenção e cuidado para a diminuição/separação dos rejeitos (re-cicláveis, re-utilizáveis, re-cuperáveis) - vulgar e analfabeta ecologicamente chamado e considerados lixos, seremos tão criminosos e ecocidas como o assassino presidente norte-americano. Responsabilidade e ação direta de todos para não sucumbirmos, eis os cidadãos ecopráticos.

aprender a saber ecologizá-la. Eis a tarefa ecopedagógica, eis a movimentação socioambiental - *sem* dirigentes e *com* cooperação eco-ociosa – é a possibilidade **da Vida**.

Só chegamos a essas formulações por sempre termos um sentimento e “sede pela Vida” (apreendida com Paulo Freire). A antiga militância foi essencial para que se pudesse fazer essas re-novadas e historicizadas contribuições. Se causar polêmica, eis o papel da não-repetição. Não sendo uma receita pronta, o presente trabalho é possibilidade para ser aplicado e não debatido em anos de teses e antíteses que, embora encham as bibliotecas, não mudam o mundo planetário. Longe de estar propondo uma cega e ativista indução, esta fundamentação está aí para referenciar tais possibilidades.

Quer-se (fazendo-se dois econecessários parágrafos) também deixar um voto de repúdio à indecência que se insinua no sistema de informática mundial. Toda vez que a palavra Ter for solicitada (como agora) sempre ganha a inicial maiúscula, o que denota uma insinuação des-lavada da tal empresa norte-americana (Microsot) a este mundo possessivo e consumista. E a segunda denúncia/anúncio é com relação à mercadológica ABNT, com translouçadas indicações normalísticas, mostra total insensibilidade eco-lógica, ao não permitir uma série de possibilidades ecossustentáveis para formatação e impressão. Ainda lembrando das anti-ecoociosas e não vitais temporalidades que a Capes impõe às pós-graduações.¹³⁹

Assim, que nos coloquemos urgentes de mãos, braços, corações, intuições, energias cósmicas e mentes amorosas, no tempo do ecoócio e efetivas ecoações práxicas-práticas - depois, e quando o planeta sair da UTI, aí pode-se voltar a debater teses e divagar futilidades fictícias, sempre ecocorretamente. Depende da postura de cada um de nós, e da nossa co-evolução amorosa, ecoternamente sensível e interdependentemente Vital. **O caminho é feito por nós...**

¹³⁹ A todos que tenham a mesma problemática, proponho uma ação ecopolítica de movermos um processo de indução ideológica e manipulação de in-formação. Xô, microsoft anti-ecológica! Xô, todas as empresas que poluem e destróem de diversas formas a Vida – em nome do des-envolvimento, da negociata, da prostituição ao livre mercado, da competição do ser melhor e mais do que o outro. Para ABNT, como é não construtora de perfeitas relações ecossustentáveis, o que é anti-ecopedagógico para o re-fazer da Vida. Passemos a boicotá-la. É simples, ignoremos os diplomas, concursos e certificados. Esse (não eco)sistema não interessa a planetariedade. Que esses valores não fiquem só como entusiasmo, mas sim que se coloquem como apelo urgente de um planeta que clama por ações cuidadosas e amorosas para com ele- representado em todos os seus seres vivos, e interdependentemente.

ELOBIBLIOGRÁFICO

“Somente quando o humano possui a reta experiência cósmica do seu Ser, pratica ele a reta vivência ética no seu agir.” (Huberto Rohden)

- ALIER, Joan Martínez (tradução- Armando M. Lisboa) . Da Economia Ecológica ao Ecologismo Popular, Ed. Furb, Blumenau; 1998.
- ALTIERI, MIGUEL A. ; Agroecologia- as bases científicas da agricultura alternativa, PTA/FASE, RJ, 1989.
- ALVES, Rubem. A Alegria de Ensinar; ed. Papirus,SP,2000.
- ARROYO, MIGUEL G., CALDART, Roseli S., MOLINA, Monica C.(org's). Por uma Educação Básica do Campo, Vozes, Petrópolis, RJ, 2004.
- BARCELOS, Valdo. Império do Terror – um olhar ecologista. Ed. Sulina, Porto Alegre, 2004.
- BLAUTH, Guilherme; e ABUHAD, Patrícia(paper).Ecopedagogia- caminho para sustentabilidade, set/2000.
- BOFF, Leonardo. A função da universidade na construção da soberania nacional e da cidadania.Caderno de extensão,do fórum de pró-reitores de extensão, 1994.
- _____.Ecologia, mundialização, espiritualidade- emergência de novo paradigma. SP, editora Atica,1996.
- _____. Saber Cuidar -ética do humano,compaixão pela Terra. Petrópolis; Vozes,1999.
- _____. Ecologia, grito da terra, grito dos pobres.Ed. Ática, SP,2000.
- _____. Entrevista-Caros Amigos, SP,nov/2002.
- BRANCO, Samuel M. Ecossitêmica-uma abordagem integrada dos problemas do meio-ambiente. Ed. Edgard Bluchcr,SP,1989.
- BROTTO, Fabio B. Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar. Ed.Projeto cooperação, Santos,1997.
- BRÜGGER, Paula . Educação ou adestramento ambiental? Editora letras contemporâneas, SC, 1994.
- _____.; ARRUDA, Vera L.; GUIMARÃES, Leandro B.; e, SOUZA, Suzani C. Tecendo subjetividades em educação e meio ambiente. Ed. NUP/CED/UFSC, Florianópolis, 2003.
- CALDART, Roseli Movimentos Sociais, e a construção(do sonho) da escola possível. in. Contexto e educação, editora Unijuí, RS, 1996.
- _____. Pedagogia do Movimento sem terra. Editora Vozes,Petrópolis,2000.
- CAPORAL, Franciscisco R. e COSTABEBER, José Antonio. Agroecologia: alguns conceitos e princípios, MDA/SAF/DATER-IICA, Brasília, 2004.
- CAPRA, Fritjof . Teia da vida. SP, editora cultrix,1996.
- CARDOSO, Fernando H. Negros em Florianópolis, Insular, Florianópolis, 2000.
- CAVALCANTI, Clóvis. Desenvolvimento e natureza: Estudos para sociedade sustentável. SP, Cortez, 1998.
- CECCA(Centro de est. cultura e cidadania). Uma cidade numa ilha- relatos sobre problemas sócio-ambientais da Ilha de S.Catarina. Florianópolis, Ed. Insular, 1997.

_____. Qualidade de Vida e Cidadania: a construção de indicadores socioambientais em Florianópolis; Ed. Cidade Futura, Florianópolis, 2001.

CEPAGRO Comercialização e consumo de produtos agroecológicos. Icepa, Florianópolis, 2003.

CMMAD - Comissão Mundial sobre meio ambiente e desenvolvimento . Nosso Futuro Comum – Segunda edição, Ed. Fundação Getúlio Vargas, RJ, 1991.

FANTIN, Maristela . Construindo Cidadania e dignidade- Morro do Horácio. Ed. Insular, Flópolis, 1997.

_____, Tempo de Abraçar - educação e arte. Ed. Cidade Futura, Florianópolis, 2005.

FOSCHIERA, Elisabeth M. Educação Ambiental e desenvolvimento. Editora UPF, Passo Fundo, 2002.

FLEURI, Reinaldo M.(org.) Intercultura e movimentos sociais – Mover/ NUP, Florianópolis, 1998.

_____.; e COSTA, Marisa. Travessia- Questões emergentes na pesquisa ed. popular; ed. Unijuí, RS, 2001.

FRANZONI, Tereza (Dissertação – PASO/ UFSC) As perigosas relações entre movimento popular/ comunitário e administração pública constitucional na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis, 1993.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. SP, Paz e Terra,1970.

_____. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra,1976.

_____. Carta aos educadores, sobre Formação. SP,Abr./1982.

_____. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 6 ed. RJ: Paz e Terra, 1982 B.

_____. Pedagogia da esperança: re-encontro com a pedagogia do oprimido. RJ: Paz e Terra, 1992.

_____. Pedagogia da autonomia. SP, Paz e Terra,1996.

_____. Pedagogia da indignação. SP, Editora Unesp,2000.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da terra, ed.Fund.Peirópolis,SP,2000.

_____. Perspectivas Atuais da Educação. Artemed,Porto Alegre,2000.

GAUTHIER, Jacques; FLEURI, Reinaldo M.; GRANDO, Beleni S.- Uma Pesquisa Sócio- Poética, NUP/CED/UFSC, FLORIPA, 2001.

GRAMSCI, Antonio. Concepção dialética da história. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira,1978.

GUATTARI, Félix. As Três Ecologias. Papirus, Campinas,1990.

GUTIÉRREZ, Francisco e, PRADO, Cruz . Ecopedagogia e cidadania planetária. SP, Editora Cortez , 2000.

_____. e GADOTTI, M. . Educação comunitária e economia popular. SP, Editora Cortez, 1993.

HERRMANN, Maria Lúcia de P. (Dissertação- PGCN/UFSC) Aspectos ambientais da porção central da Ilha de Santa Catarina; Florianópolis, 1989.

HUTCHISON, David Educação Ecológica – Idéias sobre consciência Ambiental, Artmed, PoA., 2000.

LAFARGUE , Paul (Introd. Chauí) O Direito à Preguiça, Ed. Hucitec/UNESP, SP, 1999.

LEIS, Héctor R. A Modernidade Insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea, Vozes/Ed.UFSC, Petrópolis/SC, 1999.

LUTZENBERGER, José . Gaia- o planeta vivo(por um caminho suave). Ed.L&PM, Porto Alegre, 1990.

MATURANA, Humberto. Emoções e Linguagem na Educação e na Política, Ed. UFMG, BH, 1998.

MEKSENAS, Paulo. Pesquisa social e ação pedagógica, Ed. Loyola, SP, 2002.

MORIN, Edgar . Os setes saberes necessários a educação do futuro,2ª Ed.- Cortez/ UNESCO, DF, 2000.

_____. e, KERN, Anne TERRA PÁTRIA, Instituto Piaget, Segunda edição, Lisboa, 2001.

_____. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento, Bertrand, 3 ed., RJ, 2001 - B

MÜLLER, Kathia T.(Dissertação- PSOP/UFSC) Organização de moradores em Florianópolis-numa perspectiva de necessidades radicais; Florianópolis,1992.

NOAL, Fernando O.; e BARCELOS, Valdo Educação Ambiental e Cidadania; Edunisc; RS, 2003.

PENTEADO, Heloisa D. . Meio Ambiente e formação de professores, SP, ed. Cortez, 1994.

PESSOA, Fernando. Ecologia e Território; Ed. Afrontamento, Portugal, 1985.

PIACENTINI, Telma A. O Morro da Caixa D'água- O significado político-pedagógico dos movimentos de ed. popular na periferia de Florianópolis-SC; ed.UFSC, Florianópolis, 1991.

REGO NETO, Candido B. (Dissertação/UFRJ) Morro da Cruz-condicionantes geológicos-geotécnicos ao uso do solo. RJ, 1988.

REIGOTA, Marcos . O que é educação ambiental. Editora Brasiliense, SP,1994.

_____. Meio Ambiente e Representação Social. Cortez, SP,1994b.

_____. A Floresta e a Escola. Cortez, SP,1999.

_____. Ecologia, elites e intelligentsia na América Latina. Ed. Annablume, SP, 1999.

RESTREPO, Luis Carlos. O direito à ternura-3ªed.Vozes, Petrópolis, 2001.

RUSSEL, Bertrand . Elogio ao Ócio, ed. Sextante, RJ, 2002(original- Grã-Bretanha- 1935)

SACHS, Ignacy, Caminho para o desenvolvimento sustentável; Garamund, RJ, 2000.

SANTO, Ruy César do E. . Pedagogia da transgressão. Editora Papirus, SP,1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa . Introdução a Uma Ciência Pós-Moderna; Ed. Graal, RJ, 1989.

SANTOS, Milton . In. entrevista a revista Teoria e debate, SP,nº 40, 1999.

SERRES, Michel. O Contrato Natural; Ed. Nova Fronteira, RJ, 1991.

SCOCUGLIA, Afonso C. A história das idéias de Paulo Freire e a atual crises de paradigmas. João Pessoa, ed. Universitária, 1997.

SEVERINO, Antonio J. Metodologia do Trabalho Científico. Cortez,21ªed.,SP,2000.

SCHERER-WARREN, Ilse. Movimentos Sociais: um ensaio de interpretação sociológica, Ed. da UFSC, Segunda edição, Florianópolis, 1987.

SIMONNET, Dominique. O Ecologismo, Moraes ED., SP, 1987.

SOUZA, Ana Ines(org.). Paulo Freire: Vida e obra. SP, Editora Expressão Popular, 2001.

SOUZA, Luiz A. G. Um país dinâmico, um pensamento claudicante. in. Estudos Avançados/USP. SP, 2000.

STRECK, Danilo R. (org.) Paulo Freire: Ética, Utopia e Educação, ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1999.

TESSARO, Gilson; e FOSCHIERA, Elisabeth Agroecologia e Ecopedagogia: bases para o re-educar da educação; Anais: Congr. Brasileiro de Agroecologia, Semin. Internacional de Agroec.,Porto Alegre, 2004.

TRAMONTE, Cristiana. Com a bandeira de oxalá – trajetórias, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na grande Florianópolis, ed. da Univali, Itajaí, 2001.

VIEIRA, Paulo Freire(Org). A Pequena Produção e o Modelo Catarinense de Desenvolvimento, ed. Aped, Florianópolis, 2002.

WALDMAN, Maurício Ecologia e lutas sociais no Brasil; Ed. Contexto; SP, 1992.

WEIL, Pierre Holística: Uma nova visão e abordagem do real. Ed. Palas Athena, SP, 1990...

ELO-ANEXOS

QUESTIONÁRIO - ENTREVISTA junto a CE – Maciço do Morro da Cruz
para DISSERTAÇÃO AO MESTRADO em EDUCAÇÃO
NA LINHA EDUCAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS

Aplicada entre julho e agosto de 2004.

* A ordem abaixo não necessariamente se efetivou a todos entrevistados, mas foi a mais utilizada.

1º) Como vê e pensa a relação de cooperação entre os humanos e todos seres vivos? Acredita na interdependência entre todos? O que acha e como vê isso?

- Como imagina o ser humano ecológico? E a relação : ecologia x vida ; ecologia x anti-vida (degradação/ violência – acha que são sinônimos) ?

- Defina a vida(equilibrada - sustentável) - cite exemplos concretos dessa na sócio-ambientalidade.

2ª) Qual seu envolvimento com o Fórum do Maciço do Morro da Cruz(FMMC), a Comissão de Educação(CE) e o Projeto Saber e Sabor(SS)?

- Que relações de vida equilibrada(sócio-ambientais) percebe no SS? Na merenda orgânica – e seu tempo natural de produção? O que essa pode colaborar com(valores e práticas no) educativo?

- Sabe identificar os parceiros do FMMC, e da CE para os trabalhos pró- vida sócio-ambientalmente equilibrada? Algum destaque às contribuições desses?

3º) Como pensa que estão as práticas para uma maior sensibilidade a todas as vidas(seres)- equilibradamente, na CE-Maciço ? Quais poderia citar? A CE poderia melhor se relacionar com essas?

- Os extras-curriculares ajudam? Estão articulados com os curriculares para trabalhar o cotidiano natural?

- Ecologia sendo as diversas naturezas, não facilitariam a relação com a falta de recursos(alegados) / materiais?

- Quais são as suas práticas nesse sentido(pessoais/ docentes) ? Tem dificuldades com essas? Como acha que deveriam ser as políticas públicas de educação?

- Acha que a sua formação recebida foi suficiente para tais? Como poderia ter sido? Exemplos:

- E os resultados de tais práticas, como percebe e avalia? Podem ser diferentes- como? Como avaliou os intercâmbios com as escolas da encosta da Serra?

(E nesse bloco – dependendo do local onde entrevistava, abordei questões como:

A especificidade de ser uma escola urbanizada, e de pedra/ concreto quase total;

O não uso dos copos descartáveis (e demais materiais descartáveis);

A diferença e possibilidades, outros olhares que o GT-5 pode trazer;)

Abaixo desse questionário que embasou minha pesquisa, seguem:

O Documento que mostra a organização política – estrutural do FMMC;

O seu Organograma;

O Documento que refletiu inicialmente o projeto SS;

O Calendário de Plantios, conteúdo que deve ser trabalhado primordialmente ante qualquer lei/ coisa;

A música que as crianças do CI- Cristo Redentor, do GT-5, cantaram em diversas apresentações e atos, como forma de sensibilização dos adultos para tal questão;

Uma ecopoesia que reflete os amplos caminhos do conhecimento: Saberes;

E por último, a célebre e histórica mensagem do Índio de Seattle, simbólica e que reflete a demência humana perdurando aos longos dos tempos.

giltessaro13@yahoo.com.br e ecologizando@yahoogrupos.com.br , eis os contatos para o gratuito doar-se ecoprático, e para construirmos mais o re-fazer planetário.

FÓRUM PARA O DESENVOLVIMENTO DO MACIÇO DO MORRO DA CRUZ (FLORIANÓPOLIS-SC)

DOCUMENTO 1- DO FÓRUM

a) O Fórum para o Desenvolvimento do Maciço do Morro da Cruz é uma união de fato das Comunidades que vivem no Morro da Cruz, na Ilha de Florianópolis, cidade de Florianópolis;

b) O Fórum tem por objetivo central agregar estas comunidades em torno de políticas públicas que atendam tanto globalmente quanto particularmente – ou localizadamente – todas as Comunidades envolvidas, de forma a concretizar a melhoria das condições de vida – em seu sentido mais amplo – das pessoas que ali vivem;

c) Para atender esse objetivo geral, fixa estabelecido os seguintes princípios fundamentais que norteiam os trabalhos do Fórum:

- c.1. democracia participativa;
- c.2. melhoria da qualidade de vida para os habitantes do Morro e para a cidade de Florianópolis;
- c.3. educação popular e de qualidade voltada para a realidade das Comunidades, com projetos de incentivo aos habitantes mais carentes;
- c.4. combate à violência de qualquer ordem;
- c.5. fim da degradação da paisagem natural do Maciço do Morro da Cruz, com políticas públicas adequadas de ocupação e urbanização do Morro;
- c.6. políticas públicas habitacionais e incentivo do homem no campo;
- c.7. policiamento comunitário de confiança e garantia, de caráter educativo-preventivo;
- c.8. transparência, através de criação e/ou fortalecimento de meios de comunicação;
- c.9. formação contínua de gestores

c) Podem ser membros todas as Comunidades que estejam estabelecidas e constituídas de fato como associação comunitária e/ou liderança e semelhantes; não está descartada a inclusão de outras Comunidades que futuramente decidam ingressar no Fórum, à medida que seu

objetivo central demande tal simplificação ou o Fórum entenda por bem inclusões de membros que não estejam vinculados diretamente com o Morro da Cruz;

d) Cada Comunidade será registrada perante o Fórum, especialmente quanto a identificação de sede e contatos, e uma vez aceito no âmbito do Fórum, terá direito a um voto nas reuniões que forem realizadas formalmente enquanto reunião do Fórum; as decisões serão tomadas por maioria;

e) O Fórum é o órgão máximo de deliberação e decisão quanto aos objetivos específicos que as Comunidades partes forem estabelecendo, conforme circunstâncias e necessidades, que ao longo de sua história, forem surgindo; o Fórum trabalhará com matés de longo, médio e curto prazos, de acordo com deliberação e decisão dos seus membros;

f) O Fórum poderá ser auxiliado por Comissões Executivas, que terão por missão executar as decisões tomadas por maioria pelos membros do Fórum; também poderão ser órgãos de assessoramento ou apoio ao Fórum, Comissões que porventura seja decidido criar para tratar de temáticas ou projetos específicos, e Fórum poderá pedir auxílio nacional e internacional - assessoria técnica - a qualquer órgão ou instituição que aceite participar do seu objetivo geral; o Fórum decidirá as funções, limites e extensão da atuação de tais órgãos auxiliares ou de assessoramento, bem como dos auxílios - assessoria técnica - pedidos;

g) Fica criada a Comissão Executiva como articulador, proponente e encaminhador, enfim, executor, das demandas locais na construção das políticas sociais públicas voltadas para as Comunidades do Maciço do Morro da Cruz, de acordo com o que foi decidido pelo Fórum, e cujo estatuto será decidido em reunião específica;

h) Fica criada também a Comissão de Educação, com finalidade de pensar propostas de educação popular nas escolas e instituições de educação em geral, em especial as que atendam os estudantes das Comunidades, fica criada a Comissão do Meio Ambiente, com a finalidade de pensar políticas públicas de ocupação do espaço geográfico das Comunidades partes do Maciço, eco-logicamente corretas, além de pensar uma parceria campo-comunidades voltada à melhoria da condição alimentar dos seus habitantes; fica criada a Comissão de Segurança Pública com a finalidade de pensar um policiamento comunitário que traga mais confiança e garanta aos moradores das Comunidades, conforme realidades globais e específicas que todas

FÓRUM PARA O DESENVOLVIMENTO DO MACIÇO DO MORRO DA CRUZ (FLORIANÓPOLIS-SC)

DOCUMENTO 3: DA COMISSÃO DE EDUCAÇÃO

Exposição de Motivos: Pretendendo desconstruir a mentalidade imposta pelo próprio Estado de que Escola Pública é mero depósito de crianças, o Fórum tem a clareza que o papel do Estado é amplo, mas que deve, neste momento vivido globalmente pelas Comunidades do Maciço, algumas em maior e outras em menor grau, extirpar, via educação um segundo "Estado" que aqui se instalou e que pode se instalar onde ainda não se sucedeu concretamente, pois é um perigo que ronda a todas as Comunidades, o "Estado do narcotráfico". Além disso, especialmente todo um projeto pedagógico deve inserir na educação das crianças do Morro, outras realidades que os vinculem com sua existência de vida cotidiana. Frente à realidade exposta é urgente rever o papel da escola nestes espaços onde o ato educativo tem que trabalhar com a construção e desconstrução de ideários entre o "Estado paralelo" os processos organizativos das comunidades do maciço, e o pensar concreto da realidade onde se vive e cria sua existência social, para edificar condições de formar sujeitos cidadãos, que gestarão outro tipo de ideário, rompendo com esta cultura da violência que se alastra a cada dia e da paralisação quanto a opções que existem para construir continuamente a cidadania de cada qual, e uma existência onde o individual e o coletivo sejam os dois lados carnis e harmônicos de uma mesma realidade. Faz-se necessário ampliar as redes dos espaços educativos institucional com os outros segmentos sociais desguetizando o espaço do Morro. Por isso, na condição de cidadãos, exigimos educação de qualidade.

a) **Objetivo geral:** defender uma postura radical frente à educação popular nas comunidades como um todo;

b) **Objetivos específicos:** 1) Formação continuada dos educadores;

2) Professores habilitados para as áreas que lecionam;

3) Bolsa/estudo para alunos em situação de grave miserabilidade;

4) Reforma física adequada das escolas públicas nas comunidades;

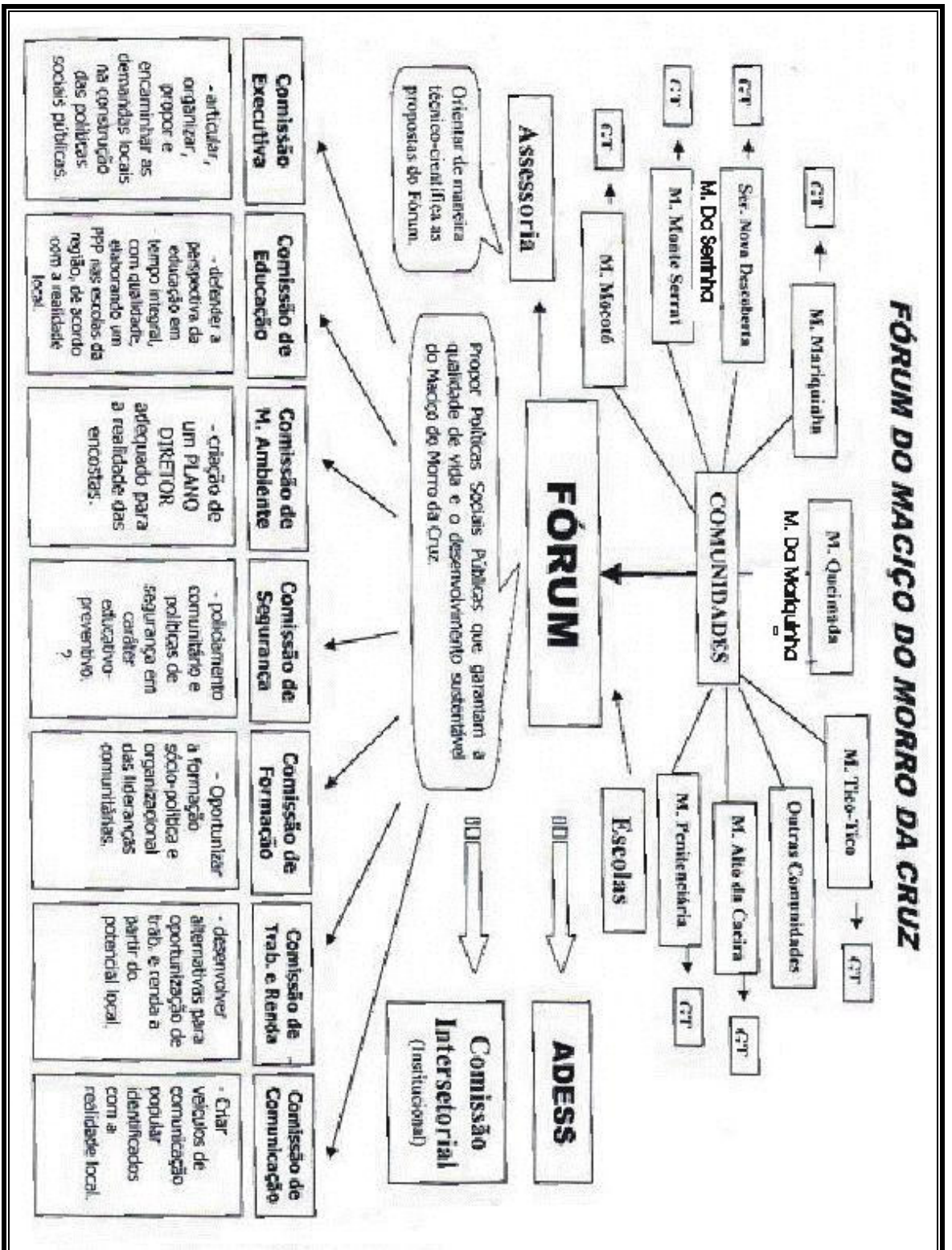
5) Especialistas na área de educação;

6) Programas que abordem a relação família e escola;

7) Sobretudo, PROPOSTA POLÍTICO PEDAGÓGICA, uma vez que a Secretaria da Educação exige, mas não subsidia, não dá suporte e apoio técnico para tanto;

c) Sua reuniões serão quinzenais, em local a ser acordado pelos seus membros; em cada reunião será lavrada uma ata contendo o principais deliberações e decisões tomadas; uma cópia da ata será arquivada na Igreja do Morro Serrat

FÓRUM DO MACIÇO DO MORRO DA CRUZ



FÓRUM DO MACIÇO CENTRAL DO MORRO DA CRUZ
SUBCOMISSÃO DA HERENDA ESCOLAR
PROJETO SABER E SABOR

Setembro de 2002

Alimentar uma criança, para além de responder às suas necessidades fisiológicas, é um ato profundamente carregado de sentido e de significado. Este ato, por isso, pode combater-se de forma direta com o projeto político pedagógico de uma escola ou de um conjunto de escolas. Em um mundo que almeja (ou procura seguir) – no sentido amplo – por que não se apagar ao alimentar? Ou, falado de forma mais técnica, por que não utilizar a alimentação como tema transversal? Afinal, não existe educação sem afeto e nada é mais afetivo do que o alimento: uma parte do mundo inteiro que vamos transformar de modo de nós para continuarmos (ou voltar a ser) saudáveis. Por isso, o bem estar dos homens deve orientar a composição das nossas “pratos” (ou nossos cardápios). Bem estar de quem consome os alimentos, mas também bem estar de quem os produz. Para casos das “gentes” (queim come e quem produz), que precisam ser aproximadas, está se falando de qualidade de vida em seu sentido mais profundo. Isso quer dizer: inclusão social, diversidade e oportunidade de escolha, respeito ao meio ambiente.

Uma parte dos consumidores, geralmente bem instruídos e com bom poder aquisitivo, já se deu conta, em função das repercussões dos escândalos alimentares europeus (vaca-bouca, dióxido) ou do frequente desrespeito ao princípio de preservação (o caso mais exemplar é o dos transgênicos), de que a melhor garantia da segurança dos alimentos é obtida com a opção pelos produtos orgânicos. De outro lado, da mesma forma, uma parte dos agricultores familiares já havia lidado, consciente de que a melhor maneira para voltar a ter (ou manter) sua economia e para preservar sua saúde e a do meio ambiente era produzir sem utilizar aditivos químicos sintéticos e agrotóxicos. Assim, eles discutiram uma forma industrial de fazer agricultura para optar por uma agricultura ecológica ou orgânica. Essas agriculturas familiares ebanam, no entanto, em um sistema de comercialização que os marginaliza ou que dificulta que eles tenham uma organização adequada, pelo seu trabalho e conhecimento. Sobrecarregados, do comércio precisam colocar margens importantes sobre os produtos orgânicos, o que torna seus preços proibitivos para uma parcela importante da população e aflição o seu consumo. Por conseguinte, o mercado de agricultores que podem produzi-lo fica restrito.

Buscava-se, por isso, uma forma de quebrar esse ciclo vicioso, passando-se a um ciclo virtuoso que aproximasse quem quer e precisa comer bem nas cidades com quem quer e precisa produzir bem no campo. A partir da aproximação de organizações da sociedade civil no meio urbano, com associações de agricultores familiares, ecólogos, dentro de uma perspectiva da economia solidária, e com o apoio do poder público estadual, implementa-se, então, um mercado “alternativo” de alimentos típicos e de qualidade. Dentro do chamado mercado institucional, e de uma forma bastante pioneira, introduziram-se a merenda escolar orgânica para alunos do pré-escolar até a sétima série na rede de várias escolas da rede estadual catarense.

A conquista inicial foi fruto da ação da Comissão de Educação do Fórum do Maciço Central do Morro da Cruz (Florianoópolis), que buscou parceria com a Associação dos Agricultores Ecológicos das Escolas da Serra Geral. A partir de projeto piloto na Escola de Educação Básica Laura Müller, está havendo a implementação progressiva da merenda orgânica em 26 escolas estaduais na capital. O objetivo é o de estimular a agricultura familiar que produz alimentos respeitando a natureza nos municípios da região das Escolas da Serra Geral de Santa Catarina (próxima da Grande Florianópolis e onde estão situadas as nascentes das nas que a abastecem em água), realizando, ao mesmo tempo, o resgate do papel das políticas públicas voltadas à Educação na qualificação da alimentação escolar. O que se busca é constituir uma “rede” que aproxime, em torno das questões ambientais, os habitantes de um espaço rural próximo (pouco mais de 100 quilômetros) com a população urbana da Grande Florianópolis. Procura-se formar, nesta rede, uma relação de complementariedade e de solidariedade, que se reflita em comprometimento dos diversos setores sociais organizados com a garantia de um meio ambiente saudável e especialmente água de qualidade – para hoje e para as gerações futuras.

Em suma, o Projeto SABER E SABOR tem diversas dimensões: educacional, ambiental, econômica, social, cultural. Nesta última dimensão, vê-se o resgate e a valorização da cultura rural que está sendo vendida mas não está morta. Da mesma forma, na produção, proporcional a revitalização dos conhecimentos tradicionais quase perdidos com a aceleração industrialização e a dependência dos insumos exógenos presentes na agricultura convencional. Outro papel importante do projeto é das condições dignas de vida e renda a uma parcela importante dos agricultores familiares do “interior”, para que se evite o êxodo rural e a consequente “favelização” das cidades. Busca-se, sobretudo, com o trabalho com crianças e adolescentes, a formação de um “consumidor-cidadão” ou “consumidor” que questione a origem dos alimentos, como e por quem eles são produzidos, quais os seus circuitos de comercialização e quais as margens apropriadas em cada elo da cadeia agro-alimentar. Em suma, procura-se transformar o ato de comer em um ato organizando e organizando: consciente e conscientizador. O diferente (a merenda orgânica) não pode, assim, ser reduzido, banalizado. Não é só o ato de comer bem. É preciso profundar os princípios da alimentação e de nossa relação com a natureza e com outros homens e mulheres. Trata-se, é claro, de substituir a merenda “industrial” pela merenda orgânica, fresca e preparada com carinho pelas merendeiras. Mas trata-se, acima de tudo, de um resgate sobre a forma que nos alimentamos hoje. É preciso revalorizar o ato de comer, trabalhando-se a sustentabilidade, o tempo, o respeito aos ritmos da natureza, a sazonalidade (ou a época ou estação) dos alimentos. Por isso, é essencial um trabalho contínuo de formação pedagógica com os professores. Por isso, é muito importante a reintrodução do “lugar” (lugar) de merendeira, acompanhada de sua valorização e de prerrogativas para a sua formação contínua. Por isso, é de grande importância a renormatização de um espaço físico adequado nas escolas para que as crianças façam suas refeições. É preciso que o momento de alimentação seja tranquilo, discreto e de convívio pacífico. É necessário lutar a consciência negativa e depreciativa da “fila da

mercado" e do "comer a merenda da escola". Ao contrário, isto deve ser feito com "gosto" por todos os alunos, aumentando o senso de pertencimento deles à sua escola e aos projetos que ela desenvolve.

JUSTIFICATIVA:

A questão de fundo do programa é a construção de um novo agricultor (orgânico), de um novo mercado (justo e sólido) e de um novo "consumidor" da merenda (escolas). A perspectiva de uma vida mais saudável nos leva a procurar alternativas que deem condições para que o homem do campo possa ter segurança e recompensa adequada pelo seu trabalho. Com a produção de alimentos orgânicos, o agricultor poderá contribuir para que "saudável" represente um complexo bem-estar físico, mental e social; e não apenas a ausência de doenças.

Como é sabido, diversas tentativas já foram feitas para que fosse melhorada a qualidade da merenda escolar. O Projeto **SABER E SABOR** dá, no entanto, um passo importante à frente. Ele assume um compromisso com uma aproximação produtor-escola e com uma aproximação do urbano com o rural. Ou seja, ele trabalha com a construção de um território em torno de interesses comuns ligados à preservação do meio ambiente (especialmente da água). Dentro desse processo, ele se propõe com a formação permanente de cada indivíduo envolvido (agricultores, diretores, professores, merendeiras, alunos), trabalhando a alimentação e seus temas conexos dentro de um processo educativo visto como um todo. Ele contribui, portanto, para que a escola e seus alunos se abram para a sociedade e para a natureza.

OBJETIVO:

Construir pedagogicamente o Projeto de Merenda Orgânica dentro do Projeto Político Pedagógico de cada escola, buscando fazer com que o ato de comer se torne um ato organizativo e de exercício da cidadania; procurando, ao mesmo tempo, articulá-lo à relação da criança com seu meio (espaços urbano e rural, homens e mulheres, naturezas).

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Incentivar o conhecimento sobre (saber) e o consumo de (sabor) alimentos orgânicos;
2. Refletir sobre a importância da opção pela merenda orgânica na escola do Município e discutir suas implicações no cotidiano escolar e na melhoria da saúde das pessoas e do meio ambiente tanto no Município Central (local de consumo), como nas Escolas da Serra Geral (região produtora). É indispensável evitar a rotinização e a banalização desta escolha pelo alimento saudável e que permite um escane ecológico e saudável com o meio ambiente.

3. Trabalhar no cotidiano escolar as questões ambientais, sociais, culturais e econômicas do Município Central e da região das Escolas da Serra Geral, analisando as especificidades e as referências comuns;
4. Promover a integração de estudantes das escolas do Município Central com as de escolas das Escolas da Serra Geral;
5. Planejar coletivamente ações práticas, planejado e buscando implementar modelos mais sólidos;

ESTRATÉGIAS:

- Formação de professores, alunos e pais sobre alimentação e temas conexos;
- Realização de "oficinas" periódicas de merendeiras para formação, troca de experiências e integração com os pais dos alunos;
- Trabalho conjunto com a Comissão de Meio Ambiente para fazer do Projeto Saber e Sabor um tema transversal nos projetos político pedagógicos das escolas do Município Central;
- Contemplar no currículo das escolas questões relacionadas ao Saber e Sabor, na perspectiva de trabalhar com práticas pontuais, fragmentadas e desarticuladas;
- Promover a constituição de espaços físicos adequados nas escolas para que o ato de comer seja tranquilo e confortável;
- Realização de viagens de estudo à região de produção da merenda orgânica, conhecendo, especialmente, os nos que tem lá suas raízes e que abastecem a Grande Florianópolis;
- Realização de busca, coleta e distribuição de materiais (artigos de imprensa, vídeos, CD-Rom, material didático, etc) sobre o tema, para subsidiar professores, pais e alunos;
- Elaboração de materiais didáticos;
- Ampliação do número de escolas beneficiadas e, por consequência, do número de crianças que têm acesso à merenda orgânica;
- Inclusão do Pré-escolar no programa de merenda orgânica;
- Divulgação do Projeto **SABER E SABOR** junto a outras escolas, aprofundando a discussão sobre os seus princípios e o seu papel pedagógico.

2. JUSTIFICATIVA

As escolas que compõem o Fórum do Maciço do Morro da Cruz na sua totalidade atendem alunos provenientes das comunidades desta região, a qual é marcada por um baixíssimo nível de qualidade de vida.

Estes alunos carregam consigo histórico de sérios problemas sociais inclusive aqueles ligados ao narcotráfico. Levando estas escolas ao enfrentamento de situações de grande gravidade, destacando aquelas ligadas a violência, disciplina, falta de limites, carência afetiva e financeira, entre outros.

Foi pensando nesse quadro que o Fórum se propôs encontrar alternativas que possam fazer frente a estes problemas.

Além de lutarmos por políticas públicas que garantam uma melhoria na qualidade de vida nestas comunidades, nós do Fórum também assumimos o compromisso de organizar encontros mensais, com os professores que atuam nas escolas do Fórum, na perspectiva de discutir, propor alternativas pedagógicas, para que estes professores possam atuar de modo mais qualificado junto aos alunos provenientes destas comunidades.

Tendo como lema: REESCREVER O MUNDO COM LÁPIS E NÃO COM ARMAS!

16 A viagem da embalagem

André Rocha

Fui tenho uma vida muito sofrida, nasci pra embrulhar comida
Depois de comprada e usada, sempre sou menosprezada
Ouro dia quase fui parar na casa de uma família
Que só come e consome, come e consome, e consumia
produzindo muito, muito, muito lixo

Mas fui salva do lixo por pura ironia
A minha validade já estava chegando no dia
Quando fui levada por um dono muito mais inteligente
Que me lavou, me secou e me deixou contente...

Lava, lava, lava a embalagem, ela quer ir pra reciclagem
O sonho de toda embalagem é passar pelo centro de triagem... } Refrão

Pois agora estou limpinha, já fui lavada com esponjinha
E agora estou ligada, estou pronta pra ser reciclada...

Refrão

Vou continuar minha jornada, voltarei em breve a ser admirada
Da escada dos reciclados à prateleira dos supermercados...

Mais se alguém inteligente, me lavar e me secar
Fui não irei mais pro lixo e voltarei a me utilizar...

Refrão

Voz e Violão André Rocha
Coro crianças do CEAFIS
Música incidental: Asa Branca de Luiz Gonzaga
e Humberto Teixeira

03:03

CALENDÁRIO DE PLANTIO

HORTALIÇAS	ÉPOCA DE PLANTIO												INÍCIO DA GERMINAÇÃO	DESBASTE	ESPAÇAMENTO	COLHEITA
	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D				
Abóbora Caserta													5 dias	10 dias	3,00 x 3,00	60 dias
Abóbora Menina													5 dias	10 dias	3,00 x 3,00	90 dias
Aceite													5 dias	15 dias	0,40 x 0,30	70 dias
Alio													15 dias		0,25 x 0,15	160-180 dias
Almeirão													5 dias	10 dias	0,25 x 0,05	40-50 dias
Batata													10-15 dias		0,30 x 0,30	100-120 dias
Beterraba Doce													10 dias		0,80 x 0,30	180 dias
Berinjela													10-15 dias	30-40 dias	1,20 x 0,50	110-120 dias
Belaraba													8 dias	15 dias	0,25 x 0,10	80-90 dias
Cenoura (inverno)													10 dias	18 dias	0,30 x 0,05	90 dias
Cenoura (verão)													10 dias	18 dias	0,30 x 0,05	90 dias
Coentro													5 dias	10 dias	0,30 x 0,15	60 dias
Ervilha Torta													8 dias	20 dias	1,00 x 0,20	60-80 dias
Espinache													7 dias	15 dias	0,50 x 0,40	50-60 dias
Fencho Vagem													8 dias	20 dias	1,0 x 0,20	60-80 dias
Gengibre															1,0 x 0,40	12 meses
Hortelã															0,70 x 0,30	60 dias
Mandioca													4 dias		1,0 x 0,60	10 meses
Milho													4 dias		0,60 x 0,20	90-120 dias
Morango															0,30 x 0,30	90 dias
Mostarda													8 dias	5-6 folhas	0,30 x 0,20	50-60 dias
Nabo													6 dias		0,30 x 0,10	40-60 dias
Papino													5 dias	15 dias	1,00 x 0,20	50-60 dias
Quiabo													8 dias	15 dias	1,00 x 0,20	70-120 dias
Rabanete													4 dias	10 dias	0,20 x 0,05	25-30 dias
Rúcula													5 dias	10 dias	0,20 x 0,05	40 dias
Salsa													15 dias	28 dias	0,30 x 0,05	70 dias

CALENDÁRIO DE PLANTIO

HORTALIÇAS	SEMEIA-SE EM SEMEITEIRA, SEGUIDO DE TRANSPLANTIO												INÍCIO DA GERMINAÇÃO	TRANSPLANTE	ESPAÇAMENTO	COLHEITA
	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D				
Agnão													5 dias	15 dias	0,20 x 0,20	60-70 dias
Alice (inverno)													5 dias	4-6 folhas	0,25 x 0,25	90 dias
Alice (verão)													5 dias	4-6 folhas	0,25 x 0,25	90 dias
Berinjela													12 dias	35 dias	1,20 x 0,50	110-120 dias
Brócolis (inverno)													4 dias	30 dias	1,00 x 0,50	100 dias
Brócolis (verão)													4 dias	30 dias	1,00 x 0,50	100 dias
Cebola													6 dias	60 dias	0,10 x 0,20	100 dias
Cebolinha													6 dias	30 dias	0,30 x 0,20	170 dias
Chicória													5 dias	30 dias	0,30 x 0,30	60 dias
Couve-Chinesa													5 dias	30 dias	0,80 x 0,30	70 dias
Couve-flor (inverno)													5 dias	30 dias	1,00 x 0,50	90 dias
Couve-flor (verão)													5 dias	30 dias	1,00 x 0,50	90 dias
Couve-Manteiga													5 dias	30 dias	1,00 x 0,50	90 dias
Erva Doce														60 dias	0,30 x 0,10	240 dias
Jiló													7 dias	4-5 folhas	1,20 x 0,60	50 dias
Peixinho													12 dias	35 dias	1,20 x 0,50	100-120 dias
Repolho (inverno)													4 dias	30 dias	0,80 x 0,40	100 dias
Repolho (verão)													4 dias	30 dias	0,80 x 0,40	100 dias
Tomate													8 dias	6-8 folhas	1,00 x 0,70	90-120 dias

Saberes

Se não existe saber na flor, como explicar o odor da rosa? Se não existe saber na semente, como explicar o sabor do fruto? Se não existe saber nas borboletas, como explicar o voar das cores? Se não existe saber na fonte, como explicar o saciar da sede? Se não existe saber no pássaro, como explicar o vôo do beija-flor? Se não existe saber na mata, como explicar a harmonia da floresta? Se não existe saber na rocha, como explicar a paz da montanha? Se não existe saber na terra, na água, no sol e no ar, como explicar a vida? Se somente existe saber nos humanos, como explicar as inúmeras guerras? Se a isso chamam civilização, como se explica a fome? Ciente da minha ignorância exercito a humildade. Abduco do ter humano racional, para ser humano emocional. Abduco do ter humano científico, para ser humano do saber empírico; Abduco da razão, para ser só coração. Podem ficar com seus conhecimentos, prefiro a sabedoria da natureza. Que me faz ser puro, que me faz poesia. Que faz com minha pobre rima, gargalhar do espanto da burguesia. Em meio ao povo com alegria e felicidade apresento a minha monografia com tema poesia. Na periferia aprendo a solidariedade estou pós-graduado com especialização em emoção. Nas ruas em estado de graça termino o mestrado em amizade. E finalmente a harmonia união da diversidade, me torna phd em simplicidade. Se você pensa diferente, se você acha que exagerei na constatação. Pode ser que tenha razão. Que tal o consenso

e o bom senso? Falo do equilíbrio entre razão e emoção. É isto mais o enigma do nascimento, um piscar para a eternidade, e o mistério da morte.

(João Bello – EcoPoeta – PR)

CARTA DO CACIQUE DE SEATTLE – 1855 (Tão atual ...)

Em 1855, o cacique Seattle, da tribo Suquamish, do Estado de Washington, enviou esta carta ao presidente dos Estados Unidos (Francis Pierce), depois de o Governo haver dado a entender que pretendia comprar o território daqueles índios - há mais de 150 anos atrás. Mas o desabafo do cacique tem uma incrível atualidade. A carta:

"Como podeis comprar ou vender o céu, a tepidez do chão? A idéia não tem sentido para nós. Se não possuímos o frescor do ar ou o brilho da água, como podeis querer comprá-los? Qualquer parte desta terra é sagrada para meu povo. Qualquer folha de pinheiro, qualquer praia, a neblina dos bosques sombrios, o brilhante e zumbidor inseto, tudo é sagrado na memória e na experiência de meu povo. A seiva que percorre o interior das árvores leva em si as memórias do homem vermelho.

Os mortos do homem branco esquecem a terra de seu nascimento, quando vão pervagar entre as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem esta terra maravilhosa, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs, os gamos, os cavalos a majestosa águia, todos nossos irmãos. Os picos rochosos, a fragrância dos bosques, a energia vital do pônei e do homem, tudo pertence a uma só família.

Assim, quando o grande chefe em Washington manda dizer que deseja comprar nossas terras, ele está pedindo muito de nós. O grande Chefe manda dizer que nos reservará um sítio onde possamos viver confortavelmente por nós mesmos. Ele será nosso pai e nós seremos seus filhos. Se é assim, vamos considerar a sua proposta sobre a compra de nossa terra. Mas tal compra não será fácil, já que esta terra é sagrada para

nós.

A límpida água que percorre os rios não é apenas água, mas o sangue de nossos ancestrais. Se vos vendermos a terra, tereis de lembrar a nossos filhos que ela é sagrada, e que qualquer reflexo espectral sobre a superfície dos lagos evoca eventos e fases da vida do meu povo. O marulhar das águas é a voz dos nossos ancestrais.

Os rios são nossos irmãos, nos saciam a sede. Levam as nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se vendermos nossa terra a vós, deveis vos lembrar e ensinar a nossas crianças que os rios são nossos irmãos, vossos irmãos também, e deveis a partir de então dispensar aos rios a mesma espécie de afeição que dispensais

a

um

irmão.

Nós mesmos sabemos que o homem branco não entende nosso modo de ser. Para ele um pedaço de terra não se distingue de outro qualquer, pois é um estranho que vem de noite e rouba da terra tudo de que precisa. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, depois que a submete a si, que a conquista, ele vai embora, à procura de outro lugar. Deixa atrás de si a sepultura de seus pais e não se importa. A cova de seus pais é a herança de seus filhos, ele os esquece. Trata a sua mãe, a terra, e seus irmãos, o céu como coisas a serem comprados ou roubados, como se fossem peles de carneiro ou brilhantes contas sem valor. Seu apetite vai exaurir a terra, deixando atrás de si só desertos. Isso eu não compreendo. Nosso modo de ser é completamente diferente do vosso. A visão de vossas cidades faz doer aos olhos do homem vermelho.

Talvez seja porque o homem vermelho é um selvagem e como tal, nada possa compreender.

Nas cidades do homem branco não há um só lugar onde haja silêncio, paz. Um só lugar onde ouvir o farfalhar das folhas na primavera, o zunir das asas de um inseto. Talvez seja porque sou um selvagem e não possa compreender. O barulho serve apenas para insultar os ouvidos. E que vida é essa onde o homem não pode ouvir o pio solitário da coruja ou o coaxar das rãs à margem dos charcos à noite? O índio prefere o suave sussurrar do vento esfolando a superfície das águas do lago, ou a fragrância da brisa, purificada pela chuva do meio-dia ou aromatizada pelo perfume dos pinhos.

O ar é precioso para o homem vermelho, pois dele todos se alimentam. Os animais, as árvores, o homem, todos respiram o mesmo ar. O homem branco parece não se importar com o ar que respira. Como um cadáver em decomposição, ele é insensível ao mau cheiro. Mas se vos vendermos nossa terra, deveis vos lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar insufla seu espírito em todas as coisas que dele vivem. O ar que vossos avós inspiraram ao primeiro vagido foi o mesmo que lhes recebeu o último suspiro.

Se vendermos nossa terra a vós, deveis conservá-la à parte, como sagrada, como um lugar onde mesmo um homem branco possa ir sorver a brisa aromatizada pelas flores dos bosques.

Assim consideraremos vossa proposta de comprar nossa terra. Se nos decidirmos a aceitá-la, farei uma condição: O homem branco terá que tratar os animais desta terra como se fossem seus irmãos.

Sou um selvagem e não compreendo de outro modo. Tenho visto milhares de búfalos a apodrecerem nas pradarias, deixados pelo homem branco que neles atira de um trem em movimento.

Sou um selvagem e não compreendo como o fumegante cavalo de ferro possa ser mais importante que o búfalo, que nós caçamos apenas para nos mantermos vivos.

Que será dos homens sem os animais? Se todos os animais desaparecem, o homem morreria de solidão espiritual. Porque tudo isso pode cada vez mais afetar os homens. Tudo está encaminhado.

Deveis ensinar a vossos filhos que o chão onde pisam simboliza a as cinzas de nossos ancestrais. Para que eles respeitem a terra, ensinaí a eles que ela é rica pela vida dos seres de todas as espécies. Ensinaí a eles o que ensinamos aos nossos: Que a terra é a nossa mãe. Quando o homem cospe sobre a terra, está cuspidando sobre si mesmo. De uma coisa nós temos certeza: A terra não pertence ao homem branco; O homem branco é que pertence à terra. Disso nós temos certeza. Todas as coisas estão relacionadas como o sangue que une uma família. Tudo está associado. O que fere a terra fere também aos filhos da terra.

O homem não tece a teia da vida: É antes um dos seus fios. O que quer que faça a essa teia, faz a si próprio.

Mesmo o homem branco, a quem Deus acompanha e com quem conversa como um amigo, não pode fugir a esse destino comum. Talvez, apesar de tudo, sejamos todos irmãos.

Nós o veremos. De uma coisa sabemos, é que talvez o homem branco venha a descobrir um dia: Nosso Deus é o mesmo deus.

Podeis pensar hoje que somente vós o possuis, como desejais possuir a terra, mas não podeis. Ele é o Deus do homem e sua compaixão é igual tanto para o homem branco, quanto para o homem vermelho.

Esta terra é querida dele, e ofender a terra é insultar o seu criador. Os brancos também passarão talvez mais cedo do que todas as outras tribos. Contaminai a vossa cama, e vos sufocareis numa noite no meio de vossos próprios excrementos.

Mas no nosso parecer, brilhareis alto, iluminado pela força do Deus que vos trouxe a esta terra e por algum favor especial vos outorgou domínio sobre ela e sobre o homem vermelho. Este destino é um mistério para nós, pois não compreendemos como será no dia em que o último búfalo for dizimado, os cavalos selvagens domesticados, os secretos recantos das florestas invadidos pelo odor do suor de muitos homens e a visão das brilhantes colinas bloqueada por fios falantes.

Onde está a floresta? Desapareceu. Onde está a água? Desapareceu. É O FIM DO VIVER E O INÍCIO DO SOBREVIVER..."